

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

Lorena Madruga Monteiro

**A ESTRATÉGIA DOS CATÓLICOS NA CONQUISTA DA
SOCIOLOGIA NA UFRGS
(1940-1970)**

Porto Alegre, 2006

Lorena Madruga Monteiro

**A ESTRATÉGIA DOS CATÓLICOS NA CONQUISTA DA
SOCIOLOGIA NA UFRGS
(1940-1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador

Prof. Dr. Hélió Casses Trindade

Porto Alegre, Dezembro de 2006

Lorena Madruga Monteiro

**A ESTRATÉGIA DOS CATÓLICOS NA CONQUISTA DA
SOCIOLOGIA NA UFRGS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Clarissa Baeta Neves (PPGSOC/ UFRGS)

Prof. Dr. Mercedes Loguercio Cánepa (PPGPOL/ UFRGS)

Prof. Luiz Osvaldo Leite (Instituto de Psicologia/UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Ao professor Héglio Trindade pela orientação dedicada, sobretudo pela amizade, paciência e seriedade, por ter colocado a minha disposição o precioso acervo das pesquisas de seu irmão Fernando Trindade e dado amplo acesso aos documentos e ao banco de entrevistas do Núcleo de Estudos das Ciências Sociais na América Latina (CISOAL).

Ao Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul, especialmente seu diretor Gervásio Neves por ter permitido o acesso ao acervo de Laudelino Medeiros por vários meses, período que foi importante para o início da pesquisa e o desenvolvimento do meu projeto.

A Biblioteca Central e ao Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul - exemplo de preservação de acervos bibliográficos e documentais - pela atenção e dedicação de seus bibliotecários e arquivistas que tornaram possível a digitalização dos documentos do fundo Laudelino Medeiros e a consulta exaustiva a sua biblioteca.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política pela importante contribuição que deram para a minha formação intelectual, especialmente à professora Mercedes Loguercio Cánepa pelos comentários sobre o projeto e sugestões imprescindíveis para o desenho final da pesquisa.

Às professoras do Clarissa Baeta Neves e Suzana Arrosa Soares, do Departamento de Sociologia, por disponibilizarem gentilmente os materiais levantados em suas pesquisas e documentação do Centro de Estudos Sociais e do Departamento de Ciências Sociais da UFRGS.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio decisivo na Bolsa de Iniciação Científica e, agora, com a Bolsa de Mestrado.

Especialmente para minhas amigas e colegas Carine Leal, Daniela Barcellos, Joana Teresa Vaz de Moura e Magda Pinto pela ajuda solidária durante a pesquisa e pela “força” durante o curso de Mestrado.

Aos meus pais, Cléia Maria Madruga Monteiro e João Costa Monteiro, por tudo.

LISTA DE QUADROS

1	Relação dos Constituintes Eleitos em 1934 com a LEC ou/e com a Liga Pró- Estado Leigo	46
2 -	Configuração inicial do Curso de Filosofia	54
3 -	Curso de Geografia e História	56
4 -	Curso Pedagogia	57
5 -	Curso de Filosofia (Reitorado Armando Câmara)	60
6 -	Curso de Didática	60
7 -	Curso de Pedagogia	61
8 -	Curso de Geografia e História	61
9 -	Primeiros Catedráticos da Faculdade de Filosofia (efetivados em 1950).	62
10 -	Programa de Sociologia Geral do curso de Administração e Finanças	83
11-	Pontos para o exame final de Sociologia Geral de 1947, 1949, 1951	85
12 -	Pontos para exame final de Sociologia Econômica 1950, 1951, 1953	86
13-	Pontos da disciplina de Princípios de Sociologia aplicados á Economia 1957 e 1960	89
14 -	Pontos de Estudos comparados dos sistemas econômicos 1954 e 1961	91
15-	Programas da Disciplina de Fundamentos sociológicos da educação	95
16-	Programa de Sociologia	96
17 -	1º Currículo do Curso de Ciências Sociais 1959	128
18-	Currículo do Curso Ciências Sociais 1963	131
19-	Currículo do Curso de Ciências Sociais 1969	133

LISTA DE SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
ABRS	Ação Brasileira de Renovação Social
AC	Ação Católica
ACJF	Associação Católica de Juventude Francesa
AF	Ação Francesa
AIB	Ação Integralista Brasileira
APC	Associação dos Professores Católicos
AUG	Ação Universitária Católica
CAPES	Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCA	Centro Católico de Acadêmicos
CEDOC/ UCS	Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul
CEPE	Centro de Pesquisas Econômicas
CES	Centro de Estudos Sociais
CISOAL	Núcleo de Estudos das Ciências Sociais na América Latina
CLACSO	Centro Latino Americano de Ciências Sociais
CLAPCS	Conselho Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais
COSAL	Programa de Contatos para a Pesquisa Social na América Latina
CRPE	Centro Regional de Pesquisas Educacionais
CTA	Conselho Técnico Administrativo
CU	Colégio Universitário
ELSP	Escola livre de Sociologia e Política
FCE	Faculdade de Ciências Econômicas
FFCL	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FNF	Faculdade Nacional de Filosofia
IBECC	Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEPE	Instituto de pesquisas econômicas
IHGRS	Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul
LEC	Liga Eleitoral Católica
MEC	Ministério da Educação
PDC	Partido Democrático Cristão
PL	Partido Liberal
PRL	Partido Republicano Liberal
PRR	Partido Republicano Riograndense
PSD	Partido Social Democrático
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
RGS	Rio Grande do Sul
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Educacional
SUDESUL	Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul
UBA	Universidade da Bahia
UDF	Universidade do Distrito Federal
UDN	União Democrática Nacional
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USP	Universidade de São Paulo

RESUMO

Este trabalho tem um duplo objetivo: primeiro, analisar a relação entre a elite católica e o desenvolvimento universitário brasileiro, com ênfase na formação e a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil; segundo, estudar o itinerário de um dos representantes dessa “elite”, Laudelino Medeiros, que se tornou o fundador da disciplina de Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu foco é o de analisar, dentro da estratégia mais ampla da “geração católica” na conquista das cátedras da Faculdade de Filosofia, o itinerário do primeiro e único catedrático de Sociologia. Ao contextualizar a formação da UFRGS num período de renovação católica nacional em que a Igreja tenta conquistar espaços universitários, o estudo demonstra, tendo como referencia outras situações similares, qual foi a atuação do referido professor como membro do grupo católico e sua posição na divisão do trabalho intelectual entre os católicos das áreas do Direito, Filosofia e Humanidades. Finalmente, reconstitui seu papel na organização e no desenvolvimento da disciplina nas Faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia. Apoiando-se em fontes inéditas de entrevistas, documentos de seu arquivo pessoal e de varias outras fontes documentais, bem como pelo acesso à sua ampla biblioteca foi possível reconstituir sua atuação como professor, pesquisador e fundador da Sociologia na UFRGS no período de 1940 a 1970.

Palavras chaves: Elite Católica, Ciências Sociais, Sociologia, Laudelino Medeiros, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This work has two aims: first, to analyse the relation between catholic elite and Brazilian universities development, focusing on shaping and institutionalization of Social Sciences in Brazil; second, to study the course of one representative of this “elite” – Laudelino Medeiros, the founder of Sociology discipline in *Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*. Our main interest is to study, in a broader strategy of “catholic generation” for conquering disciplines in Philosophy College, the course of the first and only professor of Sociology. By putting into context the shaping of *UFRGS* in a time of national catholic renovation when the church tried to gain space in university milieu, this study shows, having other similar situations as reference, which were the activities of that professor as a member of a catholic group and which was his position concerning division of intellectual work among catholics in courses like Law, Philosophy and Humanities. Finally, this analysis reconstitutes his role in organizing and developing of Sociology in courses of Economics and Philosophy. Having as a support unpublished fonts with interviews, documents from his personal files and many other document fonts, as well as his extensive library, it was possible recover his activities as a professor, researcher and founder of Sociology at UFRGS, from 1940 to 1970.

Keywords: Catholic Elite, Laudelino Medeiros – Social Sciences – Sociology- Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS

LISTA DE SIGLAS

INTRODUÇÃO.....11

PARTE I: A “GERAÇÃO CATÓLICA” E O PROJETO DE CONQUISTA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

1. **A Renovação católica no Brasil e os projetos universitários da década de 1930.....20**
 - 1.1. O advento da República: Separação entre a Igreja e Estado e a estratégia dos intelectuais católicos.....22
 - 1.2. A laica universidade do Distrito Federal e a pressão da Igreja sobre o governo Vargas.....31
 - 1.3. Os intelectuais católicos e o controle sobre a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade Brasil.....34
2. **Católicos e o ensino superior no Rio Grande do Sul.....36**
 - 2.1. A “Geração Católica” e as estratégias de conquista no espaço universitário.....38
 - 2.2. Os jesuítas e a estratégia de conquista: O papel da Congregação Mariana e da Ação Católica.....40
 - 2.3. O reitorado de Armando Câmara e a alocação das cátedras da Faculdade de Filosofia em favor do grupo católico gaúcho.....58
 - 2.4. A presença dos católicos na Faculdade de Direito, Medicina, Engenharia e Economia da UFRGS.....65
 - 2.5. A hierarquia das disciplinas controladas pelos católicos e a situação da Cátedra de Sociologia.....67
3. **O jovem Laudelino Medeiros e sua inserção na geração católica.....69**

	10
3.1. Origem social e escolaridade pré-universitária.....	69
3.2. Estudos Universitários: Economia e Direito.....	71
3.3. Laudelino Medeiros e seu espaço na “divisão católica do trabalho”.....	74

PARTE II: O ITINERÁRIO DE LAUDELINO MEDEIROS NA SOCIOLOGIA DE CÁTEDRA.

1. O itinerário docente: a instituição da cátedra e seus assistentes.....	77
1.1. A (in)definição da Sociologia: A docência no Colégio Universitário e no Colégio Júlio de Castilhos.....	77
1.2. A Sociologia precursora na Cátedra da Faculdade de Economia e Administração.....	81
1.3. A Cátedra de Sociologia na Faculdade de Filosofia e sua inserção na formação de professores.....	94
1.4. A modernidade possível: O ensino de Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.....	103
2. Das pesquisas precursoras à criação do Centro de Estudos Sociais.....	104
2.1. As pesquisas sociais precursoras e seu impacto.....	105
2.2. Os seminários rio grandenses de Sociologia.....	112
2.3. O Centro de Estudos Sociais: Do projeto de Laudelino Medeiros ao seu desenvolvimento real.....	117
3. O professor, a Cátedra e a hegemonia da Sociologia no curso de Ciências Sociais da UFRGS.....	125
3.1. Os primeiros anos do curso de Ciências Sociais: A hegemonia da Sociologia sob a direção do seu catedrático.....	128
3.2. O ensino de Sociologia e sua organização no Departamento de Ciências Sociais.....	133

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....138

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS154

ANEXOS.....171

INTRODUÇÃO

Em 1954, a CAPES patrocinou um inquérito sobre o estado da arte das Ciências Sociais no Brasil, que um ano após foi publicado por Edson Carneiro e L.A. Costa Pinto com o título “As Ciências Sociais no Brasil”. No relato sobre o desenvolvimento da disciplina no Rio Grande do Sul Laudelino Teixeira de Medeiros, lente de Sociologia da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Ciências Econômicas no período, e os outros profissionais consultados, descreveram uma situação desoladora: duas Faculdades de Filosofia, uma federal, e outra católica, nenhum curso de Ciências Sociais, pouco interesse dos alunos nos cursos nos quais se ministravam a matéria, falta de recursos para pesquisas e poucos profissionais treinados. No entanto, acreditavam numa mudança da situação, porque o curso livre de Sociologia Urbana ministrado por Laudelino Medeiros na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS estava tendo certa repercussão no meio universitário, e o Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (IEPE) projetava criar um curso de Sociologia e Política nos moldes do existente em Minas Gerais.

Mais de vinte anos após o inquérito, em 1979, em resposta a uma carta do sociólogo Oracy Nogueira que colhia informações sobre o desenvolvimento das Ciências Sociais no Rio Grande do Sul, Medeiros afirma que a Sociologia no Estado “é recente e muito pobre”¹. Nesse momento, o catedrático já estava aposentado de suas atividades na Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Ciências Econômicas, apenas atuando como docente no curso de Pós-graduação em Sociologia Rural. O período pode ser considerado como o fim de sua influente atuação como catedrático de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O curso de Ciências Sociais havia sido criado em 1959 e já se apresentava com uma configuração bem diferente de seu formato original, uma vez que, com a Reforma do Ensino Superior de 1968, os Departamentos de ensino foram reestruturados por disciplinas acadêmicas e o de Ciências Sociais abrigou as três disciplinas do curso de Ciências Sociais: Antropologia, Ciência Política e Sociologia. Posteriormente, com quadros docentes pós-graduados tanto no Brasil, quanto no exterior (Europa, América Latina e do Norte) vai se constituir, em 1973, o primeiro Mestrado em Sociologia e Política, cuja organização foi liderada pelo professor Francisco dos Santos Ferraz, seu primeiro coordenador.

Esses dois momentos são importantes para se compreender o desenvolvimento das Ciências Sociais na UFRGS e o itinerário do seu precursor, o catedrático Laudelino Medeiros, tarefa a qual se dedica esse trabalho. Partindo da década de 1950, classificada por Liedke (1990) como a etapa da Sociologia Científica no Brasil, e considerada por alguns autores como o período da consolidação da Escola Paulista de Sociologia, com a formação da primeira geração de sociólogos brasileiros (Azevedo, 1956, Fernandes, 1977), até a década de 70, marcada pela proliferação de Programas de Pós-Graduação e pela profissionalização dos quadros docentes promovida pela Reforma de 1968 em plena Ditadura Militar. Neste período, o poder acadêmico dos catedráticos foi extinto pela Reforma de 1968 com a implantação da nova carreira docente em que o topo da docência era o professor – titular. Esse estudo busca resgatar esse processo de fundação e institucionalização das Ciências Sociais na UFRGS com o seguinte recorte histórico: da década de 1940, que é o início da Faculdade de Filosofia da UFRGS, até a década de 1970, com o afastamento progressivo de Laudelino Medeiros do ensino de Sociologia no curso de Ciências Sociais e da Faculdade de Ciências Econômicas, refugiando-se no espaço do IEPE até sua aposentadoria.

A interpretação de Costa Pinto (1955) dos dados recolhidos no inquérito de 1954 sobre as Ciências Sociais é importante, porque mostra o contexto histórico do surgimento das Ciências Sociais e os problemas enfrentados em seu desenvolvimento, podendo ser válida também, em algumas questões, para o Rio Grande do Sul. Segundo essa perspectiva, o surgimento das disciplinas não foi um desdobramento do bacharelismo no Brasil, mas sim um produto do novo clima cultural e político instaurado com a Revolução de 1930, o qual precisava de novas profissões que apreendesse e desse rumo às novas mudanças estruturais da sociedade. Deste modo, a reforma educacional de 1931 foi à concretização desses objetivos, ao tornar o ensino de Ciências Sociais obrigatório no ensino secundário, sobretudo nas Escolas Normais, e que logo se expandiu para o nível universitário com a fundação da Escola Livre de Sociologia e Política (1933), da Universidade de São Paulo (1934) e da Universidade do Distrito Federal (1935). Essa nova realidade provocou o boom do livro didático com a publicação de vários manuais de conteúdo sociológico sistematizado (Meucci, 2000), como também o aprofundamento e revisão crítica das obras de história social brasileira, a fundação da Sociedade de Sociologia (1934), além da tradução dos clássicos, como os de Durkheim.

A situação alterou-se com o Estado Novo e a nova Lei Orgânica do Ensino Secundário que suspendeu a obrigatoriedade do ensino de Ciências Sociais fazendo apologia do conhecimento técnico em detrimento do saber científico, e assim as Faculdades de Filosofia perdiam sua função original que era formar professores secundários e pesquisadores especializados. Nesse momento, é que as Ciências Sociais ficam numa situação de marginalidade estrutural, uma vez que perdem seus fins científicos, profissionais e até sociais. Dessa forma, a partir de 1945 proliferam Faculdades de Economia, que, segundo Costa Pinto (1955), preenchem o vazio deixado no espaço social e profissional com o recuo da expansão das Ciências Sociais. E será a fusão entre esses dois cursos que o autor verá a solução para a situação das Ciências Sociais na década de 1950.

Interessante que a Cátedra de Sociologia de Laudelino Medeiros surgiu na Faculdade de Ciências Econômicas, um ano antes da sua criação na Faculdade de Filosofia. No entanto, a Faculdade de Filosofia é instituída no contexto da Lei Orgânica do Ensino Secundário, ou seja, nessa situação desfavorável ao desenvolvimento e expansão das Ciências Sociais. Foi neste contexto que Laudelino Medeiros tornou-se o catedrático de Sociologia nas Faculdades de Economia e de Filosofia nelas permanecendo da década de 1940 até sua extinção. Desse fato e da leitura do inquérito de Edison Leão e Costa Pinto se colocaram as primeiras questões da pesquisa: qual fora o papel Laudelino Medeiros no desenvolvimento das Ciências Sociais no Rio Grande do Sul? O que foi feito, produzido durante esses 30 anos nas cátedras? Qual solução propôs para o desenvolvimento da área? Essas foram as questões levantadas no começo desse estudo, dado a inexistência de estudos sobre o itinerário do próprio catedrático, e poucos sobre as Ciências Sociais na UFRGS.

Em relação ao desenvolvimento e da posterior institucionalização da Sociologia no Rio Grande do Sul, especificamente na UFRGS, há poucos trabalhos revelando uma área de pesquisa praticamente inexplorada. Entretanto, cabe destacar o artigo intitulado “O desenvolvimento da Sociologia no Rio Grande do Sul e a cooperação acadêmica Brasil e Alemanha” e a comunicação de pesquisa apresentada no 8º Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, que ocorreu em 1997, “Experiências Regionais de institucionalização do ensino e da pesquisa em Sociologia: A experiência da UFRGS”, ambos os artigos dos pesquisadores Enno Liedke Filho e Clarissa Baeta Neves. Todavia, esses

artigos partem de um quadro geral, no qual identificam duas etapas e quatro períodos do desenvolvimento da Sociologia no Brasil, que são: 1) a etapa da herança-cultural da Sociologia, incluindo o período dos pensadores sociais e da Sociologia de Cátedra; e 2) a etapa contemporânea da Sociologia, quando emerge a Sociologia científica e posteriormente passa por um período de crise e diversificação (Liedke & Neves, 2003). Embora esse modelo de desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil tenha inspirado-se nos casos mais “bem sucedidos” de institucionalização como São Paulo e Rio de Janeiro, em suas devidas proporções e diferenças², e o padrão do desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil como um todo tenha sido “a variante regional” no que diz respeito a “institucionalização da Sociologia entre as décadas de 1930 e 1950” (Oliveira, M, 2006: 13), especialmente no caso do desenvolvimento desta no Rio Grande do Sul, a reconstrução da trajetória da Sociologia na UFRGS, além do caráter pioneiro, ofereceu uma contribuição importante, mas não exaustiva. O primeiro, e quiçá, o mais importante, foi ter enfatizado o papel do convênio com a Alemanha para a institucionalização da pesquisa empírica, através do Centro de Estudos Sociais, instituição idealizada e criada pelo catedrático de Sociologia Laudelino Medeiros, cujo projeto é analisado em detalhe nesta pesquisa. O segundo foi destacar o ambiente propício em que foi criado o curso de Ciências Sociais no RGS, muito distante cronologicamente das instituições originárias das Ciências Sociais no Brasil, mas dada à conjuntura política, especialmente com a ascensão de João Goulart ao poder, a demanda pelo curso aumentou e assim a Sociologia foi vista como conhecimento legítimo para a intervenção social (Liedke & Neves, 1997, 2003).

Ainda que seja possível pensar a produção ensaística com pretensões sociais, não como uma etapa, mas constituindo discursos sobre a realidade social em disputa por legitimidade (Lepenies, 1996), a Sociologia e as Ciências Sociais, enquanto disciplinas modernas, e deste modo, científicas, surgiram legitimadas como um saber imprescindível à estrutura universitária (Wallerstein, 2001). Assim, com a criação das Universidades brasileiras com a incorporação das Faculdades de Filosofia na década de 1930 e 1940, à exceção da Universidade de São Paulo, da Escola Livre de Sociologia e Política e da Universidade do Distrito Federal, instituições para as quais vieram professores estrangeiros, todas as outras Universidades recrutaram para assumir as Cátedras indivíduos advindos das elites culturais e políticas, formados nas escolas de ensino superiores existentes, especialmente oriundos dos

cursos de Ciências Jurídicas e Sociais das Faculdades de Direito. Dessa forma, a Sociologia considerada científica não surgiu espontaneamente, seus precursores não foram sociólogos, mas sim diletantes influenciados pelo clima intelectual da época que reproduziram os conhecimentos socialmente aceitos e definiram as “problemáticas consideradas legítimas” (Bourdieu, 1979). Uma das críticas feitas por Guerreiro Ramos (1954: 47) ao ensino da Sociologia brasileira dirigiu-se nesse sentido, por que:

“Aqui as Cátedras de Sociologia não surgiram para consagrar uma tradição militante de trabalho pedagógico, como é regra em todos os países avançados. As cátedras aparecem de modo intempestivo e foram providas, inicialmente, mais ou menos, por pessoas que, no momento, ou eram diletantes, quando muito; ou desconheciam completamente os estudos de sociologia.”

É exatamente esse o objetivo da presente pesquisa, compreender, através do itinerário de um representante de certa elite social e política, primeiramente a construção da Universidade no Rio Grande do Sul, e especificamente o desenvolvimento da Sociologia para compreender sua posterior expansão. A relação entre elites e o desenvolvimento das instituições de ensino superior no Rio Grande do Sul historicamente ocorreu sob a hegemonia política do governo positivista de Júlio de Castilhos. Desta forma, em 1891, em plena República, foi criada a Escola de Agricultura e Veterinária de Taquari, e em 1896, surgiram a Escola de Engenharia e a Faculdade de Farmácia, que dois anos depois, ao incorporar a Escola de Partos, deu origem à Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Porém, é na Faculdade Livre de Direito, fundada em 1900, nove anos após o golpe republicano, que a relação entre o grupo dirigente do Partido Republicano e formação da “elite” política e cultural gaúcha se concretiza. Primeiramente pelos magistrados convidados por Borges de Medeiros que estudara na Faculdade de Direito de Recife, e que terão um papel decisivo, sob a liderança de Manuel André da Rocha, na fundação da instituição e na formação de seu corpo docente. É a partir dessa Faculdade que se constituirá uma elite social no Rio Grande do Sul e que atuará na política, no judiciário, na Universidade, nas letras e até mesmo na economia. Os antigos centros formadores das elites republicanas em Recife e São Paulo perdem sua importância anterior, embora tenham formado uma gama de homens que terão papel destacado na política rio grandense e brasileira (Júlio de Castilhos, Assis Brasil, entre outros), mas as gerações seguintes (de Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura, Mem de Sá, João Goulart, entre outros) são egressas da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre. A

Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito, além do papel que terão na formação e reprodução das grandes famílias no Rio Grande do Sul (Coradini, 1998, Engelmann, 2004), num primeiro momento difundiram na formação dos futuros profissionais um arsenal de teorias científicas correntes à época, caracterizadas por Boeira (1980) como o positivismo difuso. Portanto, essas foram, em linhas gerais, as Faculdades profissionais mais representativas da relação entre elites e formação universitária no Rio Grande do Sul, até o surgimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, quando, por imposição de lei, surge a Universidade do Rio Grande do Sul, em 1934.

É nesse momento, na criação das Universidades no Brasil, que os confrontos entre projetos políticos e culturais aparecem em relação à Universidade. No Rio Grande do Sul a “elite” que conquistou a Faculdade de Filosofia foi a Católica. Esse grupo intelectual atuou em várias esferas do espaço social rio-grandense e entre seus membros encontramos o precursor da Sociologia na Universidade do Rio Grande do Sul: Laudelino Teixeira de Medeiros. Apesar de inicialmente fosse nosso objetivo tratar da formação e desenvolvimento das Ciências Sociais como um todo, acabamos centrando nossa análise no itinerário do catedrático Laudelino Medeiros. Isso ocorreu por dois fatores: primeiro porque, até os primeiros anos do curso de Ciências Sociais, a Sociologia na UFRGS tinha um nome e sobrenome e segundo, sendo Laudelino Medeiros membro da “geração católica”, interessávamos ver como ele redefiniu seus preceitos morais e referenciais de luta do grupo católico para a Sociologia que ministrou. Nesse sentido, o próprio itinerário de Medeiros, especialmente, sua relação com o catolicismo, e o que ele reproduzirá na Cátedra é importante para compreendermos, primeiro qual foi a “Sociologia” que defendeu como legítima, e segundo qual foi o efeito de suas posições pessoais no desenvolvimento das Ciências Sociais na UFRGS. Essas questões se colocam, porque “há uma estreita relação entre o tipo de capital que dispõem os diferentes pesquisadores e a forma de Sociologia que eles defendem como a única legítima” (Bourdieu, 1983: 50).

Ainda que a Sociologia de cátedra tenha se caracterizado na América Latina e no Brasil especialmente pela docência universitária (Brunner, 1988), na Cátedra de Sociologia da UFRGS houve iniciativas de pesquisa científica. Essas pesquisas envolveram alunos e pesquisadores, tanto da Faculdade de Ciências Econômicas, quanto da Faculdade de Filosofia.

Essa preocupação com a pesquisa, com métodos científicos, que Laudelino vai demonstrar em certo momento de sua carreira, foi objetivada nas iniciativas que criou com seu grupo, como o Centro de Estudos Sociais e a relação que construiu com o Instituto de Sociologia Industrial de Dortmund, através do contato com o sociólogo alemão Helmut Schelsky, o qual vai desaguar no intercâmbio acadêmico com a Alemanha que proporcionou a formação no nível pós-graduado de uma nova geração.

Portanto, os primeiros impulsos para a institucionalização da Sociologia no RGS foram dados por Medeiros, não da mesma forma como foi a institucionalização da Sociologia nos outros centros produtores, mas com seus próprios conteúdos e instituições que foram importantes para a formação dessa área acadêmica. Dessa forma, pretende-se mostrar nessa pesquisa, qual foi o papel das iniciativas institucionais e pessoais de Laudelino Medeiros dentro da Universidade para a formação da disciplina no Rio Grande do Sul.

Para tanto, buscou-se reconstruir o itinerário na “geração católica” e o itinerário docente de Medeiros na UFRGS, assim como suas iniciativas de pesquisa e institucionais através de ampla pesquisa em fontes variadas buscadas no acervo do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS), no acervo do Centro de Documentação da Universidade de Caxias de Sul (CEDOC/ UCS), na biblioteca de Laudelino Medeiros disponível na Universidade de Caxias do Sul, no acervo do Núcleo de Estudos sobre as Ciências Sociais na América Latina (CISOAL) da UFRGS, e nos documentos referentes às Ciências Sociais na UFRGS generosamente concedidos pelas professoras Maria Suzana Soares e Clarissa Baeta Neves.

A exposição da pesquisa está dividida em duas partes. Na primeira parte é analisada a relação entre as Elites culturais e políticas, especialmente a católica, com os projetos universitários no Brasil, primeiramente no plano nacional, e posteriormente no Rio Grande do Sul. Ainda nessa primeira parte, analisa-se a inserção de Laudelino Medeiros na Geração Católica e na Universidade Federal. Deste modo, essa parte está dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo reconstrói, a partir de dados secundários, o movimento de renovação católica no Brasil, especialmente as instituições criadas pelo grupo em torno do

Centro Dom Vital no Rio de Janeiro, e suas ações em relação ao controle do ensino superior no Brasil. Baseado em fontes diversas, o segundo capítulo é dedicado à “geração católica” que conquistou as cátedras da Faculdade de Filosofia da URGs. O terceiro capítulo concentra-se no itinerário de Laudelino Medeiros, sua origem social, sua formação escolar e inserção e participação nas atividades do grupo católico, assim como seu referencial teórico de compreensão do mundo.

A segunda parte buscou reconstituir o itinerário docente de Laudelino Medeiros através de três capítulos, dispostos da seguinte forma: a docência nas cátedras de Sociologia, as iniciativas de pesquisas e seu papel na criação e na formação dos especialistas no curso de Ciências Sociais. O primeiro capítulo, além de reconstruir seu itinerário docente, analisa que Sociologia ele apresentou como legítima, primeiramente na formação das gerações que pretendiam ingressar na Universidade no Colégio Universitário, após na Faculdade de Economia e Administração, e por fim, na formação dos professores na Faculdade de Filosofia. A partir do seu itinerário docente verifica-se como vai construindo seu grupo tanto na cátedra de Sociologia da Faculdade de Economia e Administração, como na de Filosofia.

No segundo capítulo mapeia-se as iniciativas de pesquisas desenvolvidas em ambas as cátedras de Sociologia e as tentativas de promoção, tanto da pesquisa na Universidade, quanto da Sociologia na sociedade rio-grandense e a relação dessas iniciativas com a necessidade de formação de especialistas.

No terceiro e último capítulo, reconstitui-se as condições que tornaram possível a criação do curso de Ciências Sociais e seu desenvolvimento, e o papel de Medeiros nesse sentido. Analisa-se ainda, a redefinição da Sociologia de Medeiros na formação dos especialistas e na nova conjuntura política.

Mesmo que essa dissertação não tenha a pretensão de esgotar o tema diante da riqueza da documentação disponível nos arquivos, depoimentos e literatura, seu recorte analítico e cronológico pretende trazer uma contribuição aos estudos sobre a institucionalização das Ciências Sociais no Brasil e na América Latina. Apesar de não analisarmos a fundação e o posterior processo de autonomização e diferenciação das disciplinas que compõem as

Ciências Sociais, assim como a relação com outros centros de produção, certamente, no futuro, a pesquisa deverá ser ampliada e essas questões aprofundadas.

PARTE I: A “GERAÇÃO CATÓLICA” E O PROJETO DE CONQUISTA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

A Universidade brasileira foi um projeto tardio e “temporão”, ao contrário daquelas implantados nas colônias ibéricas, que, após a independência foram transformadas em universidades nacionais e expandidas por todo território (Holanda, 1936; Cunha, 1980). Nesse contexto, a Universidade de Coimbra teve um papel fundamental na formação da “elite” imperial brasileira, porque gerou, pela formação escolar, um grupo dirigente homogêneo que possibilitou a construção de um tipo específico de Estado Nacional e uma tradição bacharelesca que perdurou por muito tempo na política e na transmissão da cultura brasileira (Carvalho, 1980, Azevedo, 1943). Assim, até a década de 1930, quando surgem os primeiros projetos universitários no Brasil, predominou um tipo de ensino superior profissional, principalmente nas Faculdades de Direito, de Medicina e de Engenharia. Essas Faculdades profissionais tiveram, até à década de 1930, o papel formador das “elites”, especialmente, a Faculdade de Direito de São Paulo no plano político (Adorno, 1988) e a de Recife na esfera cultural e doutrinária (Bevilaqua, 1977).

Na década de 1930 as primeiras universidades foram criadas por projetos universitários distintos. Na capital federal houve disputa do projeto da elite liberal com o da católica e no Rio Grande do Sul o grupo católico teve destacada atuação na conquista de setores da Universidade do Rio Grande do Sul. Dessa forma, reconstituí-se, nessa parte, a relação entre elites e projetos universitários no Rio de Janeiro, e perifericamente o caso do Rio Grande do Sul, do controle da “Geração Católica” sobre a Faculdade de Filosofia e o itinerário nesse grupo de Laudelino Medeiros, o católico designado para assumir a cátedra de Sociologia na UFRGS.

1. A RENOVAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL E OS PROJETOS UNIVERSITÁRIOS DA DÉCADA DE 1930

Com o advento da República (1889) e da promulgação da Constituição de 1891, a Igreja perdeu seu poder político. No novo contexto político as antigas esferas de atuação da Igreja

católica foram laicizadas. Esses fatores exigiram do clero um efetivo trabalho apostólico, o que ficou conhecido como renovação católica no Brasil. Apesar do renascimento católico tenha sido uma reação à situação de ostracismo político no qual a Igreja encontrava-se no período da república velha, o período da 1ª República não pode ser desconsiderado, uma vez que com a perda da influência política da Igreja, a primeira estratégia passou a ser a sua construção institucional e a expansão territorial do laicato, com a organização de novas Dioceses que investiram na formação e reprodução de quadros eclesiásticos e na formação da elite política através da expansão das escolas católicas (Miceli, 1988).

Esse esforço na 1ª república proporcionou as bases institucionais para que a Igreja passasse ter visibilidade na sociedade brasileira. Para tanto, teve que impor seu projeto de sociedade e disputar com outros os projetos de reconstrução nacional que surgiram na década de 1920, como o Tenentismo, o Partido Comunista, o Modernismo e o Movimento da Escola Nova. Frente a este contexto novas estratégias imperaram como a criação do Centro Dom Vital, a revista “A Ordem”, a Liga Eleitoral Católica (LEC), etc. No entanto, na década de 1920 o grande tema que conduziu os embates entre projetos distintos de construção nacional foi o problema educacional brasileiro. Assim de um lado estava o projeto liberal de Anísio Teixeira, Fernando Azevedo e Loureiro Filho, e noutro extremo o católico, de D. Leme e Jackson de Figueiredo, e com a morte do último, de Alceu Amoroso Lima e do Padre Jesuíta Leonel Franca.

Num primeiro momento essa disputa ocorreu em relação ao ensino primário e secundário, especialmente no período em que Jackson de Figueiredo dirigiu o Centro Dom Vital, na luta pela inclusão do ensino religioso nas escolas oficiais. No entanto, com as sucessivas reformas educacionais do ensino secundário e profissional, elaboradas e empreendidas pelo grupo dos educadores profissionais em São Paulo (Sampaio Dória, 1920), Ceará (Lourenço Filho, 1925), Minas Gerais (Francisco Campos, 1927) e Distrito Federal (Fernando de Azevedo, 1928), a disputa passou a ser a formação das elites através da disputa pelo controle ideológico dos novos projetos universitários que surgiram na década de 1930, com a criação das Faculdades de Filosofia.

Deste modo, a primeira Universidade criada foi a Universidade de São Paulo (USP) com a sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1934) seguida pela criação da Universidade do Distrito Federal (1935), pela Universidade do Brasil com sua Faculdade Nacional de Filosofia (1937) e na década de 1940 pelas Universidades Católicas. Todavia, o surgimento de projetos universitários e a concretização deles estiveram intimamente ligados às disputas entre a elite católica e o grupo liberal e suas relações com o governo, a exceção do caso da USP, a exemplo da extinção da Universidade do Distrito Federal (UDF), idealizada por Anísio Teixeira, e a criação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, sob o controle católico num primeiro momento. Portanto, demonstra-se às estratégias dos intelectuais católicos no espaço social, especialmente em relação ao ensino superior no Brasil, para poder analisar e compreender como esse processo ocorreu no Rio Grande do Sul.

1.1. O Advento da República: separação entre a Igreja e Estado e a estratégia dos intelectuais católicos

Como consequência da Revolução Francesa (1789) a Igreja perdeu seus privilégios e seu espaço político, como também, com a ascensão dos ideais iluministas, contidos no liberalismo, no racionalismo e no socialismo, viu sua influência ideológica em várias esferas sociais ser questionada e combatida. Frente às novas ideologias modernas a Igreja lançou a encíclica de Pio IX, intitulada *Syllabus* (1864), condenando o individualismo liberal, o materialismo e o socialismo.

O catolicismo romano ultramontano ³ irradiou-se em vários países com frentes de combate distintas. Na França, diante da derrocada da Monarquia Absoluta, se constituiu, no século XIX, um “conservadorismo cristão” que geralmente foi definido como um pensamento “contra-revolucionário” cujas expressões mais conhecidas foram Joseph de Maistre e Louis de Bonald. Na sua trilogia clássica Nolte (1966: 112) considera que o traço principal desse conservadorismo católico é “a recusa da Revolução em suas raízes e em todas as suas manifestações”⁴. Outros intelectuais, tais como o marquês La Tour du Pin, Edouard Drummont e Maurice Barrès, radicalizaram suas posições. O primeiro pelo retorno nostálgico aos ideais hierárquicos corporativos da sociedade medieval; o segundo, pelo anti-semitismo

radical (*La France Juive*, 1886) e o ultimo pelo desenvolvimento mais consistente do nacionalismo de direita francês. Na tipologia de Nolte (1966: 144-157) estes seriam os representantes do “conservadorismo radical” e, segundo Sternhell (1978), os precursores da “direita revolucionaria” que entre de 1885-1914 estabeleceram as “origens francesas do fascismo”.

No final do século, diante da proclamação da Terceira Republica Francesa (1875) após a queda do Segundo Império com a derrota da Prússia de Bismarck, a Igreja começa a mudar sua posição visando adaptar-se as novas realidades sociais e políticas. Nesse sentido, o papado de Papa Leão XIII foi marcante com sua encíclica *Rerum Novarum* (1891), em que a Igreja começa posicionar-se diante dos efeitos sociais da Revolução Industrial, especialmente as condições inumanas do trabalho e a perda da classe operaria com a laicização da sociedade e o desenvolvimento das idéias socialistas. Ao dialogar com novos tempos buscou reconciliar-se com a Republica conservadora embora enfrentasse, no final do século XIX, dois sérios conflitos: na França, o anticlericalismo dos republicanos radicais no poder, impondo o controle das escolas católicas substituídas por escolas laicas e gratuitas, o que provocou o êxodo da maior parte das ordens religiosas; na Itália, o conflito entre o Estado Italiano e os territórios pontifícios do Vaticano que levou ao Papa a proibir os católicos de participarem das atividades políticas.

A França foi um laboratório intelectual de muitos movimentos radicais que eclodirão no século XX. Ao lado dos teóricos da contra-revolução francesa, o *affaire Dreyfus* produz um conflito que será marcante para os desdobramentos ideológicos direita - esquerda. De um lado, o famoso “J’Accuse” que coloca os intelectuais pela primeira vez na cena publica em defesa do oficial judeu acusado de espionagem em favor da Alemanha; e de outro, os movimentos nacionalistas, anti-semitas que se organizam em torno do processo militar (Ligas dos Patriotas e da Pátria Francesa), cujos desdobramentos desembocam no movimento mais importante dirigido por Charles Maurras: a Ação Francesa (AF). Segundo Nolte (1966: 167) “a historia da Ação Francesa começa com o *affaire Dreyfus*”. Dessa forma, a contra-revolução foi defendida teórica e militantemente por católicos reacionários e pelos intelectuais da AF, cuja ideologia da AF terá uma forte influencia entre os católicos na Europa e na

América Latina, com sua posição nacionalista, monarquista, positivista e antiliberal até sua condenação pelo Vaticano em 1926.

Noutro campo estavam outros teóricos e movimentos que dentro de uma perspectiva de “catolicismo social” tentavam construir outras respostas aos novos desafios da sociedade moderna de seu tempo. A Itália foi possivelmente o país que mais absorveu a política social da Igreja de Leão XIII na luta contra as instituições liberais e em relação à práticas de proteção ao operariado. Através do professor de economia política José Toniollo iniciou-se a Democracia Cristã na Itália por meio da União Popular, espécie de embrião do Partido Popular Italiano, criado em 1919, no qual Luigi Sturzo foi um dos líderes ⁵. Ainda que com a unificação Italiana em 1870, o poder dos Estados Papais tenha terminado, com Pio XI, em 1926, através do acordo de Latrão com Mussolini é restaurada a aliança da Igreja com o Estado. Portanto, a reação católica na Itália ocorreu ligada à esfera política, ou seja, a Igreja continuou próxima ao Estado.

A França teve através da ação social do movimento *Sillon*, liderado por Marc Sangnier, um movimento católico que se opõe claramente a visão política e religiosa da *Action Française*, (polemisando publicamente com Maurras), mas cuja trajetória fez dele um dos precursores da democracia cristã. Tendo estudado no Colégio Stanislas, ligado a congregação do *Marianistes*, em plena Terceira Republica (1879 a 1894) viveu o período em que a Igreja, sob a inspiração de Leão XIII, vai estimular ao Cardeal Lavignerie à política de *Ralliement* ao novo regime republicano através de uma “declaração de respeito pelas *instituições francesas*” e que contava com o apoio dos religiosos da congregação e do clero católico. O movimento *Sillon* se organiza, a partir de 1899, em Círculos de Estudos, depois em Institutos Populares visando oferecer educação popular e, finalmente, se envolve nas eleições se aproximando da Democracia Cristã, fundada em 1893⁶. Outra iniciativa na mesma direção foram as Semanas Sociais de França que surgiram em 1904, por iniciativa de dois católicos laicos (Marius Gonin e Adéodat Boissard), com o objetivo de difundir o pensamento social da Igreja, adaptando-o aos problemas do seu tempo para melhorar, sobretudo, a situação operária denunciada como inumana pela encíclica *Rerum Novarum*. Estava preparado o terreno para o Papa Pio X instituir a Ação Católica (AC) para a ampliação do laicato e participação dos fieis nos rumos da Igreja. Instituída em 1922 se organizou em quatro ramos: homens e mulheres com setores

de jovens e adultos. Na França já havia um movimento precursor, Associação Católica de Juventude Francesa (ACJF) criada, em 1866, por Albert de Mun, que depois deu origem a setores especializados autônomos (JOC, JAC, JEC, JMC, JIC). Em 1938, o Papa cria um órgão central de coordenação da AC e a ACJF foi dissolvida em 1956⁷.

A Alemanha, após a Reforma Protestante, a luta contra a modernidade, ocorreu através da atuação dos militantes do Partido do Centro (Partido Católico) no Parlamento, e radicalizou-se com a expulsão dos Jesuítas pelo Império Germânico. No entanto, a representação social do Partido não se alterou e Bismarck acabou aliando-se a Igreja. Observa-se, porém, que exceto na Holanda, os começos da Democracia Cristã, de 1820 a 1880, foram essencialmente católicos. No entanto, desde 1880 a 1940, um país atrás do outro, começam a seguir a rota dos católicos e de seus correligionários na Holanda, sobretudo na Alemanha, nação com a maior população protestante. Foi somente em 1878, que Adolf Stocker (ex-capelão militar protestante de Berlim) tomou a iniciativa de fundar um “movimento político social cristão, com um programa de reforma social através da intervenção estatal” (Forgaty, 1964: 303-305). Este movimento depois se articulou com o “movimento operário evangélico”, dirigido pelo pastor Weber, de Munique, que se aproxima também do Movimento Católico dos Trabalhadores⁸.

Neste contexto de transformações profundas nas relações entre o Estado, a Igreja e as sociedades européias em mutação é que se pode compreender o significado das novas relações entre a Igreja e o Estado no Brasil que, após as tensões da “questão religiosa” no fim do Império, se agonizaram com a proclamação da República, obrigando os católicos a reverem sua estratégia para assegurar a defesa de seus interesses institucionais e espirituais. Assim, no Brasil, com a implantação da República, em 1889, foi rompido o regime de padroado entre a Igreja e o Estado. Embora houvesse essa relação com o Estado, a Igreja não se constituía como um poder político e popular, porque mesmo a Questão Religiosa, na qual envolveu Dom Vital e Dom Macedo Costa, não gerou cisões na relação com o Império e muito menos teve apoio popular (Oliveira, P, 1985). Foi a partir desse quadro, e da perda do espaço institucional da Igreja com o advento da República, que Dom Leme, Arcebispo de Olinda e Recife, elaborou e publicou sua famosa Carta Pastoral de 1916. Nela, constatou que apesar do Brasil ser um país essencialmente católico, a população vivia numa situação de ignorância

religiosa e por isso a Igreja deveria intensificar a doutrinação através da cooptação de intelectuais para a irradiação da obra do apostolado através da ampliação do laicato. (Dias, 1996, Mainwaring, 2004)

Dois anos após a Carta Pastoral de Dom Leme, o jovem sergipano bacharel em Direito Jackson de Figueiredo, após curar-se da gripe espanhola converteu-se ao catolicismo romano. Assim, quando D. Leme é transferido para a Arquidiocese do Rio de Janeiro, em 1921, encontrou o recém-convertido Figueiredo e começaram a orientar a reação católica através da fundação do Centro Dom Vital (1922) e da revista “A Ordem” (1921). Nos escritos do Episcopado nesse período, especialmente os de Dom Leme, e nos de Jackson Figueiredo, Romualdo Dias (1996) identificou a influencia dos documentos pontifícios, quanto da ação francesa contra – revolucionária. Nesse sentido, apontou a influência das encíclicas de combate à modernidade e dos teóricos que criticavam a Revolução francesa e buscavam a volta da cristianidade medieval. Nessa perspectiva, além de um nacionalismo exagerado, viam os regimes liberais-democráticos como perigos à ordem natural do mundo e sua hierarquia, além de serem uma fase para a implantação do Estado Comunista.

Assim, Jackson de Figueiredo, Dom Leme e seu grupo em torno do Centro Dom Vital buscaram combater o liberalismo político através da recristianização da sociedade brasileira. Para tanto, “o episcopado deveria contar com a contribuição de uma elite capaz de entender a doutrina, compreender o mal da sociedade moderna e defender entre as massas o princípio de autoridade” (Dias, 1996: 78). O primeiro investimento de doutrinação nesse sentido foi, além do Centro Dom Vital, a Revista A Ordem. Nela, reproduziram a autoridade e hierarquia do movimento católico, e buscaram, além de mobilizar as elites, estabelecer um dialogo entre o catolicismo e a cultura brasileira.

Apesar, desse primeiro momento os católicos do Centro Dom Vital terem manifestado uma preocupação com a formação de uma Universidade Católica, que pudesse recrutar e socializar as elites de acordo com os princípios cristãos, e reproduzir, através de uma Faculdade de Filosofia, o conhecimento escolástico e neotomista, não houve nenhum empenho para a criação de um centro de cultura superior, isso só ocorreu quando Alceu Amoroso Lima assumiu a liderança do movimento, em 1928, com a criação da Associação

dos Universitários Católicos, em 1929, e com o Instituto Católico de Estudos Superiores, em 1932. Portanto, num primeiro momento a militância católica girou apenas em torno da inclusão do ensino religioso nas escolas oficiais, uma vez que, na carta de Dom Leme, datada de 1916, o grande motivo da laicização nacional foi à falta de instrução dos brasileiros (Salem, 1982).

Alceu Amoroso Lima assumiu o Centro Dom Vital em 1928, após a morte de Jackson de Figueiredo. Ao contrário de Figueiredo, tanto na origem social quanto na formação escolar, o crítico literário Tristão de Athayde, educado entre a França e o Brasil, demorou dez anos para converter-se. No entanto, nos primeiros anos de conversão Amoroso seguiu os ditames e o radicalismo político de Figueiredo, mas posteriormente sofreu a influência do também convertido Jacques Maritain, em meados de 1938 e inclinou-se pelo ideal da democracia cristã, do humanismo integral e pelo comprometimento com as reformas sociais (Mainwaring, 2004). Mesmo que mude sua orientação, nos primeiros tempos à frente do Centro Dom Vital seguiu a direção anterior de cooptação de intelectuais e a missão de recristianizar o Brasil, além de manter a concepção de Igreja hierárquica, mas com uma visão mais ambiciosa e abrangente. Inclusive na revista *A Ordem*, sob a direção de Amoroso, os temas passaram da afirmação da disciplina, da ordem e da autoridade aos temas das correntes neotomistas dispostas a dialogar com a modernidade (Dias, 1996).

Contando com a assistência espiritual do Padre Jesuíta Leonel Franca⁹ em todas as organizações do laicato incentivadas por Dom Leme, Amoroso buscou combater a crise do mundo moderno através da formação das consciências para mudar as instituições modernas. Isso pode ser verificado na expansão de Centros similares ao Dom Vital em várias cidades brasileiras na década de 1930, na ampliação de intelectuais ligados ao movimento, além do sucesso de público nas conferências e cursos de Filosofia, Sociologia e religião ministrados no Centro Dom Vital. Esses investimentos que buscavam a formação de consciências ocorreram no contexto Revolução de 30, na qual a Igreja converteu-se numa força social para a legitimação do novo arranjo no poder e a questão educacional configurou-se como um elemento de barganha que reaproximou a Igreja do Estado.

No entanto, as propostas educacionais do laicato em torno do Centro Dom Vital divergiram de outras como as dos educadores profissionais (Anísio Teixeira, Loureiro Filho, Fernando Azevedo, entre outros) que estavam, desde a década de 1920, implantando reformas educacionais em certos Estados da federação, como São Paulo, Ceara e Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. Ainda que o governo provisório tenha cooptado os intelectuais liberais e autoritários através dos cargos na burocracia estatal¹⁰, a indefinição de uma política educacional nacional levou ambos os grupos a definirem sua ação perante o governo, especialmente após a reforma da educação de Francisco Campos, em 1931. De um lado, os católicos empolgados com a inclusão do ensino religioso facultativo na reforma educacional de Francisco Campos em Minas Gerais, mobilizaram-se pela aprovação dessa emenda na constituinte de 1934, e por outro lado o grupo dos educadores profissionais, influenciados pelos ideais da Escola Nova ou progressista do filósofo e pedagogo John Dewey, especialmente Anísio Teixeira, pretenderam elaborar, através dos congressos da Associação Brasileira de Educação (ABE), a política educacional nacional. Em relação às iniciativas do grupo dos educadores profissionais, o movimento católico fundou a Associação dos professores católicos, em 1931, por Everaldo Beckhauser e Pe. Franca, visando formular políticas educacionais, uma vez que na concepção católica a família e a religião deveriam controlar o ensino oficial, não o Estado, e, em 1933, essa organização passou a ser organizada nacionalmente com a criação da Associação Católica de Educação.

Embora os congressos dos católicos não tivessem tido o vulto dos da ABE, eles definiram o meio de operar suas reivindicações: a Liga Eleitoral Católica. Deste modo, o grupo católico nacionalmente ingressou na esfera eleitoral, para que suas demandas, principalmente a da inserção do ensino religioso nas escolas oficiais, fossem contempladas na Constituição de 1934. Esse fato é paradoxal, porque ao mesmo tempo em que estavam ligados ao governo provisório, autoritário, queriam ver suas demandas contempladas numa constituição liberal. Assim, queriam um governo forte e centralizado, mas desejavam alcançar isso pela via constituinte, e nesse sentido, estavam defendendo os mesmos objetivos de movimentos distintos do seu, como o Tenentismo. No entanto, apesar do caráter contraditório da atuação católica nesse período, a Carta Constitucional revelou-se numa oportunidade ímpar de reformular o estatuto da Igreja e do Catolicismo frente à sociedade brasileira e ao Estado, ou seja, uma via de “re Cristianizar” o Brasil.

A LEC foi criada por Dom Leme e Alceu Amoroso Lima em 1932. Organizou-se nacionalmente através de quatro juntas: a nacional, coordenada pelo Centro Dom Vital, as estaduais pelas Dioceses, e as regionais e locais, nas quais os padres tinham por função arregimentar os eleitores católicos. Os católicos buscavam, através dessa organização apartidária, que fosse incluído nas constituições estaduais e nacionais as seguintes emendas: 1) Que a Constituição fosse consagrada em nome de Deus, 2) a defesa da indissolubilidade do matrimônio, 3) a inclusão do ensino religioso nas escolas públicas tanto primárias quanto secundárias; 4) que as forças armadas, as prisões e os hospitais contassem com assistência religiosa oficial. Dentre essas demandas do grupo católico foi incorporada à emenda do ensino religioso facultativo na Constituição de 1934. Nesse momento, a ação do grupo católico em relação ao ensino primário encerrou-se e passaram à luta pela educação superior.

De acordo com Villaça (1977) quando a luta passou da esfera política para a universitária é que começou a fase cultural do movimento católico. Essa fase foi marcada pela ampla formação intelectual do crítico literário Alceu Amoroso Lima, uma vez que suas obras abrangeram todos os setores da cultura. Desta maneira:

“A ambição de Alceu Amoroso Lima, depois de convertido, parece que foi à de oferecer às novas gerações, às elites universitárias, uma ‘Suma’ contra gentes tropicais, uma série de introduções aos diferentes setores da cultura universitária”, com o objetivo de “renovar a nossa atmosfera cultural, impregnada de naturalismo, de relativismo, de cientificismo” (VILLAÇA, 1977: 110).

Com esta orientação Amoroso Lima publicou “Problemas da Burguesia” (1931), “Preparação à Sociologia” (1932), “Introdução ao Direito Moderno” (1932) e “Política” (1932). Portanto, é a partir de Alceu Amoroso Lima, no Centro Dom Vital e na Revista “A ordem”, e de seus empreendimentos culturais, institucionais, que o movimento dirigiu-se à esfera universitária¹¹. Seguindo esse objetivo o grupo católico criou a Associação dos Universitários Católicos do Rio de Janeiro, em 1929, na seção juvenil do Centro Dom Vital. Essa associação teve como propósito completar a instrução e a educação religiosa de seus membros, mas acabou constituindo-se “numa liga de combate à infiltração comunista nas faculdades” (Salem, 1982: 19). Isso ocorreu porque os católicos não viam com bons olhos o ensino superior brasileiro, considerado tecnicista e profissionalizante, e desta forma, na

ausência de uma Universidade Católica, pretenderam formar as novas camadas dirigentes do país através das atividades da associação dos universitários católicos.

Em 1935 a associação tornou-se a Juventude Universitária católica (JUC) ou Ação Universitária Católica (AUC), que foi, conforme Salem (1982: 19) “a primeira tentativa da Igreja em cooptar, para o seu seio, as futuras elites dirigentes da nação, representadas pelos universitários”. Os universitários ao passarem pela AUC, onde estavam subordinados à hierarquia católica, além de “submissos à autoridade Diocesana” deveriam “aderir às determinações da Santa Fé e se comprometer com a disciplina associativa”, e após saírem da Universidade, já habituados com a disciplina e hierarquia da Igreja na AUC, poderiam associar-se ao Centro Dom Vital, e, portanto, fazerem parte da elite católica (Dias, 1996: 99).

Em 1932, foi instituído o Instituto Católico de Estudos Superiores que deu ênfase a formação na área de humanidades, suprimindo um vácuo da formação universitária carioca. A proeminência da formação humanística ocorreu porque a Reforma do Ensino Superior de 1931 não organizou a concepção católica de Universidade. Esta reforma instituiu um estatuto para a organização administrativa e didática das Universidades brasileiras, ou seja, definiu as regras para o desenvolvimento das Universidades privadas e públicas. Apesar de ter ligações com o movimento católico, Francisco Campos, mentor da Reforma, não os convenceu com uma idéia de função cultural tão abrangente da Universidade, a qual deveria “elevar o nível da cultura geral, estimular a investigação científica em quaisquer domínios dos conhecimentos humanos, habilitar ao exercício de atividades que requerem preparo técnico e científico superior” (Fávero, 2000: 23). Como também, considerava como Universidades às instituições que incorporassem apenas três institutos de ensino superior e desta maneira, não fez referência à Filosofia, que era a faculdade considerada pelos católicos como essencial. Assim, a Igreja excluída do domínio e da organização do ensino superior oficial criou o Instituto Católico de Estudos como um projeto embrionário da Universidade Católica, que: “pretendia se integrar no movimento internacional de renascimento filosófico católico, e concomitantemente, como um modelo alternativo de organização universitária no Brasil” (Salem, 1982: 127).

Seguindo os preceitos da renovação filosófica católica no plano internacional os cursos do Instituto Católico de Estudos Superiores dividiam-se em três disciplinas consideradas obrigatórias: a Sociologia, a Filosofia e a Teologia. Para dar conta da ênfase nos estudos morais o quadro docente foi composto por Alceu Amoroso Lima, na secção de estudos morais e políticos, Romeu Rodrigues da Silva, em Economia Política, L.A Rego Monteiro, em Sociologia; Hélder Câmara, em pedagogia experimental, Theobaldo Miranda dos Santos, em pedagogia geral, Eremildo Luiz Vianna, em História da Civilização; e Hamilton Nogueira em Biologia e Antropologia. Mesmo que o grupo católico só crie sua Faculdade Católica em 1941, e o Instituto tenha sido seu projeto embrionário, durante esse intervalo de nove anos do Instituto até a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, seus membros exerceram pressão para dominarem o sistema público de ensino superior, especialmente durante o período da gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde (1934- 45), já que projetavam garantir o espaço universitário para a Igreja e exercer controle hegemônico na Universidade pública (Almeida, 2001).

Isso ocorreu porque, embora o autoritarismo prevalecesse no governo central, nos Estados São Paulo e no Rio de Janeiro dominavam às idéias liberais, a exemplo da criação Escola livre de Sociologia e Política (ELSP), em 1933, da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, e da Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1935. Deste modo, além do projeto nacional-autoritário do grupo católico, os projetos de ensino superior do grupo liberal podem ser divididos em dois, a visão liberal –elitista de Fernando de Azevedo, objetivada na criação da USP, e o ideal liberal- igualitarista de Anísio Teixeira vislumbrado na organização da UDF (Cunha, 1980).

1.2. A "laica" Universidade do Distrito Federal e a pressão da Igreja sobre o Governo Vargas

O projeto educacional de Anísio Teixeira, fundador da UDF, diferiu-se daquele de São Paulo, a USP, criada um ano antes, em 1934, por contemplar todos os níveis de ensino no seu ideário, não apenas formação das elites. Inclusive nos discursos e estatutos da UDF a

formação de elites ou das classes dirigentes não é considerada, por isso seu projeto é considerado liberal - igualitarista (Cunha, 1980). A nova Universidade foi criada no centro das contradições entre o Estado Nacional e os interesses regionais e municipais. O UDF, instituição municipal, foi criada pelo decreto nº. 5.513 do presidente Vargas, em 1935, após a expressiva vitória eleitoral do antigo interventor do Distrito Federal Pedro Ernesto nas eleições municipais do Rio de Janeiro (Vicenzi, 1986)

A UDF foi à última instituição prevista na Reforma Educacional desenvolvida no Distrito Federal, entre 1931 à 1935, por Anísio Teixeira, então Diretor de Instrução, que teve como objetivo a integração das diferentes níveis de ensino. O fato da administração de Pedro Ernesto, além de possuir uma base popular de sustentação, revelar uma preocupação com a fundamentação científica de seus projetos políticos e buscar conciliar os interesses das classes populares, intelectuais e políticas estava em sintonia com o projeto liberal de Anísio Teixeira e com sua concepção de política educacional (Meucci, 2006).

Assim, nesse contexto, a UDF foi criada um ano após a USP, ambas com uma estrutura diferenciada das escolas superiores existentes, com a incorporação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, conforme o relato do idealizador e fundador da UDF, Anísio Teixeira (1998: 163):

“As primeiras escolas do tipo, no Rio (Universidade do Distrito Federal) e em São Paulo (Universidade de São Paulo), trouxeram da Europa missões de professores estrangeiros para implantá-las. Representavam real acréscimo ao ensino superior então no País e tinham o propósito de se fazerem escolas centrais da Universidade, ministrando os cursos básicos propedêuticos aos cursos das Escolas propriamente profissionais de Medicina, Direito e Engenharia, e depois, a especialização literária, científica e filosófica (...) Somente em 1934 e 1935, o Distrito Federal e o Estado de São Paulo lançam as bases de uma Universidade com maior integração”

Mesmo que a UDF contasse com uma Faculdade de Filosofia e Letras o Instituto de Educação foi considerado a unidade central da nova Universidade, porque deveria qualificar o corpo docente das redes de ensino municipais para seu projeto educacional democratizante. Além do Instituto o projeto da Universidade contava com um conjunto de escolas de Ciências, de Economia, de Filosofia e Letras, e de um Instituto de Artes (Vicenzi, 1986). Para tanto, assim como a experiência da USP, vieram professores franceses, como Emílie Brehier (Filosofia), Eugene Alberti, Henri Hauser e Henri Tronco (História), Gaston Léduec

(Lingüística), René Robert Garit (Literatura), além de professores que estavam na USP e na ELSP, como Donald Pierson, Robert Park e Pierre Deffontaines. No entanto, ao contrário das Instituições paulistas, os docentes majoritários foram os brasileiros, como Hermes Lima, Mário de Andrade, Cecília Meirelles, Heitor Villa-Lobos, Portinari, Josué de Castro, Lourenço Filho, Sérgio Buarque de Holanda, Arthur Ramos, Gilberto Freyre, entre outros. (Schwartzman, 2000). No entanto, ainda que tenha tido semelhanças em sua concepção com a USP, a UDF não teve a mesma rede de apoio. Nesse sentido argumenta Almeida (2001: 234):

“A instituição paulista foi percebida, pelas elites locais, como parte de um projeto de redenção política através da afirmação cultural paulista. E como tal, legitimou-se e pôde ficar relativamente ao abrigo de tempestades políticas. Já a UDF não contou com o mesmo tipo de escora social no momento que foi sacudida pela reverberação do processo de radicalização política de meados da década de 30.”

Desta maneira, desde a sua fundação, em 1935, Pedro Ernesto e Anísio Teixeira, sofreram as pressões da Igreja através do ministro da educação e saúde Gustavo Capanema que alegava que a UDF não obedecia aos padrões da reforma de 1931, e nem da Constituição de 1934. Para Capanema a criação de uma Universidade nacional consistia num projeto de formar e aparelhar a elite que iria dirigir a nação, e, portanto, à preparação das elites estava acima do ideal da alfabetização das massas e, assim, para a concretização do projeto de Capanema a UDF foi desfeita.

Juntamente com a posição de Capanema e a reação católica contra a UDF, o Estado Novo foi instaurado após a insurreição da Aliança Nacional Libertadora. Consequentemente Anísio foi destituído do Departamento Municipal de Educação do Distrito Federal como também vários professores são afastados da Universidade. A reitoria passou a Afonso Pena Jr. no lugar de Afrânio Peixoto. Em 1937, a reitoria é exercida por Alceu Amoroso Lima. Em 1939 a UDF é finalmente extinta pela alegação de inconstitucionalidade, porque um prefeito não poderia criar uma Universidade municipal e de que a UDF não possuía todos os institutos previstos em lei. Com efeito, conforme Almeida (2001: 234) tratou-se de “liquidar no nascedouro um projeto universitário leigo, estatizante, racionalista e perigosamente propenso à contaminação marxista”. Deste modo, os cursos da UDF são incorporados à Universidade Federal. E em 1939, o presidente assina o decreto que criou a Faculdade Nacional de Filosofia como um modelo para todas as Universidades do país.

1.3. Os intelectuais católicos e o controle sobre a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil

A Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil foi criada nos moldes da FFCL da USP, mas sob a tutela federal e com o controle doutrinário da Igreja Católica. De fato, a igreja teve uma posição privilegiada na organização da Faculdade Nacional de Filosofia através da relação de Alceu Amoroso Lima com o Ministro Capanema. No entanto, na Faculdade de Direito o grupo católico não teve o mesmo prestígio, porque Alceu Amoroso Lima não foi aprovado nos dois concursos que prestou. O primeiro foi para a cátedra de Economia Política, que foi aprovado Leônidas de Rezende, e o segundo para a de Introdução à Ciência do Direito, a qual ficou com Hermes Lima. Portanto, na nova Universidade, o espaço de atuação do grupo católico esteve circunscrito apenas à Faculdade Nacional de Filosofia (Oliveira, L, 1995).

Apesar de Amoroso Lima não ter aceitado a direção da nova faculdade, atribuindo sua recusa à incorporação dos professores e alunos da UDF, influenciou na escolha do corpo docente e sugeriu a indicação do integralista Francisco San Thiago Dantas para a Direção da Faculdade. O quadro docente foi organizado pelo Ministro Capanema através: 1) da indicação do presidente; 2) da indicação de professores franceses católicos pela embaixada francesa e por George Dumas; 3) dos professores da UDF; 4) dos pedidos dos próprios docentes; 5) das indicações de Alceu Amoroso Lima, Heloísa Alberto Torres, Raul Leitão Cunha (Reitor), e de outros (Oliveira, L; 1995).

Getúlio Vargas autorizou a contratação de quinze professores estrangeiros para a Faculdade, entre Italianos e franceses. Os Italianos vieram pela via administrativa através de negociações de Getúlio Vargas com a embaixada para as cátedras de Ciências Exatas (Silva, 2002). No caso dos franceses contratados por Gustavo Capanema para a área de humanidades, além da contratação pela via oficial, foram escolhidos pela sua orientação religiosa e ideológica, visto que deveriam seguir a direção pedagógica da Faculdade. Então para a área de humanidades vieram os franceses Poirier (Filosofia), Ombredonne (Psicologia), Jacques

Lambert (Sociologia), Strowsk (Literatura Francesa), André Gros (Política), Gilbert (Geografia Humana), Antoine Bom (História antiga e medieval), entre outros (Schwartzman, 2000).

De outro modo, por indicação presidencial incorporaram-se à Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) o professor de Sociologia do Colégio Pedro II Delgado de Carvalho, para a cadeira de Geografia do Brasil, Alcides Gentil foi designado para substituir Carvalho no colégio Pedro II, Almir Andrade indicado como professor auxiliar e Vitor Nunes Leal assumiu interinamente a cátedra de André Gros na Política. Já Alceu Amoroso Lima indicou os professores do Instituto Católico de Estudos Superiores Heremildo Luiz Viana para a Cátedra de História Medieval, Romeu Rodrigues para a de Economia Política e Silvio Edmundo Elia que assumiu a de Filologia. Os outros indicados por Alceu foi o filósofo Álvaro Vieira Pinto, católico, que já havia passado pela Ação Integralista Brasileira (AIB), ficando com a docência da cadeira de História da Filosofia e Hildebrando Leal para a Cátedra de Sociologia. Em relação a este último foi primeiramente nomeado como assistente de Jacques Lambert, assim como foi o caso de Costa Pinto, e com a saída de Lambert ambos tornaram-se catedráticos, sem concurso. O resto das indicações, conforme mostrou Lucia Lipp Oliveira (1995), foram da diretora do Museu Nacional Heloísa Alberto Torres, e do Reitor, além da incorporação do corpo docente da UDF.

Após 1939, Alceu Amoroso afasta-se das ingerências políticas da contratação de novos professores, mas continuou na cátedra de Literatura Brasileira. Conforme Schwartzman (2000) isso ocorreu porque a igreja já havia desistido de assumir a Universidade Pública e começava a organizar a sua própria Universidade, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1941). Tudo isso revelou a complexa relação entre a política e a Faculdade Nacional de Filosofia, ou seja, entre a relação da política com o desenvolvimento universitário carioca (Oliveira, L, 1995). Relação clara na própria lei que criou a Universidade do Brasil, de número 452, especialmente no artigo 27, o qual determinava que tanto o Reitor como os “diretores dos estabelecimentos de ensino seriam escolhidos pelo presidente da República, dentre os respectivos catedráticos e nomeados em comissões” (Fávero, 1999: 25.) Portanto, ao tornar a Universidade do Brasil o padrão para todas as Universidades brasileiras, muitas dessas relações, dada às devidas proporções e especificidades regionais, foram reproduzidas.

2. OS CATÓLICOS E O ENSINO SUPERIOR NO RIO GRANDE DO SUL

A universidade do Rio Grande do Sul, ao contrário de outras universidades brasileiras não foi “criada a partir de arranjos regionais intra-elites e da ação de seus representantes junto Ministério de Educação e ao Congresso” (Trindade, H. 2006: 83). Sem entrar em detalhes, de modo geral, a Universidade de Porto Alegre foi instituída pela junção das Faculdades de Direito, de Medicina com a Universidade Técnica. Essas instituições de ensino superior no Rio Grande do Sul foram criadas a partir de iniciativas de particulares após a Constituição de 1891, de orientação positivista, a qual preconiza a liberdade de ensino e profissional.

A primeira instituição criada foi a Escola Livre de Farmácia e Química Industrial de Porto Alegre, idealizada e fundada por um grupo de farmacêuticos liderados por Alfredo Leal, em 1892. Em 1897 foi criado o curso de Partos, e assim, um ano após, os dois cursos juntam-se dando origem a Escola Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, sendo a primeira escola de medicina não oficial fundada no Brasil. Sua instituição ocorreu no contexto do exercício profissional não regulamentado pelo governo, o que, como demonstram os trabalhos de Costa Franco (1978) e de Beatriz Weber (1999), fez com que médicos e professores ligados ao PRR tomassem posições divergentes da orientação constitucional vigente do governo positivista. Frente a essa situação, em busca do reconhecimento profissional pelo Estado, a Escola Livre de Medicina buscou sua equiparação às escolas federais, sendo reconhecida em 1900. Logo, em relação às outras escolas, sobretudo a de Engenharia, a Faculdade de Medicina foi a mais afastada do governo. Além que ela foi à primeira instituição a ser federalizada, em 1931, o que dificultou a sua incorporação a Universidade estadual.

A Escola Livre de Engenharia teve um percurso oposto à de Medicina, uma vez que seus objetivos estavam em sintonia com a Carta Constitucional Estadual e com os preceitos do PRR. Foi idealizada e estruturada, em 1896, por um grupo de engenheiros militares, professores da Escola Militar de Porto Alegre, como: João Simplício Alves de Carvalho, João Vespúcio de Abreu e Silva, Juvenal Octaviano Muller e Lino Carneiro da Fontoura, juntamente com os engenheiros civis: Gregório Paiva Meira e Álvaro Nunes Pereira, todos ligados às concepções positivistas de ensino. Desta maneira, a Escola de Engenharia pode ser

considerada, ao incorporar, além da formação superior e secundária, o ensino primário profissionalizante, uma escola de preparação de quadros técnicos para o governo, porque seus fins práticos estavam em consonância com os ideais da sociedade agropecuária gaúcha e com o processo de urbanização do Rio Grande do Sul (Diniz, 1992).

Com uma estrutura de ensino composta de onze institutos de ensino seus idealizadores não buscaram a equiparação com a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, uma vez que seus objetivos e estrutura diferiram daquela instituição inspirada na *École Polytechnique* parisiense. Os modelos de escolas que influenciaram a constituição da futura Universidade Técnica (1931) foram buscados nos EUA e na Alemanha. Nesse sentido, após o deputado do PRR João Simplicio Alves, fundador da Escola, ter se proclamado presidente vitalício da instituição em 1922:

“A Escola de Engenharia passou a ter lugar destacado entre as grandes escolas do Brasil, adquirindo as linhas modernas das Universidades Européias e norte-americanas e introduzindo o ensino tecnológico no Estado, através dos cursos de engenharia civil, eletrotécnica, mecânica e química, agronomia e veterinária, agricultura e zoologia, etc. (GONÇALVES NETTO, 1987: 19)

Portanto, a Universidade Técnica, foi uma das instituições mais importantes na modernização tecnológica do Estado, assim como no desenvolvimento científico¹², embora não tenha sido seu objetivo imediato. Por outro lado, a formação das elites políticas rio-grandenses coube a Faculdade Livre de Direito, fundada em 1900, e equiparada às escolas federais em 1903. Nesse sentido, a própria trajetória das gerações egressas da Faculdade de Direito, sugere profundamente que essa escola tenha, através da reprodução das teorias vigentes, legitimado e dado prosseguimento a ditadura castilhistas, além, é claro, do seu papel formador dos quadros dirigentes (Grijo, 2005).

Foi anexa à Faculdade de Direito a Escola de Comércio¹³, criada em 1909, embrião da Faculdade de Economia e Administração, que apenas surgiu em 1945. A Escola de Comércio foi idealizada e fundada por um grupo de professores da Escola de Direito, entre os quais desembargador Manuel André da Rocha. Nos primeiros tempos a Escola funcionou nos porões da Faculdade de Direito e oferecia o curso geral que habilitava para a profissão de guarda-livros, perito judicial, e após a conclusão deste curso os alunos ingressavam no curso superior, o qual formava profissionais com conhecimentos atuariais e contábeis para atuarem em empresas privadas e/ou públicas¹⁴.

É a partir desse panorama que se projetou à criação da Universidade do Rio Grande do Sul, em 1934, no entanto, ao juntar instituições com tradições distintas de ensino superior, com a finalidade de estruturar a universidade com todos os órgãos previstos em lei, como a Faculdade de Filosofia e a de Administração e Economia, sem ter sido um projeto universitário definido pelas elites gaúchas, a nova instituição demorou a funcionar, uma vez que o relacionamento com o governo do Estado foi conflituoso, como mostrou com detalhes o estudo de Diniz e Soares (1992). E deste modo, conseqüentemente houve disputa pelo controle do ensino superior.

É neste contexto que a chamada geração católica imprimirá seu projeto a nova faculdade de Filosofia. Desta forma, neste capítulo analisa-se como o grupo católico foi inserindo-se no controle do ensino superior e busca-se compreender qual foi seu projeto específico para a Faculdade de Filosofia e a sua relação com a institucionalização tardia de certas áreas de conhecimento científico, a exemplo das Ciências Sociais.

2.1. A “ geração católica” e as estratégias de conquista no espaço universitário

A relação entre o laicato católico e a Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi uma estratégia de conquista historicamente construída, que começou com a formação intelectual das gerações católicas. Nesse sentido, Fernando Trindade (1982) situou essa relação cronologicamente. Conforme o autor citado a ascensão ideológica da geração católica no Rio Grande do Sul começou quando Dom João Becker assumiu a Arquidiocese de Porto Alegre, em 1912, e declinou quando Armando Câmara renunciou ao Senado na década de 1950. Como a influência “positivista” na sociedade política rio-grandense perdurou do fim do século XIX até meados da década de 1940¹⁵, poder-se-ia inferir que a ascensão do grupo católico fez parte da reação mais ampla posterior a separação da Igreja e do Estado, rompendo com o regime de Padroado do Império e sob a pressão ideológica dos positivistas após a Constituição de 1891. De fato, a Igreja nacionalmente passava por uma situação de marginalização e buscava organizar o seu laicato através da Ação Católica para agir como um grupo de pressão junto ao Estado (Villaça, 1977; Salem, 1982) No entanto, a relação da

arquidiocese de Porto Alegre, liderada por D. João Becker, e do catolicismo com a política republicana rio-grandense, e depois com Getúlio Vargas no plano nacional, não foi conflituosa, ao contrário, a Igreja foi beneficiada pela Constituição rio-grandense na qual o Estado ausentou-se do controle ideológico do ensino secundário, o que possibilitou a ampliação da rede de escolas católicas e a formação do novo laicato (Isaia, 1998).

Dessa forma, a expansão do ensino católico favoreceu o surgimento de um grupo coeso intelectualmente, que pode ser considerado produto de uma escola de pensamento e de formação dos corpos, no sentido atribuído por Pierre Bourdieu (1989), empreendida pelos jesuítas, principalmente através do Ginásio Anchieta e do papel formador do jesuíta Padre Werner von und zur Mühlen. Portanto, a particularidade da “geração católica” dos anos 1920 à 1960 que vai conquistar as cátedras da Faculdade de Filosofia foi o investimento educacional de uma ordem específica da Igreja, os Jesuítas¹⁶. Porém, as estratégias educacionais da igreja no Rio Grande do Sul, especialmente nas colônias, datam do início da imigração. A distinção do empreendimento dos jesuítas foi à incorporação da capital do estado nesse investimento educacional, e assim, “a principal novidade, além dos deslocamentos geográficos, está no público visado, que não se restringe mais aos seminários ou à educação formal no âmbito das colônias, mas volta-se especificamente para as elites estaduais concentradas na capital”, o que tem como consequência que a “geração católica” é “social e etnicamente heterogênea” em relação às outras gerações originárias da colônia¹⁷ (Coradini, 2003: 138).

Por outro lado, se o castilhismo não teve confronto com a Igreja, até mesmo convergiram no ideal de regenerar a sociedade porque as “gerações católicas” que conquistaram os espaços na esfera universitária reagiram contra o positivismo no espaço cultural rio grandense?

“Se a experiência castilhista de governo, apesar de embasada filosoficamente no comtismo, coexistia amigavelmente com a Igreja, a ambientação cultural, longe estava de manifestar a primazia da Igreja. Entre a intelectualidade, ao lado do positivismo comtista predominante, divulgavam-se idéias embasadas pelo materialista e pelo evolucionismo” (ISAIA, 1998: 116).

Desta maneira, os referenciais de luta do grupo católicos no espaço universitário rio-grandense foram os diversos científicismos difundidos nas Faculdades existentes. Isso não

significa que foi uma ação isolada, relacionada apenas à esfera universitária, pelo contrário, a geração católica atuou em vários espaços sociais, por um lado, seguindo a orientação dos católicos organizados na capital federal, e por outro se defrontando em sua missão de recristianização da sociedade com as próprias especificidades regionais. Embora não seja o objetivo da pesquisa reconstruir todas as esferas de atuação da geração católica, centra-se a análise no grupo que dominará a Faculdade de Filosofia e busca-se apreender qual foi o projeto subjacente dessa elite em relação à Universidade do Rio Grande do Sul, e que conseqüência isso teve no desenvolvimento das Ciências Sociais na Universidade.

2.2. Os jesuítas e a estratégia de conquista: o papel da Congregação Mariana e da Ação Católica

O Colégio Anchieta¹⁸ foi criado, em 1901, como desdobramento do famoso Colégio dos Padres, de 1890, criado pelo padre jesuíta Alemão Pe. Trappe. Quando o Colégio Anchieta chegou à matrícula de 418 alunos foi equiparado, pelo governo federal, a excelência acadêmica do Ginásio Nacional Pedro II. Esse contexto é bem descrito por um ex-aluno do Anchieta e pesquisador dos primórdios da Filosofia no Rio Grande do Sul, Luiz Oswaldo Leite (2004: 571):

“A excelência acadêmica deitara raízes profundas no Rio Grande do Sul. E o Anchieta tornara-se herdeiro deste patrimônio. As famílias social e economicamente destacadas queriam ver seus filhos estudando com os filhos de Inácio. As famílias de classe média, desejosas da ascensão social de seus filhos, aspiravam pela mesma educação”.

O papel do Colégio Anchieta e dos outros colégios da rede católica de ensino secundário foi à formação de uma geração de leigos intelectualmente capazes de se opor as correntes laicizantes da sociedade rio-grandense. Nesse sentido, a peculiaridade dos investimentos do colégio Anchieta em relação aos outros colégios católicos, foi à escolha de prover uma formação intelectual continuada, que foi além dos muros do Ginásio e da própria formação dos ginásianos. Trata-se dos cursos livres de atualização cultural aberto à sociedade porto alegre, das Congregações Marianas, como a *Mater Salvatoris* que agregou os universitários e formados da época, e das repúblicas católicas organizadas pelos padres Jesuítas. Dentre estas estratégias a Congregação Mariana “*Mater Salvatoris*”, orientada pelo Jesuíta Alemão, de origem nobre, Pe. Werner von und zur Mühlen durante a década de 1920 a

1930, foi à instituição mais importante na conversão de jovens leigos e na orientação da juventude universitária para a ação política.

A gênese da Congregação Mater Salvatoris foi a Congregação Nossa Senhora da Glória destinada aos acadêmicos, criada em 1911, por Adroaldo Mesquita da Costa e dirigida por Padre Estevão Muser. Posteriormente essa congregação tornou-se conhecida como a “Mater Salvatoris”, tendo congregado uma primeira geração de católicos que sob a orientação de Pe. Muser foram os primeiros que levaram o catolicismo para a vida pública porto alegre. Entre os membros dessa primeira geração destacamos: Armando Câmara, Adroaldo Mesquita da Costa, Armando Dias de Azevedo, Ary de Abreu Lima, Mansueto Bernardi, Heitor Annes Dias.

Essa geração, na década de 1920, vai manifestar publicamente sua fé nas comemorações do sétimo centenário de morte de São Francisco de Assis, que ocorreram em 1926, no Teatro São Pedro. Nesse momento, destaca-se a atuação do francês Frei Pacífico de Bellevaux¹⁹, que reunia a nova inteligência católica na residência dos capuchinhos no bairro Partenon. Essas manifestações podem ser consideradas pioneiras na cristianização cultural do Estado, porque a prática pública religiosa masculina não era bem vista pela sociedade militarizada e caudilhista rio-grandense²⁰. No final desse mesmo ano o grupo em torno do Frei Pacífico fundou um Instituto Católico de Ciências e Letras, que teve como presidente de honra Dom João Becker, e foi dirigido por Heitor Annes Dias. Nesse instituto Frei Pacífico dava aulas de Filosofia, no entanto, na falta de evidência empírica do desenvolvimento do Instituto, como, a partir de 1928, Frei Pacífico afastou-se de Porto Alegre dedicando-se a Congregação Nossa Senhora Aparecida de Caxias do Sul e na construção de seu seminário, essa geração juntou-se ao grupo do Padre Werner.

Ainda que esses investimentos tenham sido importantes, os anos 1920 consistiram na organização e formação do laicato e os anos 1930 na atuação pública, especialmente da geração do Padre Werner²¹. Este veio para o Brasil quando foram proibidas as atividades das Congregações Católicas, em Portugal, país em que atuava. Entre 1923 a 1939, foi professor do Colégio Anchieta além de orientador espiritual da Congregação Mariana “Mater Salvatoris”, onde deu conferências e cursos livres sobre Psicologia e Filosofia, a exemplo do

seu estudo sobre “O livre-arbítrio”, publicado em 1919, o qual teve grande repercussão. É dentro desse universo da Filosofia e da Psicologia do Padre Werner, que muitos congregados vão se inserir na docência, como Armando Câmara, Victor de Brito Velho, Ernani Maria Fiori e Álvaro Magalhães. A maioria dos congregados formados por Padre Werner, no decorrer de suas vidas, escreveram sobre ele²², o que revela a importância que ele teve na formação integral dessas gerações. A homenagem prestada pelo professor de Botânica do Colégio Anchieta e catedrático de Antropologia da Faculdade de Filosofia da UFRGS, Balduino Rambo (1940: 15) reproduzida no primeiro volume da Revista Estudos da Associação de Professores Católicos, demonstra como Padre Werner era visto pelos seus discípulos:

“Dono da ciência profana e sagrada de dois milênios de estudos eclesiásticos, portador de uma dignidade essencialmente superior às forças da natureza humana, depositário da confiança de três gerações de acadêmicos, guarda do segredo profissional de milhares de consultas espirituais e do sigilo sacramental de milhares de confissões, o vulto do sacerdote Werner Von Und Mühlen se levanta aos nossos olhos na penumbra dos arcanos da mediação entre Deus e os homens, mediação misteriosa, que constitui o sacerdócio católico.”

Entre tantas vocações de Padre Werner, Rambo (1940: 15) assinala como a mais importante à cristianização da nova juventude acadêmica de Porto Alegre. Nesse sentido, escreve:

“Neta duma era de positivismo filosófico, a juventude estudiosa clamava, por alguém que lhe saciasse a fome inata do espírito humano pela metafísica: foi o Padre Werner que lhe abriu os tesouros imortais da filosofia perene. Filha de uma era eivada de materialismo, a juventude necessitava de um guia, que lhe ajudasse a reivindicar os direitos inalienáveis das verdades transcendentais da espiritualidade: foi o Padre Werner que a conduziu a fonte inextinguível da filosofia espiritualista e sã. Rodeado pelos castelos de ar e os escombros caóticos do anarquismo da nossa era, a juventude precisava de um arrimo, de uma autoridade, de um fundamento capaz de sustentar o edifício espiritual da vida sincera, séria e verdadeiramente humana: foi Padre Werner que lhe descobriu o subsolo granítico dos princípios eternos de toda ciência, de toda a cultura, de toda atitude humanamente sólida e imperecedora.- A vocação especial do Padre Werner foi de servir como núcleo de cristalização para as aspirações de uma filosofia da juventude acadêmica nova de Porto Alegre”.

Mesmo que Padre Werner não tenha publicado livros, sumas para a juventude, sua ação concentrou-se na formação intelectual e espiritual dos jovens nos seminários livres da congregação e nas orientações individuais dos congregados²³. Como Werner não foi um grande orador “fez com que seu zelo, suas idéias, seus ideais se divulgassem pela boca de

seus congregados, mais moços, mais ardentes, mais inteirados da realidade da vida no grande público” (Rambo, 1940: 16).

De fato, Werner formou “um exército católico de combate” especialmente pela atuação dos mais jovens na Universidade, como Francisco Machado Carrion, Victor de Britto Velho, Carlos de Britto Velho e Ernani Maria Fiori. Através de Werner que esses jovens aprenderam “a polemica de ser adepto à Maritain e ser anti-Maritain”²⁴, leram e conheceram Alceu Amoroso Lima, e lutaram para conquistar as faculdades existentes para a doutrina católica do humanismo integral, muitas vezes utilizando-se de violência à revelia do próprio padre²⁵. Essa juventude católica de vanguarda que entrou na década de 1930 nas Faculdades de Direito e Medicina, no contexto da revolução de 1930, queriam conquistar o mundo, no início contra a penetração americana, mas definiram-se pela conquista da Universidade, “das cátedras do futuro” para “transformar a faculdade agnóstica e positivista em faculdade católica”²⁶.

Com esse objetivo criaram o Centro Católico de Acadêmicos (CCA), assim que entraram na Universidade, em 1931. Esse centro foi autônomo a Ação católica, e à arquidiocese de Porto Alegre de D. Becker, mas contou com Padre Werner como assistente eclesiástico. Embora Carrion, afirmasse que o pequeno grupo dos católicos dominasse as faculdades existentes, em 1933 o Centro tinha cinquenta membros efetivos, e destes membros dez eram acadêmicos da engenharia, vinte e um do Direito, dezessete da Medicina, um da Agronomia e um das Ciências econômicas²⁷. Provavelmente no Direito o movimento tenha sido mais forte, mas na Medicina que entravam pouco mais de vinte alunos por ano não se confirma²⁸. Por outro lado, é com seus membros honorários, da primeira geração católica, que o projeto começou a concretizar-se com o papel que desempenhavam como docentes, a exemplo de Armando Câmara, Eloy José da Rocha, Ruy Cirne Lima, Armando Dias de Azevedo na Faculdade de Direito, Mário Bernd na Faculdade de Medicina e Ary de Abreu Lima na Escola de Engenharia.

Em 1933, o CCA realizou 1º Congresso Universitário rio-grandense e criou a revista *Idade Nova*, em 1934. Esse congresso definiu a ação para a esfera política, principalmente em relação à Constituinte de 1934. As teses apresentadas foram: a “Família Cristã” do Prof. Mário Bernd, o “Sindicato Cristão” do acadêmico Ernani Maria Fiori, o “Estado Cristão” do

Acadêmico Luiz Abis da Cruz. Essas teses referem-se diretamente as diretrizes que os católicos queriam ver incorporadas na próxima Carta Constitucional, como a proibição do divórcio, o ensino facultativo religioso nas escolas públicas e os sindicatos livres de orientação católica. Nesse sentido, na defesa dessas teses a juventude católica elaborou o programa da Liga eleitoral católica no Rio Grande sul, nas palavras de Carrion²⁹:

“Com 18 membros apenas, fizemos o 1º Congresso de caráter nacional das ações católicas para definir uma mensagem que mandamos para a Constituinte. Praticamente, o Adroaldo Mesquita da Costa leu-a no discurso dele, constou dos anais e foi aceita pela Constituinte de 1934. Lançamos um manifesto que foi incorporado aos partidos, para terem liberdade de ação”.

No entanto, a mudança do contexto político-partidário do Rio-Grande do Sul após a Revolução Constitucionalista em 1932, acabou tencionando as relações entre a Arquidiocese e a ação católica leiga no decurso da atuação da LEC, ultrapassando seu caráter apartidário. A conjuntura do pós 1930 definiu um novo panorama político com o processo de centralização política implantado por Vargas que desarticulou as oligarquias estaduais. As elites políticas do Rio Grande do Sul dividiram-se quando o interventor federal no Estado Flores da Cunha apoiou Vargas na Revolução Constituinte, e assim, por um lado ficou o grupo que apoiou o governo provisório na revolução de 1932 rearticulando-se em um uma nova agremiação partidária, e por outro lado o grupo que não se sujeitava ao poder Central, membros do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) e do Partido Liberal (PL) que compunham a Frente Única Gaúcha, chamados de regionalistas (Pesavento, 1980).

A solução desse impasse no Rio Grande do Sul foi à convocação de um tribunal de honra presidido por Dom. João Becker e composto por Manuel André da Rocha, José de Almeida Martins Costa Jr e Heitor Annes Dias, os quais inocentaram Flores da Cunha da acusação de traição e decidiram pela realização da Constituinte. Frente a esses fatos o Arcebispo Dom João Becker apoiou o novo partido de Flores da Cunha, o Partido Republicano Liberal (PRL), e a juventude católica militou em prol da Frente Única, de Adroaldo Mesquita da Costa. A opção de D. Becker, apesar de delineada anteriormente à Revolução de 1932, ocorreu porque o Partido Republicano Liberal foi o primeiro a incorporar publicamente as reivindicações católicas, mas, no entanto, apresentou elementos mais abrangentes às emendas católicas nas palavras de Isaia (1998: 102):

“O PRL prescindia do positivismo, que servia de fonte inspiradora para o castilhismo, abrindo-se não apenas a antigos próceres do PL, como cortejando a Igreja. Se bem que a orientação comtista não tenha impedido as boas relações entre os governos castilhistas e a arquidiocese de Porto Alegre, a refutação do positivismo favor de uma explícita valorização da religião revelada, pelo PRL, evidenciava, inequivocamente, uma situação nova. Se em relação aos governos do PRR a prática política de coexistência e apoio à Igreja não tinha embasamento em um substrato doutrinário que referendasse os princípios católicos, o novo partido mostrava-se plenamente identificado com os interesses do catolicismo, habilitando-se ao consórcio da arquidiocese de Porto Alegre”.

Essa ligação do Governo provisório com a Arquidiocese através do PRL não agradou o grupo do CCA que acusaram Dom João Becker de ter se vendido a Flores da Cunha, inclusive promoveram um desagravo público a ambos³⁰. Deste modo, a LEC sugeriu aos eleitores católicos que votassem na maioria dos candidatos do PRL num primeiro momento, e posteriormente nos candidatos do PRR, quando este incluiu a emenda católica da proibição do divórcio. O PL não incluiu todas as emendas, e assim seus candidatos não foram recomendados. De fato, a relação da Arquidiocese com o PRL criou desconfianças no próprio eleitorado católico, confundindo-o sobre o caráter a-partidário do movimento levando o candidato católico Adroaldo Mesquita da Costa da Frente Única a explicar o funcionamento da LEC publicamente em carta aberta no Jornal Correio do Povo em 1932³¹:

“Ela não é um partido político, mas apenas um eleitorado de católicos. Paira fora e acima dos partidos. Verificado que estes nada propugnam contra o qual o partido for omissor, a respeito daqueles postulados já referidos, cabe a liga interpelar, oficialmente, os candidatos oficiais desse partido, de que votarão, só eleitos quanto aqueles postulados. Se a resposta for favorável nada mais tem a liga a fazer, senão dizer aos católicos pertencentes àquele partido que podem votar. Se o contrário suceder, porém então a liga, para que os católicos então pertencentes àquele partido não fiquem, praticamente privados de votar, já que em consciência não poderão votar nos candidatos que se declararem infensos àqueles postulados, apresentará ela candidatos próprios que se comprometam a defender, uma vez eleitos, os postulados da Igreja .”

Além dos candidatos do PRL e do PRR, a arena eleitoral contava ainda com os candidatos apoiados pela Liga Pró Estado Leigo³². Essa Liga representou o contraponto às emendas da LEC³³, agregando, na luta pela liberdade de credo, positivistas, maçons, metodistas, espíritas, protestantes³⁴, etc. A liga foi presidida pelo grão-mestre da maçonaria, o marechal reformado Carlos F. de Mesquita e teve atuação em várias cidades do Rio Grande do Sul. Os membros da liga temiam que as emendas católicas representassem instrumentos de afirmação de uma nova união entre a Igreja e o Estado (Isaia, 1998).

De qualquer modo, a eleição constituinte configurou-se com os candidatos indicados pela Liga Pró-Estado Leigo os quais lutavam por uma Constituição que honrasse “as tradições do seu vero liberalismo, contrário às pretensões do clero romano e a qualquer tentativa reacionária que procure diminuir as amplas prerrogativas outorgadas aos brasileiros pelo artigo 72º da constituição de 1891”³⁵, e com os candidatos apoiados pelos católicos divididos nas listas do PRL, do PRR, os quais viam o processo constituinte como um meio de aprovar suas emendas. O PRL saiu vitorioso, elegendo treze deputados e a Frente Única apenas três, entre os quais o católico Adroaldo Mesquita da Costa, conforme quadro abaixo:

Nome	Partido	Apoiado pela LEC	Apoiado pela Liga Pró-Estado Leigo
1. Adroaldo Mesquita da Costa	PRR/FUG	SIM	
2. Augusto Simões Lopes	PRL	SIM	
3. Carlos Maximiliano Pereira dos Santos	PRR		
4. Demétrio Múrcio Xavier	PRL	SIM	
5. Euclides Minuano de Moura	PL/FUG		SIM
6. Frederico João Wolfenbüttell	PRL	SIM	
7. Gaspar Saldanha	PRL		
8. Heitor Annes Dias	PRL	SIM	
9. João Ascanio de Moura Tubino	PRL	SIM	
10. João Fanfas Ribas	PRL	SIM	
11. João Simplício Alves de Carvalho	PRR e PRL	SIM	SIM
12. Joaquim Maurício Cardoso	PRR/FUG	SIM	
13. Pedro Vergara	PRL	SIM	
14. Raul Jobim de Bittencourt	PRL		
15. Renato Barbosa	PRL	SIM	
16. Victor de Russomano	PRL	SIM	

Quadro 1 - Relação dos Constituintes Eleitos em 1934 com a LEC ou/e com a Liga Pró- Estado Leigo
 Fonte: Trindade (1980), Correio do povo 02/05/1933, Correio do Povo 26/04/1933.

Independentemente da posição dos jovens do CCA, a opção tomada pela Arquidiocese de Porto Alegre pelo PRL fortaleceu a relação da Igreja no Rio Grande do Sul com o governo de Getúlio Vargas, ao priorizar o apoio ao partido do governo central. Como também o resultado da LEC demonstrou quanto o movimento católico estava presente na sociedade rio-grandense. Por outro lado, a influência da liga Pró-Estado Leigo no eleitorado não teve representação nenhuma, visto que apenas dois candidatos³⁶ apoiados pela Liga foram eleitos. Portanto, ainda que a literatura sobre a criação da Universidade do Rio Grande do Sul oponha os católicos da LEC com os liberais da Liga, a exemplo do papel de Waldemar Ripoll (Soares & Diniz, 1992; Regner, 1993), na esfera política essa oposição não foi representativa.

O relacionamento da Arquidiocese e da Ação Católica (AC) com a geração do CCA mudou radicalmente após a LEC de 1934. De fato, a juventude católica não se submetia ao controle da Arquidiocese e de qualquer hierarquia, somente seguiram a Arquidiocese quando Padre Werner intervinha a favor de D. João Becker³⁷. Além que suas posições especialmente em relação às questões sociais não agradavam a Arquidiocese. Um exemplo foram suas posições em relação à classe trabalhadora, porque ao mesmo tempo em que reivindicavam a volta das corporações de ofício da idade média atuando junto com os sindicatos controlados pelo governo, para a edificação de uma ordem cristã conforme a *Rerum Novarum* de Leão XIII, lutavam pela adoção de uma legislação trabalhista e instituições de proteção social aos operários. Esses ideais não foram bem absorvidos pela sociedade Porto Alegrense e pela arquidiocese. Essa luta pela cristianização do capitalismo³⁸ presentes nas suas teses, a exemplo do trabalho apresentado, no congresso anteriormente citado, por Ernani Maria Fiori, geraram desconfianças de suas posições ideológicas, sendo muitas vezes taxados de comunistas e esquerdistas (Isaia, 1998).

Embora, o grupo do CCA tenha tido uma atuação expressiva na ampliação do movimento católico de juventude no Estado com a criação de centros similares em várias cidades do Rio Grande do Sul e com a instituição do 1º conselho diretivo da juventude católica em 1935³⁹, em 1936 quando os Centros Católicos de Juventude vincularam-se à Ação Católica e à Arquidiocese, o grupo do CCA dirigiu-se as iniciativas lideradas por Armando Câmara como a Associação dos Professores Católicos (APC) e o movimento de Renovação Social. Cabe lembrar que a partir de 1934 esta geração está saindo da Universidade⁴⁰, muitos deles começando a carreira docente no colégio universitário, nos cursos pré-jurídico, pré-médico, ou nas suas carreiras liberais.

A Associação dos Professores Católicos, criada, em 1934, por Armando Câmara, foi sugerida por Everardo Backhauser, quando visitou Porto Alegre, após ter idealizado e objetivado a do Rio de Janeiro anos antes⁴¹. Mesmo que Trindade (1982) considere essa associação uma pré-faculdade de Filosofia, porque a maioria de seus membros futuramente constituiu o corpo docente da Faculdade, ela dirigiu-se para a formação de um núcleo de professores das escolas públicas e privadas capazes de reproduzir seu projeto de recristianização social. Num Estado com tradição do ensino religioso nas escolas privadas e

oficiais e possuindo a terceira rede escolar do país era de se esperar que o grupo católico se orientasse para esse público. Tendo como assistente eclesiástico Luiz Gonzaga Jaeger SJ, a APC manteve boas relações com a Arquidiocese principalmente ao promoverem eventos culturais, como a semana de cultura que ocorreu no ano de 1935. Contudo, através da revista Estudos, editada a partir de 1940, que a ligação com o grupo católico do Rio de Janeiro, e com a Ação católica de uma forma geral, se fortalece através dos artigos escritos pelos associados da APC e por aqueles escritos pelo grupo em torno do Centro Dom Vital.

Outro empreendimento que congregou os católicos gaúchos sob a liderança de Armando Câmara foi a Ação Brasileira de Renovação Social (ABRS). Criada em 1935 como uma organização direcionada para conter o avanço comunista no Estado no mesmo período que foi aprovado os Estatutos da Ação Católica Brasileira pela Santa Fé. No entanto, a ABRS não se vinculou à Ação Católica porque a finalidade da mesma:

“Não era particular, mas voltado para o vastíssimo campo da formação de consciências. Desta forma não deveria ser confundida com nenhuma associação de finalidade específica. Seria impossível envolver a AC na vanguarda direta da luta política e do relacionamento frontal com o poder constituído, sem comprometer a hierarquia que coordenava a atuação dos leigos. Desta maneira, o surgimento de um grupo de pressão direcionadamente voltado para a luta anticomunista teria que ser obra distinta da AC.” (ISAIA, 1998: 134).

Por outro lado, a ABRS surgiu no mesmo ano do manifesto Anti-Fascista cunhado pelo escritor Érico Veríssimo. O contexto histórico do surgimento do movimento ARBR é importante, uma vez que a ação foi organizada frente à Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul, não frente à Intentona Comunista, que foi posterior. Na esfera internacional foi à invasão da Etiópia pelos Italianos que dividiu a intelectualidade riograndense. Do lado dos católicos, apesar da lenta reação, o Papa Pio XI aprovou a ação italiana como também o Arcebispo de Porto Alegre Dom João Becker, e deste modo às posições oscilaram entre a simpatia pelo fascismo⁴² e a ação anticomunista.

A ligação com o fascismo não fez parte dos preceitos da juventude católica urbana, a não ser a relação que tiveram com o movimento integralista. Os católicos, especialmente do grupo do CCA, foram incentivados por Alceu Amoroso Lima a ingressar na esfera política através da AIB, como foi o caso de Ernani Maria Fiori, mas posteriormente afastou-se dessa

orientação⁴³. Apesar dessa breve ligação de alguns membros do CCA com o integralismo, de um lado pela influência de Alceu Amoroso Lima, e por outro pelo esforço de cooptação empreendido por Miguel Reale da AIB, os católicos na sua maioria não ingressaram porque viam a doutrina dos camisas verdes como próxima ao materialismo histórico, no seu sentido político, e eles repudiavam todas doutrinas materialistas e naturalistas, assim como aquelas que sustentavam o capitalismo e o comunismo⁴⁴.

De todo modo, é com esse espírito que tentarão converter, através da ABRS, o operariado, mais propício a aderir às idéias marxistas pela situação de vulnerabilidade que se encontravam no contexto da retração econômica do Estado, com crise da pecuária refletida nas indústrias urbanas nos anos 1930. Desta maneira, buscaram resolver o aprofundamento da questão social urbana pressionando para que as prerrogativas sociais da Constituição de 1934 e da Legislação trabalhista de Vargas se concretizassem. Nesse sentido:

“O manifesto da ABRS não via nenhum outro instrumento hábil de diagnóstico e profilaxia da sociedade fora da doutrina social da Igreja. O liberalismo como índice de paganismo, ampliava a exploração do trabalhador, enquanto o comunismo, igualmente derivado do abandono dos princípios éticos, tentando instaurar a igualdade econômica, pregava a subversão ao direito natural. O fim da cristandade medieval, rompendo com uma ordenação social onde os princípios religiosos eram ao mesmo tempo normas sociais, deixou o trabalhador desprotegido ante a cobiça de uma burguesia alheia a qualquer preocupação ética. Dessa realidade resultava a necessidade de dotar a vida social e suas instituições de princípios éticos, baseados nos ensinamentos da Igreja. Em uma palavra, o movimento pregava a recristianização como condição básica de enfrentamento dos problemas sociais. (ISAIA, 1998: 138).

Portanto, a proposta da Ação de Renovação Social foi a criação de uma “frente única” anticomunista⁴⁵. Contudo, o objetivo real da ação era muito além do combate aos comunistas, porque se tratava de “restaurar a ordem moral” e a “recristianização dos costumes”, ou seja, impor a moral católica a toda sociedade brasileira (Trindade, F, 1984: 82). Com esse objetivo, após o fim do ABRS, que durou apenas seis meses, os católicos orientam-se por duas vias, não excludentes e simultâneas. A primeira foi o ingresso na esfera eleitoral-partidária anteriormente à LEC de 1945, e a segunda foi à conquista da nova Universidade.

A primeira orientação teve sua gênese no desejo da criação de um Partido Católico, por Armando Câmara e Francisco Machado Carrion, mas o projeto não se concretizou por decisão política do próprio grupo em reunião com Ruy Cirne Lima⁴⁶. Inclusive Carrion e Eloy José da

Rocha foram convidados para organizar e liderarem o Partido Democrático Cristão (PDC) no Rio Grande do Sul, e ambos não aceitaram o convite de Cesarino Júnior. Assim o desenvolvimento político do PDC no sul foi consequência da ação de uma geração católica posterior, a exemplo do papel que Leônidas Xausa⁴⁷ teve na política rio grandense. Deste modo, o grupo católico estrategicamente optou por dividirem-se pelos Partidos disseminando na arena política os ideais católicos, segundo Carrion⁴⁸:

“Firmamos entre nós, um pacto de honra que, fosse qual fosse o Partido, em que cada um de nós viesse a se filiar, estaríamos sempre juntos e solidários na defesa daqueles princípios objeto de nosso manifesto. Com esta posição, tínhamos como grande objetivo renovar a cultura riograndense profundamente impregnada pelo positivismo.”

A maioria ligou-se ao Partido-Libertador como Ernani Fiori e Vitor de Brito Velho, e outros foram para o Partido Social Democrático (PSD), como Francisco Carrion e Aires da Cruz, e ainda houve quem se dirigiu à União Democrática Nacional (UDN), ambos partidos liberais conservadores⁴⁹. Nesse momento, com a queda de Getúlio Vargas do poder Nacional, organizou-se novamente um novo processo constituinte, e a ação católica mais uma vez convoca seus leigos a votarem nos candidatos da Liga Eleitoral Católica. Contudo, na LEC de 1945, embora apartidária, decepcionados com a falta de neutralidade do movimento católico na constituinte anterior, e com um novo espectro político após o regime autoritário de Vargas, o grupo católico militou na LEC como organizadores, assim como candidatos dos partidos políticos existentes. Nesse momento D. Becker não tinha mais voz ativa, já estava doente, e desta forma os representantes eclesiásticos com atuação destacada foram: D. Luiz Vitor Sartori da cúria de Porto Alegre⁵⁰ e o Bispo de Pelotas D. Antônio Zaterá. O clima político da nova constituinte foi descrito por Eloy José da Rocha⁵¹:

“Tínhamos presentes a lembrança da Constituinte de 1934, quando muito dos deputados eleitos com os votos da LEC, falharam na hora da votação. No concernente ao ensino religioso, relação Estado/ Igreja, capelães, militares - podia haver concessões. A questão da indissolubilidade do casamento era ponto divisor maior. Éramos 303 constituintes. Só o PSD contava com 190 e podia com seus próprios votos aprovar a Constituição. Na votação da emenda do divórcio - rejeitada após apaixonados debates, apuraram-se mais de cinquenta votos a seu favor. Alguns deles haviam se comprometido com a LEC, inclusive constituintes rio-grandenses. Justificaram o voto, dizendo que votavam contra o princípio constitucional da indissolubilidade do casamento, por não o considerarem matéria constitucional.”

Do grupo católico Eloy José da Rocha, Adroaldo Mesquita da Costa e Vitor de Brito Velho, entre outros, assinaram a nova Constituição dos Estados Unidos do Brasil, em 1946. Essa carta Constitucional consagrou o início da abertura democrática e definiu as instituições políticas liberais do Brasil. Ainda que o grupo católico esperasse que se implantasse um regime político semi-parlamentarista⁵², os partidos majoritários, como a UDN e o PSD garantiram a vigência do presidencialismo, mas com sua ação limitada, pelo legislativo e pelo judiciário. O contexto histórico ditou essa abertura política, com a derrota dos regimes totalitários na Segunda Guerra mundial e a queda do Estado Novo.

Um dos meios de manter sua influência foi o domínio da Universidade pública, e o grupo católico nutria o desejo da criação de uma Faculdade de Filosofia desde a década de 1930 quando começaram a conquistar as cátedras das escolas existentes. Portanto, com a criação da Universidade do Rio Grande do Sul em 1934 pelo decreto estadual nº 5.758, estabelecida pela junção das faculdades e escolas existentes⁵³ o grupo católico através de seus representantes formados que já haviam conquistado algumas cátedras nas faculdades e/ou exerciam a docência no colégio universitário vão direcionar-se para a conquista e organização da futura Faculdade de Filosofia, que completou a organização Universitária.

Em 1934, representantes do grupo católico mandaram um memorial ao interventor Federal Flores da Cunha reivindicando que a nova instituição universitária, a Faculdade de Filosofia tivesse a orientação dos ginásios existentes, ou seja, espiritualista e cristã, conforme abaixo:

[...] a) Testemunhas da crise moral que empolga o mundo, originária de uma concepção naturalista e pagã da vida, e cômicos das responsabilidades que lhes cabem de reagir, no âmbito de suas influências, afim de revigorar nos espíritos os princípios de uma cultura espiritualista e cristã, cogitam, há quase um ano, organizar, de acordo com a lei do ensino superior, uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras; b) Devendo esta, segundo a lei, dar formação filosófica às novas gerações, afigurou-se-lhes como órgão adequado à realização de seus ideais de irradiação cultural, pois das doutrinas sobre os grandes problemas metafísicos, sempre dependeram a vida dos povos, o pensamento e a ação do homem; c) O trabalho de organização da Faculdade de Educação, Ciências e Letras estava quase ultimado, estando já elaborado os estatutos que a deviam reger, os programas de suas disciplinas, a seriação destas, o quadro de seu corpo docente, quando o Governo resolveu criar, na futura Universidade, um Faculdade de Educação; d) Devendo ser a população escolar da futura Faculdade constituída, na sua maioria, de ex-alunos dos Ginásios religiosos, onde dominam diretrizes ideológicas marcadamente espiritualista e cristãs, seria moralmente funesta a ruptura desta

orientação, por um ensino acadêmico que lhe fosse franca ou veladamente contrário; e) Além disso, competindo à citada Faculdade formar os futuros professores para os mesmos ginásios, é natural que ela dê aos seus estudos uma orientação que se concilie com a dos referidos Institutos de ensino secundário; f) Dadas as relações de Estado e a Igreja, estabelecidas em nova Carta Magna que se reconhece a necessidade do fator religioso na escola primária, secundária e normal, parece-lhes estar na lógica dos princípios políticos vigentes uma cooperação dos poderes espiritual e temporal na esfera da cultura superior, dada a incomparável transcendência desta, sob o ponto de vista da influência social que exerce; g) De outro lado, por motivos múltiplos, não seria conveniente a concorrência, nesta capital, de duas Faculdades com objetivo identífico; h) Pelos argumentos aduzidos, parece justo que o Estado aproveite a cooperação dos representantes da cultura católica na organização definitiva da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, de modo que fiquem resguardados, integralmente, os interesses morais a que fazem referência os itens ulteriores; i) Sobre o modo prático de realizar esta cooperação, V. Ex. poderia ouvir o ilustre Sr. Arcebispo D. João Becker. Nos termos expostos, os infra-escritos pedem ao esclarecido espírito de V. Ex., as medidas que venham consagrar os anseios da Cultura católica do Estado. (DINIZ, 1979: 12).

Assinaram o documento Raul Moreira, Frederico Dahne, Elyseu Paglioli, Ary de Abreu Lima, Normélia Rosa, Ruy Cirne Lima, Mário Bernd, Álvaro Magalhães, Adalberto Pereira da Câmara, Ivo Correia Meyer e Armando Câmara. Os católicos acreditavam que Flores da Cunha, seu aliado político na LEC de 1934, fosse aprovar as reivindicações católicas de controle do ensino do Rio Grande do Sul em todos os seus níveis, e por em prática a união da Igreja com o Estado.

Não foram apenas os católicos que tentaram aprovar projetos universitários no contexto da década de 1930, e do processo constituinte de 1934. Anteriormente, os estudantes, em torno da Federação Acadêmica, reivindicavam, através de um memorial dirigido ao governo estadual, à criação da Universidade do Rio Grande do Sul, com autonomia didática e administrativa, gratuita e reproduzindo os modernos métodos de ensino. Esses estudantes, liderados por Waldemar Ripoll, encaminharam esse memorial⁵⁴ para o governo, mas a Universidade tão desejada só viria a implantar-se em 1934, longe de ser a instituição que idealizaram:

“Viram-na criada pelo Governo quatro anos mais tarde, com autonomia didática e administrativa somente no papel, sem representação estudantil no Conselho direcional, conservando a vitaliciedade de Cátedra, que eles condenavam, sem ampliação e aperfeiçoamento do quadro docente que pregavam, sem equipamento para ensinar de acordo com as conquistas contemporâneas da Ciência e sem mudança nos métodos de ensino.” (SOARES & DINIZ, 1992: 35).

Para a defesa de seu projeto universitário, membros da Federação acadêmica, como os doutorandos Ripoll e Paulo Whestphalem e os professores Vieira Pires, Raymundo Vianna e Rodolfo Simch, criaram o Partido Universitário enquanto um grupo de pressão pela reforma do ensino superior no Rio Grande do Sul. No entanto, com o assassinato de Ripoll, esse movimento não teve continuidade. Inclusive na Liga Pró Estado Leigo, apesar de terem apresentados teses não apresentaram nenhum candidato na chapa. Não se pode esquecer que durante esse período, no pós 1930, o projeto católico na Universidade estava concretizando-se, com a conquista das cátedras das faculdades pelos membros da 1ª geração.

Os católicos reivindicando a Faculdade de Filosofia⁵⁵ também não obtiveram êxito, porque Flores da Cunha não respondeu ao memorial, e a comissão que estava organizando a Universidade, e a nova Faculdade, dificultou a entrada dos católicos, num primeiro momento, ao decretar que os cargos de docentes, vagos ou a vagar, e os títulos de livres docentes seriam obtidos por concurso de prova de títulos. Nesta comissão o único do grupo católico foi Ary de Abreu Lima. Quando este assumiu a Reitoria, após André da Rocha e Aurélio de Lima Py terem renunciado à esse cargo⁵⁶, em 1939, nada pode fazer, uma vez que as regras estabelecidas de contratação de professores estavam sendo cumpridas.

Com a morte de Abreu Lima assumiu Edgar Schneider, em 1942. Com Schneider, mesmo não sendo representante do grupo católico, o antigo regulamento é modificado pelo Conselho Universitário, pelo decreto nº 548 de 6 de junho de 1942, e assim, sendo possível à contratação de professores sem concurso. Deste modo, o reitor escolheu os novos professores em sua maioria do grupo católico, porém, introduziu uma nova linha ideológica: os metodistas. Nesse sentido, os metodistas podiam competir com os católicos porque muitos de seus representantes tinham formação intelectual nos Estados Unidos sendo importantes para a renovação pedagógica e filosófica da nova faculdade (Trindade, F, 1982). Portanto, com a provação de todos os cursos, em 1943, a instituição passou a denominar-se Faculdade de Filosofia, dirigida num primeiro momento pelo Conselho Universitário orientado pelo reitor Schneider.

Com a possibilidade de contratar professores das Faculdades existentes, no curso de Filosofia o grupo católico fora beneficiado, mas também os metodistas, como Oscar

Machado, o pastor Derly Chaves e José Gomes de Campos. As boas relações que o Reitor tinha na política podem ter facilitado à implantação da nova faculdade, mas nesse momento o Secretário de Educação era o Dr. Coelho de Souza, aliado de Armando Câmara e do grupo católico no movimento de Ação Brasileira de Renovação Social, de tal modo que a inclusão dos católicos na preferência do Reitor pode ter sido influenciada ou imposta pelo Secretário de Educação.

Contudo, a formação do quadro docente da Faculdade defrontou-se com legislação proibitiva das cumulações, a qual não permitia que funcionários públicos, como os professores da universidade, viessem a assumir cursos na nova Faculdade. A solução encontrada fora categorizar os professores indicados como comissionados, ou seja, remunerados por aula ministrada. Nesse contexto inicialmente no curso de Filosofia, sobre o qual existem os estudos de Fernando Trindade (1982) e Regner (1993), por ser mais fácil contratar os professores da Universidade, houve certa abertura ideológica, com a incorporação dos metodistas, conforme tabela abaixo:

Professor	Cadeira	Faculdade de origem/ Colégio/ Cargo público
Armando Câmara	História da Filosofia	Faculdade de Direito
Darcy Azambuja	Introdução à Filosofia e a Estética	Faculdade de Direito
Décio de Souza	Psicologia	Faculdade de Medicina
Álvaro Magalhães	Didática especial	Faculdade de Engenharia
Edgar Schneider	Sociologia	Faculdade de Direito
Oscar Machado	Filosofia Geral	Instituto Metodista

Quadro 2 - Configuração inicial do Curso de Filosofia

Fonte: Trindade (1982), Faculdade de Filosofia (1967), Faculdade de Filosofia (1943).

O grupo católico ficou com a metade das cadeiras da Faculdade, os metodistas como Oscar Machado juntamente com o Reitor Edgar Schneider, garantiram o equilíbrio na orientação do curso. Do grupo católico e do CCA constam os nomes do catedrático de psiquiatria da Faculdade de Medicina Décio de Souza, de Álvaro Magalhães, que viera da Faculdade de Engenharia e do Colégio Universitário aonde havia sido diretor. O colégio universitário só teve esse papel porque, ainda durante o governo de Flores da Cunha, Magalhães foi convidado, em 1935, para dirigir o colégio por Othelo Rosa, secretário de educação no período, e Darcy Azambuja, naquele momento, além de catedrático da Faculdade de Direito, era secretário de Estado. Embora, Othelo Rosa fosse positivista, inclusive tendo

participado da Liga Pró-Estado Leigo, convidou Álvaro Magalhães para organizar o colégio universitário com liberdade para compor o corpo docente. Conforme Rodrigues (2002), esse fato não é paradoxal, porque o Estado dependia dos católicos em relação aos assuntos educacionais. Além disso, o grupo católico possuía um canal de comunicação com o governo Flores da Cunha, através de Darcy Azambuja. Apesar de sua formação militar, Azambuja posicionou-se várias vezes à favor dos católicos, porque além de ter frequentado os cursos da Congregação “Mater Salvatoris”, compôs o corpo docente da Faculdade de Educação, Ciências e Letras da Faculdade Católica e publicou artigos na revista “Estudos” da APC.

Num primeiro momento, no quadro de vinte e nove indicações de docentes para os cursos da área de humanas, encontramos apenas 1/3 de nomes formados nas Congregações Marianas⁵⁷. Isso não quer dizer que a influência foi pequena, mas revela que a concentração foi em determinados cursos e tipos de conhecimentos (ver anexo). Os únicos do grupo que prestaram concurso para o provimento interno da Faculdade foram Francisco Machado Carrion e Lourenço Mário Prunes, e dos Metodistas foi o caso de José de Campos. Contudo, nessa lista inicial do quadro docente, de 1943, figuraram alguns nomes de pessoais com trajetória política e intelectual reconhecidos na sociedade rio-grandense que nem assumiram definitivamente as cátedras, como o historiador e ex – deputado constituinte Moisés Vellinho, o secretário de Educação José P. Coelho de Souza e o próprio reitor Edgar Schneider. O primeiro foi designado para a cátedra de literatura brasileira, não permanecendo mais de um semestre, sendo substituído por Guilhermino César em 1944. O segundo Coelho de Souza, que havia sido, antes de assumir a Secretaria da Educação, Deputado estadual entre 1935 à 1937, no final do primeiro semestre foi substituído por Álvaro de Magalhães na cátedra de História da Educação. E o Reitor, Edgar Schneider, que dispunha de alguma notoriedade política, foi substituído na cátedra de Sociologia por Laudelino Medeiros. Desta forma, esses nomes que figuraram no quadro de docentes e não assumiram efetivamente fizeram parte da estratégia de implantação da nova faculdade, uma vez que esses “intelectuais e políticos estariam conferindo seu prestígio à Universidade, facilitando os trâmites em torno de sua finalização” (Rodrigues, 2002: 115).

O curso de Geografia e História contou com o professor de Botânica do Colégio Anchieta Pe. Balduino Rambo para as cadeiras relacionadas à Antropologia e Etnografia, e os

jovens que lecionavam no pré-jurídico do Colégio Universitário e na Escola de Comércio, Francisco Machado Carrion e Laudelino Medeiros, ambos que posteriormente serão professores da Faculdade de Economia. No entanto, Medeiros não chegou a lecionar a cadeira de História do Brasil, desde o princípio ela foi ministrada por Dante de Laytano, e Francisco Machado Carrion ingressou no corpo docente em 1944, através de prova de títulos, substituindo Francisco Juruena. Conforme Mara Rodrigues (2002: 114), o nome de Juruena no corpo docente “pode também estar relacionada tanto ao seu prestígio nos institutos superiores administrados pelos Irmãos Maristas, quanto ao seu destaque na magistratura estadual.”

De todo modo, o curso de Geografia e História manteve certa heterogeneidade ideológica, porque ainda que tivesse no seu quadro docente pessoas de orientação católica, como Lourenço Mário Prunes, apesar de não praticante da religião, ou ex – congregados da “Mater Salvatoris”, como Dante de Laytano, do grupo católico aguerrido do CCA que assumiram em definitivo as cadeiras só consta o nome de Francisco Machado Carrion.

Nome	Cadeira	Faculdade de origem/ função pública
Ney Chrysostomo da Costa	Geografia Física	Faculdade de Ciências Políticas Econômicas (PUC)
Lourenço Mário Prunes Pe. Balduino Rambo	Geografia Humana Antropologia, Etnografia, Etnografia do Brasil	Desembargador Colégio Anchieta
1) Dante Laytano 2) Darcy Azambuja	História da Antiguidade e da Idade Média	1) Faculdade de Educação Ciências e Letras (PUC)/ Escritor 2) Faculdade de Direito/ Secretário de Estado
1)Francisco Juruena/ 2)Francisco Machado Carrion	História Moderna e Contemporânea	1)Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas (PUC) 2) Colégio Universitário
1)Laudelino Teixeira de Medeiros 2)Dante de Laytano	História do Brasil	1) Colégio Universitário 2) Faculdade de Educação Ciências e Letras (PUC)

Quadro 3 - Curso de Geografia e História (1943)
Fonte: Anuário 1943, Rodrigues (2002)

Porém, o curso de pedagogia constituiu seu quadro docente em sua maioria por representantes do grupo católico, e exceção de Edgar Schneider, Pery Pinto Diniz, Ernesto Pellanda e Carlos Schmitt. Isso pode ser explicado porque desde a APC os integrantes do grupo preparavam professores através de seus cursos culturais para a formação intelectual das futuras gerações, além que a “proximidade dos católicos à secretária da educação acabou fazendo prevalecer à ênfase na formação de professores” na nova faculdade (Rodrigues, 2002: 73).

Nome	Cadeira	Faculdade de Origem/ Colégio/ Cargo Público
Carlos de Carvalho Schmitt	Complementos de matemática	
1) Armando Câmara	História da Filosofia	Faculdade de Direito
2) Darcy Azambuja		
1) Edgar Luiz Schneider	1) Sociologia	1) Faculdade de Direito
2) Laudelino T. Medeiros	2) Fundamentos Sociológicos da Educação	2) Colégio Universitário/ Faculdade de Administração e Ciências Econômicas
Carlos de Brito Velho	Fundamentos biológicos da educação	Colégio Universitário
Décio de Souza	Psicologia educacional	Faculdade de Medicina
Ernesto Pellanda	Estatística educacional	Faculdade de Administração e Ciências Econômicas
1) José Coelho de Souza	História da educação e Filosofia da	1) Secretário da educação
2) Álvaro Magalhães	Educação	2) Faculdade de Engenharia/ Colégio Universitário
Pery Pinto Diniz	Administração escolar e Educação Comparada	Faculdade de Administração e Ciências Econômicas

Quadro 4 - Curso de Pedagogia

Fonte: Faculdade de Filosofia (1943), Faculdade de Filosofia (1968), Rodrigues (2002).

Desta forma, a formação do quadro docente, neste primeiro momento foi composta de três estratégias:

- 1) Certa abertura ideológica, incluindo em seu corpo docente católicos, metodistas e protestantes, a exemplo da designação da cátedra de Botânica para o professor Alemão Alarich Rudolf Schultz (Trindade, F, 1982);
- 2) Doação de prestígio de intelectuais e políticos necessários ao processo de implementação da Faculdade (Rodrigues, 2002);

- 3) Pelo aproveitamento dos professores das Faculdades existentes e do Colégio Universitário como comissionados (Diniz & Soares, 1992)

Portanto, os professores católicos foram designados para disciplinas da área de Ciências Humanas, como Filosofia, Psicologia, História, e Educação, conhecimentos que estavam de acordo com a formação humanística que tiveram. Na secção de ciências também estiveram presentes, a exemplo de Luiz Pilla, assim como no curso de letras com René Ledoux e Jorge Paleikat, porém não foram hegemônicos. No entanto, é no reitorado de Armando Câmara que a orientação ideológica e pedagógica da nova faculdade foi definida, com a hegemonia no quadro docente do grupo católico.

2.3. O Reitorado de Armando Câmara e a alocação das Cátedras da Faculdade de Filosofia em favor do grupo católico gaúcho

Armando Câmara foi indicado pelo Interventor Federal Samuel Figueiredo da Silva⁵⁸ à Reitoria da Universidade do Rio Grande do Sul em 1945, após a renúncia de Antônio Saint Pastous de Freitas. Quando assumiu teve dois problemas a enfrentar. O primeiro foi organizar a localização das unidades de ensino das novas faculdades, como a de Filosofia e a de Ciências Econômicas, e o segundo foi à composição da congregação da Faculdade de Filosofia. Por um bom tempo, até a década de 1950⁵⁹, os cursos da Faculdade de Filosofia funcionavam em quatro locais distintos: no Instituto de Educação, no Instituto de Física, no Instituto de Química, e no subsolo da Faculdade de Direito. A Faculdade de Ciências Econômicas e Administração teve sua origem na antiga Escola de Comércio anexa à Faculdade de Direito e foi criada e incorporada à Universidade do Rio Grande do Sul em 1942.

O novo reitor considerava a Universidade do Rio Grande do Sul no período uma “maloca universitária”, uma vez que não havia criado um espaço “psicológico-social” para a transmissão da cultura, e, deste modo, lutou pela construção da cidade universitária, começando com a criação do prédio da Reitoria, apenas concluído no reitorado de Elyseu Paglioli⁶⁰. Conforme a interpretação de Armando Câmara (1948: 88) da situação universitária:

“Nossas Universidades se constituíram pela reunião dessas escolas, sob o influxo de iniciativas políticas do Estado. Nelas existe um sistema, que um conglomerado cultural. Constituem, ainda, simples unidades administrativas. Nelas não se traduz a existência de um espírito universitário, que pressupõe convívio demorado, comunicação de idéias, de experiências, de pesquisas em torno de problemas comuns. Carecemos, lamentavelmente, de um espaço psicológico-social, indispensável à constituição de uma cultura integral. Para merecer o nome que traz, nossa universidade deverá constituí-lo. E ela poderá fazê-lo, precipuamente, organizando o convívio de seus mestres e de seus alunos, proporcionando-lhes, através das vivências tipicamente universitárias, a consciência do ideal comum”.

Para garantir que se formasse um espírito universitário conforme a concepção cristã de Universidade nomeou como diretores das novas instituições que completaram a estrutura universitária⁶¹ Álvaro Magalhães para a direção da Faculdade de Filosofia e Laudelino Medeiros para a direção da Faculdade de Ciências Econômicas, ambos do grupo católico. Em relação à Faculdade de Filosofia, conforme analisou Mara Rodrigues (2002: 79), embora Álvaro Magalhães não tenha medido esforços para desenvolver a faculdade, a estrutura administrativa na sua gestão não teve condições materiais de se burocratizar, inclusive não constituiu a congregação, assim como um Conselho Técnico Administrativo (CTA). Dessa forma, “as tratativas em torno dos destinos da Faculdade de Filosofia e seus cursos recém implantados, provavelmente ocorreram no nível de conversações, já que a estrutura estava precariamente complexificada” [...].

No entanto, o que favoreceu Armando Câmara para compor o quadro docente da Faculdade de Filosofia foi Eloy José da Rocha ter assumido a Secretaria da Educação no governo de Walter Jobim, em 1947. Desta maneira, a partir do decreto estadual nº 1500 de 1947 foi estabelecido a organização geral da Faculdade de Filosofia com 45 cátedras distribuídas pelos onze cursos em funcionamento, prevendo a contratação de professores assistentes, adjuntos e colaboradores em caráter extranumerários. Assim, além de aproveitar os catedráticos das outras unidades universitárias como comissionários, foi possível incorporar docentes como professores assistentes, e nesta situação favorável o Reitor preencheu as cátedras vagas com pessoas que tivessem a sua orientação doutrinária. Nesse sentido, o quadro docente do curso de Filosofia, que antes tivera certa abertura ideológica, tornou-se um ensino quase confessional (Trindade, F, 1982). Conforme abaixo:

Professores	Cadeiras
Pe. Urbano Thiesen	História da Filosofia
Maria Pereira	Estética
Ernani Maria Fiori	Introdução à Filosofia e Filosofia Geral
Hugo Di Primio Paz	Lógica e Ética
Victor de Britto Velho	Psicologia
Laudelino Teixeira de Medeiros	Sociologia

Quadro 5 - Curso de Filosofia no Reitorado de Armando Câmara (1945-1949)

Fonte: Trindade (1982)

Pe. Urbano Thiesen lecionava no colégio Anchieta e foi convidado por Armando Câmara para ser seu assistente na cadeira de História da Filosofia. Hugo Di Primio Paz foi convidado pelo Reitor, como Ernani Maria Fiori que nessa época já era professor da Faculdade Católica desde 1941 a convite de Eloy José da Rocha, como também já lecionava História da Filosofia, desde 1937 no pré-jurídico do Colégio Universitário. A professora Maria Pereira foi convidada por Ernani Fiori para lecionar Estética. Portanto, a cátedra de Filosofia foi composta por indicações de Armando Câmara e Ernani Maria Fiori⁶².

O curso de Didática começou a funcionar em 1945, quando os alunos dos cursos implantados em 1943 obtiveram o bacharelado, estando aptos para ingressarem na licenciatura através do curso de didática de duração de um ano. O curso de Pedagogia modificou-se na gestão de Álvaro Magalhães. Ele trouxe do Instituto de educação Graciema Pacheco para lecionar didática, ainda que ela lecionasse Psicologia e fosse formada no curso de Filosofia. No entanto possuía experiência na Secretária da Educação na Seção Técnica de Pesquisas Educacionais, além de ter sido aluna de Décio de Souza na Faculdade de Filosofia⁶³. Salvador Petrucci veio da Faculdade de Medicina em 1945 quando foi nomeado assistente da cátedra de Antropologia. Embora tivesse uma orientação positivista, ele foi um dos signatários da moção em favor do Padre Fritzen, S.J na polêmica com Érico Veríssimo, e deste modo é possível que tenha se convertido ao catolicismo. Os outros professores são os metodistas, como José Gomes dos Santos e Oscar Machado, docentes desde o início da Faculdade. Portanto, a área da educação teve alguma abertura para diversas orientações pedagógicas.

Professor	Cadeira
Salvador Petrucci	Fundamentos biológicos da Educação
Laudelino T. Medeiros	Fundamentos Sociológicos da Educação
Oscar Machado	Psicologia Educacional
Graciema Pacheco	Didática geral
José Gomes dos Santos	Administração escolar

Quadro 6 - Curso de Didática

Fonte: Trindade (1982), Anuário (1943), Diário de notícias (14/01/1949)

Nome	Cadeira
Antônio Rodrigues	Complementos de matemática
Armando Câmara	História da Filosofia
Salvador Petrucci	Fundamentos biológicos da educação e
	Estatística educacional
Psicologia educacional	Oscar Machado
História da educação	
Fundamentos Sociológicos da Educação	Laudelino Teixeira Medeiros
José Gomes do Campos	Administração escolar e Educação comparada
Filosofia da Educação	Álvaro Magalhães

Quadro 7 - Curso de Pedagogia

Fonte: Faculdade de Filosofia (1943), Faculdade de Filosofia (1968), Diário de notícias (14/01/1949).

O curso de Geografia e História no reitorado de Armando Câmara desenvolveu-se sob a hegemonia do grupo católico. No entanto, a nomeação de Dorival da Silva Schmitt, assistente da cátedra de antropologia, do grupo do CCA, como professor da disciplina de História da América gerou protesto público dos alunos com ameaça de greve. Os alunos do Centro acadêmico Franklin D. Roosevelt reivindicavam que a Universidade já havia formado quadros especializados que poderiam ser indicados para a cadeira de História da América, mas mesmo assim Armando Câmara nomeou uma pessoa formada em Direito, com experiência docente em etnografia na Faculdade Católica para lecionar História da América. Os alunos questionavam como tal professor poderia passar do Direito, para Etnografia e por fim assumir História da América, porque para tanto, além de ser autodidata, deveria ter uma cultura enciclopédica. De todo modo, Armando Câmara manteve a indicação, e os alunos viram frustrados suas pretensões de ingressar no magistério superior⁶⁴.

Nome	Cadeira
Othelo Laurent	Geografia Física e História da Antiguidade e da
	Idade Média
Lourenço Mário Prunes	Geografia Humana
Pe. Balduino Rambo	Antropologia, Etnografia e Etnografia do Brasil
Francisco Machado Carrion	História Moderna e Contemporânea
Dante Laytano	História do Brasil
Dorival da Silva Schmitt	História da América

Quadro 8 - Curso de Geografia e História

Fonte: Anuário 1943, Diário de notícias (14/01/1949).

Os estudantes continuavam protestando contra as indicações do Reitor, a exemplo da nomeação de Alberto Cibils para a cadeira de Sociologia Educacional, e, em janeiro de 1949, Armando Câmara renunciou. Porém o motivo não foi à pressão dos alunos para a realização

de concursos para compor a congregação como também não foi o relacionamento com o governo em relação à anexação do Instituto de Artes⁶⁵. O que estava em jogo nesse momento foi à questão da gratificação e remuneração dos diretores dos institutos, das faculdades, e da Reitoria, que exerciam a docência em duas cátedras, uma nos cursos da Universidade e outra cátedra na Faculdade de Filosofia e mais cargo de direção. Os diretores dos institutos universitários que estavam no exercício de duas cátedras queriam que fossem pagos os valores correspondentes às duas cátedras, que, pela legislação vigente seria Cr\$ 8.400.000 por cátedra, e assim duas seria o equivalente à Cr\$16.800.000, e só recebiam Cr\$ 4.500.000 por cátedra, e, portanto Cr\$ 9.000.000 pelas duas. Além disso, queriam a gratificação de Cr\$ 2.500.000 pelo exercício de cargo de direção. Essas questões foram levadas ao governo por Armando Câmara, mas como os trabalhos legislativos estavam por encerrar o governador nada pode fazer, e frente a esse fato Armando Câmara pede exoneração da Reitoria, juntamente com os diretores das faculdades.

Anteriormente ao pedido da exoneração, o reitor Armando Câmara baixou várias portarias internas de abertura de cátedras na Faculdade de Filosofia, por tempo indeterminado, indicando pessoas que já estavam exercendo as cadeiras durante seu reitorado (Ver Anexo). A partir disso, Alexandre Martins da Rosa, escolhido por lista tríplice pelo governador, assumiu a Reitoria, e Gaspar Dilermando Ochoa a direção da Faculdade de Filosofia. O que importa nesse momento é que a estratégia de Armando Câmara configurou o corpo docente da Faculdade, professores os quais serão efetivados na década de 1950, segundo o quadro abaixo:

Nome	Cátedra
Álvaro Magalhães	História e Filosofia da Educação
Armando Câmara	História da Filosofia
Ary Nunes Tietböhl	Análise Matemática e Análise superior
Antonio Rodrigues	Geometria
Alarich Rudolf Schultz	Botânica
Balduino Rambo	Etnografia e Antropologia
Bernardo Geisel	Química Geral e Inorgânica e Química analítica
Darcy Pereira de Azambuja	Política
Dante Laytano	História do Brasil
Elpidio Ferreira Paes	Língua e Literatura Latina
Francisco Machado Carrion	História Moderna e Contemporânea
Guilhermino César da Silva	Literatura Brasileira e Portuguesa
João Francisco Simões da Cunha	Física Teórica e Superior
Jorge Godofredo Felizardo	Zoologia

Jorge Paleikat	Língua e Literatura Grega
José Rafael de Azambuja Júnior	Mineralogia e Petrografia
José Lodeiro	Língua e Literatura Espanhola
José Gomes de Campos	Administração Escolar e Educação
	Comparada
Leonardo Tochtrop	Língua e Literatura Alemã
Lourenço Mário Prunes	Geografia Humana
Luiz Pilla	Físico-Química e Química superior
Laudelino Medeiros	Sociologia
Oscar Machado da Silva	Psicologia Educacional
Othelo Laurent	Geografia Física
René Ledoux	Língua e Literatura Francesa
Romeu Muccillo	Biologia Geral
Sylvio Ramos da Silva	Literatura Norte Americana

Quadro 09- Primeiros Catedráticos da Faculdade de Filosofia (efetivados em 1950)

Fonte: Faculdade de Filosofia (1967).

Portanto, a maioria das cátedras ficou no controle do grupo católico, como a do próprio Armando Câmara, a de Álvaro Magalhães, a de Baduíno Rambo, a de Francisco Machado Carrion, a de Luiz Pilla, a de Laudelino Medeiros, a de Othelo Laurent e a de Romeu Mucillo. Os professores assistentes e adjuntos, como Ernani Maria Fiori, Victor de Brito Velho, Dorival Schmitt também foram efetivados como professores fundadores. A estratégia de composição do quadro docente empreendida por Armando Câmara, de certa forma foi bem sucessiva, no entanto, conforme depoimento de Laudelino Medeiros⁶⁶ houve iniciativas do Reitor para a realização de concursos:

“Organizada a Faculdade era necessário constituir a congregação, que por força de lei se cumpriu com catedráticos, e por força de lei era quem devia constituir os órgãos de execução de concursos, as bancas, de modo que se criou uma espécie de círculo vicioso, porque não havia congregação, e não havia concurso porque não havia congregação. Então, Doutor Câmara fez uma proposta com os professores da época, ele estimulou a coisa, e surgiu uma proposta dos professores, uma proposta ao MEC que se abrissem concursos realizando-se eles perante congregações afins, por exemplo, nas matérias de Ciências Humanas e Sociais os concursos seriam feitos perante a faculdade de Direito, cuja congregação substituiria a inexistente congregação, os de biologia a de Medicina, os de Ciências Exatas a engenharia.”

Essa proposta não foi aceita no MEC, e deste modo, não houve concurso. Por outro lado, desde a fundação da Faculdade Católica de Filosofia do Rio Grande do Sul, em 1941, apesar de ter sido criada pelos Irmãos Maristas, o grupo católico começou a integrar o quadro docente da Instituição, primeiramente na direção de José Eloy da Rocha, e a partir de 1948 no Reitorado de Armando Câmara, função que exerceu simultaneamente ao último ano da Reitoria da UFRGS. Nos anais da Faculdade de Filosofia Católica de 1945⁶⁷ já constam os

nomes de Armando Câmara, Ernani Maria Fiori, Armando Dias de Azevedo, Carlos de Brito Velho, Darcy Azambuja, Dante de Laytano, Luiz Pilla, Mário Bernd e Victor de Brito Velho.

Contudo, na década de 1950, especialmente com a morte de Getúlio Vargas, o grupo católico orientou-se novamente para a esfera política em torno do comitê pró-candidatura de Armando Câmara ao Senado Federal. Armando Câmara elegeu-se Senador⁶⁸, em 1954, na disputa com João Goulart. Concorreu pela frente democrática (UDN, PL, PDC) em clara oposição às políticas trabalhistas do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), de Goulart e Vargas, consideradas de orientação comunista, e assim, conforme seu discurso de candidatura propôs uma terceira via entre o capitalismo e o comunismo como solução para o contexto histórico brasileiro após Getúlio Vargas:

“Constitui uma confusão funesta, um erro de conseqüências imprevisíveis, afirmar-se, como enfaticamente se afirma, que o mundo contemporâneo se situa nas pontas de um dilema: Capitalismo ou comunismo. Podemos e devemos optar por uma terceira atitude, única, integral e justa: a ordem social cristã. Se há um dilema diante de nós, ele só se poderá formular nesses termos: ordem social cristã ou ordem social pagã (...) A questão social pode e deve ser interpretada à luz de uma mais justa orientação doutrinária. Essa interpretação no-la dá a Igreja, que lhe atende todas as faces e lhe considera todos os fatores. Da teologia fluiu uma sociologia, uma integral sabedoria político-econômica. O dogma frutificou numa teoria social. Os Papas, doutores universais do pensamento católico, fizeram-se líderes da reforma de um mundo econômico desumanizado pelo capitalismo materialista e ateu. (...) Dentro da presente realidade nacional, possuímos homens públicos e agremiações partidárias que, pela influência de sua ação, pela orientação cristã de seus itinerários ideológicos, pelo alto teor moral de seus métodos de ação política, revelam-se idôneos e aptos para concretizar uma autêntica democracia orgânica. Eles, por que realizam a plena vivência dos valores que inspiram a doutrina social da Igreja, estão aptos para, sem profanação da sacralidade dessas mensagens de libertação que é fruto da caridade de Cristo, levá-la às situações coletivas que carecem de seu ordenamento e de sua disciplina. Partidos como o libertador, o Democrata Cristão, o Social democrático, e a União Democrática Nacional, pela pureza doutrinária de seus princípios e programas, pela austeridade de seus métodos de tratamento da coisa pública, pela história de seus serviços à nação e pela esplendida elite de estadistas que lhe povoam os quadros, representam vitoriosas forças retificadoras dos rumos temerários da política dominante no País.” (CÂMARA, 1954: 188)

Portanto, na sua candidatura congregou os católicos filiados ao Partido Libertador liderado por Raul Pilla, que, segundo Carrion, depois da entrada de Victor de Brito Velho e Ernani Maria Fiori nunca mais foi o mesmo, os filiados do Partido Social Democrático o qual Machado Carrion elaborou o programa⁶⁹, como também os militantes católicos da Democracia Cristã, representados por uma terceira geração católica, como o assistente da cátedra de

Ciência Política Leônidas Xausa, além daqueles ligados à União Democrática Nacional. No entanto, Armando Câmara renunciou ao Senado em 1955, após General Lott ter conduzido ao poder Juscelino Kubitschek e João Goulart, porque não se submetia a ficar num congresso nacional de um governo que não considerava legítimo. Nesse momento, conforme Fernando Trindade (1982) que começou o declínio da geração católica.

De todo modo, até a federalização da Universidade, em 1950, o relacionamento com a Secretária da Educação Estadual manteve-se coeso através dos representantes católicos que sucessivamente controlaram a pasta, como Eloy José da Rocha, Adroaldo Mesquita da Costa, José Mariano Beck, Carlos de Brito Velho, Zilah Totta. Após a federalização, completou-se a organização da Faculdade de Filosofia com a criação do curso de Jornalismo, em 1952, e o de Ciências Sociais em 1959. Dessa forma, até a reforma universitária de 1968, a congregação manteve-se com os catedráticos fundadores, mais os assistentes contratados conforme a necessidade de quadros qualificados com o crescimento da demanda de alunos pelos cursos da Faculdade.

2.4. A presença dos católicos na Faculdade de Direito, Medicina, Engenharia e Economia da UFRGS.

Fernando Trindade (1982) considerou que relação do catolicismo com as instituições universitárias no Rio Grande do Sul constituiu uma reação à dominação dos positivistas na esfera universitária. No entanto, aqueles que os católicos classificavam como “positivistas” estavam mais identificados com as teorias científicas, materialistas e todas as teorias que não convergissem com os ideais metafísicos humanistas cristãos. (Grijo, 2005; Isaia, 1998). De fato, a maioria dos católicos direcionou-se para o quadro docente da Faculdade de Direito, como: Adroaldo Mesquita da Costa, Armando Dias de Azevedo, Armando Câmara, Dario de Bittencourt, Eloy José da Rocha, Elpídio Ferreira Paes e Ruy Cirne Lima.

Intelectualmente neste período “as concepções materialistas eram a tônica filosófica - doutrinária do Direito e das Ciências Sociais na Faculdade de Direito de Porto Alegre”, seja por via dos professores advindos da Escola de Direito de Recife, seja por meio daqueles que vieram da de São Paulo, independente das distinções de orientação dessas escolas⁷⁰. Nesse

sentido, a nomeação sem concurso de Armando Câmara foi emblemática, tanto para a cadeira de “Introdução a Ciência do Direito” que lecionava interinamente desde 1931, quanto para a de “Filosofia do Direito” ambas em 1935. Com efeito, a entrada de Câmara modificou o clima intelectual da Faculdade, uma vez que “a percepção cientificista, naturalista e pragmática anterior é substituída por concepções especulativas sobre a justiça, o valor e as finalidades últimas do Direito” (Grijo, 2005: 351).

Entretanto, a ênfase no Direito público não é descaracterizada na Faculdade, porque seu objetivo continuou sendo a formação de lideranças republicanas para a condução dos negócios públicos do Rio Grande. (Grijo, 2005: 353-354) Portanto, a papel do humanismo católico na Faculdade de Direito foi ter atualizado os referenciais filosóficos das concepções dominantes.

A Faculdade de Medicina em relação ao domínio “positivista” apresentou uma especificidade em relação às outras escolas, que foi a luta contra a liberdade profissional que acabou dividindo suas lideranças universitárias na sua afinidade com à política positivista, embora os cientificismos tenham sido desenvolvidos. No entanto, do grupo católico militante da universidade, daqueles ligados ao CCA, poucos foram os que assumiram a docência na Faculdade de Medicina, apenas encontramos os nomes de Mário Bern, Heitor Cirne Lima, Raul Moreira e Waldemar Job. No pólo oposto encontrava-se a Universidade Técnica que foi a instituição pioneira na formação de técnicos para o Estado, assim como nos avanços científicos do período. Inclusive, em sua concepção de ensino, a pesquisa esteve presente nos onze institutos de formação tecnológica tendo vindo professores estrangeiros para algumas de suas escolas. Com essa configuração a qual o positivismo está relacionado com a origem e o destino prático da Universidade, o grupo católico marcou presença no corpo docente, como Álvaro Magalhães, Ary de Abreu Lima, Paulo Ferlini, José Carlos de Moraes, Ivo Wolff (Trindade, F, 1982), mas teve pouca influência nos destinos do conhecimento técnico.

Na recém instaurada Faculdade de Administração e Economia, que começou suas atividades em 1945, os professores da Escola de Comercio foram aproveitados, como os católicos Laudelino Medeiros e Francisco Machado Carrion. Ambos prestaram concursos de títulos, sendo que o primeiro prestou concurso, em 1938, na secção de Economia Política e

Sociologia, classificando-se em sexto lugar, sendo contratado em 1942 por indicação do Conselho Técnico da escola para reger a secção de “Sociologia e Psicologia” e “Lógica e Ética” até 1946 quando iniciou as atividades dos cursos da nova Faculdade, na qual será o catedrático de Sociologia. Machado Carrion também ingressou primeiramente na escola de comércio, em 1938, através de concurso para a secção de “História do comércio, indústria e agricultura” tendo entrado em primeiro lugar. Assim, como Medeiros, também continua na nova Universidade até se aposentar, ministrando “História das doutrinas econômicas⁷¹”.

Portanto, ao contrário da Faculdade de Filosofia, as escolas mais tradicionais tiveram influência de docentes católicos de uma forma mais pontual, não tão integrada como um projeto de conquista ideológica. No entanto, a que chegou mais próxima da influência que os católicos passaram a ter na Faculdade de Filosofia, em suas devidas proporções, foi a Faculdade de Direito. Isso se explica porque o grupo católico objetivava também conduzir os negócios do Estado, e realmente a geração católica que ingressou no corpo docente da Faculdade de Direito, em sua maioria, foram homens públicos, como Adroaldo Mesquita da Costa, Armando Câmara, Eloy José da Rocha. Por outro lado, enquanto dirigiram-se para o domínio da Faculdade de Filosofia, e da própria Faculdade Católica, dos irmãos Maristas, não se orientaram para o controle da nova Faculdade de Economia. Uma das explicações é que essa Faculdade utilizou-se dos recursos provenientes da Escola de Comércio num primeiro momento, e outro fato é que a área de Economia e Finanças não se configurava como ensino próprio de elites, como também não formava futuros docentes do magistério.

2.5. A hierarquia das disciplinas controlada pelos católicos e a situação da Cátedra de Sociologia.

As estratégias dos católicos, orientadas originalmente pelo Padre Werner, seguiram a tendência dos Jesuítas no plano intelectual de influir na formação de elites e, no caso da UFRGS, de controlar o ensino e a formação dos universitários a permanecerem fieis a sua formação católica através das Congregações e da Ação Católica e do controle das cátedras de caráter humanístico ou cursos profissionais relevantes. Como vimos, no Rio Grande do Sul, o empreendimento começou pela Faculdade de Direito, especialmente com a indicação de Armando Câmara para a Cátedra de “Introdução à Ciência do Direito” sem provimento de

concurso, em 1935. Formado numa tradição escolástica tomista, Câmara buscava unir a fé com a razão no ideal socrático de reflexão sobre todas as técnicas e ciências, no caso da sua primeira cátedra, sobre o Direito. Na década de 1970, num evento da associação dos professores católicos, Armando Câmara ponderou sobre o seu papel docente na Faculdade de Direito dizendo que buscava passar para seus alunos o humanismo jurídico⁷². Essa foi a tradição de pensamento que o grupo católico buscou impor em todas as áreas que atuou baseado no humanismo cristão, da primeira fase de Jacques de Maritain, difundida nos cursos do Padre Werner e nos livros de Alceu Amoroso Lima.

Por isso, a Filosofia foi à disciplina mais importante, tanto nos cursos do Padre Werner, quanto na Faculdade de Filosofia da Universidade. Especialmente por um motivo, Maritain retomou a Escolástica, ao tomar a Filosofia como um instrumento essencial da Teologia na busca da verdade. Deste modo, os católicos em sua maioria assumiram as cátedras de Filosofia, como o próprio Câmara com a de “Introdução à Filosofia do Direito” na Faculdade de Direito e “Introdução à Filosofia” na Faculdade de Filosofia, Álvaro de Magalhães na “História e Filosofia da Educação” e o assistente Ernani Maria Fiori com “Filosofia Geral”, entre outros. Portanto, não foi por acaso que o primeiro Instituto criado na área de humanas foi o de Filosofia, em 1953.

Essa escola de pensamento católico considerava como objeto por definição de reflexão filosófica o homem enquanto ser humano dotado de livre arbítrio, então o grupo católico buscou conquistar a cátedra de Psicologia, assegurando que as teorias naturalistas não fossem reproduzidas. Foi essa a missão dos professores Oscar Machado, Décio de Souza Soares e do psiquiatra católico Victor de Brito Velho quando assumiam as cadeiras de psicologia. Ainda que fossem ordens religiosas distintas, suas orientações convergiam, a exemplo da aula inaugural da Faculdade ministrada por Oscar Machado intitulada “Aspectos psicológicos e filosóficos da interpretação da história”. Oscar Machado foi o Catedrático de “Psicologia Educacional” e Victor de Brito Velho foi seu assistente, e, assim como a Filosofia, a cadeira de Psicologia fez parte da maioria dos currículos da Faculdade.

A cátedra de Sociologia foi criada primeiramente na Faculdade de Economia, e deste modo, as disciplinas vinculadas à sociologia privilegiaram os temas econômicos. Em 1943 foi

criada na Faculdade de Filosofia, uma vez que a Sociologia constava no currículo dos cursos existentes. De todo modo, as áreas de Ciências Sociais e de Psicologia só começaram a institucionalizar-se na Universidade tardiamente. O curso de Ciências Sociais é apenas criado após a federalização em 1959, e o de Psicologia após a reforma universitária de 1968, em 1973⁷³. De qualquer forma, uma explicação para esse fato pode ser o papel que os catedráticos das próprias disciplinas tiveram no desenvolvimento institucional e científico, e nessa pesquisa interessa especialmente o caso do catedrático de Sociologia Laudelino Medeiros.

3. O JOVEM LAUDELINO MEDEIROS E SUA INSERÇÃO NA GERAÇÃO CATÓLICA

Laudelino Medeiros, catedrático de Sociologia da Faculdade de Economia e Administração e da Faculdade de Filosofia fez parte da “Geração Católica”. No entanto, teve uma formação diferente do grupo do CCA, que vinham do Colégio Anchieta diretamente para os tradicionais cursos de Direito, Medicina, Engenharia da futura Universidade Federal. Em determinado momento de seu itinerário integrou-se a esse grupo e na Ação Católica. Neste capítulo, a partir de uma diversidade de fontes localizadas no IHGRS, reconstitui-se sua formação escolar e cultural, assim como suas posições junto ao grupo católico.

3.1. Origem social e escolaridade pré – universitária

Laudelino Medeiros nasceu em Dom Pedrito, em 1914. Descende de uma família de origem luso-brasileira com uma história intimamente ligada à do distrito de Herval e à defesa das instituições monárquicas. Nesta cidade, sua tataravó Maria Nunez Amaro da Silveira possuía a estância do Serro do Bahú (Cerro do Baú), que na época abrangia praticamente a metade do distrito, que pertencia à comarca de Jaguarão. Nesta estância viviam e desenvolveram-se as famílias Costa e Medeiros. A matriarca da família teve sete filhos, entre eles, o bisavô de Laudelino Medeiros, o Major José Ignácio Medeiros, veterano da Revolução Farroupilha tendo atuado no lado das forças imperiais de Chico Pedro. Seu bisavô casou-se com Maria Auta Pereira da Costa, irmã do Barão de Aceguá Astrogildo Pereira da Costa,

destacado Brigadeiro que atuou na guerra do Paraguai, e que conforme consta, recebeu como recompensa pelos serviços prestados ao imperador, terras.

Da união de José Ignácio e de Maria Auta nasceram três filhos, dentre eles Laudelino da Costa Medeiros, avô de Laudelino Medeiros. Foi justamente seu avô que escreveu a história das famílias Costa e Medeiros, em 1936, destinado aos seus descendentes. Nesse livro Costa Medeiros conta, que embora tenha ganhado uma boa herança da parte de sua mãe Maria Auta, como terras, escravos e gados, acabou perdendo tudo nos seus negócios. Os outros irmãos que receberam a herança, como sua irmã Adelina, administraram bem a herança, mas perderam tudo na revolução de 1893.

Sem herança seu avô vai para Hulha Negra, até então Rio Negro, distrito de Bagé. Lá exerceu a atividade de Oficial de Registro Civil na Prefeitura, mas destacou-se pela sua atuação cultural na região tendo recebido homenagem póstuma com uma rua com seu nome no município de Hulha Negra. No entanto, conforme uma retificação de seu neto a uma homenagem na imprensa a seu avô, o funcionalismo público não consistiu em sua atividade principal, porque também era proprietário rural de porte médio, exercendo a agricultura. Quando Medeirinhos, alcunha de Laudelino Medeiros, já estava em Porto Alegre estudando na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, seu avô faleceu, no ano de 1936, em Hulha Negra.

Do matrimônio de seu avô, Laudelino da Costa Medeiros, com sua prima, Auta da Costa Medeiros, em 1872, nasceu Waldemiro da Costa Medeiros, pai de Laudelino Medeiros. Em relação ao seu pai, os dados disponíveis são poucos, mas sabemos que exerceu a profissão de Agente de Estação Ferroviária de Ibaré, hoje incorporado ao município de Lavras do Sul, também na região da zona da campanha do RGS. Nessa cidade conheceu Mariana Teixeira, com quem se casou. Dessa união nasceu Laudelino Teixeira de Medeiros, em 1914, tendo residido durante sua infância em Hulha Negra e Bagé, e realizado nesta última cidade sua primeira comunhão, em 1928, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora⁷⁴ e completado os seus estudos primários.

Os dados mais completos de sua formação escolar só começam a partir de 1931⁷⁵ com sua formação no Ginásio Municipal Santa Maria, especificamente com sua formação no Instituto Comercial anexado à essa escola. A formação no Instituto Comercial do Ginásio Municipal Santa Maria, coordenada pelos irmãos Maristas⁷⁶, compreendia as disciplinas de religião, português, francês, inglês, aritmética, álgebra, contabilidade mercantil, geografia do Brasil, História Geral e Pátria, desenho e concurso de datilografia e, deste modo, apesar do caráter de curso técnico, teve uma formação similar aos melhores colégios católicos.

No primeiro bimestre de 1931, Laudelino obteve o 1º lugar entre 13 alunos em aproveitamento, com 83 pontos, já no segundo período obteve 1º lugar entre 16 alunos em procedimento, aplicação e em aproveitamento. É justamente nesse ano que à admitido na Congregação Mariana “Mater Divinae Gratiae” do Ginásio Municipal Santa Maria, cujo diretor é o Pe. Frederico Lelmes, e o prefeito Homero Menezes. Termina seu curso em 1933, mantendo um destacado rendimento escolar. Nesse ano também exerceu a atividade de professor de contabilidade nessa Escola. Logo, essa breve descrição do desempenho escolar de Laudelino demonstra o incentivo à competição escolar, revelando-se, desta forma, também como parte dos irmãos Maristas na formação de uma elite cultural.

3.2. Estudos Universitários: Economia e Direito

Em 1933, então com 19 anos, Laudelino transfere-se para a capital do Estado afim de prosseguir seus estudos e incorporou-se logicamente ao grupo católico de Porto Alegre do Centro Católico de Acadêmicos. Conforme seu depoimento⁷⁷:

“Eu já era da Congregação Mariana no ginásio em Santa Maria, mas quando me transferei para Porto Alegre, eu vim residir na Independência, 482, aonde havia certa pensão para estudantes, organizada e patrocinada pela congregação Mariana. Inclusive conhecida como pensão do Padre Werner, e o Padre Werner ficava brabo, dizia que não tinha pensão é a casa “Mater Salvatoris”. De fato, continuei minha vida de congregado na Congregação e lá eu pude conviver com congregados de várias áreas, e esse convívio, inclusive, foi muito salutar para mim, porque eu tinha feito um curso secundário que foi razoavelmente bom, porque o ginásio de Santa Maria era um dos melhores da época, apesar de ser dos irmãos Maristas e era ensino médio. Tanto que meu primeiro contato com a Universidade foi através da Congregação Mariana, eu tive toda a influência dessas boas cabeças que estavam por lá e, sobretudo da orientação pessoal de Padre Werner.”

Essas boas cabeças, a que se refere Laudelino, estavam cursando Direito, Engenharia ou Medicina⁷⁸, e Laudelino, teve uma formação diferente, já que era acadêmico de Administração e Finanças da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas de Porto Alegre. Formou-se nesta Escola em 1936, sendo o orador da turma. Durante o período de formação acadêmica em Administração, de 1935 e 1936, e um ano após, em 1937, trabalhou como contador no escritório de advocacia Becker, Monsen e Rocha, onde posteriormente exerceu atividades na área de Direito também, uma vez que estava começando sua formação jurídica na Universidade de Porto Alegre. Cabe ressaltar que esse escritório fora de pessoas destacadas da “geração católica” ligados à família de Dom João Becker e Eloy José da Rocha.

Após se formar em Administração, de 1937 à 1938, foi professor contratado para a disciplina de “Técnica comercial e Processo de Propaganda”, do curso técnico de Perito Contador, na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas de Porto Alegre. Portanto, formase em Ciências Econômicas, em 1936, um curso que não estava dentro das profissões de prestígio social do período, mas foi essa titulação que lhe deu as condições de trabalho, conseqüentemente suporte financeiro, para estabelecer na capital e dar cabo do curso de Direito, este sim mais ligado à formação da “elite” católica.

O seu discurso como orador da turma de 1936, ousadamente intitulado “Rumos de pensamento à juventude” revela seu engajamento no grupo dos jovens católicos, a qual ele exercera nesse ano a função de diretor de cultura, como também mostra suas disposições teóricas e práticas com a ampliação de seus conhecimentos em economia e contabilidade que adquirira na Escola e o uso que fez deste conhecimento. No entanto, Medeiros como seguia fielmente os conselhos do Padre Werner submeteu seu primeiro discurso ao crivo do jesuíta, , conforme seu depoimento⁷⁹:

“Eu me lembro que, em 1936, eu fui indicado para fazer o discurso de formatura, e então redigi um pequeno discurso, que para mim na época era a coisa mais importante do mundo. Levei para o Padre Werner e disse a ele: Padre Werner não quero que o senhor veja isso apenas com olhos de revisão moral e religiosa, mas também na parte dos conteúdos. Ele disse: Então o senhor volte daqui a três dias. Então eu voltei e ele tinha a margem do papel, na margem em branco, tinha feito umas cruzinhas à lápis bem levezinho, e tinha uma lá dizendo: eu não entendi bem o que o senhor queria dizer com isso. Ai eu pegava a borracha e apagava aquilo que ele não concordava, mas em dois pontos ele me fez uma correção que eu retifiquei, uma dessas é que eu fazia um desses discursos virtuosos que se faz sempre, e falava na formação do espírito pragmático americano e ligava isso um pouco às correntes

protestantes, então ele me disse assim, o senhor aqui está cometendo duas injustiças, a primeira é que está sendo muito severo com o espírito protestante e o segundo é que está ignorando um vasto movimento católico que se desenvolveu nos EUA.”

Além das formalizações típicas deste tipo de documento, e das modificações sugeridas pelo Padre Werner, Medeiros (1937) fez uma crítica à modernização, principalmente econômica, ou seja, ao utilitarismo econômico e ao individualismo. No entanto, não é uma crítica em termos do efeito social dessas práticas e teorizações, mas focaliza-se, na divisão entre o espírito e a matéria, ou seja, nas palavras de Laudelino na perda da “vida espiritual”. Para tanto, ele utiliza-se de alguns autores, como Thomas de Aquino e Alceu Amoroso Lima, para definir, a partir deste último, que o processo moderno consistiu numa “sacralidade decrescente e economismo ascendente” (Medeiros, 1937: 10).

Assim, a crítica específica de Medeiros dirigia-se ao fato que a “Economia passou a ser uma ciência natural, sem relação alguma com a ética” (pág. 12), e deste modo, a moral fora excluída da atividade humana, ao exemplo da dominância no mundo social da idéia de lucro, na qual “o homem passou a existir para a produção e não a produção para o homem” (Medeiros, 1937: 13). Frente a esta situação Medeiros (1937: 14) sugeria que exista uma reação, atingindo também as Ciências Sociais, que busca o renascimento de uma “filosofia integral da vida”. Para ele a reforma da economia começará em seus princípios, por que:

“Passará de Ciência natural que pretendeu ser, ao verdadeiro conceito de ciência moral. A economia é um ramo das Ciências Sociais e o seu fundamento é o homem e não a natureza. E, portanto, deverão seus princípios ser coordenados pelas leis da ética. De economia de produção, que estava sendo, passará a economia de consumo. Isto é, o fim de toda atividade econômica não será o de produzir cada vez mais para conseguir maior lucro; mas, produzir com o fim de satisfazer o consumo, orientando-se pelo bem comum e pelo bem moral”.

Portanto, esta é a finalidade da economia cristã, ou seja, é uma redefinição do saber econômico, baseada em preceitos morais de autores como Amoroso Lima, Thomas de Aquino e Salvador Minguijón⁸⁰, todos fora do universo do conhecimento econômico, elaborada para fins práticos, como demonstra o final do discurso:

“E quando amanhecer o dia do fim desta noite de séculos, teremos tido a glória de haver levantado debaixo deste céu e por cima do solo da América a maior civilização espiritual, de beleza, de ciência e de fé, que o historiador de todos os povos haverá de chamar a grande IDADE NOVA” (MEDEIROS, 1937: 19).

Em 1937, Medeiros entrou na Faculdade de Direito, no momento que seus colegas do CCA já haviam se formado, ou estavam no último ano de seus cursos universitários, como Ernani Maria Fiori, Francisco Machado Carrion e Victor de Brito Velho. Dentre os futuros catedráticos da Faculdade de Filosofia, Hugo di Primio Paz e Dante de Laytano foram contemporâneos seus na Faculdade de Direito. Neste momento, conforme Laudelino Medeiros⁸¹, a influência do positivismo na vida universitária, especialmente na Faculdade de Direito havia mudado em relação ao que ele lembrava da convivência com os estudantes de Direito do período anterior:

“Quando eu entrei para a Faculdade de Ciências Econômicas pela convivência interna com o centro acadêmico, com a congregação e com os estudantes de Direito, eu tenho a impressão que ainda era dominada nos últimos estágios de evolução daquela concepção comteana. Que de comteana inicialmente evoluiu para um positivismo cientificista de estilo alemão. Bom, o evolucionismo tinha assumido uma importância nessa época. Mas quando eu entrei em 1937, na Faculdade de Direito, isso já tinha reduzido consideravelmente, por exemplo, tinham entrado para lá pessoas que não tinham essas posições e gente que tinha uma posição católica, tinha entrado o Elpídio Paes, o Armando Câmara, o Eloy José da Rocha, o Mem de Sá, o Armando Azevedo. Mas ainda havia alguns professores, como Francisco Velho era nitidamente positivista, mais um positivismo Kantiano do que Comteano, marcado pela influência evolucionista, Darwiniana, do fim do século passado. Por exemplo, a competição no campo econômico ele assimilava a luta pela vida, inclusive a luta física dos animais. Era aquilo que a gente sentia, mas tinha mudado muito o clima intelectual.”

Em 1941⁸², formou-se, então, no curso de Direito, sendo o paraninfo da turma Edgar Luiz Schneider. Os professores homenageados foram Armando Câmara, Darcy Azambuja, Dario de Bittencourt, Elpídio F. Paes; F.J. Simch Júnior, Salomão Pires Abrahão, João Bonumá. Contudo, nesse momento, em que Laudelino se forma, ele está com 27 anos, mas faz parte da nova “geração católica”, sendo formado pela “geração” anterior, de Armando Câmara, que já haviam conquistado as faculdades existentes.

3.3. Laudelino Medeiros e seu espaço na “divisão católica do trabalho”

O congregado do CCA Laudelino Medeiros participou da maioria dos movimentos da geração católica na década de 1930. Seu lócus de atuação, no entanto, é na juventude católica, juntamente com Francisco Machado Carrion, Ernani Maria Fiori e Carlos de Brito Velho. É

com esse grupo que participa da LEC, tanto em 1933, como em 1945. Nesta última, conforme depoimento de Carrion⁸³, Laudelino foi um dos signatários do manifesto da LEC e em 1933, Laudelino foi até o Bispo de Santa Maria convencê-lo que a Frente Ampla, principalmente o Partido Liberal, deveria incluir a emenda contra o divórcio, que seria defendida pelo representante dos católicos, Adroaldo Mesquita da Costa⁸⁴.

Em 1940, Medeiros fez parte da “Primeira mobilização da Juventude Católica”, promovida pela Arquidiocese, em Porto Alegre. Ele apresentou a tese inaugural do evento sobre “A vocação apostólica das novas gerações”. Neste pronunciamento Medeiros (1940: 21-23) desenvolve sua interpretação da História:

“ A renascença – embora constituísse a aplicação da enorme força criadora preparada pela Idade Média- desgarrou-se pela direção que lhe imprimiram seus orientadores. O culto exagerado do homem deslocou o centro do universo do criador para a criatura, foi o humanismo antropocêntrico. O protestantismo de Lutero e seus congêneres, num brado desordenado de revolta - de revolta quase satânica – proclama o dogma do livre exame. Cada um como entender as escrituras;- ou mais propriamente cada um como quiser entende-las. E o protestantismo se apoiou na Espada de Reis e Imperadores para impor, a preço de sangue, a liberdade da consciência religiosa: foi a expulsão dos sacerdotes, a decapitação de bispos, o trucidamento de católicos, tudo em nome da liberdade, de que nos fornecem pormenores a história da Dinamarca, Escócia, Suécia, Inglaterra e Alemanha. Em continuação ao humanismo desorientado e ao protestantismo tirânico e anárquico veio a nova miséria social da Revolução Francesa, com seu laicismo liberal na vida político, na escola e na sociedade. Cristo foi expulso da vida pública e, o mais grave ainda, da consciência moral e religiosa de um grande número. (...) As mais nobres manifestações espirituais do homem tinham sido afogadas dentro das consciências pelo liberalismo laico da Revolução.”

Essa reprodução de uma parte de seu discurso revela quanto a Ação Francesa (Action Française) de Maurras o influenciou. Entretanto, o próprio título de seu discurso “A vocação apostólica das novas gerações” evidência o quanto estava envolvido e como acreditava nos movimentos católicos da década de 1930 e 1940, especialmente aqueles do grupo do CCA, como abaixo:

“ Uma outra mocidade, surgida de entre os bancos da escola e das faculdades, e de entre as máquinas da fábrica, compreendeu onde estava o verdadeiro apostolado – A cátedra de Pedro. E por isso que participamos do apostolado hierárquico da Igreja, a nossa, como a Juventude Católica de todo o mundo, é a mocidade nova surgida para o verdadeiro apostolado.” (MEDEIROS, 1940: 23)

Com essa postura, Laudelino Medeiros envolveu-se em quase todos os investimentos do grupo católico, desde a moção a favor do Pe. Fritzen em relação à polémica com Érico Veríssimo, até o movimento de renovação social de Armando Câmara. Escreveu eventuais artigos, a partir do final dos anos 1930 até 1942, no jornal “A Nação”⁸⁵, da Arquidiocese de Porto Alegre, versando sobre temas como educação da juventude, sobre a Segunda Guerra mundial, sobre o salário mínimo e contra o divórcio.

Portanto, a militância de Laudelino inseriu-se nessa segunda geração que assumiu cátedras na Faculdade de Filosofia. No entanto, ele não foi um dos mais ativos no grupo, como Machado Carrion, Ernani Fiori, que podem ser considerados líderes de tal movimento. Por outro lado, mesmo escrevendo no jornal “A Nação” que tinha uma posição ideológica ligada aos grupos teutos, e assim com vínculos estreitos com a defesa do Integralismo e até mesmo do Nazismo, Laudelino não defenderá essas posições, e posteriormente no encontro da juventude alerta para o perigo desses regimes políticos. Essa posição é legitimada por Francisco Machado Carrion⁸⁶ quando afirmou que Laudelino nunca teve envolvimento com o movimento Integralista, ao contrário de outros integrantes do grupo. Portanto, apesar de ter uma posição menor dentro do grupo, militou em quase todos os movimentos, principalmente na juventude, como os outros membros do grupo católico, inseriu-se na Universidade, e conseqüentemente na “missão” atribuída a essa esfera do mundo social.

PARTE II: O ITINERÁRIO DE LAUDELINO MEDEIROS NA SOCIOLOGIA DE CÁTEDRA

Nesta segunda parte analisa-se como a Sociologia ministrada por Medeiros foi sendo construída no Colégio Universitário, e que Sociologia Laudelino Medeiros apresentou como legítima na Faculdade de Economia e Administração e qual se utilizou para a formação dos professores na Faculdade de Filosofia. Além do conteúdo de suas aulas, busca-se ver como ele foi construindo um grupo em torno das duas cátedras e como esse sistema operava. Ainda demonstra-se que tipo de promoção a Sociologia teve, porque mesmo sendo um sistema de cátedra, houve pesquisas sociais, congressos, e certo relacionamento com outros centros de produção das Ciências Sociais, como também, busca-se analisar que tipo de esforço científico foi característico da produção intelectual do catedrático. E por fim, analisa-se porque o curso de Ciências Sociais foi criado tardiamente em relação aos outros centros de produção de Ciências Sociais.

1. O ITINERÁRIO DOCENTE: A INSTITUIÇÃO DA CÁTEDRA E SEUS ASSISTENTES

Neste capítulo analisa-se o itinerário docente do catedrático de Sociologia para demonstrar como redefiniu ou modificou seus referenciais ideológicos católicos dominantes para a Sociologia que ministrou e para aquela que apresentou como científica. Por outro lado, busca-se ver, através de seu itinerário docente, como o foi o processo de construção da Sociologia no espaço universitário rio-grandense.

1.1. A (in) definição da Sociologia: A docência no Colégio Universitário (CU) e no Colégio Júlio de Castilhos

Sua missão⁸⁷ como docente na universidade começou em 1938, ainda estudante de Direito, quando assumiu o curso de Sociologia no Colégio Universitário (CU), juntamente com os outros jovens do CCA, como Francisco Machado Carrion e Ernani Maria Fiori. Os cursos complementares chamados de pré-médico, pré-jurídico e pré-técnico que no Rio Grande do Sul realizados no colégio universitário eram destinados aos candidatos ao ingresso

nos cursos de Engenharia, de Medicina e de Direito. O ensino de Sociologia no RGS esteve presente nesses cursos preparatórios de 1931 até 1942, já que seu conhecimento era um dos requisitos para o exame de admissão da Universidade. No Brasil, a Sociologia nos cursos preparatórios, assim como seu ensino nas Escolas Normais foram os primeiros esforços de institucionalização da área, especialmente favorecida pela reforma educacional de 1931. No momento que Laudelino Medeiros assumiu a docência de Sociologia no Colégio Universitário começava a vigorar a Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1937, decretada por Gustavo Capanema, a qual excluiu o ensino de sociologia obrigatório das escolas secundárias. Desta forma, até 1942, com sua extinção definitiva, a matéria era ministrada no Rio Grande do Sul apenas no colégio universitário⁸⁸ e na Escola Normal, e, após constava no apenas no currículo desta última, e a partir de 1943 na cátedra de Sociologia da Universidade.

A cadeira de Sociologia do Colégio Universitário, no ano de 1942, funcionava em condições precárias. Medeiros contava com 307 alunos distribuídos nas diversas sessões, possuía como material de ensino um mapa sobre a distribuição das raças, além de mapas demográficos, tabelas sobre as grandes migrações brasileiras e tabelas de dados estatísticos construídos pelos próprios alunos. Apesar da cadeira seguir um programa fixo, estabelecido pelo decreto nº 21.241 de 04 de abril de 1932, o lente de Sociologia sugeria que, poderiam ir além do programa, se fosse possível ministrar aulas práticas, realizando-se excursões observativas de bairros típicos, morros, que pudessem despertar o interesse pela Sociologia. De todo modo, Laudelino preparava os futuros ingressantes da Universidade a partir dos manuais de Sociologia listados no programa fixo, como o de Amaral Fontoura e os de Alceu Amoroso Lima. Também utilizava como obras de apoio como: *A comunidade e a Sociedade* de L. D. Osborn e M. H. Neumeyer de 1936, *Précis de Sociologie* de A. Lemonnyer, J. Delos e *Sociologia* de Tito Prates da Fonseca⁸⁹. Em relação à proliferação de manuais de Sociologia Católica na década de 1930 fizeram parte da estratégia da elite católica, especialmente a partir do manual de Alceu Amoroso Lima, de redefinir a Sociologia científica nos termos dos dogmas cristãos, uma vez que:

“ Afirmando a ilegitimidade da Sociologia e retirando-a do domínio do positivismo, Amoroso Lima acaba de identificar um campo de possibilidades para uma nova definição da disciplina. Em verdade ele acessa com a possibilidade de compatibilidade entre os pressupostos cristãos e a reflexão racional acerca da vida social inspirado em autores como Le Play e Jacques Maritain.” (MEUCCI, 2000: 40)

Nesse sentido, Medeiros, desde o início da década de 1930, estava bem familiarizado com esses autores, inclusive anteriormente à Alceu Amoroso Lima ter traduzido as obras de Maritain publicadas pela editora Agir, possuía as obras na sua versão francesa original, assim como contava com um vasto acervo⁹⁰ das teorias materialistas e naturalistas, como o “evolucionismo”, o “positivismo” e o “marxismo”, tanto de crítica a essas teorias do mundo social, como as obras clássicas. Ao analisar seus cadernos de aula do Colégio Universitário⁹¹, além da Sociologia de orientação católica, contemplou a escola de Le Play, especialmente na temática da evolução da família, e a Sociologia de Durkheim. Por exemplo, no curso pré-médico contrastava o conceito de Fato Social de Durkheim, com a interpretação de Alceu Amoroso Lima e de Jaques Valdour. Nesse panorama, conseguiu trabalhar com orientações tão diversas de Sociologia, uma vez que se sustentava na sua interpretação da concepção de P. Sorokin de Sociologia a qual “tem por campo o mundo superorgânico” e assim, tanto o enfoque católico preponderou, quanto a influência de Durkheim, especialmente a valorização da pedagogia. Como o programa era dividido em vários campos temáticos da Sociologia, a diversidade de pontos de vistas imperou.

No curso pré-médico⁹², ministrou aulas sobre a definição da Sociologia e seu método científico, sobre a Sociologia da Religião, da Família, e sobre a Etnologia. Em sua aula⁹³ sobre a definição da Sociologia utilizou-se da concepção de Osborn e Neumeyer (1936: 366), na qual a sociologia “é o estudo dos processos e produtos da vida humana associativa, manifestados nas relações interativas dentro dos grupos sociais”, juntamente com o código de doutrina moral cristã de Malinas, de 1927, da União Nacional de Estudos Sociais, o qual definiu como objeto da sociologia todas as “manifestações da vida social, tais como são e tais como deveriam ser” e sua finalidade consiste em “determinar as leis que presidem a sua evolução e de estabelecer as regras práticas a que convém submeter às relações sociais para harmonizá-las com o destino humano”. A partir dessas duas concepções, Medeiros entendeu que o objeto material da Sociologia era o homem relacionado (em sociedade) e o formal o fato social, ou a relação societária. A partir disso, dividiu a Sociologia quanto à sua modalidade de conhecimento podendo ser Sociografia, Filosofia social e Socioprudencia, quanto à especificidade dos fatos a estudar os quais podem ser classificados como Sociologia Geral ou Sociologias especiais – a doméstica, a econômica, a política, a pedagógica - e quanto

à modalidade de pesquisa social divididas entre estática social e dinâmica social. Desta maneira, ao misturar preceitos morais, filosóficos, e supostamente “científicos” ampliava o campo da sociologia na defesa do que considerava seu fim prático: o progresso social, assim como a Sociologia finalista de Alceu Amoroso Lima.

As áreas de conhecimento que estudam o homem relacionado, conforme a interpretação de Medeiros seriam a Filosofia, a Economia Política, o Direito, a Política, a Geografia Humana, a História e a Sociologia. Portanto, o estudo do homem em sociedade não distingue a disciplina de outras sendo necessário serem distinguidas pelo método de análise. Para tanto, definiu como Sociologia aplicada como àquela que se utiliza do método dedutivo-indutivo, a Filosofia Social como a que desenvolve o procedimento dedutivo e a Sociografia como aquela que se utiliza do enfoque indutivo. Portanto, a Sociografia, enquanto descrição dos fatos sociais seria a “Sociologia científica” por excelência através da observação dos fatos sociais por meio de fichas escritas ou “enquête pessoal e vivida”⁹⁴.

Nas chamadas sociologias especiais às orientações teóricas foram variadas. Por exemplo, na sociologia doméstica, quando tratou da temática da Família e sua evolução, discorreu sobre a teoria evolucionista de Spencer, como também sobre a tipologia da família de Le Play e sobre a teoria de Durkheim e da Escola Histórico Culturalista. Na Sociologia da Religião preponderaram os autores da Sociologia cristã, Como: Otto Karrer, W. Schmidt, A. Bros, entre outros. Também ministrou um curso de Etnologia, no qual trabalhou com a obra de Herbert Baldus intitulada Estudos de Antropologia Brasileira e com a de Nina Rodrigues sobre os Africanos no Brasil. Portanto, apesar do currículo da Sociologia no colégio universitário ser fixo, as obras representativas da Sociologia católica foram dominantes nas aulas de Laudelino Medeiros, no entanto, ele demonstrou uma preocupação inicial com a prática de pesquisa, mesmo que de uma forma incipiente, sem clareza conceitual, mas, que, de toda forma, não estava presente na “sociologia” que considerava legítima. (Meucci, 2000).

Quando o Colégio Universitário foi incorporado ao Colégio Júlio de Castilhos, Medeiros passou a lecionar nesse colégio História do Brasil e Problemas Brasileiros, por dois anos. Encontramos apenas uma sugestão⁹⁵ de atividades para comemorar a Semana da Pátria no curso de Problemas Brasileiros do Colégio Júlio de Castilhos. A atividade referia-se a

apresentação de uma obra dos seguintes autores: Alberto Torres, Felix Contreiras Rodrigues, Alceu Amoroso Lima, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna e Ovídio da Cunha. Ainda sugeria livros específicos de determinados autores, como: O divórcio de Pe. Leonel Franca, A ilusão americana de Tasso da Silveira, Aspectos da cultura brasileira de Almir de Andrade, Divórcio e Anarquismo de R. Barbosa e a Formação do Rio Grande do Sul de Salis Goulart. De todo modo, esse primeiro momento de sua docência preparava os futuros engenheiros e médicos com um conhecimento sociológico eclético, meio indefinido em seus objetivos, prevalecendo as grandes interpretações do Brasil, assim como os temas da Sociologia cristã.

1.2. A Sociologia precursora na Cátedra da Faculdade de Economia e Administração

A Sociologia inicialmente foi incluída na secção de “Psicologia e Lógica” da Escola de Comércio. Esta escola foi fundada em 1909, fruto do projeto dos professores da Faculdade de Direito Manuel André da Rocha, Francisco Rodolfo Simch e Leonardo Macedônia. Em 1934 foi incorporada a Universidade de Porto Alegre como Escola Superior de Comércio, ainda funcionando nos porões da Faculdade de Direito até 1945. Posteriormente foi transformada, pelo decreto - lei nº 789, do Interventor Federal Ernesto Dornelles, em Faculdade de Economia e Administração. Como citado anteriormente, Medeiros prestou concurso para a Escola de Comércio em 1938, sendo efetivado em 1942. Embora os dados empíricos de sua atuação nessa Faculdade não contemplem o período de 1942 à 1945, seu depoimento⁹⁶ concedido à Clarissa Baeta Neves explica como foi sua incorporação à nova Faculdade:

“Eu estava no Colégio Universitário quando ocorreu um concurso para as várias cátedras na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade, que era a velha Escola de Comércio, havia a disciplina de Sociologia. Eu me inscrevi em duas disciplinas. A Faculdade de Economia selecionava os professores pelo mesmo regime da Escola de Engenharia, que era um concurso de títulos inicialmente e depois um estágio de dois anos. Só depois desses dois anos era que este indivíduo estava efetivado no curso. Eu fiz concurso e fui aprovado em psicologia, lógica e ética, e sociologia, isto por volta de 1939-40. Faziam dois anos que estava no Colégio Universitário, lembro que era pouco tempo para um título de magistério. Aí eu entrei na Faculdade de Economia. Houve um pormenor. É que a cadeira de psicologia havia outro professor. Mas logo depois do concurso, ele desistiu daquela disciplina. Então, fui chamado. Aí passei a lecionar na Faculdade de Economia. Nessa época eu lecionava Sociologia, mas, em verdade, eu estudava sociologia junto aos alunos. Estudava para preparar as aulas. O meu preparo escolar da

Faculdade de Economia era insuficiente para um curso desses. Porque já nessa época a Sociologia começava a tomar corpo na opinião universitária.”

A Faculdade de Economia e Administração, em 1945, incorporou a estrutura acadêmica existente da antiga Escola Superior de Comércio dois novos cursos: Ciências Econômicas e Ciências Contábeis e Atuariais. E assim, no curso de Ciências Econômicas Medeiros ministrou sucessivamente duas disciplinas do último ano: Estudo comparado dos sistemas econômicos, de 1946 à 1961, e Princípios de Sociologia aplicados à Economia, de 1954 à 1960. Anteriormente, porém, exerceu a docência na disciplina de Sociologia Geral e Sociologia Econômica, de 1942-1953, no curso de Administração e Finanças. Por isso analisamos as disciplinas do curso de Administração e Finanças em ordem cronológica: Sociologia Geral e Sociologia Econômica.

Encontram-se muitas súmulas da disciplina de Sociologia Geral sem data, dispersas nos acervos consultados como o do IHGRS, e o do CEDOC/UCS, mas a do ano de 1947 pode ser considerada a mais completa dentre as consultadas, como abaixo:

Aula Inaugural	Importância e significação da Sociologia nos estudos da Faculdade de Economia e Administração. As principais disciplinas estudadas no curso e os seus fundamentos sociológicos
1. Introdução à Sociologia	Conceito de Sociologia; delimitação do campo de trabalho (em comparação com as demais ciências sociais); modo como encarar a realidade investigada; definição, Posição no quadro geral das ciências.
2. Postulados da Sociologia	Implícitos e explícitos. Posições contraditórias. Sociologia – Ciência especulativa ou normativa. Moral e Sociologia
3. Método Sociológico	Método e realidade investigada. Modalidade do método empregado pela sociologia. Classificação dos métodos das diferentes escolas. Processos metodológicos de análise. Técnica de Pesquisa.
4. Fato Social	Conceituação, elementos e caracteres, dinamismo intrínseco, classificação. Exame crítico do determinismo sociológico.
5. O homem	O homem, animal racional. Indivíduo e pessoa. O homem e a sociedade, sociabilidade natural do homem. Tríplex tendência humana. O homem e a lei natural. Dois erros sobre o conceito de homem: o individualismo e o despersonalismo. O homem como causa de seus atos e como causa da história.
6. Mesologia Social	Conceito de meio social. O fator geográfico e biológico, o fator tecnológico e a sociedade mesma considerada como meio social extrínseco com relação a cultura determinadas. Evolução histórica dos fatores mesológicos. Os fatores Os fatores mesológicos no mundo atual (características geográficas importantes nos países contemporâneos). Interpretação sócio –geográfica do Brasil
7. Etnologia e Antropologia	Origem da espécie humana. Raças. Raças antropológicas e raças históricas. O valor sociológico das raças. Fusão étnica. Assimilação. O

	problema no Brasil e especialmente no Sul. Racismo: Na investigação e na aplicação
8. Demografia	Valor sociológico da povoação. Movimentos da população e suas causas. Evolução histórica dos fenômenos demográficos. Os fenômenos demográficos no mundo atual (estatísticas). Interpretação sócio-demográfica do Brasil e especialmente do Rio Grande do Sul.
9. Psicologia Social	Definição entre Psicologia social e psicologia individual. A base psicológica das estruturas e dos comportamentos sociais. Momentos psicológicos da coletividade. Tentativas de interpretação psicossociológica da alma brasileira.
10. História, Filosofia da História e Sociologia	Contribuições para a sociologia. Diferenciação. Fundamentos históricos dos fatos sociais. As grandes linhas de interpretação sociohistórica do Brasil.
11. As bases naturais da sociedade	As bases físicas, biológicas e psicológicas. Sua Análise
13. A inteligência e a vida social	A inteligência e a racionalização das instituições. A inteligência e a cultura. A inteligência e os desajustamentos sociais. O sentimento e a vida social. A simpatia- formas e funções sociais
14. Forças Sociais	A interação, processos sociais- formas e funções
15. A estrutura e a organização social	Análise. A autoridade e a hierarquia. As classes sociais- formação, estrutura e funcionamento. As elites
16. A comunidade e as associações	Conceito, elementos característicos, formas, grupos sociais: biológico, econômico, político e espiritual
17. As transformações Sociais	Definição, formas, fatores. Princípios que regem a dinâmica social. As transformações sociais anormais. Fatores e mecanismo dos diferentes tipos.
18. Civilização e progresso	Civilização. Conceito, elementos e formas. Classificação. Evolução e progresso. Natureza do progresso; teorias. A participação das massas no destino econômico dos povos e a consecução de seu bem estar.
19. A alma Social	Natureza e elementos constitutivos. Consciência e inconsciente social. A linguagem e os símbolos, influência social. Tradição. Opinião social, como se forma, como atua e seu significado. Espírito grupal. A pátria e o patriotismo. O sentido social nas nações americanas.
20. Sociologia Doméstica	Família, Formas, origem e evolução. A escola Histórico cultural
21. Constituição natural e constituição cristã da família	A família como instituição. Importância na Sociedade. A família e o Estado
22. Casamento Civil	Desquite. Divórcio, O problema em Si e no Brasil
23. A finalidade natural da família	Erros correspondentes. O auto-concepcionismo. População-denatalidade e suas causas, remédios, eugenia.
24. A família moderna e contemporânea	Tipos de família contemporânea e seus caracteres. Fatores sociais que influem sobre a família.
25. O feminismo	Posição natural e posição artificial da mulher na sociedade, o trabalho da mulher fora do lar
26. Sociologia educacional	Os fundamentos sociológicos da educação. Grupos que nela interferem
27. Importância das instituições educacionais	Nas transformações sociais e econômicas. Orientação e seleção profissional. Educação e ajustamento comunitário.
28. Sociologia econômica	Fundamentos sociológicos dos quadros da vida econômica. Constituição e condições sociais da produção. Instituições econômicas modernas originadas pela sociedade.
29. O trabalho	O caráter moral, social e econômico do trabalho. Os fenômenos sociais do trabalho. Os direitos do trabalho. A valorização do homem brasileiro pelo aperfeiçoamento de seu trabalho.
30. A origem da Propriedade	Contribuição da etnologia moderna para a solução dos

	problemas. Direito de propriedade, limites. Função social da propriedade. Economia doméstica e fabril. A revolução industrial. A máquina.
31. O grupo econômico e sua evolução	
32. Sociedade profissional	Classe e profissão. Organização profissional. A organização profissional do Brasil.
33. Colonização e produção-	Política colonizadoras do Brasil. A colonização no Rio Grande do Sul.
34. Fundamentos sociológicos do mecanismo da vida econômica	Relações entre o econômico e o social. Fatores sociais que aumentam ou retardam a velocidade das trocas; e reflexos sobre a produção. Conseqüências sociais e morais da divisão do trabalho.
35. Pressupostos sociológicos na distribuição e no consumo	Salário, previdência, renda e lucro do ponto de vista dos princípios fundamentais do convívio humano. Participação do operário nos rendimentos de empresa. O consumo e a ordem econômico- social
36. Aspectos sociológicos dos problemas de economia nacional e internacional	A situação do Brasil
37. Os dados sociológicos das doutrinas econômicas mais importantes	Economia liberal. O capitalismo. Economia Socialista. Economia Orgânica.
38. Sociologia Rural	Sociologia das comunidades rurais. A população rural. A organização social rural. Os processos sociais na sociedade rural. Linhas gerais da nossa evolução rural
39. Sociologia Política-	Sociedade civil. Origens e finalidades. O bem comum. Raças e nacionalidade.
40. A nação e o Estado	Fatores que transformam a nação e o Estado. Teorias do Estado. Concepção orgânica do poder civil. Modos de organização social
41. Democracia	Formas e fundamentos. Raízes históricas e sociológicas da democracia no Brasil
42. Sociedade internacional	Nacionalismo, Continentalismo, internacionalismo, universalismo. O problema da paz na mundo
43. Sociologia Religiosa	Origem e evolução das religiões. O fator religioso na história. O cristianismo e a civilização ocidental
44. Modos de relação entre a Igreja e o Estado	A Igreja e a educação. A situação no Brasil
45. Patologia Social	Anomalias sociais periódicas- guerra- Revoluções- crises econômicas e trabalhistas- desemprego
46. Anomalias sociais constantes	Pauperismo, degenerência, criminalidade, alcoolismo, fragilidades sociais
47. História da Sociologia	Estudos sociais desde a antiguidade até o início da idade moderna. Classificação das diferentes escolas contemporâneas
48. As Sociologias mecanistas	Geográficas. Biológicas e sociológicas
49. As escolas com fundamento no sociologismo	Escolas psicológicas psico-sociais
50- A escola de Le Play	Seus continuadores. O método da Sociologia
51. A Sociologia contemporânea	Na França, nos Estados Unidos da América do Norte, na Inglaterra e na Alemanha. A sociologia na América Latina, a Sociologia no Brasil

Fonte: Programa da disciplina de Sociologia Geral do Curso de Administração e Finanças 1947 (acervo IHGRS)
 Quadro 10: Programa de Sociologia Geral do curso de Administração e Finanças

Nesse período Medeiros era o diretor da Faculdade de Economia e Administração, tendo renunciado em 1948, juntamente com o Reitor da UFRGS Armando Câmara. Enquanto Diretor esteve preocupado com o desenvolvimento da pesquisa na Faculdade de Economia, e propôs ao Conselho Técnico Administrativo (CTA) a criação de um Instituto de Pesquisas

Econômicas sendo aprovado por unanimidade pelo CTA e pela Congregação em 30 de julho de 1947, e assim, o Reitor da UFRGS encaminhou ao Governo do Estado, mas por dificuldade de ordem administrativa e financeira não foi concretizado, apenas criado na década de 1950.

De todo modo, essa preocupação já aparece no seu programa de Sociologia Geral, ao incluir a discussão de técnicas de pesquisa e demografia especialmente centradas no caso do Brasil e do Rio Grande do Sul. No entanto, na sua bibliografia mínima para o programa indicou apenas o manual de L.D Osbourn e H Neumeyer, que já utilizava no Colégio Universitário, o manual de método sociológico de Paul Bureu, o de A. Menzel, as obras de cunho católico de Tristão de Athayde e Murray, e a sistematização do conteúdo sociológico de E. Willems e R. Barreto e o de Sociologia rural de T.L. Smith, e por fim indicou Fernando de Azevedo com seu clássico *A cultura brasileira*⁹⁷.

Desse enorme programa, e dos posteriores, conforme os pontos dos exames finais, Medeiros esperava que os alunos compreendessem os seguintes temas:

Sociologia geral (1947)	Sociologia Geral (1949)	Sociologia Geral (1951)
Sociologia Geral	A Sociologia e as demais ciências	Determinação do campo de estudo
Conceituação da Sociologia e sociais		Fato social
sua situação no quadro geral das	Interação e processos sociais	Método sociológico
Ciências	Grupos e instituições sociais	Sociedade
Isolamento social	Comunidade Local e região.	Estrutura e organização social
Contato Social	Sociedade Global	Interação social
Grupos sociais	Estrutura e Organização Social	Processos sociais e culturais
Comunidade	Cultura e mudança sócio- culturais	Comunidade
Estrutura Social		Mudança cultural
Cultura		A família
População		O econômico e o social
		Trabalho e profissão
		Nação e Estado
		Sociologia do conhecimento
		Anomalias sociais

Fonte: Pontos para exame final do ano de 1947, 1949, 1951 acervo IHGRS
 Quadro 11: Pontos para o exame final de Sociologia Geral de 1947, 1949, 1951

De um exame para outro se mencionam apenas os temas novos, porque os pontos da prova de 1947 mantiveram-se na de 1949, e no de 1951, e assim em cada uma só adicionado mais pontos os quais o catedrático considerava essencial. Nos questionamentos elaborados

para os alunos a partir de 1949 prepondera a discussão sobre classes sociais. Ainda que nos seus cadernos de aula⁹⁸ e nas suas bibliografias não contenham nenhuma discussão mais aprofundada sobre modo de produção do sistema capitalista e das teorias estruturalistas e materialistas, ele inquiria seus alunos sobre as causas e os aspectos ideológicos da luta de classe. Por outro lado, as questões enfatizam a Sociologia Urbana e a Rural, os estudos de comunidade, especialmente influenciados pela Escola de Chicago, inclusive o manual indicado para esses temas foi o de Teoria e Pesquisa de Donald Pierson, de 1945. Alguns temas são colocados numa ordem moral, como a dignidade de trabalho e sua fecundidade, ou então quando questiona sobre o trabalho da mulher fora do lar, e classifica o feminismo como moderado ou radical. Esses tópicos vão manter-se nos outros programas dos outros cursos, e a grande ênfase é na definição da Sociologia e sua aplicação para a realização de diagnósticos sociais. É com essa orientação que Medeiros propõe atividades de pesquisa sobre a variada temática dos programas, como revisões bibliográficas, e visitas à instituições e a comunidades no Estado com o “objetivo de habituar o aluno à pesquisa científica e o de informar de modo direto sobre a vida social e econômica do Estado”.⁹⁹ Embora tenha diversificado a bibliografia, inclusive incluindo Max Weber, mas sem discutir a teoria da secularização e modernização, a hegemonia continuou sendo da redefinição dos temas sociológicos em preceitos morais.

A disciplina de Sociologia Econômica do Curso de Administração e Finanças ampliou sua temática especialmente no ano de 1951. Medeiros incluiu uma discussão sobre sociedade e multidão, no contexto da administração federal “populista” de Vargas. Interessante que Medeiros não opôs sociedade às massas, como a Sociologia sistematizada por católicos compreendia essa dinâmica (Fontoura, 1943), mas sim à multidão.

Sociologia Econômica 1950	Sociologia econômica 1951	Sociologia econômica 1953
1. Conceituação da Sociologia		40. comunidade rural
2. Classificação das sociedades	21. Relação interpsicológica e relação social	41. vizinhança
3. Luta de classes e conflitos sociais	22. Delimitação do campo de trabalho da Sociologia	42. Autoridade e hierarquia,
4. Hierarquia social	23. Sociologia como Ciência especulativa	43. Reforma agrária- o que é, objetivos da reforma agrária no Brasil
5. Estratificação social	24. Patologia Social	44. Formas de família
6. Posição da sociologia no quadro das ciências	25. Sociabilidade natural do homem	45. Família rural e família urbana
7. Autoridade	26. individualismo e despersonalismo	46. Competição e conflito
8. Sociologia econômica		47. Sociabilidade humana
9. População		48. Divisão da Sociologia

- | | | |
|--|--|-----------------------|
| 10. Método sociológico | 27. Método e realidade investigada | 49. Cooperação social |
| 11. Método de Le Play | 28. Diferença de sociedade e multidão | |
| 12. Diferenciação social | 29. Cultura | |
| 13. Método de Jacques Valdour | 30. Métodos das diferentes escolas sociais | |
| 14. Fato Social | 31. Impulsões sociais e contatos sociais | |
| 15. Conceito de homem | 32. Dever, direito e importância moral do trabalho | |
| 16. Partidos políticos | 33. interação social | |
| 17. Inteligência e racionalização das instituições | 34. Acomodação e assimilação | |
| 18. Elites | 35. Anomalias sociais periódicas e constantes | |
| 19. Comunidade | 36. Cooperação social | |
| 20. Contatos sociais e interação social | 37. Guerras e revoluções | |
| | 38. Espaço e Distância Social | |
| | 39. Status social | |

Fonte Programa de Sociologia Econômica de 1950, 1951, 1953

Quadro 12: Pontos para exame final de Sociologia Econômica 1950, 1951, 1953

Nesses programas aparece mais claramente uma preocupação de Medeiros com a reprodução de métodos de pesquisa social acabando por definir sua orientação teórica: Le Play e Jacques Valdour. Ambos não estavam ligados aos sistemas universitários modernos, o que demonstra que a tradição da leitura da realidade social nem sempre foi construída no ambiente acadêmico, muito menos foi desenvolvida nos moldes “cientificistas”, mas foram tradições que desenvolveram em torno de grupos que criaram certas instituições e, deste modo, deram continuidade a certas linhas de pensamento, que posteriormente defrontam-se, desaparecem ou são “reatualizadas” no processo de institucionalização da Sociologia como disciplina acadêmica (Lepenies, 1996). Portanto, Medeiros “reatualizou” essas orientações ligadas ao catolicismo francês, ambas das enquêtes sociais, especialmente sobre os operários. Entretanto a escola não construiu respeitabilidade acadêmica, porque não teve um projeto científico de valor universal, apenas um papel particular entre a propagação de idéias conservadoras e a difusão de técnicas de coleta de dados sociais. No entanto, mesmo que os historiadores da Sociologia considerem a escola de Le Play como precursora da Sociologia empírica, conforme Karady (1976) não há nenhuma continuidade histórica entre os empreendimentos de Le Play e as práticas científicas posteriores.

A “Escola sintética e geográfica de Le Play”, estava dentro do conteúdo sociológico sistematizado por Pitirim Sorokin¹⁰⁰. Logo, foi este o manual amplamente utilizado na maioria dos cursos de Sociologia de Laudelino Medeiros¹⁰¹ e classificado por Levine (1997) como de tradição pluralista. Portanto, embora outras orientações ainda estivessem obscuras nos cursos de Medeiros, como a weberiana ou até mesmo a interpretação marxista da realidade social capitalista, o fato social de Durkheim, a classificação da Sociologia entre as Ciências de Comte, e o método de Le Play e o de Valdour prevaleceram em seus cursos. Por outro lado, cabe destacar, a introdução da temática da reforma agrária nos programas, porque, na década de 1950, após a industrialização acelerada do pós -1930 representou um problema latente brasileiro, revelando que a orientação dos cursos de Medeiros, ou melhor, a finalidade da Sociologia para Medeiros era, justamente a resolução dos problemas brasileiros através de diagnósticos da realidade, tanto a social, quanto à econômica (Neves & Liedke, 1997).

A partir de 1946, Laudelino Medeiros assumiu as disciplinas de Sociologia do Curso de Ciências Econômicas, especialmente o “Estudo comparado dos sistemas econômicos” (1946-1961) e “Princípios de Sociologia aplicados à economia” (1954-1960). Os primeiros anos reproduzidos nos programas¹⁰² do curso de “Princípios de Sociologia Aplicados à Economia” são muitos similares àqueles do curso de Administração e Finanças, só diferindo-se a partir de 1957. Um dos fatores explicativos dessa mudança foi à criação do Centro de Pesquisas Econômicas (CEPE), posteriormente IEPE, em 1953, sob a direção de Pery Pinto Diniz no Reitorado de Elyseu Paglioli. O IEPE foi criado quando a Universidade estava sendo federalizada com o objetivo de: 1) realizar pesquisas na área de economia nacional e regional, 2) proporcionar o aperfeiçoamento dos economistas e dos professores, 3) exercitar os alunos na investigação científica, complementando o ensino do FCE; e 4) cooperar com a administração pública e entidades privadas. É nesse contexto, na Divisão de Pesquisas do IEPE que foi criada a Secção de Estudos Sociais, coordenada por Laudelino Medeiros, a qual agregou alunos colaboradores, assistentes e pesquisadores no intuito de realizar pesquisas científicas.

Nesta disciplina de “Princípios de Sociologia aplicados à Economia”, Medeiros teve como assistente Túlio Bogo. Este foi seu aluno na Faculdade de Ciências Econômicas, e colaborou na Pesquisa sobre o Padrão de Vida no Rio Grande do Sul, coordenado

regionalmente por Laudelino Medeiros, em 1952, e em outra pesquisa de Medeiros sobre a Mobilidade social para Porto Alegre, em 1956, além de colaborar na pesquisa de Fernando de Oliveira sobre São Sebastião do Caí.

Alguns temas novos são incluídos no programa de 1957 como a planificação regional, e no de 1960, o padrão de vida familiar. É claro que, esses temas estão relacionados com as pesquisas desenvolvidas no IEPE por ambos, Medeiros e Bogo, como colaborador, especialmente nos anos 1960, pois juntando os dados das sucessivas pesquisas sobre o padrão de vida de operariado (1954, 1960, 1970, 1983) foi possível posteriormente construir índices de preço ao consumidor (Massina, 2003, pág. 11). Em relação ao tema da planificação desde 1951 Medeiros é membro correspondente do Instituto de Sociologia e Planificação Regional da Universidade de Tucumán (Arg), e num ofício do ano de 1955 revelou seu desejo de desenvolver estudos sobre a possibilidade da Planificação¹⁰³ no RGS. Possivelmente o curso de 1957 tenha sido ministrado por Medeiros, porque os temas continuam seguindo a mesma orientação culturalista, e o de 1960 ministrado por Bogo, uma vez que incorpora temas novos, como: burocratização, a questão da produção, além da ênfase na Sociologia Econômica propriamente dita. Posteriormente, esse curso, assim como o de “estudo comparado dos sistemas econômicos” tiveram Túlio Bogo como o docente responsável¹⁰⁴.

Princípios de Sociologia aplicados à Economia (1957)	Princípios de Sociologia aplicados à Economia (1960)
1. Sociologia,	8. Conceituação da Sociologia econômica
2. Fato social,	9. Status Social
3. Método Sociológico	10. Estratificação social e classe social
4. Sociologia Geral (Sociedade- aspectos fundamentais, estrutura social, bases naturais e racionais, o homem e a sociedade. Interação social e processos sociais, comunidade, cultura)	11. Significação econômica da família
5. Sociologia Familiar (Família- generalidades, Família rural e urbana, Família- Significação social e econômico.)	12. Sociologia economia e o economista
6. Sociologia Econômica (trabalho, propriedade, grupos econômicos, empresa, associação profissional, profissão, classes sociais, organização social e atividade econômica)	13. Teoria evolucionista sobre origem e evolução da família
7. Planificação Regional (Análise regional, área subdesenvolvida, organização social da comunidade)	14. Estrutura social e estrutura de classes
	15. Comunidade
	16. Classe média
	17. população
	18. Família, Produção e o consumo
	19. mudança cultural e estrutura de classes
	20. Teoria de Durkheim sobre a origem e a evolução da família
	21. Grupos primários e secundários e a comunidade
	22. A sociedade industrial e a estrutura de classe
	23. Processos sociais

24. A Burocracia e a moderna estrutura de classes
25. Família e o padrão de vida
26. Acomodação e assimilação
27. Sociologia Urbana
28. Cultura
29. Demografia
30. Mudança e ruptura cultural

Fonte: Programa de Princípios de Sociologia aplicados à Economia de 1957 e 1960

Quadro 13: Pontos da disciplina de Princípios de Sociologia aplicados à Economia 1957 e 1960

Embora, a Cátedra de Sociologia da Faculdade de Filosofia tenha tido uma maior tradição de assistentes e colaboradores de ensino, o que se justifica pela ênfase na formação de professores, a cátedra de Sociologia da Faculdade de Economia contou mais com assistentes e colaboradores de pesquisa, especialmente no IEPE. Inclusive, até as atividades de pesquisa dos cursos a partir de 1955, não se reduzem mais a visitas à cidades e instituições, mas sim à realização de estágios de cinco horas por períodos da semana juntamente às atividades da cadeira destinando-se à pesquisa bibliográfica e a pesquisa de dados para a elaboração do trabalho escrito final¹⁰⁵. Portanto, na Faculdade de Economia, Medeiros teve como colaboradores de pesquisa no IEPE e assistentes de ensino num primeiro momento Fernando Corrêa Oliveira e Túlio Bogo, ambos na pesquisa sobre mobilidade para Porto Alegre, e após, na década de 1960, José Fraga Fachel, e Ivo Alberto Schneider na sobre a educação rural em Santa Cruz do Sul e na docência do curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação de Sociologia Rural.

A disciplina de “Estudos comparados dos sistemas econômicos” foi à primeira cadeira assumida por Laudelino Medeiros no curso de Ciências Econômicas, criada pelo decreto estadual 1757 de 29 de outubro de 1946¹⁰⁶. Como o nome indica o objetivo da disciplina consistiu no estudo dos sistemas econômicos presentes no mundo pós-guerra, a saber: o socialismo e o capitalismo. A contribuição da Sociologia nesse sentido, numa disciplina estritamente econômica, foi relacionar uma série de aspectos do mundo social com os sistemas econômicos, como: a cultura, as instituições, as comunidades. Portanto, ao analisar as súmulas, o papel da Sociologia e de seu catedrático, foi incluir a discussão dos princípios não econômicos na constituição dos sistemas econômicos, conforme abaixo:

Estudos comparados dos sistemas econômicos Estudos Comparados dos sistemas econômicos (1961)

(1954)

- | | |
|--|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Sistema Econômico 2. Liberalismo 3. Planificação no sistema socialista 4. O meio natural e o sistema econômico 5. Instituições econômicas liberais 6. Socialismo 7. Vida econômica e comunidades naturais 8. Vida econômica e as comunidades confessionais 9. Sistemas puros e sistemas reais 10. Padrões culturais e o sistema econômico 11. Sistemas permutativos 12. Sistemas distributivos 13. Corporativismo 14. Embasamento cultural no capitalismo 15. Sistema capitalista | <ol style="list-style-type: none"> 16. A disciplina e o seu campo de estudo. Relações com a teoria econômica 17. Teoria e doutrina econômica e sua utilização nos estudos comparados 18. Política econômica e sistema econômico 19. Análise de elementos do sistema econômico - relações, instituições e objetivo. Classificação: teóricos e reais; distributivos e permutativos, de direção central à economia do tráfico 20. Implicações da variação dos elementos dos sistemas econômico e necessidade de sua compatibilidade. A compatibilidade e a essência do sistema econômico. Variação entre o sistema teórico e o real. Embasamento natural do sistema econômico 21. Embasamento social e cultural do sistema econômico 22. Sistemas econômicos: classificação 23. Aula de Jean Roche sobre a estrutura agrária na região colonial do rio grande do sul 24. Classificação das escolas socialistas 25. O socialismo como sistemas econômico e seus princípios básicos não econômicos 26. Análise das implicações dos princípios não econômicos na estruturação do sistema econômico socialista 27. Princípios econômicos do sistema |
|--|--|
-

Fonte: Programa de Estudos comparados dos sistemas econômicos de 1954 e 1961

Quadro 14: Pontos de Estudos comparados dos sistemas econômicos 1954 e 1961

Essa imbricação da Sociologia na Economia, ou socialização da Economia, foi descrita por Medeiros em 1952, no artigo intitulado “A Sociologia Econômica e a formação dos economistas”, no qual demonstra que:

“A economia, ao elaborar a teoria econômica, não pode ignorar a realidade propriamente social, sobre a qual, ou na qual, existem os fatos econômicos. Em primeiro lugar, as instituições econômicas – pontos de partida ou de amarra das relações econômicas – são instituições sociais e muitas vezes organizações societárias: a empresa, o mercado, o costume regulador, a divisão profissional do trabalho, etc. É necessário, pois, que a Sociologia informe sobre a natureza e a resistência desses materiais. De outro lado os fatos econômicos não se comportam da mesma maneira em todos os meios sociais indiscutivelmente. E, por fim, a ordem econômica, o sistema econômico, não é senão um aspecto da polimórfica realidade social. E a ordem econômica, encarada do ponto de vista teleológico, existe para a organização social; para que, sendo boa (a ordem econômica), também sob este aspecto a ordem social propicie o bem comum. É claro que uma boa ordem social deve assegurar uma boa ordem jurídica, uma boa ordem política, uma boa ordem social - recreativa e social-religiosa, uma boa ordem educacional e, também, uma boa ordem econômica. Portanto, é ainda uma vez manifesta a contribuição da

Sociologia à Economia, quando se elabora a teoria econômica, ao fornecer conclusões, supostos sociais e princípios.” (MEDEIROS, 1952: 700-701)

A importância da análise dos princípios sociais no estudo de sistemas econômicos e na formação de especialista em Economia é reiterada por Medeiros (1952: 701):

“ Mais evidentes se tornam as relações da Sociologia com a Economia ao se examinar a política e a técnica econômica. A política econômica é o conhecimento dos meios necessários e eficazes para que seja conduzido um sistema econômico, admitidos os conhecimentos oferecidos pela teoria e doutrinas econômicas. A elaboração desse conhecimento da política não pode deixar de lado os ensinamentos da sociologia sobre a natureza e o mecanismo da vida social, sobre os objetivos gerais da sociedade, aos quais se deve ajustar o objetivo particular econômico. E o mesmo ocorre com a técnica econômica. Esta já não é a elaboração de um conhecimento, mas um fazer. E a maneira de realizar isso, diante das situações concretas individualizadas, a política econômica adotada. E então é indispensável o conhecimento da realidade com a qual se está trabalhando – a sociedade- para o que é necessário recorrer a sociologia.”

Medeiros escreveu esse artigo em 1952, um ano após a profissão de economista ser reconhecida. Na análise das súmulas e provas da disciplina, anteriormente à 1954, e após, até 1960, a relação da realidade social com a econômica ainda é representativa nos pontos trabalhados, mas a partir de 1960 a teoria econômica prepondera. Isso é representativo do processo de institucionalização e profissionalização do economista, que, especialmente a partir da década de 1960, proliferaram-se programas de pós-graduação da disciplina no Brasil¹⁰⁷. No entanto, no Rio Grande do Sul, a expansão do ensino com a criação da Pós-Graduação ocorreu juntamente com a Sociologia, no curso de Mestrado em Economia e Sociologia Rural, de 1963. Essa vinculação da Economia com a Sociologia Rural, objetivada na criação do primeiro curso de Pós-Graduação dessa área de pesquisas foi decorrente das atividades de pesquisa e intercâmbios acadêmicos desenvolvidos no IEPE.

Desde o final da década de 1950 o IEPE recebeu apoio da Fundação Rockfeller e da Fundação Ford para seu desenvolvimento institucional, assim como da Fundação Getúlio Vargas (FVG), do Conselho Nacional de Economia, e do Instituto Roberto Simonsen. Com esses recursos financeiros a Instituição pode, além de desenvolver pesquisas, aperfeiçoar o seu pessoal técnico através formação qualificada de seus pesquisadores e alunos tanto no Brasil, quanto no exterior. Uma das iniciativas nesse sentido foi o intercâmbio acadêmico firmado entre a seção de estudos rurais do IEPE com a Universidade de Wisconsin (EUA),

iniciado em 1961, que resultou na realização do curso de aperfeiçoamento em Economia Rural, realizado em 1962, uma espécie de embrião do Programa Mestrado de Economia e Sociologia Rural.

O curso de Mestrado em Economia e Sociologia Rural foi criado em 1963, e desmembrado em 1965, como Economia Rural e Sociologia Rural, e deste modo, o estudo da Economia “pura” propriamente dita surgiu posteriormente em 1971, com a criação de um curso de Pós-Graduação específico de Ciências Econômicas. Portanto, o desenvolvimento da Sociologia Rural foi favorecido pelos empreendimentos da secção de estudos rurais do IEPE, especialmente pela cooperação internacional de formação e recomposição dos quadros docentes. Por ter sido uma área precursora foi hegemônica, inclusive, quando surgiu o curso de Ciências Sociais (1959) e o Centro de Estudos Sociais (1961), muitos dos especialistas do IEPE, formados ou não no exterior, foram aproveitados no corpo docente da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, especialmente pelo apoio de Laudelino Medeiros, que ainda dispunha de alguma influência na Universidade.

Na década de 1970 Medeiros pede aposentadoria dos cursos de Ciências Econômicas e Ciências Sociais¹⁰⁸. No entanto, desde a criação do Centro de Estudos Sociais, em 1963, na Faculdade de Filosofia, já estava afastado da Faculdade de Ciências Econômicas, especialmente com a extinção da secção de estudos sociais do IEPE, mas manteve-se até a década de 1980 no curso de Pós -Graduação de Sociologia Rural, ministrando a disciplina de “ Teoria Sociológica”.

De todo modo, após a Reforma Universitária, de 1968, Medeiros ficou numa situação indefinida nos novos departamentos de ensino, porque não era mais o catedrático, tendo que disputar espaços de atuação com outros professores, com formação distinta da sua, o que de certa forma explica seu pedido de afastamento da Universidade. Todavia, a particularidade da Sociologia de Cátedra no Rio Grande do Sul, é o fato dela ter surgido na Faculdade de Ciências Econômicas e não a partir da Faculdade de Direito como foi o padrão na Sociologia de Cátedra latino-americana (Azevedo, 1956).

1.3. A Cátedra de Sociologia na Faculdade de Filosofia e sua inserção na formação de professores

Na condição de catedrático de Sociologia da Faculdade de Economia e Administração Medeiros assumiu Sociologia na Faculdade de Filosofia tendo feito parte das primeiras comissões julgadoras do concurso de habilitação para a matrícula da década de 1940, juntamente com Egídio Hervé, Leogildo Paiva e Álvaro Magalhães¹⁰⁹. Na Faculdade de Filosofia primeiramente foi designado para reger a cadeira de História do Brasil, já que naquele momento a Sociologia estava a encargo do reitor Edgar Schneider. Em 1944, com a nomeação de Dante de Laytano para essa disciplina, Laudelino Medeiros assumiu a Sociologia.

Neste primeiro momento, e posteriormente, as disciplinas ao encargo do catedrático foram Sociologia e Fundamentos Sociológicos da Educação. A primeira era ministrada, conforme o currículo nacional padrão da Universidade do Brasil, no segundo ano de Filosofia e no primeiro ano do curso de Pedagogia. A segunda disciplina constava no currículo do segundo ano do curso de Pedagogia, e no primeiro e único ano do curso de Didática. Portanto, nesse primeiro momento, a Sociologia da Faculdade de Filosofia teve como objetivo a formação de professores.

Quando assumiu disciplina de Sociologia do curso de Filosofia em 16 de junho de 1944, reproduziu em suas primeiras aulas a sociologia sistematizada por Tristão de Athayde no seu manual “Preparação à Sociologia”¹¹⁰. A Sociologia proposta por Amoroso Lima, e seguida nos primeiros cursos de Laudelino, defende uma Sociologia finalista e integral. Nessa perspectiva a Sociologia aparece como a “ciência que tem por objetivo os fatos sociais e por fim o progresso coletivo” (Athayde, 1932: 83) Assim, esta sociologia com pretensão científica estaria a serviço de fins práticos, e por isso finalista, que seria a recristianização da Sociedade.

A partir dos programas da disciplina de “Fundamentos Sociológicos da Educação” ministrada no curso de Pedagogia, Didática e Filosofia, pode-se analisar que tipo de sociologia Laudelino defendia como legítima nesse primeiro momento na Faculdade. As aulas ministradas versavam sobre os seguintes pontos, segundo quadro abaixo:

Ponto	Assunto
1	Sociologia e Sociologia Educacional
2	O Homem
3	Sociedade e educação
4	Comunidade e educação
5	Família e educação
6	A escola e seus problemas sociais
7	A missão social e cultural da Universidade
8	Classes Sociais e educação
9	Profissão e educação
10	Elites e sua função social
11	Estado e educação
12	Igreja e educação
13	Liberdade, autoridade, responsabilidade e disciplina
14	Ajustamento ao meio
15	Tradição
16	Progresso Social
17	Doutrinas políticas: Racismo, fascismo, socialismo, nacionalismo, democracia.
18	Guerras e revoluções
19	Crises econômicas
20	Pauperismo
21	Desgenerências
22	Crime
23	Alcoolismo
24	Menores abandonados
25	Surdos, mudos, cegos

Fonte: Programas de 1944, 1945, 1947, 1948.

Quadro 15: Programas da Disciplina de Fundamentos sociológicos da educação

Para dar conta desses pontos a relação bibliográfica não é muito extensa, mas a predileção é por representantes de uma Sociologia Cristã, ou Pedagogia cristã como a obra de Lúcio José dos Santos, de Alceu Amoroso Lima, E. Guerrero, Jacques Maritain, Ettiene Gilson e Pio XI. Por outro lado, utiliza-se dos manuais de Fernando de Azevedo entre os quais “A Sociologia Educacional” e a “Educação e seus problemas”, e o manual de Archero Júnior intitulado “ Lições de sociologia educacional”. Do universo do grupo católico gaúcho discorreu sobre a missão cultural e social da Universidade a partir dos artigos da Revista Estudos. Portanto, a Sociologia ministrada era aquela intimamente ligada aos postulados cristãos, inclusive com uma visão assistencialista dos problemas sociais, sendo assim muito próxima das finalidades do serviço social.

Com efeito, a disciplina de Fundamentos Sociológicos da Educação, era, visto a clientela a que se destinava - os futuros professores da rede secundária de ensino - o curso ideal para a propagação dos ideais católicos. Apesar de Medeiros ter advertido na súmula da disciplina sua total indefinição de orientação, conforme abaixo:

“Quer pela circunstância nova à preocupação de estudo neste setor do conhecimento, quer pelo fato de ser recente a introdução desta disciplina no currículo oficial, quer ainda porque só nestes últimos anos é que se tem tentado a sistematização desta disciplina e por outras razões varias, o fato é que de um modo geral- e entre nós principalmente – há uma grande dificuldade de bibliografia sistemática. Excluída a fonte norte americana, não é muito o que há. O material bibliográfico de estudo, portanto, está disseminado nas obras de Sociologia, Filosofia e de história da educação, e de um sem número de monografias diversas. Indicaremos aqui algumas obras de maior utilidade para o curso, sem que façamos a indicação exaustiva da utilidade para o curso, sem que façamos a indicação exaustiva da utilidade para cada ponto, o que será feito em aula após o seu desenvolvimento. Esta indicação, porém, não implica na recomendação de todas essas obras e nem da aceitação dos pontos de vista das doutrinas expendidas pelos seus autores. Os comentários bibliográficos durante o desenvolvimento do programa darão o ponto de vista da cadeira” (SUMULA, 1948)

O enfoque católico foi dominante. Embora mencione a fonte norte americana, ela não consta em sua bibliografia, assim, mesmo que a orientação fosse se definir a posteriore, durante o desenvolvimento da disciplina, pela bibliografia já estava dada: a Pedagogia, a Filosofia e a Sociologia orientadas por dogmas católicos. As atividades de pesquisa, nessa disciplina, e na disciplina de Sociologia do curso de Pedagogia, foram realizações de inquéritos, um por aluno, sobre o nível cultural da empregada doméstica, ou a cultura na camada social das domésticas ou análises históricas sobre uma determinada rua de residência urbana de Porto Alegre à escolha do aluno¹¹¹. Portanto, a prática de pesquisa consistiu numa espécie de figuração, não sendo o objetivo real desses cursos, que foi a formação intelectual dos futuros professores, especialmente para a rede católica de ensino.

Os programas de sociologia do curso de Filosofia, a partir de 1948 diversificam-se daqueles dos primeiros anos e são muito similares aqueles de Sociologia geral do curso de Administração e Finanças da Faculdade de Economia. Os pontos, ou assuntos ministrados foram:

Assunto	Conteúdos
Introdução à Sociologia	Conceito, delimitação, campo de trabalho, modo geral como encara a realidade investigada, divisão, definição, posição no quadro geral de ciências
Fato Social	Conceituação, elemento e caracteres, dinamismo intrínseco, classificação
Postulados da Sociologia	Implícitos e explícitos, posições contraditórias, Sociologia- ciência especulativa ou normativa, moral e Sociologia
Método Sociológico	Método e realidade investigada, modalidade do método empregado pela

O homem	sociologia. Classificação dos métodos das diferentes escolas, processos metodológicos de análise, técnica de pesquisa. Animal racional, indivíduo e pessoa, o homem e a sociedade, sociabilidade natural do homem, tríplice tendência humana: O homem e a lei natural, dois erros sobre o conceito de homem: o individualismo e o personalismo. O homem como causa de seus atos e como causa da história.
Mesologia Social	Conceito de meio social. O fator geográfico e biológico, o fator tecnológico e a sociedade. Os fatores mesológicos no mundo atual, Interpretação sociogeográfica do Brasil.
Etnologia e Antropologia	A origem da espécie humana, raças, raças antropológicas, raças históricas. O valor sociológico das raças. Fusão étnica. Assimilação. O problema do Brasil e especialmente do Sul. Racismo na investigação e na aplicação
Demografia	Valor sociológico da população da povoação, movimentos de população e suas causas. Evolução histórica dos fenômenos demográficos, os fenômenos demográficos no mundo atual (estatísticas), interpretações sócio-demográficas do Brasil e especialmente do Rio Grande do Sul.
Psicologia Social	Distinção entre psicologia social e psicologia individual. A base psicológica das estruturas e dos comportamentos sociais, Momentos psicológicos da coletividade, tentativas de interpretação sociológica da alma brasileira.
História	Filosofia da história e da Sociologia. Contribuições para a Sociologia. Diferenciação. Fundamentos históricos dos fatos sociais. As grandes linhas para uma interpretação sócio-histórica do Brasil.

Fonte: Programa de 1948, 1949, 1950

Quadro 16: Programa de Sociologia

Este programa, que é a base dos posteriores, tem quarenta e quatro pontos, mas esses são os conteúdos considerados básicos. Os outros assuntos versam sobre as sociologias específicas como: a doméstica, a econômica, a rural, a política, a religiosa, a patologia social. No final incluí a história da Sociologia, na qual analisa os estudos sociais desde a Antiguidade até o início da Idade Moderna e classifica as escolas sociológicas como:

- 1) Escolas mecanistas, geográficas, biológicas e sociológicas
- 2) Escolas com fundamentos no sociologismo: Escolas psicológicas e psico-sociais
- 3) A Escola de Le Play e seus continuadores e o método sociológico

Apesar da Escola de Le Play não ter se constituído como uma tradição sociológica, para Medeiros não foi apenas uma escola metodológica, mas sim uma Sociologia que teve

continuidade, inclusive uma das obras indicadas em suas bibliografias é Frederic Le Play por ele mesmo, de F. Alburin. De toda forma, no programa de aula previsto, ainda analisa a Sociologia contemporânea na França, nos EUA e na Alemanha, através das obras de conteúdo sociológico sistematizado, especialmente as de Piritin Sorokim, C. Bouglé, L. D. Osborn e M. H. Neumeyer R. Murray, A. Menzel, Lemonnyer, Georg Simmel, F. Tönnies, entre outros¹¹².

Noutra perspectiva discorre sobre a Sociologia na América Latina e no Brasil. Nesse sentido, apenas para citar os manuais de Sociologia brasileiros, indicou três interpretações distintas da Sociologia no Brasil, como a Gilberto Freyre, a de Donald Pierson, e a de Guerreiro Ramos. De fato, Medeiros não se posicionou em relação ao debate dos anos 1950 entre a sociologia considerada “científica” e, deste modo, universal, defendida pelo grupo da USP e da ELSP, representados por Florestan Fernandes e Fernando Azevedo, e a possibilidade de uma Sociologia nacional, a qual preconizava Guerreiro Ramos. De todo modo, sua interpretação da Sociologia no Brasil estava distante da dicotomia entre tradição ensaística versus cientificista, porque a questão nem se colocava nesses termos para ele, preocupava-se em determinar os precursores dos estudos sociais no Brasil, como Gilberto Freyre e Oliveira Vianna:

“ São dois que desempenharam o importante papel de encaminhar a pesquisa para o campo da realidade brasileira e procuraram imprimir objetividade, diria mesmo caráter empírico, aos estudos sociais no país. Gilberto Freyre teve reconhecida importância de sua contribuição, no Brasil, e no Exterior. Oliveira Vianna foi o mais discutido. Colocado porém, em sua época, ressalta naturalmente o valor de suas elaborações, da colocação dos problemas de pesquisa e de muitas de suas análises. Oliveira Vianna elaborou e publicou algumas de suas mais importantes contribuições nos anos 1920, quando a Sociologia era quase completamente ignorada.” (MEDEIROS, 1971: 2)

A ênfase nos estudos sociais foi predominante nos conteúdos de suas aulas na Faculdade de Filosofia, desde a década de 1940. Logo, Alberto Torres, Thales de Azevedo, Almir de Andrade e Oliveira Vianna, foram referências importantes. Assim como os estudos sociais e históricos sobre o Rio Grande do Sul publicados na Revista Província de São Pedro como o de J. Sallis Goulart, J. Pinto da Silva, E. Lassance Cunha. Especificamente na bibliografia da sumula de 1948, são indicados uma série de estudos urbanos e de ecologia humana como: Introdução à Sociologia do município brasileiro, de O. Medeiros, Problemas fundamentais dos municípios de Orlando de Carvalho, O moderno município brasileiro de A. Severo,

Estudos de Ecologia Urbana de Donald Pierson, Geografia das Vilas de Pierre Lavedan, entre outros.

Além dos estudos sociais os programas mantiveram uma matriz básica de temas e orientação. A matriz foi a Sociologia de orientação moral e as temáticas discutidas estão dentro do universo do grupo católico desse período, como as questões que envolvem o divórcio, a família, o perigo da modernidade, e o anticomunismo. Para tanto Medeiros utilizou-se de autores como: Pe. Werner, Amoroso Lima, J.C de Oliveira Lima, Julio Marias, Jacques Maritain, Leonel Franca, F. Ozanam, C. Dawson, Pierre Fernessole, L. Van Acker, Foillée, F. Perroux, entre outros. A redefinição da Sociologia em preceitos morais, reproduzidas nas manuais de Sociologia católicos impera nas aulas ministradas, através de autores como: Alceu Amoroso Lima, R. Brugeilles, Luigi Sturzo, J.M. Llovera, etc. Portanto, Medeiros, ao situar o início da Sociologia na antiguidade, reproduziu em suas aulas uma espécie de “Sociologia Tomista”, sustentada na escolástica, assim como fora o desenvolvimento das temáticas no curso de Filosofia nesse período, através de Armando Câmara e Ernani Maria Fiori (Trindade, F, 1982)

No entanto, há dois pontos nos programas essenciais para posteriormente entendermos o desenvolvimento da pesquisa proposta e objetivada por Laudelino Medeiros, que será analisado no próximo capítulo. Um é o ponto que trata da demografia e o outro o da Sociologia rural. Serão exatamente esses temas que orientaram as preocupações teóricas e práticas de Laudelino Medeiros, que se traduzem no processo de urbanização no Rio Grande do Sul, na questão das vilas e malocas em Porto Alegre e no problema das migrações internas no Estado, e a educação em áreas rurais no Estado. Portanto, apesar de Laudelino ter sido mais o catedrático que ministrava aulas, ou seja, o docente, não um pesquisador no sentido estrito do termo, apresentará um tipo de Sociologia em suas primeiras pesquisas, que pode revelar um tipo de tradição sociológica a qual marcará o surgimento do curso de Ciências Sociais na UFRGS, apenas criado em 1959.

A partir de seu interesse pelas questões urbanas de Porto Alegre objetivada na suas pesquisas sobre as malocas de Porto Alegre, publicada em 1952, sob o título “Vilas e malocas - Ensaio de pesquisa sobre as favelas” e de sua obra geral de análise do processo de

urbanização, publicada em 1959, lhe renderam o convite do Reitor da Universidade Pery Pinto Diniz, para ministrar a cadeira de “Organização Social das Cidades” no curso de Urbanismo na Faculdade de Arquitetura, em 1957¹¹³.

Dessa forma as análises demográficas e populacionais estiveram presentes tanto nas disciplinas da Faculdade de Ciências Econômicas, como na de Filosofia e na de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Nas suas provas nas três Faculdades, pedia que os alunos dissertassem sobre as causas do surgimento das vilas e malocas como um fato social habitacional e as causas do crescimento da população assim como sobre a complexidade social de certas regiões, cidades¹¹⁴. É importante destacar que suas preocupações em relação às questões demográficas foi anterior ao boom dos estudos demográficos na América Latina, especialmente na década de 1970, quando a explosão demográfica era considerada um entrave ao desenvolvimento social e econômico, especialmente nos governos autoritários. No entanto, ainda que seu interesse temático seja anterior, Medeiros seguirá o desenvolvimento desse campo de estudos com a pesquisa sobre as migrações internas, e posteriormente quando assumiu a disciplina de “Sociologia do desenvolvimento” no PPG de Sociologia Rural. Portanto, é o aspecto populacional a característica das aulas e das preocupações científicas de Medeiros, e essa é sua ligação com desenvolvimento das Ciências Sociais em outros centros brasileiros, como o Centro Latino Americano de pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) através de sua comissão de População e Desenvolvimento.

Desde sua efetivação como catedrático fundador, na década de 1950, a cátedra contou com quatro vagas para seu funcionamento, a de titular, que era Laudelino Medeiros, a de assistente de ensino que desde o início foi Luiz Alberto Cibils (também um dos fundadores), e de dois colabores. Alberto Cibils, como Medeiros, era formado em Economia na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas e em Direito, e fora nomeado por Armando Câmara, em 1947 para assumir a cátedra, conforme seu depoimento¹¹⁵:

“O Laudelino lecionava na Faculdade de Ciências Econômicas. Ele, então era mandado servir, ele não tinha nomeação para a filosofia, eu é que tinha, ma ele era mandado servir. E como ele era mais antigo do que eu, formado também em Ciências Econômicas com a cadeira de sociologia no curso, ele foi nomeado o titular, o catedrático fundador. E eu fui assistente já em 1946. (...) E depois então, eu fiquei assistente, lecionei em vários cursos: pedagogia, filosofia, ciências sociais, jornalismo. Fui professor fundador do curso de jornalismo, por isso eu já era professor adjunto. E então a federalização, os professores que estivessem

regendo passaram a ser catedrático e eu fui catedrático, me tornei catedrático, hoje transformado em professor titular”

O catedrático escolhia seus colaboradores e assistentes de ensino. Apenas Ivan Dall’ Igna e João Guilherme Correa de Souza prestaram concurso para admissão na cátedra como assistentes, embora João Guilherme já fosse colaborador de ensino enquanto estudante de Filosofia. Nesse sentido, esclarece Medeiros¹¹⁶:

“Pelo regime de cátedra os colaboradores eram escolhidos ad libitum, de livre escolha; eram por isso inteiros. Podiam ser dispensados. Mas a gente sempre escolhia demoradamente e a tendência era deles ficarem. Eu nunca destitui colaboradores. Houve quem sentiu dificuldades e se retirou.”

Posteriormente, Medeiros convidou Ivan Dall’Igna Osório para compor o grupo de assistentes da Cátedra, após ter prestado concurso. Ivan foi o primeiro com formação na área de Ciências Sociais e em Pedagogia, ambos cursos realizados Pontifícia Universidade Católica (1950), mas também teve formação jurídica na Faculdade de Direito da URGS, todos concluídos durante a década de 1950. De 1951 à 1961 foi assistente das disciplinas de “Fundamentos Sociológicos da Educação” e “Sociologia Geral”¹¹⁷. João Guilherme de Souza, no final do seu curso de Filosofia, associou-se à Cátedra de Sociologia como colaborador, sendo efetivado professor assistente, após ter prestado exame de habilitação, em 1959, perante uma banca composta por Ernani Fiori, Darcy Azambuja e pelo próprio catedrático como presidente. Deste modo, apenas ele, e Ivan Dall’ Igna Osório prestaram concurso, sendo todos os outros assistentes escolhidos diretamente pelo catedrático Laudelino Medeiros. Portanto, anteriormente à criação do curso de Ciências Sociais foram dois¹¹⁸ assistentes: Cibils e Dall’Igna na Faculdade de Filosofia, e no ano da criação do curso João Guilherme foi incorporado à Cátedra.

As disciplinas e turmas eram divididas entre eles, mas a forma de funcionamento assim como a avaliação dos alunos eram as mesmas. Desta forma, no ano específico de 1959 que as demandas da cátedra ampliaram-se com a criação do curso de Ciências Sociais e o de Jornalismo, eles dividiam-se entre as turmas desses cursos mais as de Filosofia, de Didática e de Pedagogia¹¹⁹. Assim, nesses cursos eles dividiram a carga horária, e as avaliações. Portanto, a cátedra funcionava como um sistema conjunto, ao exemplo da primeira turma do primeiro ano de Ciências Sociais, composta de quinze alunos, os quais Laudelino deu 34

aulas, aplicou três exames e pediu seis “carrefours” e João Guilherme ministrou às 15 aulas restantes, aplicou três exames, e pediu um “carrefour”. Em relação a esse último tipo de avaliação chamada de “Carrefour” era uma espécie de avaliação livre, tanto escrita, como oral, que consistia em dissertar sobre algum ponto do programa ministrado. O depoimento de Alberto Cibils¹²⁰ é representativo dessa dinâmica: “Eu dava em geral a parte introdutória da sociologia: a colocação da sociologia entre as ciências e qual é o objetivo das ciências sociais. O relacionamento do homem em si: Como se relaciona? Porque se relaciona? E quais os frutos desse relacionamento?”

O relacionamento do Catedrático com os assistentes e a organização do ensino era decidido em reuniões, principalmente após 1959 quando assumiram as turmas dos cursos novos, segundo depoimento de Medeiros¹²¹:

“ Tendo muitas turmas, turmas às vezes em que a matéria era a mesma, embora com conteúdos diferenciados, era necessário a gente ajustar o grupo. Então nos fazíamos, tanto na Filosofia, como na economia, reuniões periódicas, quinzenais, com pauta estabelecida, em geral para avaliar o andamento de ensino e para reajustar questões pendentes. No final fazíamos uma ou duas reuniões de previsão do ano seguinte. A minha participação nessa coordenação era deixar cada assistente seguir um caminho próprio. Até hoje não sei, por exemplo, qual era a religião de Ivan Dall’Igna Osório que é uma questão central, mas eu procurava respeitar essas coisas. Interessava era a eficiência de ensino e tanto quanto possível um certo rigor científico nas afirmativas. Não é só porque desejo que as coisas sejam assim. E muitas vezes na Filosofia deixei prevalecer o ponto de vista de um assistente, que pareciam interessados. Ta bom, estou convencido que não vai dar certo, mas vamos experimentar. às vezes acontecia que eu tinha razão, às vezes não. Agora havia sempre uma espécie de avaliação do trabalho de cada um, inclusive o meu. Não se tinha o intuito de depreciar ninguém, de castigar, mas de que o curso fosse razoável. E isso deu resultado.”

Portanto, dessa maneira a cátedra operou até o surgimento dos departamentos, na reforma de 1968, e apesar de num momento inicial a Catedrático tenha assumido os encargos sozinhos, a partir da década de 1950 começou a formar um grupo em torno da Cátedra e de si, que com a criação do curso de Ciências Sociais e do Centro de Estudos Sociais (1963) incorpora-se mais assistentes, e que depois, com a criação dos departamentos após reforma de 1968, serão efetivados como docentes do curso de Ciências Sociais, e, deste modo, terão papéis importantes no desenvolvimento das Ciências Sociais, e especialmente na Sociologia da UFRGS.

1.4. A modernidade possível: O ensino de sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A partir da promulgação da Lei Orgânica do ensino secundário, de 1937, o ensino de Sociologia restringiu-se às Escolas Normais e a Universidade. Nesta última, a cadeira de Sociologia, desde a fundação da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Economia e Administração, fez parte do currículo dos cursos de Administração e finanças, Ciências Econômicas, Didática, Filosofia, Pedagogia. O catedrático titular foi Laudelino Medeiros, membro do grupo católico que conquistou os espaços de atuação na nova Faculdade de Filosofia. Mesmo que tenha assumido a Sociologia, seu universo cultural girava em torno da Filosofia, da Psicologia, da Economia e do Direito. Como freqüentava os cursos livres de Padre Werner na Congregação “Mater Salvatoris” a Filosofia neo-tomista e a Psicologia consistiram nos conhecimentos refletidos para o combate à modernidade. Por outro lado sua formação escolar foi em Economia e Direito, e assim, utilizou-se desses conhecimentos em sua reflexão sobre a decadência do mundo moderno. Portanto, foi essa mistura da sua formação escolar e cultural que reproduziu nos cursos de Sociologia.

Essa espécie de Sociologia espontânea foi construída e reproduzida de formas distintas visto o público a que se destinava, o desenvolvimento das áreas de conhecimento e o contexto político e social do mundo e do Brasil. Desta maneira, em todos os cursos houve, inicialmente, um esforço de definir o que era a Sociologia e sua classificação no campo das Ciências. Nesse sentido, seguiu a tendência do ensino da Sociologia no Brasil, reproduzidos nos manuais de conteúdo sociológicos sistematizados surgidos após 1930 quando a Sociologia foi incluída nos cursos secundários e normais (Meucci, 2000). No entanto, ao questionar se a Sociologia era uma ciência especulativa ou normativa distanciou-se da reflexão científica e aproximou a Sociologia da Filosofia, como também ao discutir a relação dela com a moral aproximou-se das convicções expostas por Alceu Amoroso Lima em suas aulas no Instituto Católico de Estudos Superiores compiladas em seu manual “Introdução à Sociologia”, conforme demonstra Meucci (2000: 50):

“ A sociologia, para o intelectual cristão, é sobretudo, uma disciplina moral. Não ocupa portanto, o ápice na classificação geral das disciplinas. O lugar da sociologia no quadro geral das disciplinas é ao lado do Direito, da Economia, da Pedagogia. Está, pois, sob a ética, a metafísica e a teologia: como uma disciplina moral, subordina-se às filosofias morais.”

Com efeito, se pudéssemos eleger um autor privilegiado nas aulas de Medeiros foi Alceu Amoroso Lima. Mesmo nas aulas do curso de Economia e no de Administração, que a Sociologia de Laudelino teve outro enfoque, as questões levantadas nos manuais de Amoroso e nos livros de Pe. Leonel Franca, e aquelas, de um modo geral, que fizeram parte do universo católico do período como autoridade e hierarquia, individualismo e despersonalismo, moral do trabalho, a propriedade privada, a classe média, etc, estiveram presentes. Juntam-se a essas os outros temas trabalhados nos cursos de Pedagogia, Didática e Filosofia, como: o divórcio, o alcoolismo, o crime, etc. Portanto, sua definição da Sociologia seguiu a orientação cristã, especialmente nos cursos de formação de professores, uma vez que preparavam os quadros para a rede secundária de ensino, especialmente para Católica.

Por outro lado, ao contrário da maioria dos sistematizadores do conteúdo sociológico identificados com essa corrente de definição cristã da Sociologia, Medeiros preocupou-se com os métodos de investigação. Inicialmente com Le Play e Jacques Valbour, e após com a metodologia de estudos de comunidades urbanas e rurais como os de Donald Pierson, T. L. Smith e Emilio Willems. Assim, como as grandes interpretações do Brasil, ou estudos sociais, como os de Gilberto Freyre, Oliveira Vianna, Alberto Torres, Almir de Andrade, etc. Dessa forma, nos cursos da Faculdade de Economia Medeiros privilegiou os temas nos quais constituíam seu interesse de pesquisa, como os problemas populacionais urbanos e noutro extremo as comunidades rurais, cooptando colabores de pesquisa, e nos cursos da Faculdade de Filosofia o catedrático preocupou-se na formação intelectual e cultural dos futuros professores através da uma Sociologia orientada moralmente para o diagnóstico dos problemas sociais, especialmente na comunidade escolar, e conseqüentemente o progresso social da humanidade.

2. DAS PESQUISAS PRECURSORAS EM SOCIOLOGIA À CRIAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

Neste capítulo analisa-se o que foi feito no sentido do desenvolvimento científico da Sociologia, e que tipo de pesquisas caracterizou a Sociologia de Cátedra no Rio Grande do

Sul. Nessa perspectiva busca-se ver em que momento foi inevitável à promoção da Sociologia no Estado, através de Congressos, associações, a criação de projetos que desenvolvam a pesquisa social e a relação desses empreendimentos com a criação do curso de Ciências Sociais na UFRGS.

2.1. As pesquisas sociais precursoras e seu impacto

A primeira pesquisa de Laudelino Medeiros foi à análise de Vilas e Malocas de Porto Alegre, na qual, de 1948 à 1951, coletou e analisou os dados da Vila do Forno do Lixo entre o bairro Partenon e Petrópolis de Porto Alegre, determinando as características desse fenômeno urbano e a sua articulação no processo de urbanização da cidade. No final da década de 1950 a pesquisa ampliou-se, incorporando a análise dessas relações para todo o Rio Grande do Sul, sendo publicada em 1959 como “O processo de Urbanização no Rio Grande do Sul”.

De 01 de setembro à 31 de outubro de 1952, Medeiros envolveu-se, juntamente com seu assistente Túlio Bogo, no IEPE, na pesquisa encomendada pela Comissão de Bem-Estar da União Pan Americana, dirigida nacionalmente pelo sociólogo carioca Guerreiro Ramos, sobre o padrão de vida do operariado industrial no Brasil. A pesquisa teve como objetivo geral determinar o nível de vida das classes populares e médias para servir de base a qualquer planejamento social que a comissão de Bem-estar pretendesse levar adiante. Medeiros foi o coordenador da pesquisa no Rio Grande do Sul, que também foi realizada em mais quatro Estados brasileiros e no Distrito Federal. No Rio Grande do Sul foi realizada em Porto Alegre, Caxias do Sul, Santa Maria, Pelotas, Livramento e São Jerônimo, conforme discorre Medeiros (1954) sobre o seu papel na pesquisa¹²²:

“ Na comissão nacional de Bem- Estar Social foram constituídas sub-comissões técnicas, às quais foram atribuídas a função de pesquisas científicas sob os diversos aspectos da vida social. Ao professor Guerreiro Ramos, Sociólogo de renome e de há muito dedicado aos estudos do padrão de vida, com obras publicadas sobre o assunto, foi atribuída a presidência de uma sub-comissão e a Direção Nacional da pesquisa do Padrão de Vida no país. Foi, pois, a convite daquele professor, e por intermédio do Dr. Johmam, técnico de grande experiência e integrante daquela sub-comissão que aceitei o encargo da direção regional da pesquisa no Rio Grande do

Sul. Salvo o método de pesquisa, elaborado por aqueles técnicos, aliás muito bem elaborado e com o qual concordei, foi-me dada toda a autonomia na execução do trabalho.”

Através de uma amostra de cerca de 4000 famílias¹²³ foram observados os seguintes aspectos da vida do operariado industrial em Porto Alegre: a situação econômica, familiar, de moradia, o salário médio per capita, a situação moral e religiosa, a procedência das famílias¹²⁴. Em seu relatório final¹²⁵, Medeiros enfatizou as questões referentes à situação de moradia – as vilas e malocas - e a procedência das famílias – em sua maioria do meio rural - logo, dois temas que fizeram parte de suas preocupações de pesquisa na década citada. Medeiros (1954) comentou os resultados da pesquisa no “Jornal do Dia”, jornal do grupo católico ligado à Armando Câmara, conforme abaixo:

“O padrão de vida do operário industrial em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul em geral, é confortador dizer, relativamente é dos mais elevados do país. Não se entenda por isso que a situação é de desafogo. Não. Particularmente nesse dois anos depois da pesquisa (que foi feita em 1952) a situação se agravou enormemente para todas as camadas sociais e principalmente para as assalariadas. De outro lado, não quero dizer com aquela afirmativa que não haja miséria, e muita, entre nós. É apenas, uma comparação com o resto do país. É interessante registrar como exemplo, que a percentagem com a alimentação revelada pela amostragem foi: em Porto Alegre, 35, 40, em Caxias 38, 75, em Arroio dos Ratos 47, 54 (a situação notoriamente mais aguda das pesquisadas). E no Distrito Federal foi de 47, 32, São Paulo 41,10, Belo Horizonte 41, 64, Salvador 58, 29. Outro dado curioso é relativo à habitação; em Porto Alegre 32% tinham casa própria ou em aquisição; em Caxias e em Livramento 44%. No Distrito Federal 16%; em São Paulo 24%; em Belo Horizonte 30%, em Salvador 40%. O orçamento, entretanto, era deficitário no momento da pesquisa em quando em Porto Alegre a receita média, por pessoa era de Cr\$ 880,00, a despesa de 944,00. Ainda outros dados curiosos foram levantados: Em Porto Alegre 92% das habitações possuíam rádio; 76% máquinas de costura; 96% luz elétrica; 36% geladeira não elétrica; mas só 8% possuíam filtros. (...) A pesquisa realizada sobre o Padrão de vida teve um caráter imediatamente científico. As medidas práticas devem ser tomadas por quem tenha o dever e a possibilidade de toma-la. Com a pesquisa se procurou conhecer a realidade. E sem isto mesmo que se desejassem, os homens de ação não podem fazer muito. Mas foi uma pesquisa. Outras e várias outras devem ser feitas, si se quiser acertar na solução dos problemas desta ordem. Si lhe for possível diga pelo seu jornal que as investigações dessa espécie carecem de apoio entre nós e, todavia, as pesquisas sociológicas, dizem respeito aos problemas mais cruciais do momento. Esses problemas não são físicos ou biológicos: São problemas humanos”.

Como não publicou o relatório da pesquisa a única divulgação no Rio Grande do Sul foi destinada aos homens de ação do grupo católico. Nesse momento, muitos do grupo católico estavam dirigindo-se à esfera política, como: Armando Câmara e Eloy José da Rocha. Portanto, as pesquisas de Medeiros eram divulgadas na imprensa católica e internamente no Boletim do Centro dos Estudantes de Economia da Faculdade de Economia. Deste modo, a

Sociologia só constituía em objeto de interesse dos católicos e internamente na Faculdade de Economia, por que¹²⁶:

“Na época, os projetos não tinham uma iniciativa. A gente tinha que propor isso, obter os recursos e fazer. Não havia uma consciência pública das possibilidades técnicas do conhecimento sociológico. Ninguém acreditava nisso. Para a sociedade em geral o conhecimento de sociologia era balela, oba-oba”

É, justamente nessa década, que Laudelino Medeiros começou de uma forma bem artesanal a desenvolver pesquisas com verbas da cátedra de Sociologia da Faculdade de Filosofia¹²⁷. Essas pesquisas seriam, conforme os dados recolhidos em seu currículo e ofícios mandados para o Diretor da Faculdade de Filosofia, sobre a mobilidade social de pessoas de cor em Porto Alegre, e análises de comunidades rurais¹²⁸, especialmente sobre Belém Velho (município satélite). O primeiro enfoque de pesquisa mudou seu caráter temático de mobilidade social de negros para mobilidade de pessoas para Porto Alegre, e o segundo desdobrou-se em uma série de iniciativas de pesquisa sobre a organização social e os processos de aculturação de comunidades rurais. Embora, Medeiros¹²⁹ não tivesse grandes expectativas em relação à participação dos alunos nas pesquisas, propunha algumas atividades:

“ Eu nunca fiz uma idéia muito otimista das possibilidades de participação de alunos em pesquisa, com encargos de investigação propriamente. Apenas com encargos de objetivação do ensino. Eu lembro por exemplo nos primeiros anos que funcionou o curso de Ciências Sociais eu peguei a turma e levei a Belém Velho para a gente fazer uma observação numa área de pequenos agricultores que se instalaram por lá. Não era uma pesquisa, é mais uma objetivação de pequenas comunidades rurais. As vezes a gente apanhava um aluno com mais vocação e um pouco melhor de preparo para trabalhar na coleta de material.”

Uma das preocupações de Medeiros, desde a pesquisa sobre o padrão de vida dos operários industriais, foi compreender a dinâmica da mobilidade social. Para tanto, empreendeu a pesquisa sobre Mobilidade de pessoas para Porto Alegre, na qual buscou “medir a intensidade das correntes das possíveis áreas de origem e o reflexo sobre a composição da população local”¹³⁰. Ainda que não tenha sido publicada, foi à gênese de sua pesquisa posterior sobre as “Migrações internas no Rio Grande do Sul”. Nessa pesquisa, Medeiros com a colaboração de Fernando Correa e Túlio Bogo coletaram, através de aplicação de 2304 questionários, dados demográficos sobre a migração rural-urbano nos

colégios públicos e privados de vários bairros porto alegrenses¹³¹, buscando descobrir as causas da mobilidade social. A conclusão preliminar de Medeiros, baseada em sua hipótese de que as pessoas migravam para a capital do Estado na busca de melhores salários, foi o que o desejo de poder decorrente da riqueza acumulada e o status urbano foram os fatores desencadeadores da mobilidade para Porto Alegre¹³². Medeiros não discorreu, em sua pesquisa, sobre as conseqüências da mobilidade, como o êxodo rural e a explosão demográfica, que à época a discussão recaía sobre questão do controle da fecundidade, porque, segundo seu depoimento¹³³:

“ Na época era moda falar em explosão demográfica. Então a gente estudava a estrutura e o dinamismo da população e depois mostrava os limites do problema. Inclusive eu sempre fui desfavorável a uma política de frenação drástica da população porque achava que no Brasil o problema não era esse . O Brasil se tivesse a densidade do Japão, teria 2 bilhões de habitantes, e não 150 milhões.”

Portanto, posicionou-se, mesmo a posteriori, na defesa dos ideais católicos, já que a Igreja nunca viu com bons olhos as questões como controle de natalidade, por exemplo. Foi nesse período, do desenvolvimento dessa pesquisa, que Medeiros respondeu ao inquérito realizado da Capes sobre as Ciências Sociais no Brasil, em 1955. As pesquisas realizadas por Laudelino foram classificadas, por Costa Pinto, como ligadas à área de Geografia Humana, pela ênfase nos estudos demográficos, revelando que os primeiros esforços de pesquisa sociológica na UFRGS ocorreram numa total indefinição das suas fronteiras disciplinares, inclusive, desde final da década de 1940, Medeiros participava da Sociedade de Geografia, com o catedrático da UFRGS Lourenço Prunes¹³⁴.

Essas primeiras atividades congregaram alunos, assistentes e colaboradores das cátedras ou de fora da UFRGS, no ideal de realizar pesquisa sociológica, como Fernando Corrêa Oliveira e João Guilherme Correia de Souza, ambos, naquele momento, colaboradores e assistentes de ensino na Cátedra de Sociologia, e José Fachel, então, professor da Escola Normal de Santa Cruz do Sul. O enfoque de pesquisas sobre a organização social e aculturação das comunidades rurais foi dominante até os primeiros anos do Centro de Estudos Sociais, quando, através do convênio com a Alemanha, a pesquisa empírica começou a institucionalizar-se na Sociologia da UFRGS (Baeta Neves & Liedke Filho, 1997). Todavia, a produção intelectual do assistente fundador da Sociologia Alberto Cibils parece afastar-se

dessa orientação, porque suas primeiras pesquisas foram sobre a história, a geografia de sua região de origem, a exemplo da obra “Tapes, Camaquã, Guaíba e Barra do Ribeiro: Contribuições para o estudo do Rio Grande”, publicada em 1959. Posteriormente, Cibils com essa obra foi indicado a compor o IHG/RS¹³⁵. De toda forma, as iniciativas de pesquisa de Laudelino sobre a organização social e o processo de aculturação das regiões rurais foram em relação aos grupos teutos e ítalos, conforme depoimento de João Guilherme de Souza¹³⁶:

“ Eu era assistente do Laudelino e fui me interessando por essas coisas. O Laudelino tinha uma concepção de aculturação baseada na admiração pelos alemães e começou a escrever um livro sobre aculturação dos alemães no Brasil, no Rio Grande do Sul, e a tese dele era que os alemães adquiriram certo traço cultural gaúcho, isso pela gratidão com que foram acolhidos pelo povo gaúcho (..) Então isso nos obrigou a fazer pesquisa, os alemães e os italianos, seus acasalamentos com mulheres de origem lusitana, e aquilo dava uns relatórios enormes (...) e a gente levava a sério aquilo, então fazíamos todas as fichas dos católicos, aquele monte de nome alemão e tínhamos que procurar, consultava uma pessoa ou outra e tal e aí nos fazíamos, e ninguém resistia fazendo esse trabalho, e nós fizemos mais de anos este trabalho, ele nos pagava, era um saco aquilo, mas agente fazia com vontade”

Sobre esse processo explicou o catedrático¹³⁷:

“ Eu fiz um levantamento nos cartórios da nacionalidade das pessoas que se casaram, para a gente conhecer um pouco disso e depois fizemos fichas, em bloquinhos de tipografia, cada folhinha do bloco se preenchia lá. Bom, depois para apurar isso. Então eu peguei, o João Guilherme era um deles, íamos para um sala, peguei dez caixas de sapatos, primeiro fazia uma drenagem e depois pegava uma caixa e redistribuía. Meu computador era esse caixa de sapato.”

Desse interesse temático na ecologia humana e nos processos de aculturação nas comunidades rurais resultou num relatório de pesquisa do assistente da cátedra de Sociologia João Guilherme de Souza sobre o município de Joaneta intitulado “Uma comunidade Teuto-Brasileira: Aspectos de sua estrutura e organização social”, apresentado no I colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, o relatório de Laudelino Medeiros sobre “Encantado: Uma Região de Aculturação” e um primeiro estudo sobre a comunidade rural de Santa Cruz do Sul, realizado por José Fachel, em colaboração com a cátedra de Sociologia. Sobre essas pesquisas iniciais discorre o catedrático¹³⁸:

“ A gente fazia alguns projetos que eram ensaios destinados a definir o no futuro uma pesquisa. Por exemplo, nós fizemos uma visita à Joaneta, o João Guilherme esteve junto, estivemos em Joaneta com o objetivo de definir uma possível pesquisa

sobre a comunidade rural de Joaneta, que era um área isolada (...) Ficou nisso, não houve possibilidade de avançar. (...) Houve um primeiro contato com o campo, com vistas a definição de uma futura pesquisa. O João Guilherme escreveu um artigo sobre isso. (...) A nossa inexperiência, a falta de recursos e falta de tempo. “

Apesar de Medeiros e seus colaboradores de pesquisa tenham realizado a pesquisa sobre o Padrão de Vida do Operariado Industrial num campo marginal entre a Sociologia e a Economia, com a extinção da Comissão de Bem-Estar da União Pan Americana, esses investimentos não tiveram repercussão, mesmo tendo sido realizados durante a ascensão das políticas trabalhistas de Vargas e Goulart. Entretanto, o grande estudo social de Medeiros foi à continuação de sua primeira pesquisa objetivada no livro “O processo de urbanização do Rio Grande do Sul”. Não é por acaso que predominou em sua correspondência pessoal pedidos destas publicações, tanto de cientistas sociais brasileiros quanto estrangeiros. Em alguns casos, existe a evidência de que Medeiros tenha enviado suas publicações, como a obra Vilas e Malocas para Victor Nunes Leal¹³⁹. Portanto, inicialmente a sociologia no Rio Grande do Sul, na figura do único catedrático da disciplina, caracterizou-se pela ênfase nos estudos urbanos, que vai desenvolver-se, em confluência com o crescente interesse pelos estudos demográficos e estatísticos realizados no IBGE no interesse por estudos sobre as migrações populacionais.

Noutro extremo, a iniciação na pesquisa científica dos colaboradores de ensino e assistentes das cátedras de Sociologia da Universidade ocorreram através de estudos das comunidades rurais, especialmente a organização social e o processo de aculturação nas regiões de colonização Alemã do Rio Grande do Sul. Com a criação do Centro de Estudos Sociais, e a vinda do alemão Achim Schrader, os estudos sobre a aculturação das comunidades teutas refinam-se com os relatórios do colaborador de ensino Manfredo Berger sobre “A função da Igreja no processo de aculturação dos teuto – brasileiros” e do próprio Achim Schrader sobre os “Problemas de aculturação dos teuto-brasileiros”.

As pesquisas de Laudelino Medeiros com esse enfoque, embora não fossem estudos de comunidade no sentido estrito do termo, foram direcionadas para o município de Santa Cruz do Sul. Seu interesse por esse município começou após José Fachel, professor da Escola Normal da cidade citada, ter apresentado sua pesquisa sobre o negro no município de Santa Cruz do Sul no 1º Congresso Sul-rio grandense de Sociologia. Medeiros estava começando

sua pesquisa sobre a educação rural. Deste modo, como a assistência de Fachel realiza a pesquisa sobre a Educação Rural em Santa Cruz do Sul, financiado pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais, publicada em 1961, e com outra perspectiva, desenvolveu uma pesquisa sobre os minifúndios em Santa Cruz do Sul patrocinada pelo Comitê interamericano de Desenvolvimento Rural.

Portanto, a partir da década de 1960 interessou-se cada vez mais pelas questões rurais e inseriu-se nessa área de estudos como especialista, uma vez que era docente do curso de Pós-Graduação em Sociologia Rural da UFRGS, e nesta posição apresentou a conferência sobre “população e desenvolvimento” no curso de crédito rural da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1967, e participou e colaborou no seminário sobre Sociologia Rural realizado pelo CLAPCS¹⁴⁰, em 1969, na cidade de Buenos Aires.

Mesmo com o isolamento característico das Ciências Sociais periféricas, como o caso do Rio Grande do Sul, Medeiros teve certa inserção acadêmica nos centros e eventos científicos de Ciências Sociais da América Latina, especialmente na Argentina, já que era membro correspondente do Instituto de Sociologia e Planificação de Tucumán e da Academia Argentina de Sociologia¹⁴¹. Como também participou do I, II e do V Congresso Latino Americano de Sociologia¹⁴². No Brasil, participou, entre outros eventos, no Instituto de Sociologia e Política de Minas Gerais do seminário “Mudança social e desenvolvimento econômico”¹⁴³, e no Centro Latino Americano de pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS/ UNESCO) do seminário “Resistências à mudança”, de 19 a 26 de outubro de 1959¹⁴⁴. Também ministrou algumas conferências e cursos. Em 1957, à convite de Thales de Azevedo e financiado pela Fundação para o Progresso da Ciência na Bahia ministrou cursos sobre as áreas de habitações subnormais, na escola de Belas Artes, o processo de urbanização no Rio Grande do Sul, na faculdade de filosofia da UBA, os aspectos sócios culturais do Estado sulista, no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, e sobre a Cultura Lusa e as áreas de aculturação, no seminário de Antropologia da Faculdade de Filosofia da UBA¹⁴⁵. Na década de 1970, apresentou os resultados mais avançados de sua pesquisa sobre migrações internas num curso de Sociologia das populações, ministrado de 2 a 9 de agosto no departamento de economia da Universidade Federal de Santa Catarina¹⁴⁶.

Portanto, as pesquisas de Medeiros e sua inserção acadêmica nas Ciências Sociais no Brasil e na América Latina ligam-se ao desenvolvimento da área de estudos populacionais e urbanos, assim como no desenvolvimento da Sociologia Rural. Mesmo que tenha sido considerado pela comunidade acadêmica como especialista em ambas as áreas, no campo das Ciências Sociais teve uma trajetória marginal, no sentido de não ter pesquisado os temas dominantes dos centros produtores centrais, como as relações étnicas, especialmente a questão do negro e do índio no Brasil, a Sociologia do desenvolvimento, os estudos culturais, etc.

2.2. Os seminários rio grandenses de Sociologia

O seminário riograndense de Sociologia foi o primeiro projeto de um grupo em torno da “Sociedade Oliveira Vianna”, criada em 17 de junho de 1957. O objetivo do grupo foi o desenvolvimento das Ciências Sociais no Rio Grande do Sul através da realização de seminários e congressos. Fizeram parte Laudelino Medeiros, como presidente, Ivan Dall’Igna Osório, como secretário, Eva Nicolaiewsky, Fernando Afonso Gay da Fonseca, Túlio Roberto Bogo, Dante de Laytano, Luis Alberto Cibils, Antônio César Alves e Fernando Oliveira. Todos:

“ Resolveram em comum acordo, fundar uma sociedade com o fim de colaborar com o desenvolvimento das Ciências Sociais, especialmente emprestando seu apoio à realização de reuniões, congressos e seminários, que aproximem cientistas sociais com objetivos científicos, sob a denominação de Sociedade Oliveira Vianna, como homenagem ao ilustre sociólogo pátrio.” (SOCIEDADE OLIVEIRA VIANNA, 1957: 1)

Portanto, o grupo, em sua maioria foi composto pelos assistentes da cátedra de Sociologia, ou colabores de pesquisa como: Túlio Bogo, Alberto Cibils e Ivan Dall’Igna, e Fernando Oliveira. Fernando Gay da Fonseca era professor no curso de Direito, e no de Serviço Social da Universidade Católica, sendo assim, colega de Medeiros na Escola de Serviço Social. Portanto, todos eles estavam vinculados ao catedrático Medeiros, o que revela que seu grupo, apesar de tardiamente, em 1957, se comparado aos outros centros, buscavam criar um ambiente propício para o desenvolvimento das Ciências Sociais.

Por outro lado, o 1º seminário de Sociologia, também foi idealizado e patrocinado pela Comissão de Ciências Sociais do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) da UNESCO¹⁴⁷, composta pelo folclorista e professor de História da UFRGS Dante de Laytano, como presidente, por Medeiros, como secretário geral, pelo catedrático de Política da Universidade Darcy Azambuja, pelo professor de Geografia Lourenço Mário Prunes, pela professora do Instituto de Educação Eva Nicolaiwsky e por Ivan Dall' Igna Osório. Deste modo, as duas iniciativas convergiram, tanto no grupo formado, quanto no ideal: a promoção da ciência.

O seminário, que ocorreu na Faculdade de Filosofia, foi dividido em três sessões de estudos: teoria sociológica, comunidade e cultura e o ensino de Sociologia, revelando quais eram as preocupações mais imediatas da área no período, assim como o que os especialistas do Rio Grande do Sul estavam produzindo de pesquisas. Nesse sentido, o professor Alberto Cibils apresentou um trabalho sobre teoria sociológica, o qual discorre sobre o papel da Filosofia Social na Sociologia, e introduz como Sociologia especial à teoria da estrutura dinâmica dos fenômenos sócios - culturais de P. Sorokin¹⁴⁸. Na secção de estudos de comunidade e cultura, José Fachel apresentou “O negro no Município de Santa Cruz”, Fernando Oliveira comunicou seu estudo sobre “Áreas Rurais e urbanas da comunidade”, e na última secção Eva Nicolaiewaky apresentou “O ensino de Sociologia no curso normal”. Portanto, esses estudos reproduziram o que vinha sendo discutido na cátedra de Sociologia, como os estudos de comunidade e a teoria de Pitirim Sorokin, a exceção do trabalho de José Fachel.

As preocupações dos representantes da Sociologia gaúcha foram expressas nas sugestões apresentadas para o desenvolvimento da Sociologia no Estado nos Anais do referido evento (1957: 41) como abaixo:

“1) Que, nas atividades de ensino, bem se distinga, entre a Sociologia como ciência pura, e os efeitos que, para a formação da personalidade, de seu estudo possam discorrer; 2) Que, antes de se introduzirem em determinadas comunidades inovações capazes de provocar mudanças culturais, se estudem os possíveis efeitos sociais dos mesmos, a fim de serem evitados os inconvenientes e sejam conseguidos os melhores resultados positivos; 3) Que, tendo em vista as rápidas e profundas mudanças culturais que se processam em nosso Estado, sejam feitas pesquisas, verdadeiramente objetivas e científicas, daqueles aspectos mais significativos em nossa

comunidade ou região; 4) Que sejam criadas por instituições privadas ou públicas de fontes de coletas e informações sobre oportunidades para professores e pesquisadores sociais, levando-se em consideração o papel estimulante que a utilização de seus serviços tem sobre quantos se inclinam para este campo das ciências sociais; 5) Que aquelas instituições, públicas ou privadas, que intervêm nas planificações regionais ou locais e nos processos de reorganização social, procurem integrar seus grupos de trabalho com pessoas tecnicamente habilitadas em ciências sociais; 6) Que na organização e execução dos programas de ensino na sociologia também se leve em consideração a proveniência escolar e os futuros interesses profissionais a que se destinam os diversos cursos, bem como seja prevista a integração desse conteúdo programático com os das demais disciplinas do currículo; 7) Que os professores de sociologia em escolas normais procurem dar ênfase ao estudo das relações da escola com a comunidade, visando mesmo capacitar os futuros professores a transformarem sua escola em centro ativo da comunidade; 8) Que, para o melhoramento do ensino e desenvolvimento do estudo da sociologia se considere o professor como elemento fundamental, propiciando-se-lhe tempo e recursos para o exercício proveitoso de sua missão; 9) Que os estabelecimentos de ensino procurem enriquecer suas bibliotecas no setor de Ciências Sociais, inclusive pela assinatura da revista Sociologia, criando oportunidades efetivas da utilização dessas fontes pelos alunos, na forma de pesquisas pessoais, estudo dirigido e seminários de análise bibliográfica; 10) Que os membros da Sociedade Brasileira de Sociologia, no Rio Grande do Sul, considerando a necessidade de intercâmbio regular e periódico entre quantos se dedicam à pesquisa e ao ensino da Sociologia, promovam a criação da Secção Regional da referida sociedade; 11) Que, enquanto não se formar a Secção Regional da Sociedade Brasileira de Sociologia, se promova o intercâmbio cultural, trocas de experiências e desenvolvimento dos estudos da Sociologia, através da realização de seminários, cada dois anos, e de outros encontros, gerais ou regionais, comuns ou especializados, quando a oportunidade o sugerir; 12) Que sejam tomadas pelos senhores professores na devida consideração as relações entre o folclore e a Sociologia e que se dê àquele tratamento particular nas pesquisas de campo, ao mesmo tempo que se procure estabelecer normas de investigação, técnicas especiais de inquérito e limites de áreas folclóricas.”

Algumas ponderações devem ser feitas sobre as sugestões. Primeiramente, enquanto em outros centros o processo de institucionalização das Ciências Sociais começou no momento em que se desvincularam do Folclore, ao que parece devido à influência do Folclorista Dante de Laytano, esse campo de estudos no Rio Grande do Sul poderia ligar-se ao da Sociologia. Segundo, a necessidade de abrir um nicho de mercado para o trabalho técnico dos sociológicos em instituições públicas e privadas, embora nem se cogitasse a criação do próprio curso de constituição de cientistas sociais, portanto, a formação e o caráter de profissionalização técnica ainda seriam definidos pelo envolvimento nas Cátedras, não por formação superior específica. E por último, a necessidade de intercâmbio com outros centros, através de realização de seminários, e da criação de uma subsecção regional da Sociedade

Brasileira de Sociologia, revelando que havia pouca cooperação com os outros centros de Ciências Sociais.

Dois anos após, em de 1959, foi realizado o 2º Seminário Rio Grandense de Sociologia na Faculdade de Ciências Econômicas, presidido por Laudelino Medeiros e organizado pelo seu grupo. Mais uma vez foi patrocinado pela Sociedade Oliveira Vianna, mas nesse momento, o clima foi outro pelas presenças dos convidados especiais¹⁴⁹ de outros centros produtores de Ciências Sociais, como Djacir Menezes, Arthur Rios, Maria Alice Foracchi, Thales de Azevedo, entre outros. Ainda que os trabalhos apresentados, em virtude das características do seminário, versassem sobre o Rio Grande do Sul e o ensino de Sociologia, as temáticas mudaram em relação ao de 1957. Neste encontro foram discutidos os seguintes temas: Sociologia Econômica, especialmente as mudanças sociais e culturais relacionadas às mudanças do capitalismo, Sociologia da empresa, Sociologia Rural, incluindo os estudos de comunidade e a mobilidade rural-urbana.

As resoluções desse seminário (1959: 237-238) diferem-se das expressas no seminário de 1957, apenas preservando a reivindicação da criação de uma subseção regional da sociedade brasileira de Sociologia, conforme abaixo:

“ a) Que na fase atual do desenvolvimento brasileiro, seja considerado do maior interesse a elaboração de monografias regionais ou locais, que sirvam de contribuição aos planos de conjunto; b) que, como decorrência se desenvolva junto aos professores de sociologia das Escolas Normais estímulos no sentido de fomentar a elaboração de monografias sobre a comunidade em que trabalham; c) que mereçam especial atenção dos pesquisadores e estudiosos, nas diferentes áreas, o estudo das mudanças sociais e culturais consideradas importantes; d) que é considerado conveniente, sempre que possível, a utilização de modernos manuais de pesquisa para a elaboração de monografias, afim que haja uma certa uniformidade na apresentação dos resultados obtidos, de forma a possibilitar o seu ulterior aproveitamento; e) que se realizem estudos de empresas industriais e agrícolas, de diversas áreas econômicas e, sobretudo, das que encerrem experiências de renovação das estrutura econômica vigente; f) que se concentre igualmente a atenção nos processos de urbanização e industrialização, focalizando principalmente os fatores de mudança da estrutura social e econômica, tendo em vista seu significado para a fase de desenvolvimento, que o país atravessa; g) que se estimulem os estudos de tipos de propriedades agrícolas e comunidades nas diversas áreas do Estado, para fins comparativos; h) que os professores procurem se interessar-se e a seus alunos pelos movimentos de reforma agrária, existentes ou programados, assim como pelos demais problemas rurais; i) que dada a importância dos aspectos sociais da vida rural para a solução dos problemas agrícolas, seja estudada a possibilidade de criação de uma cadeira de sociologia rural nas escolas de agronomia do País; j) que, sempre que possível, os professores promovam projetos de pesquisa com seus alunos em sua comunidade, tendo em vista o

importante papel socializador de tais atividades; k) que se estimule a cooperação interdisciplinar no ensino e na pesquisa, afim de que melhor se atenda as necessidades formativas do educando; l) que as Faculdade de Filosofia considerem a oportunidade e a conviência de propiciarem, com maior extensão e profundidade, aos alunos dos cursos de Ciências Sociais, Filosofia e Pedagogia preparo específico para o exercício da pesquisa, seja revisando e aperfeiçoando os planos e técnicas adotados, seja organizando cursos de pós-graduação; m) que, nas Escolas Normais, o estudo da disciplina Fundamentos sociológicos da educação seja precedido de uma introdução sistemática à Sociologia, e, que seja estudada, pelos órgãos competentes, a possibilidade de ampliar o período destinado aos estudos de sociologia geral e educacional; n) na medida em que os dados apresentados na pesquisa forem suscetíveis de quantificação, seja utilizada a colaboração do estatístico, o) que na organização dos currículos das escolas Normais e de outros cursos especializados, se considere a necessidade de situar os estudos de estatística em posição que permita sua utilização nos trabalhos de pesquisa social; p) que os pesquisadores sociais procurem o domínio sobre os métodos estatísticos, através de cursos de especialização, q) que seja criada a seção regional da Sociedade Brasileira de Sociologia, dentro do período limitado até o próximo seminário, r) que na Sociedade Brasileira de Sociologia seja criado um departamento de pesquisa social”

O quadro apresentado para o desenvolvimento da Sociologia no Estado, estava em consonância com as mudanças econômicas e sociais do Brasil. Os pesquisadores gaúchos, dentre eles Laudelino Medeiros, entenderam que se deveriam empreender pesquisas regionais das mudanças sociais, sobre os processos de urbanização e industrialização, no sentido de analisar o impacto no Estado dessas transformações, e por outro lado, centraram-se numa especificidade gaúcha, que é a importância das transformações do mundo rural, por isso sugeriram a ênfase em pesquisas sobre a reforma agrária. Realmente, a Sociologia Rural teve um espaço privilegiado, inclusive com as reivindicações da inserção de seu estudo nas escolas de Agronomia e a criação do estudo Pós-Graduado da matéria, e assim, nesse sentido, não foi por acaso que a PPG de Sociologia Rural foi o primeiro desse tipo de ensino no Estado. No entanto, o desenvolvimento da Sociologia Rural já estava no horizonte de pesquisa de Laudelino, uma vez que, já havia publicado, em 1952, no Boletim do Instituto de Sociologia da Universidade de Buenos Aires, intitulado “Sociologia rural latino – americana - Suas possibilidades, necessidades e oportunidades”, no qual reiterou a importância da investigação sociológica da vida rural.

Por outro lado, surgiu aí, nas resoluções do seminário, a figura de um novo especialista, o estatístico, uma vez que, nesse contexto, a pesquisa quantitativa seria a melhor metodologia para apreensão dessa sociedade em mudança. Com a incorporação, no início do ano de 1960, dos jovens professores Herbert Calhau e José Carlos Grijó, ambos formados em Ciências

Estatísticas na Escola Nacional de Ciências Estatísticas do Rio de Janeiro no final da década de 1950, na secção de Estatística da Faculdade de Economia, a ligação entre a técnica estatística e as pesquisas desenvolvidas na Sociologia Rural concretizaram-se, fato que também vai influir na formação dos cientistas sociais após a criação do curso¹⁵⁰.

Apesar de não ter sido citado nos anais do II seminário de sociologia, o curso de Ciências Sociais foi criado no mesmo ano de sua realização. Desta maneira, a formação de especialistas era um problema latente, tanto para o desenvolvimento de pesquisas ligadas a instituições públicas e privadas, quanto para o magistério secundário e para as Escolas Normais, porque com a Lei de diretrizes e Bases da educação de 1961, o ensino da Sociologia voltou aos cursos médios regulares (científico e clássico). Também, neste mesmo ano tramitava a lei de regulamentação de profissão de Sociólogo. Em suma, a sociedade em mudança, especialmente com as sucessivas reformas estruturais dos governos desenvolvimentistas não poderiam abrir mão das análises sociológicas e dos sociólogos. Deste modo, as iniciativas de formação e reprodução de pesquisas sociológicas a partir das cátedras de Sociologia coordenadas por Medeiros não davam conta dessa nova realidade, sendo necessário à criação do curso específico da área para atender as novas demandas da sociedade e de um centro de pesquisas.

2.3. O Centro de Estudos Sociais: Do projeto de Laudelino Medeiros ao seu desenvolvimento real

O projeto de criação do Centro de Estudos Sociais surgiu na conjuntura política conturbada da década de 1960: o clima ideológico inaugurado por Juscelino Kubishek do nacional-desenvolvimentismo, a instabilidade do regime político frente à posse de Jango e de suas reformas de base e por fim, o golpe de Estado dos militares. No campo específico do desenvolvimento das Ciências Sociais surgiram novas instituições que buscavam compreender a nova realidade brasileira que tiveram ligação com as iniciativas institucionais de Medeiros, como: o Centro Latino Americano de Ciências Sociais (CLACSO), o Instituto

de Ciências Sociais da Universidade do Brasil, o Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Bahia.

Desde a criação do curso de Ciências Sociais, em 1959, a formação de especialistas em pesquisa social para a compreensão da complexidade da realidade e para formar os quadros dirigentes e profissionais para as instituições privadas e públicas era “uma necessidade social manifesta, que não precisa de demonstração” como afirmava o catedrático de Sociologia no requerimento de criação de um Centro de Estudos Sociais ou Instituto de Sociologia encaminhado ao diretor da faculdade de filosofia, Luiz Pilla, em 1961¹⁵¹.

Antes de ter idealizado a criação de um centro de pesquisas científicas, um fato foi fundamental para a viabilidade do seu projeto inicial de formação de pesquisadores sociais: a sua viagem à Alemanha no início do mês de novembro de 1961. Assim, ao final do 1º Colóquio Científico do Ultramar das Universidades da Alemanha Ocidental e de Berlim – Oeste sobre problemas sociais na sociedade industrial em desenvolvimento na Universidade de Munster, os pesquisadores latino-americanos presentes, dentre eles Medeiros, consideraram¹⁵²:

“1) Que o diálogo desenvolvido atingiu problemas de uma transcendência decisiva para todo continente latino-americano e talvez para todo o continente ocidental; 2) que o mesmo dialogo revelou diversidades radicais entre as problemáticas latino-americana e européia, que se traduz antes de tudo em termos de uma necessidade iniludível de modificações estruturais rápidas e profundas; 3) que os problemas discutidos assumem um caráter de urgência dramática e, para muitos, angustiosa, que já não pode mais contentar-se com um puro academismo; 4) que para o desenvolvimento econômico-social e técnico, que constituem uma exigência inadiável da América Latina, pode ser de sua utilidade a cooperação do povo alemão-exemplo admirável do que pode o esforço cientificamente organizado e orientado para a solução dos problemas vinculados ao surgimento de uma nação e até de um continente e de toda uma civilização; 5) que os cientistas modernos, e em especial os cientistas sociais, dedicados ao estudo de problemas de importância vital, especialmente daqueles que envolvem alterações das estruturas sociais e modificações dos padrões culturais, estão chamados a orientar, pela objetividade mesma de suas investigações, os homens responsáveis pela ação, tal como hoje acontece entre os alemães”

E sugeriram

“1) Que o primeiro colóquio, que acaba de se realizar em Munster, seja o início de uma série planejada de colóquios semelhantes destinados a analisar sistematicamente as condições socioeconômicas da América Latina; 2) Que este colóquio, assim institucionalizado em um dialogo permanente, se baseie em uma

investigação conjunta contínua, que prepare cuidadosamente um intercâmbio fecundo; 3) Que esta investigação constitua um ponto de partida para a intensificação das relações entre os povos da Alemanha e da América Latina, e muito especialmente entre seus cientistas sociais, sob as diversas formas de intercâmbio de conhecimentos, documentação, publicações, como também de pesquisadores e professores; 4) Que tais colóquios, tal investigação e tal intercâmbio sejam colocados, dada a urgência acima assinalada, em uma perspectiva operacional, e conduzam à criação de assessorias que possam ser utilizadas por organizações sociais, econômicas, educacionais, assistenciais e outras, para a promoção e o progresso de imensos efetivos humanos subdesenvolvidos.”

Assinaram o documento acima transcrito¹⁵³ pessoas importantes da Sociologia latino-americana, como Gilberto Freyre, José Medina Echevarria e Alfredo Poviña. Foi a partir desse contexto favorável às relações acadêmicas e científicas entre a Alemanha e a América Latina que Laudelino conheceu Dr. Helmut Schelsky, da Universidade de Münster. Nas próprias palavras de Medeiros em correspondência à Oracy Nogueira¹⁵⁴ sobre o início da cooperação acadêmica alemã com o Rio Grande do Sul:

“Quando estive na Alemanha, em 1961, fiz contatos com o prof. Schelsky, que era titular em Munster e mantinha um instituto de Sociologia industrial em Dortmund. Ele viria à América Latina e promovi a vinda à Porto Alegre. Um convênio informal, pessoal, se estabeleceu para intercâmbio. Viriam jovens professores e mandaríamos estudantes graduados, para doutoramento”.

Portanto, o requerimento da criação do CES, em 1961, inspirou-se no Instituto de Sociologia Industrial de Dortmund. No entanto, essa relação só se oficializou, em 1966, com o financiamento da Fundação Volkswagen por meio do programa de Contatos para a Pesquisa Social na América Latina (COSAL) que era, naquele momento, coordenado pelo professor Hans-Albert Steger do Instituto de Dortmund. O pesquisador recém-doutor que veio da Alemanha foi Achim Schrader.

Em 1966, Achim Schrader começou a pesquisa sobre a educação como oferta e procura no Rio Grande do Sul, a qual envolveu alunos do curso de Ciências Sociais e pesquisadores do CES, como Manfredo Berger e o estatístico da Faculdade de Ciências Econômicas Eli de Moraes Souza. Nesse mesmo ano intensificaram-se a formação em pesquisa social dos membros do CES através do curso de metodologia de pesquisa de Achim Schrader, que durou um mês. Em 1967, Schrader e Berger terminam a pesquisa sobre educação¹⁵⁵ e Manfredo Berger vai para Bielefeld realizar seu doutoramento e trabalhar na Sozialforschungstelle em

Dortmund, assim como Schrader volta para a Alemanha. Apesar de Schrader ter descrito as dificuldades de institucionalização do COSAL¹⁵⁶ como entidade única para os contatos entre a Alemanha e a América Latina, o convênio permaneceu até o final da década de 1960, tendo sido mandados para fazer doutoramento, além de Manfredo Berger, Berlindes Rutger e Eva Zjubert, em épocas sucessivas.

Laudelino afasta-se do CES no final do ano de 1967, sendo escolhido seu assistente Ivan Dall'Igna Osório para substituí-lo. Antes disso, porém, convida Achim Schrader mais uma vez para ministrar curso de metodologia no Centro, no ano de 1968. Portanto, o papel que Achim Schrader teve na formação de especialistas em Ciências Sociais foi através do ensino da pesquisa empírica¹⁵⁷, papel objetivado no seu manual “Introdução à pesquisa social empírica: um guia para o planejamento, a execução e a avaliação de projetos de pesquisa não-experimentais” que será muito utilizado no desenvolvimento das Ciências Sociais no Rio Grande do Sul.

Contudo, voltando ao projeto inicial do CES idealizado por Laudelino, embora as instituições de pesquisa social alemãs tenham influenciado, houve um abismo entre os programas de pesquisas sugeridos e o real desenvolvimento científico do Centro. Medeiros previa a realização de um amplo programa de pesquisa sobre “a colonização italiana e sua contribuição para a formação do Rio Grande do Sul”. Sem dúvida, e ele mesmo deixa claro, que esse projeto de pesquisa foi inspirado na análise do francês Jean Roche sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul, finalizada naquele ano. A temática da influência teuta na sociedade brasileira, especialmente após a clássica obra¹⁵⁸ de Jean Roche, constituiu-se uma área de estudos interdisciplinar que contou com um espaço privilegiado de divulgação: os Colóquios Teuto - brasileiros.

Nesse sentido, as primeiras pesquisas do grupo em torno do CES ligam-se diretamente aos trabalhos apresentados no 1º colóquio de Estudos Teuto-brasileiros, evento promovido pelo CES, em 1963, que ocorreu em Porto Alegre. No entanto, a idéia de realizar esse colóquio nacional não partiu de Laudelino, ou dos seus assistentes, como é possível pensar ao analisar os boletins do CES¹⁵⁹, mas de um grupo de intelectuais, inspirados por Gilberto Freyre, que se reuniram no Rio de Janeiro em 1961 que propuseram à Faculdade de Filosofia

da UFRGS o patrocínio do evento. Dentre esses intelectuais encontra-se o próprio Gilberto Freyre, José Fernandes Carneiro, José Arthur Rios, Guilherme Auler, entre outros. Coube a Laudelino, juntamente com José Fernando Carneiro, Leonardo Trochtop, Heirich Bunse e Lourenço Mário Prunes compor a Comissão organizadora do Colóquio por indicação do Diretor da Faculdade de Filosofia Luiz Pilla.

A apresentação dos anais do Colóquio, escrita por Laudelino, descreve a importância de estudos sobre as contribuições dos diversos povos na formação do Brasil, principalmente a Alemã, que no sul do Brasil constitui um campo especial de estudos. Ao mesmo tempo em que reiterou a importância do estudo sobre a colonização Alemã, que até aquele momento já havia sido objeto de grandes pesquisas como a de Jean Roche e Emílio Willens, Laudelino (Anais, 1963) lembra que ainda não se fez uma análise da contribuição italiana no Brasil, exatamente a pesquisa a qual pensava em promover no CES em seus primórdios.

Apesar de lembrar dessa área de estudos não explorada e da relevância da temática do Colóquio, Laudelino não apresentou nenhuma comunicação de pesquisa. Do grupo do Laudelino apresentaram relatórios de pesquisa João Guilherme Corrêa de Souza, José Fraga Fachel e Walter Kock. Por outro lado, Manfredo Berger, futuro pesquisador do CES, contribuiu na aplicação dos questionários¹⁶⁰ da pesquisa “A colonização Alemã na área de Joaneta” empreendida pelos professores Alba Gomes, Kleber de Assis e Rafael Copstein do departamento de geografia da Faculdade de Filosofia da UFRGS.

A preocupação científica de Laudelino Medeiros com a influência dos ítalo-brasileiros, não será desenvolvida especificamente por ele, ou por seus assistentes, nem pelos pesquisadores do CES. Para ele, essa temática, justificava-se para um amplo projeto de pesquisa, porque além de ter sido pouco estudada, “ajudaria aos administradores a compreenderem melhor os grupos que dirigem e, assim, resolver acertadamente seus problemas”¹⁶¹. Portanto, a pesquisa teria fins práticos, e um dos problemas que os “administradores” defrontavam-se naquele momento, e que justificariam uma pesquisa sobre a colonização Italiana, não era uma questão local, dizia respeito às migrações internas desse grupo as quais, para Laudelino, constituía - se num grave problema social. No entanto, esse programa de pesquisa sobre migrações internas, num sentido amplo, não apenas das regiões

de imigração italiana, estava sendo desenvolvido, por ele, na secção de estudos sociais do IEPE cujo relatório parcial encontrasse no livro de ensaios “A formação do Rio Grande do Sul”¹⁶².

Um ano após o requerimento da criação do CES, em 1962, Benno Sternberg, da CLACSO, através de carta¹⁶³, lembrou Laudelino da idéia que discutiu com ele e com Manuel Diegues Jr, no congresso de Sociologia que ocorreu em Belo Horizonte, em 1961, da possibilidade de uma cooperação entre o CES e a CLACSO, para executar uma pesquisa sobre a estrutura agrária de uma área de colonização do Rio Grande do Sul financiada pelo Serviço Social Rural. Contudo, essa cooperação não houve, mas demonstra que a temática constituía-se num programa de pesquisa nacional no período, inclusive o antropólogo Diegues Jr publicou trabalhos sobre migrações internas e formação cultural do Brasil. Especificamente quem trabalhou com os Ítalo-gaúchos foi Thales de Azevedo, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Bahia, o qual teve uma relação duradoura tanto com os temas do sul, quanto com Laudelino.

Porém, as pesquisas realizadas no CES no convênio de cooperação com a Universidade de Münster, em sua maioria, trataram da temática dos teuto-brasileiros de várias formas, e nesse segundo momento o enfoque da aculturação prevaleceu. O 2º Colóquio Teuto-Brasileiro ocorreu, em 1968, no Centro regional de pesquisas educacionais de Recife. Nesse período, através do convênio entre a Universidade Federal de Pernambuco, o Instituto Joaquim Nabuco, o CRPE/PE com o Centro de Pesquisa Social de Munster que a ligação dessa temática com os trabalhos de pesquisa desenvolvidos na primeira fase da cooperação alemã no Rio Grande do Sul efetivou-se. Mesmo comparecendo ao evento Laudelino Medeiros não apresentou trabalhos, e as pesquisas comunicadas foram a de Achim Schrader, a de Manfredo Berger e a de Birgit Schrader.

Portanto, enquanto na primeira fase do CES, ainda sem o convênio com a Alemanha, os problemas investigados estavam diretamente ligados as preocupações teóricas de Medeiros, com a organização social da comunidade, posteriormente, sob a influência de Achim Schrader as análises privilegiam o processo de aculturação das comunidades teutas. Assim, os três primeiros anos do CES, coordenados por Medeiros, não tiveram o impacto do intercambio,

uma vez que ainda reproduziam as pesquisas científicas de Laudelino na Cátedra, e no IEPE, como sua pesquisa sobre o uso e posse da terra financiada pelo Comitê Interamericano de Desenvolvimento Agrícola e aquela análise dos minifúndios em Santa Cruz do Sul, além da pesquisa sobre a educação na área rural de Santa Cruz, concluída em 1962 e financiada pelo Centro regional de pesquisas educacionais.

A temática da educação, nesse primeiro momento, também foi desenvolvida por Laudelino Medeiros na pesquisa inacabada financiada pelo CES, sobre as condições sociais e econômicas do ensino primário, a qual incorpora seus alunos da cadeira de Pesquisa Social do curso de Ciências Sociais, como André Forster, Mário Rield e Mercedes Loguercio¹⁶⁴. Porém, podemos considerar a pesquisa de Schrader e Becker de maior relevância nesse campo de estudos, porque além da publicação simultânea em Português e Alemão, constituiu-se um programa de pesquisa. Nesse sentido, Manfredo Berger trabalhou posteriormente sobre a educação em países dependentes, que publicará em 1976, sob o título de “Educação e dependência” e Schrader finaliza o programa de pesquisas da Universidade de Münster sobre “A escola primária na sociedade etnicamente diferenciada”.

As pesquisas de Laudelino não constituíram programas efetivos de pesquisa do CES, conforme a análise da produção científica do Centro descrito nos boletins informativos. Deste modo, seu papel foi de iniciador da cooperação acadêmica com a Alemanha, uma vez que esta cooperação teve continuidade. Na década de 1970, a cooperação acadêmica ocorrerá através do Programa de Parceria Acadêmica de Estudos financiado pela Igreja Evangélica da Alemanha, e novamente com a Universidade de Münster na década de 1980. Intercâmbios que foram importantes para a formação do ensino Pós-Graduado e a formação dos cientistas sociais.

Em suma, foi assim que a modernidade foi analisada no Rio Grande do Sul. No entanto o projeto original de Medeiros (1961) ainda previa duas outras áreas de pesquisa. A primeira dizia respeito ao estudo do processo de conurbação de Porto Alegre que deveria ser planejado seguindo linhas de desenvolvimento que não afetassem negativamente a população, e a segunda pesquisa seria o estudo do lazer nas variadas camadas sociais. Em relação à esta última, sua justificativa era que as medidas de proteção social do trabalhador restringiram as

horas de trabalho e aumentaram as de lazer, e em sua interpretação, o campo abria-se para uma espécie de “Sociologia do Lazer”, buscando compreender “o que faz? O que fará e que problemas se apresentam ao operário nesse tempo disponível? Qual a possibilidade de interferência nesse campo?”.

Essas pesquisas específicas não constam nos boletins e na vasta documentação do CES e de Laudelino Medeiros. Nesse sentido, o posterior desenvolvimento do CES encaminhou-se para a Sociologia Industrial, não para uma Sociologia do Lazer. Essa inclinação ocorreu com o afastamento de Laudelino Medeiros, e a ascensão do seu assistente Ivan Dall’igna Osório à diretoria e com a incorporação do sociólogo José Hugo Ramos como coordenador da divisão de Estágios juntamente com o apoio do Sociólogo Jorge Furtado como diretor de ensino industrial do MEC. Nesse momento é que, primeiramente através do convênio com o MEC, a prática de pesquisa se efetiva no CES numa área específica de pesquisa social.

As primeiras pesquisas foram sobre “Os mestres na Indústria Gaúcha” e a “situação dos egressos das escolas industriais”, ambas conveniadas pelo MEC, e concluídas em 1969, tendo sido a segunda publicada no Boletim do CES do corrente ano por Ivan Dall’igna Osório como “Egressos nas escolas industriais: Estratégias para o desenvolvimento”. Em 1969 começaram a fazer um levantamento sobre o histórico do ensino profissional no Brasil e no Rio Grande do Sul, com ênfase no caso do SENAI no Estado, e, neste mesmo ano, iniciaram a pesquisa sobre “Industrialização no Rio Grande do Sul”¹⁶⁵ financiada pela Diretoria do Ensino Industrial do MEC¹⁶⁶. O grupo de pesquisadores e estagiários do CES também integraram a pesquisa “Alternativas de desenvolvimento urbano Rio Grande do Sul” financiada pela sudesul e pelo Governo do Estado, e pela SHERFAU. Este foi um projeto integrado de vários institutos da UFRGS publicada como “Análise do setor secundário” pelo CES.

Em síntese, mesmo que os programas de pesquisas de Laudelino Medeiros não tenham sido concluídos não significa que o Centro tenha se desvirtuado dos seus objetivos originais¹⁶⁷. Ao contrário, o Centro obteve êxito no seu desenvolvimento, e supriu necessidades urgentes do desenvolvimento das Ciências Sociais no Rio Grande do Sul, tendo sido uma instituição importante para a posterior criação dos programas de Pós-Graduação.

3. O PROFESSOR, A CÁTEDRA E A HEGEMONIA DA SOCIOLOGIA NO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFRGS.

O Curso de Ciências Sociais na UFRGS, embora sua criação estivesse prevista desde a implantação da Faculdade de Filosofia, foi apenas criado em 1959. No início da Universidade de Porto Alegre, em 1934, no reitorado de André da Rocha, houve certo empreendimento de promoção das Ciências Sociais, com a vinda dos professores Maurice Byé e Jacques Lambert para ministrarem cursos de extensão em Economia Política e Sociologia respectivamente (Soares & Silva, 1992: 51). Conforme Medeiros¹⁶⁸, esses intercâmbios ocorreram com certa frequência nos primórdios da Universidade de Porto Alegre (UFRGS):

“ A universidade, criada em 1935, e em 1936 o governo do Estado convidou mais de uma leva de professores franceses para darem cursos rápidos aqui, cursos de conferências em geral. Nessa leva vieram alguns professores, que, na área de Ciências Sociais se vincularam ao Brasil. Um deles foi Jacques Lambert, veio para um curso de um ano. Na leva de 1936 veio o François Perraut, o Paul Arbousse Bastide, que esteve em São Paulo; o Roger Bastide que na 1º vez no Brasil esteve aqui, depois é que foi para São Paulo. Depois teve o Gaston Leduc, vários professores franceses.”

Posteriormente à criação da Faculdade de Filosofia as atividades relacionadas às Ciências Sociais desenvolveram-se apenas nas cátedras de Sociologia, Política e Antropologia, sem nenhum esforço substantivo de criação de um curso próprio dessa área científica. A necessidade de desenvolver as ciências sociais na UFRGS, desde o I seminário de sul rio-grandense de sociologia, e especialmente a partir do II seminário, estava presente no horizonte do grupo de professores assistentes e do próprio catedrático de Sociologia da UFRGS Laudelino Medeiros. Inclusive, no ano de 1959, Medeiros tentou trazer professores para desenvolver as Ciências Sociais na UFRGS. A primeira tentativa foi o professor francês Jean Labens, que naquele momento estava ligado ao CLAPSO, para ministrar cursos na UFRGS, mas não foi possível, porque o professor citado estava voltando à Europa¹⁶⁹. Em 1960, também tentou trazer mais uma vez Jean Roche ao Rio Grande do Sul, mas por falta de recursos não foi possível. Nesse sentido, Medeiros desabafou para seu amigo Thales de Azevedo, em correspondência de 7 de junho de 1960¹⁷⁰, que gostaria que Roche ministrasse uma palestra ambiciosa sobre a “metamorfose do Rio Grande do Sul” juntamente com

geógrafos, historiadores, sociólogos, antropólogos e economistas, mas estava cansado, conforme depoimento abaixo:

“Tenho lutado muito. E estou talvez cansado. Talvez não saiba nadar e a falta de técnica me produza tanto cansaço e tão pouco resultado. Estou tentando mudar as grandes linhas de estratégia para o desenvolvimento das ciências sociais nessas regiões. Vou readaptar a estratégia, mas espero não abandonar a batalha!”

Pode-se considerar como um dos fatores desencadeadores dessa percepção da necessidade de desenvolver às Ciências Sociais no Estado foi à oferta de vagas no ensino secundário e nas Escolas Normais para professores de Sociologia, no contexto da LDB de 1961, e outra foi o projeto de lei da profissionalização do Sociólogo. De fato, conforme parecer nº 1159, a criação do curso, em 1959, ocorreu sem grandes impedimentos, como abaixo:

“ O senhor diretor da Faculdade de Filosofia encaminhou à apreciação do Egrégio Conselho Universitário expediente que informa que a colenda Congregação daquela Faculdade resolveu autorizar a abertura de matrícula para o curso de Ciências Sociais, criado pelo decreto-lei n.º 1190, de 4 de abril de 1939, e previsto no Regimento da mesma Faculdade. No ofício do ilustre Diretor da Faculdade de Filosofia apontam-se dois problemas: o da necessidade de autorização do Conselho Universitário para instalação do curso e da oportunidade do curso. Quanto ao primeiro, embora não esteja enquadrado nas atribuições dessa Comissão, porquanto afigura-se-nos uma questão de aplicação de regulamento que caberia à Comissão de legislação resolver, parece que o senhor diretor esclareceu a desnecessidade de tal consulta “por não haver criação de cátedras, ainda que implique o funcionamento do curso num aumento o número de auxiliares de ensino”, o que não seria da alçada da Comissão de Legislação, mas da de orçamento, visto que envolve problemas de ordem econômica e não legal. Quanto à oportunidade do curso não há dúvida de que dispensa maior exame, dada a importância dos estudos sociais, quer para a administração pública, quer para as instituições de caráter social. A estrutura do Curso será a preconizada pelo art. 15 do Regimento da Faculdade, portanto, já aprovada por este egrégio Conselho, quando aprovou o Regimento daquele Instituto de Ensino. Das cadeiras do curso, esclarece o Diretor da Faculdade de Filosofia, quase todas (com exceção das cadeiras de Estatística Geral e Aplicada e de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas) são comuns a outros cursos da própria Faculdade e estão em pleno funcionamento. Quanto aquelas duas cadeiras, ainda vagas, propõe o diretor a colaboração da Faculdade de Ciências Econômicas, desta Universidade, cujos professores especializados poderiam atender devidamente àquelas disciplinas. Não vemos, pois, motivos para negar aprovação do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, nos termos solicitados pelo respectivo diretor, professor Luís Pilla.”

Sua rápida implantação deveu-se ao fato do currículo já estar fixado pela Faculdade Nacional de Filosofia e pela disponibilidade de professores das cátedras de Sociologia da Faculdade da Filosofia, como Alberto Cibils, João Guilherme de Souza, Ivan Dall’ Igna

Osório; e da Faculdade de Economia, como os estatísticos Grijó e Calhau e o assistente Túlio Bogo. Outro fator importante no processo de criação do curso foi à influência que Laudelino Medeiros tinha nas decisões da congregação da Faculdade de Filosofia. Em relação ao último aspecto, conforme depoimento do professor João Guilherme Correa de Souza¹⁷¹, a Sociologia na UFRGS não teve que afirmar sua cientificidade para ter credibilidade, e conseqüentemente conquistar seu espaço institucional, como foi o caso da Escola da USP, por que:

“Na congregação não era a Sociologia, era o Laudelino. Quando ele foi representante da Faculdade no Conselho Universitário, não era a Sociologia, era Laudelino. A Sociologia não teve essa luta. Para mim, a criação do curso de Ciências Sociais na UFRGS foi burocrática”.

Medeiros fez parte de comissões internas da Faculdade de Filosofia desde o reitorado de Armando Câmara, analisando o problema da localização e construção do campus universitário, da comissão de criação e avaliação da revista da Faculdade de Filosofia¹⁷², e do primeiro Conselho Técnico Administrativo durante a direção de Luís Pilla¹⁷³, e no reitorado de Pery Pinto Diniz, e nenhum dado indica que tenha, durante esse longo período, requerido a criação do curso de Ciências Sociais. Conforme seu depoimento¹⁷⁴ não o fez pela questão do orçamento da Universidade nos primeiros tempos, situação que se modificou com o desenvolvimento dos quadros docentes nas Cátedras, uma vez que, em 1959:

“ Nós já tínhamos gente para dar sociologia, a parte de estatística já cultivada na economia, então foi possível; havia economia, ciência política, com o professor Darcy Azambuja, que era professor de teoria do Estado na Faculdade de Direito. [...] No início não havia recursos, mas quando foi criado o curso o orçamento da Universidade já tinha crescido. A Universidade foi se firmando. [...] Então o curso de Ciências Sociais foi criado em 1959, nessa ocasião a Faculdade já contava com mais recursos.”

Portanto, foi esse o contexto burocrático da criação do curso de Ciências Sociais em 1959, que dependeu da vontade e esforço do catedrático de Sociologia. A partir da criação do curso que houve certa circulação de especialistas da área na Faculdade de Filosofia, como Jean Roche, David Mayburg Lewis, Raymond Aron, Jean Pierre Deffarges, Helmet Schelsky, entre outros¹⁷⁵, mas nenhum compôs o corpo docente, apenas ministraram palestras e seminários. Deste modo, embora existisse a cátedra de Política e a de Antropologia, ao incorporarem os professores assistentes e colaboradores, tanto da Faculdade de Economia, quanto da Faculdade de Filosofia no novo curso, a Sociologia foi hegemônica no início da institucionalização das Ciências Sociais na UFRGS.

3.1. Os primeiros anos do curso de Ciências Sociais: A hegemonia da Sociologia sob a direção do seu catedrático

A primeira estrutura curricular do curso de Ciências Sociais seguiu o currículo nacional fixo e seriação anual da Faculdade Nacional de Filosofia. Esse currículo funcionou na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil de 1939 à 1946 e refletiu uma das especificidades das Ciências Sociais cariocas, que, como a Faculdade de Filosofia e o curso de Ciências Sociais foram criados antes da Faculdade de Economia, e de seu respectivo curso, a formação do economista era realizada no curso de Ciências Sociais, por isso a concentração dos estudos no campo da sociologia e da economia no currículo fixo (Villas Boas, 1995). No Rio Grande do Sul, foi o contrário, na inexistência do curso de Ciências Sociais, os que buscavam formação em sociologia cursavam os cursos nos quais as duas cátedras de Sociologia atendiam, como: Filosofia, Pedagogia e Economia. Portanto, na criação do curso, em 1959, as cátedras já contavam com corpo docente de assistentes com formação em sua maioria em Economia, e alguns com formação em Filosofia. Dessa forma, foi implantado o primeiro currículo, como abaixo:

Ano	Disciplina obrigatória
1	Complementos de matemática Sociologia I Economia Política I História da Filosofia
2	Estatística geral Sociologia II Economia Política II Ética
3	Sociologia III História das Doutrinas Econômicas Política Antropologia e Etnografia Estatística aplicada

Quadro 17: Currículo do Curso de Ciências Sociais de 1959

Assim, conforme o parecer do Conselho Universitário de nº1190, a exceção das disciplinas de Economia Política, História das Doutrinas Econômicas e Estatística geral e Aplicada, o resto das disciplinas eram ministradas na Faculdade de Filosofia. No entanto, isso não consistiu num empecilho ao funcionamento do curso, porque a disciplina de História das Doutrinas Econômicas era ministrada na Faculdade de Economia pelo catedrático de História Francisco Machado Carrion, que posteriormente será chefe do departamento de Ciências

Sociais, e as disciplinas de Estatísticas ao encargo do professor assistente Maurício Filchtiner e dos instrutores José Carlos Grijó e Herbert Guarini Calhau. As disciplinas de Filosofia ficaram ao encargo do então catedrático da área Ernani Maria Fiori.

As disciplinas exclusivas das Ciências Sociais - Sociologia, Antropologia e Política – foram assumidas pelos professores titulares, assistentes, colaboradores das cátedras existentes na Faculdade de Filosofia desde 1946. Nesse sentido, enquanto a cátedra de Antropologia e a de Política assumiram uma disciplina, a cátedra de Sociologia ficou com três disciplinas no curso de Ciências Sociais. A cátedra de Política, até então, havia construído sua tradição na Faculdade de Direito com a disciplina Teoria Geral do Estado ministrada pelo titular Darcy Azambuja. Na Faculdade de Filosofia estava a cátedra de Antropologia, coordenada apenas, até aquele momento, pelo Pe. Balduino Rambo e por Salvador Petrucci, o primeiro na disciplina de Antropologia e Etnografia e o segundo na Antropologia Física, que desde 1946 estavam vinculadas ao curso de História e Geografia. Portanto, a única cátedra que contava com um grupo instituído de professores assistentes, auxiliares de ensino e pesquisa, em 1959, foram as duas cátedras de Sociologia.

Num esforço de juntar as cátedras e organizar o curso, foi instituído em 27 de maio de 1960 o primeiro departamento, sendo o catedrático de Sociologia Laudelino Medeiros o primeiro diretor, escolhido pelos professores Luiz Pilla (Diretor da Faculdade de Filosofia), Pe Balduino Rambo, Luiz Alberto Cibils, Renato Costa, Jorge Rabot Miranda e Jorge Bermejo¹⁷⁶, esses últimos da Faculdade de Economia. Portanto, sendo o criador do curso era de se esperar que assumisse a sua organização e considerasse o objetivo do curso de Ciências Sociais a preparação intelectual das elites, através da formação sociológica, como abaixo¹⁷⁷:

“A Sociologia devia dar aos alunos uma formação capaz de compreenderem os mecanismos básicos de funcionamento da sociedade. E qualquer que fosse a ocupação de posto de elite, eles tinham que ter uma noção disso. Afóra a preocupação com os estudos dos problemas sociais que ocorriam no Brasil. Seria básica a formação sociológica para isso. Não havia preocupação em formar pesquisadores especificamente ou desenvolver a sociologia”.

Os primeiros alunos formados nesse currículo em sua maioria foram mulheres¹⁷⁸, a exceção de Benito Cardoso. Desses primeiros alunos Suzana Arrosa Soares foi indicada à cátedra de Sociologia, juntamente com Ilse Harres, como professoras assistentes. Nesse

momento, as cátedras de Antropologia e Política já haviam começado a formar um grupo de professores, assistentes e instrutores de ensino. Na Antropologia foi convidado o aluno de Geografia e História Pedro Ignácio Schmitz, assumindo a cátedra como professor assistente em 1961 com a morte de Pe Rambo. Posteriormente foram incorporados à Cátedra de Antropologia alunos egressos do curso de História e Geografia como: Pe. Arthur Blásio Rambo, José Joaquim Brochado e Sérgio Teixeira. Segundo Ignácio Schmitz¹⁷⁹, após a morte de Pe. Rambo a Antropologia sofreu significativa mudança:

“ Já nos últimos anos de sua docência fora introduzida, por determinação do Ministério de Educação, a disciplina de língua Tupi, para os alunos da História. O assistente de Rambo, que estudara Guarani, por dois anos, com o professor paraguaio Alejandro Ortizoga e fizera um estágio nas missões jesuíticas, foi encarregado dessa disciplina, que ministrou durante alguns anos e abandonou. A escola dos círculos culturais, de Viena, foi substituída pela Antropologia Cultural americana, já desde seguida por outras universidades brasileiras. [...] Com a aposentadoria do Prof. Petrucci a Antropologia Física perdeu autonomia e passou a ser uma parte do programa de Antropologia Cultural, de acordo com os manuais americanos, que serviam para as aulas. Aos poucos foi se insinuando a Antropologia Social, até se impor.”

No entanto, nesse primeiro momento, a Antropologia teve um desenvolvimento mais ligado ao curso de Geografia e História e em torno das pesquisas arqueológicas e de Antropologia Física da própria cátedra. (Schmitz, 1997) A política, ao contrário, com a incorporação de Leônidas Xausa à Cátedra, em 1963, como professor assistente, ficou desvinculada da Teoria Geral do Estado na Faculdade de Direito, e começou a montar um grupo de assistentes e colaboradores no Curso de Ciências Sociais. Leônidas Xausa também fez parte da geração católica, posterior à de Laudelino Medeiros, e trouxe para a Universidade toda sua experiência política no PDC, além de uma formação intelectual especificamente de Ciência Política, concluída nos EUA, sendo assim o fundador da Ciência Política da UFRGS. Ainda que escrito num tom de consagração, o argumento de Héglio Trindade (2004: 558) é representativo da mudança da Ciência Política com a incorporação de Leônidas Xausa no curso:

“ Fortemente identificado com o objeto da sua disciplina- a Ciência Política- da qual será, de fato, o fundador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sua visão estratégica, de curto e longo prazo, sobre o desenvolvimento institucional da mesma. Xausa teve um impacto renovador no Departamento de Ciências Sociais. Como um Quixote, pôs em xeque a hegemonia da Sociologia, rotinizada sobre a liderança de Laudelino Medeiros”

Para tanto, inicialmente teve como colaborador de ensino José Tavares, e posteriormente os professores Héglio Trindade e Francisco Ferraz. A hegemonia da Sociologia consolidou-se no currículo de 1963, justamente o ano que Xausa assumiu a cátedra de Política como professor assistente, no qual incluíram, além de mais um ano de curso, as disciplinas idealizadas por Laudelino Medeiros como Problemas Brasileiros e Pesquisa Social, sendo seu fundador e titular. Conforme depoimento de Medeiros (1965: 2) sobre a orientação dessas disciplinas:

“ Os cursos das diferentes áreas estão procurando seguir uma linha de análise realista, sempre em função da realidade brasileira, mesmo naquelas disciplinas básicas, que procuram construir a aparelhagem conceitual e os quadros teóricos. E para uma visão sociológica da realidade brasileira, em particular dos grandes problemas sociais dessa fase de transformações, foi introduzida uma disciplina no curso de Ciências Sociais com o nome de Problemas Brasileiros e outra na faculdade de Ciências Econômicas de Sociologia do Desenvolvimento. Problemas Brasileiros foi um nome menos ambicioso que, por exemplo, Sociologia brasileira.”

O currículo mínimo obrigatório de 1963 ampliou as cadeiras de Política e Antropologia, apesar da preeminência das disciplinas de conteúdo sociológico, conforme abaixo:

Ano	Disciplinas
1	Iniciação à metodologia científica Sociologia I Antropologia I
2	Estatística Geral Sociologia II (Geral) Política I Antropologia II Economia I
3	História Econômica Política e Social do Brasil I Historia Econômica Política e Social geral Pesquisa Social Política II
4	Problemas Brasileiros Sociologia III Geografia Humana e Econômica

Quadro 18 - Currículo do Curso de Ciências Sociais 1963

No final de 1964, no contexto do golpe de Estado dos militares, formou-se a turma que passou por essa transição de currículo. Como a primeira turma, a clientela era essencialmente feminina, a exceção de Ivo Alberto Schneider, que foi colaborador de ensino da Cátedra de Sociologia, e passou a ser professor assistente assim que ingressou no Mestrado de Sociologia Rural do IEPE/ FCE. Ao mesmo tempo em que Medeiros formava e cooptava pessoas para fortalecer as atividades da Cátedra de Sociologia, especialmente enriquecidas com a criação

do Centro de Estudos Sociais (1963) e com a pesquisa sobre a educação rural em Santa Cruz financiada pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais, a sua postura frente à Ditadura Militar e a radicalização ideológica foi de defesa da neutralidade da Sociologia o que acabou dividindo seu próprio grupo e deixando o campo de luta ideológica e posicionamento crítico da realidade à Ciência Política. Conforme seu depoimento¹⁸⁰:

“Dentro da Sociologia, a primeira coisa que havia era uma preocupação com a objetividade e isso limitava enormemente os interesses. As posturas ideológicas cediam lugar aos critérios positivos, os critérios objetivos. Durante muito tempo, não se levantou uma questão dessas. Quando o sujeito resolvia “ah é porque o econômico é que determina tudo, que as estruturas sociais são um fruto das influências dos fatos econômicos, e como há interesses em jogo, a luta de classes é que dá o dinamismo à sociedade, tal e tal. Esse é o modo de pensar marxista. Agora vamos ver nos fatos, é outra coisa. Vamos ver nos fatos até que ponto essas coisas funcionam? Sempre os fatos deviam estar na ponta da coisa. Havia fora da Universidade uma luta ideológica muito forte, que nos anos 1950 e 1960 sobretudo, foi muito forte. Mas dentro das cátedras de Sociologia não aparecia isso. Não aparecia porque todos estavam interessados no problema político que não era nosso campo. Isso apareceu já os anos 1960; lembro que surgiram alguns atritos dentro da Universidade, mas não tão dentro da Sociologia, mais de outras disciplinas com a Sociologia, como a Ciência Política.”

No entanto, essa posição foi só sua, uma vez que seus assistentes, em sua maioria, mudaram suas posições e visões de mundo no período, afastando-se de Medeiros, a exemplo da mudança radical de João Guilherme e José Fachel. Primeiramente foi em relação ao catolicismo, conforme abaixo:

“ Eu comecei a me desiludir e comecei a ler Max Weber, mas não pela Sociologia da Religião, mas pelo Economia e Sociedade, e li, num esforço terrível para compreender o cara, mas aí eu fui indo, e entendendo o cara eu entro pela sociologia da religião, porque o católico pensa que a verdade religiosa é uma só, que a ética religiosa é uma só [...] Mas Weber mostra essa auto-análise da religião. [...] E aí bom, eu estava desiludido¹⁸¹”

E os assistentes¹⁸² distanciaram-se também em relação à sua análise do período histórico, como abaixo:

“Veio o golpe de 64 e aí começou as divergências. [...] A ditadura dos militares e as perseguições. [...] O Laudelino me perguntou “O que é que tu tá achando do novo regime?”, isso bem defronte da Faculdade de Ciências Econômicas, e aí eu disse assim pra ele, ele nem podia ter ficado bravo, mas ficou, eu disse “Olha, isso aí tá ficando, pelo que eu leio, e pelo que dizem, igual a União Soviética”. [...] Naquela época até católico eu era. [...] Sabe o que ele fez, não sei mais uma outra coisa que eu disse, e tava só eu e ele na frente da faculdade, aí ele eu tava no IEPE, que eu trabalhava, aí ele mandou me chamar, ele tinha uma sala lá na faculdade, dentro do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Economia, me

chamou e a primeira pergunta que ele fez foi a seguinte: “O senhor tem possibilidade de voltar para Santa Cruz do Sul?”. Aí eu digo: “Ta, mas qual é o problema?”, “É que eu estou pensando em lhe mandar embora”, “O que houve?”, “Eu não gostei das coisas que o senhor me disse sobre o regime militar, então eu vou pensar, mas eu estou inclinado a lhe mandar embora”. Eu era assistente naquela época, ele catedrático.”

Assim, as tomadas de posições dos professores assistentes, dos alunos e de outros professores da Universidade frente à Ditadura Militar foram opostas à posição de Medeiros. Os professores assistentes, juntamente com os da Ciência Política vão orientar-se pela crítica da realidade, através da discussão da questão da dependência, do desenvolvimento associado e da dominação de classes no Brasil, além buscarem a expansão das Ciências Sociais na UFRGS, objetivado em 1973 na criação do Programa de Pós - Graduação de Sociologia e Ciência Política.

A última turma de Ciências Sociais, formada, em 1968, no currículo implantado em 1963, em sua maioria direcionou-se para a docência e a pesquisa, assim como buscaram a formação de nível de pós-graduação¹⁸³. Nesse momento, as experiências de pesquisas não se restringiam mais apenas a Sociologia, como as de Medeiros e as do Centro de Estudos Sociais, porque, a partir de 1968, o novo departamento de Ciência Política cooptou estudantes e pesquisadores na realização de pesquisas eleitorais e sobre o comportamento político da população em Porto Alegre e Ijuí, financiado pela fundação Ford.

3.2. O ensino de Sociologia e sua organização no Departamento de Ciências Sociais

Com a Reforma Universitária de 1968 houve nova mudança curricular determinada pelo Conselho Nacional de Educação, estabelecido pela comissão de Ciências Sociais da qual fez parte Laudelino Medeiros, como abaixo:

Semestre	Bacharelado	Licenciatura
1	Introdução ao problema do homem Problemas Brasileiros Introdução à metodologia científica Língua Portuguesa	Introdução ao problema do homem Problemas Brasileiros Introdução à metodologia científica Língua Portuguesa

	Introdução ao pensamento matemático	Introdução ao pensamento matemático
2	Hist. Eco. Pol. Soc do Brasil I Hist. Eco, Pol. Soc. Geral I Geografia humana e econômica Antropologia I Sociologia I Política I	Hist. Eco. Pol. Soc do Brasil I Hist. Eco, Pol. Soc. Geral I Geografia humana e econômica Antropologia I Sociologia I Política I
3	Economia I Geografia humana e econômica II Antropologia II Sociologia II Política II Hist. Eco. Pol. Soc do Brasil II Hist. Eco. Pol. Soc Geral II	Economia I Geografia humana e econômica II Antropologia II Sociologia II Política II Hist. Eco. Pol. Soc do Brasil II Hist. Eco. Pol. Soc Geral II
4	Economia II Epistemologia das Ciências Sociais Estatística I	Economia II Epistemologia das Ciências Sociais Estatística I
5	Pesquisa Social I Estatística II	Pesquisa Social I Estatística II Psicopedagogia desen individual Psicopedagogia do adolescente
6	Pesquisa Social II	Pesquisa Social II Psicologia da aprendizagem Psicologia de ensino Estr. Func. Ens. I e II grau
7	Estudos dos problemas brasileiros I	Didática I Estudos dos problemas brasileiros I
8	Estudos dos problemas brasileiros II	Estudo dos problemas brasileiros II Didática II Estágio Supervisionado

Quadro 19 - Currículo do Curso de Ciências Sociais 1969

Neste currículo, dividido em semestres, Medeiros continuou apenas com sua disciplina de Problemas Brasileiros, e foram introduzidas as disciplinas de Epistemologia das Ciências Sociais e Estudos dos Problemas Brasileiros. Quanto à essa última, as famosas disciplinas de EPB foram implantadas na universidade por determinação da Reforma Universitária empreendida pelos militares, juntamente com novos professores de diferentes formações. A incorporação dessas disciplinas no ensino superior, e das disciplinas de humanidades (Moral e

Cívica) no ensino secundário, criaram novas demandas no mercado de trabalho para os sociólogos, e deste modo, aumentou a procura pelo curso de Ciências Sociais (Holzmann, 1995).

Medeiros foi o criador da disciplina de Pesquisa Social, inspirado na sua experiência na Escola de Serviço Social, na qual, além de professor de 1942 até 1945, foi diretor na década de 1950, conforme abaixo¹⁸⁴:

“Eu já tinha feito uma experiência na escola de serviço social. A escola de serviço social foi criada nos anos 1940-1950, eu tinha feito uma conferência numa semana de estudos sociais e nesse conferência estava presente uma assistente social do Rio de Janeiro. A palestra era sobre solidariedade, e ela introduziu a discussão sobre a necessidade de criar em Porto Alegre uma Escola de Serviço Social, mostrando que era uma técnica de resolução dos problemas sociais das pessoas ocupadas em diferentes ramos. Então dessa sugestão de Ilda Pereira nasceu essa escola de serviço social. E eu fui convidado e lecionei nessa escola Sociologia e Pesquisa Social. Então essa experiência que fiz, porque cada assistente social, no último ano, devia fazer um estágio numa empresa e, como fruto desse estágio, ela devia coletar o material para fazer uma tese. Chamavam tese, mas na verdade era um trabalho de campo. Eu lecionava como elaborar essa tese, etc. E essa experiência eu amadureci um pouco e levei para o curso de Ciências Sociais com a criação da disciplina de Pesquisa Social. Desde já estar funcionando o curso dois ou três anos.”

Nesta disciplina, a partir dos dados de suas anotações de aula¹⁸⁵, além de dar um panorama geral da Sociologia, convidava seus alunos a participarem de suas pesquisas, primeiramente na pesquisa sobre a educação em Santa Cruz do Sul, na qual teve o então aluno Ivo Schneider como colaborador e na pesquisa sobre a educação primária no Rio Grande do Sul¹⁸⁶, na qual colaboraram, como entrevistadores, os alunos, Mercedes Loguercio, Mário Rield e André Forster¹⁸⁷. Portanto, buscou, muitas vezes juntamente com as atividades do Centro de Estudos Sociais, despertar e preparar os alunos para a pesquisa sociológica da vida brasileira. No entanto, como sua trajetória de pesquisa foi ligada à temática da população, das migrações internas, dos dados demográficos e a relação disso com o desenvolvimento das comunidades, das cidades, etc, e assim, não abrangendo os grandes debates da época, como as teorias da modernização, mudança social, do desenvolvimento associado ou periférico, etc; propôs no curso de Ciências Sociais ministrar a disciplina de Problemas Brasileiros, uma vez que:

“Não havia margem para um curso de sociologia brasileira, não só de exposição e crítica das concepções, das visões sociológicas existentes como também da construção de uma nova visão sociológica, não havia margem para isso. Então eu,

mais modestamente, sugeri e se criou a cadeira de Problemas Brasileiros. Nessa disciplina se estudava o problema demográfico¹⁸⁸ .

Deste modo, os temas do curso¹⁸⁹ reproduziam sua experiência em pesquisa, como sobre a população, a urbanização, a estrutura agrária, a educação, no entanto introduz temas que estavam na agenda das ciências sociais da época, como resistências à mudanças na estrutura e na organização social, a distribuição regional do poder político e o debate das transformações da sociedade brasileira pós – trinta. Para tanto, exigia que seus alunos elaborassem trabalhos práticos sobre um problema brasileiro dentro dessas temáticas. Simultaneamente a sua docência no curso de Ciências Sociais, juntamente com seu assistente José Fachel, assumiu a disciplina de “Sociologia do Desenvolvimento” no Programa de Pós Graduação em Sociologia Rural, e a partir dos anos 1970 a disciplina de “Teoria Sociológica” nesse mesmo programa.

A temática da mudança social, ou resistências a mudanças foi amplamente influenciada pelos argumentos de Luiz Costa Pinto reproduzido no seu livro “Sociologia e Desenvolvimento”, de 1962, mas Medeiros começou a incluir essa temática após participar do seminário resistências à mudanças promovido pela CLACSO em 1959. Nesse sentido, Medeiros privilegiou a temática do desenvolvimento, especialmente o econômico, à modernização para explicar a mudança social. A partir desse panorama utilizou-se de autores como: Celso Furtado, Pedro Beltrão, José Echevaria, Juarez Lopes Brandão, F. Perroux, entre outros¹⁹⁰.

Dessa forma, Sociologia finalista que buscava o progresso social, presente principalmente em suas aulas para o curso de Pedagogia, Filosofia e Didática no período da Sociologia de Cátedra foi substituída pela idéia de uma Ciência Social aplicada, apta a diagnosticar os problemas sociais para intervir nessa realidade através de projetos de desenvolvimento econômico e social. Essa sua concepção, Medeiros sistematizou na comunicação apresentada no III encontro inter- regional de Cientistas Sociais do Brasil, promovido pelo Instituto Joaquim Nabuco, em Recife, no ano de 1975. Neste trabalho, muito similar ao conteúdo de suas aulas, tanto de problemas brasileiros, quanto na de Sociologia do Desenvolvimento, demonstra que o uso de métodos quantitativos juntamente com as teorias de longo alcance, como a de Weber, de Parsons, para explicar a mudança social não eram

adequados, e sugeriu a utilização de teorias de médio alcance como conhecimento sobre as condições sociais de inovação e sobre as resistências às mudanças. Dessa forma, a Sociologia deve elaborar um diagnóstico da realidade social, no qual: “Será um conhecimento o mais objetivo possível da realidade, envolve a análise dos aspectos econômicos, obviamente o levantamento mais ambicioso, e a análise dos aspectos sociais e culturais implicados no plano” de desenvolvimento brasileiro (Medeiros, 1975: 33).

Portanto, a Sociologia que Medeiros ministrou através da disciplina de “Estudos Sociais” e “Pesquisa Social” buscou preparar os cientistas sociais na elaboração de diagnósticos para a resolução dos problemas sociais. De toda forma, embora Medeiros tenha assumido posições divergentes de seu grupo e dos outros professores do curso de Ciências Sociais, as cadeiras que assumiu mudaram em relação as anteriores que ministrara nas cátedras, porque se afastou da Sociologia de orientação católica e definiu o papel da sociologia enquanto instrumento de mudança social. Com a instituição da estrutura departamental, na qual era apenas um professor como todos os outros, e deste modo, confrontando-se com pessoas com formação universitária distinta da sua, uma vez que muitos dos novos professores e até mesmo os professores que foram seus assistentes buscaram a formação pós-graduada no Brasil e no exterior, Medeiros foi perdendo sua antiga influência no curso. Inclusive a disciplina de Estudos Brasileiros não consta no currículo mínimo de 1970 que vigorou até 1976. Em suma, com a nova composição do quadro docente e a diversificação temática nas pesquisas do departamento com sua vinculação ao Programa de Pós-Graduação de Sociologia e Política o antigo catedrático voltou-se para as áreas que ainda mantinha alguma influência, como a Sociologia Rural e, na década de 1980, o Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se resgatar nessa pesquisa a relação da chamada “geração católica” com a Universidade do Rio Grande do Sul. Essas “gerações” formadas no Colégio Anchieta e agregadas na Congregação “Mater Salvatoris” podem ser assim consideradas, porque, diferentemente do grupo católico do Rio de Janeiro, cujos seus maiores representantes do laicato como Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima passaram por processos distintos de conversão e ação (Villaça, 1977), converteram-se através da mesma educação e escola de pensamento, e assim conseqüentemente suas ações, iniciativas e referenciais de luta foram homogêneos até a década de 1950. Nesse sentido, a atuação do nobre Padre alemão von und zur Mühlen S.J foi essencial, porque, até sua morte em 1939, orientou a juventude católica no projeto de recristianização de todas as esferas sociais, especialmente a universitária.

Também ao contrário do grupo católico do Rio de Janeiro, no qual Dom Leme representou o mentor e autoridade máxima de todas as iniciativas da renovação católica, no Rio Grande do Sul Dom João Becker não teve o mesmo papel, uma vez que a “geração católica” não se submeteu a hierarquia da Arquidiocese. Os fatos mais ilustrativos foram: primeiro, a posição tomada pela juventude do CCA na LEC de 1933 de apoiar Adroaldo Mesquita da Costa do PRR e não os candidatos do PRL de Flores da Cunha aliado a D. João Becker, e segundo, o abandono do movimento da juventude católica quando este se vinculou à Arquidiocese.

Por outro lado, em suas devidas proporções, a ação dos jesuítas Padre Werner no Rio Grande do Sul e Padre Franca no Rio de Janeiro, ambos assistentes eclesiásticos, direcionaram-se para o combate da crise do mundo moderno na Universidade. O primeiro através de sua atuação de assistência aos jovens católicos do CCA no projeto de domínio de setores da UFRGS, e o segundo na criação de instituições, junto com Alceu Amoroso Lima, destinadas a cooptação e formação humanísticas dos universitários, como o Centro Católico de Estudos Superiores além da produção de livros para a juventude. Deste modo, não foi por acaso que Alceu Amoroso Lima e Pe. Leonel Franca fossem, além de Padre Werner e Armando Câmara, as referências intelectuais mais importantes da “geração católica” rio-grandense.

Armando Câmara, neto de dois Viscondes, o de Pelotas José Antônio Correa da Câmara, e o de São Leopoldo, José Feliciano Fernandes Pinheiro, foi, sempre sombra de dúvida, a figura mais importante dos primeiros católicos que demonstraram publicamente sua fé na sociedade rio-grandense caudilhista e machista, na qual a prática religiosa era vista como atividade essencialmente feminina. Se Pe. Werner foi o mentor espiritual e intelectual daquela “geração católica” que assumiu as cátedras da Faculdade de Filosofia, Armando Câmara foi o mentor da ação pública e política da citada geração. Foi presidente de honra de todas as instituições que agregaram os jovens católicos, como o CCA, além de idealizador da APC e da ABRS. Assim, com a morte de Padre Werner, a condução do projeto de conquista da Universidade foi liderado por Armando Câmara.

Sua atuação na Universidade como docente começou em 1931 e desta forma, no mesmo ano que a maioria dos jovens do Colégio Anchieta ingressou nos cursos de Direito, Medicina e Engenharia. Portanto, o movimento de conquista da Universidade começou com a atuação de Armando Câmara na Faculdade de Direito e concretizou-se com a alocação das cátedras da Faculdade de Filosofia entre o grupo católico no seu reitorado. Enquanto Alceu Amoroso Lima não aceitou o Reitorado da FNF no final da década de 1930, Câmara não só aceitou o cargo após a renúncia de vários reitores, como completou o quadro docente, em sua maioria com católicos, que influenciaram nos destinos das áreas disciplinares e da Faculdade até meados da década de 1960.

Portanto, pode-se considerar a década de 1960 com o fim da influência dos católicos em determinadas disciplinas e na Universidade. Nesta década, a “geração católica” não constitui mais um grupo homogêneo ideologicamente e politicamente, e durante o processo repressivo na Universidade, a partir de 1964, com instauração da Comissão Sumária de Inquérito muitos docentes, antigos membros do CCA, foram condenados pelos seus próprios colegas, por subversão à ordem, como Ernani Maria Fiori e Victor de Britto Velho. De todo modo, após a instauração dos departamentos e o fim das cátedras na prevista na Reforma Universitária de 1968, muitos catedráticos católicos resistem, mas acabam aposentando-se na década de 1970, como Laudelino Medeiros e Francisco Machado Carrion. Portanto, a Reforma Universitária ao terminar com as cátedras, e estabelecer como critérios de seleção e classificação a meritocracia, a influência dos antigos catedráticos foi reduzida.

Esse processo fez parte da constituição histórica das Universidades e de construção de esferas de produção de conhecimento relativamente autônomas às inferências de outras ordens sociais, como a política e a religiosa. Nesse sentido, na segunda parte da pesquisa demonstrou-se a formação histórica da disciplina de Sociologia na UFRGS através do itinerário do catedrático Laudelino Teixeira de Medeiros. Este, foi membro da “geração católica”, participou de todas as instituições formadas pelos católicos, mas não assumiu uma posição de liderança. Não foi aluno do Colégio Anchieta, mas juntou-se ao grupo na Congregação “Mater Salvatoris” e na pensão coordenada pelo Padre Werner, quando veio de Santa Maria para estudar no curso de Administração e Finanças da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas em 1934.

Durante o reitorado de Armando Câmara, Medeiros assumiu definitivamente a cátedra de Sociologia, disciplina que já ministrava no Colégio Universitário. A primeira Cátedra foi criada na nova Faculdade de Economia e Administração, e a segunda, um ano após na Faculdade de Filosofia. Demonstrou-se, num primeiro momento, que, embora a Sociologia apresentada por Medeiros como legítima tivesse uma orientação definida, a católica, houve variações conforme a clientela a que se destinava. Assim sendo, na Faculdade de Filosofia, nos cursos de Pedagogia, Filosofia e Didática as temáticas desenvolvidas ligavam-se as questões do universo católico visando à formação dos futuros professores para a rede católica de ensino. Na Faculdade de Administração e Economia interessou-se por demografia e estudos populacionais e urbanos revelado em suas primeiras pesquisas sobre Vilas e Malocas e o Processo de urbanização no Rio Grande do Sul. Nesses trabalhos, ao contrastar as comunidades urbanas às rurais, influenciados pelos estudos americanos de P. Sorokin e T. L. Smith, Medeiros inseriu-se na área rural, através dos estudos de comunidade.

Mesmo que T.L. Smith não considerasse a possibilidade de uma Sociologia Rural, mas sim uma Sociologia da vida rural ou urbana e P. Sorokin acreditasse na existência de uma Sociologia Rural como um ramo autônomo da disciplina científica, ambos os autores influenciaram Medeiros, portanto, não foi por acaso que o Programa Pós-Graduação de Sociologia Rural, impulsionado pelo intercâmbio com os EUA, tenha sido o programa pioneiro nos estudos das questões rurais no Rio Grande do Sul antes do próprio

desenvolvimento da Sociologia na UFRGS. Desta maneira, Medeiros passou das metodologias ligadas ao catolicismo social de Le Play e Jacques Valdour que ele ensinava em todos os cursos, para os estudos de comunidade.

Por outro lado, em ambas as cátedras montou um grupo em torno de si que possibilitou, além da criação do curso de Ciências Sociais, a hegemonia da Sociologia, especialmente durante sua direção. E partir desse momento buscou desenvolver a pesquisa social através do Centro de Estudos Sociais que projetou. Embora seus projetos iniciais de pesquisas não tenham sido realizados, a iniciativa do Centro e o convênio com a Alemanha foi uma etapa importante na formação dos especialistas em Ciências Sociais e no início da Institucionalização da Sociologia científica na UFRGS através da formação e recomposição dos quadros docentes.

O curso de Ciências Sociais após ser criado teve uma rápida expansão após a Reforma de 1968, com a criação do PPG de Sociologia e Política em 1973, e o desenvolvimento da Antropologia Social através da renovação dos quadros docentes com pessoal egressos de pós-graduações no exterior. Apesar dessa pesquisa tenha se limitado a atuação do primeiro catedrático de Sociologia, como uma etapa fundacional importante das Ciências Sociais, as dinâmicas das três áreas pós 1960 e os agentes dessas transformações podem revelar como o campo de produção foi sendo autonomizado e se diversificado em relação aos primeiros anos de monopólio de catedráticos diletantes. Essa é uma questão para uma próxima pesquisa, a análise da formação do campo profissional e científico das Ciências Sociais no Rio Grande do Sul.

De todo modo, o processo histórico da construção da Sociologia na UFRGS revelou algumas especificidades regionais. Primeiro a ligação com a Economia e os Estudos Rurais, relação que se mantém até hoje no PPG de Desenvolvimento Rural e na linha de pesquisa Sociedade e Agricultura do PPG de Sociologia. Segundo, a institucionalização da pesquisa empírica que começou com o convênio com a Alemanha através dos cursos do alemão Achim Schrader no CES. No entanto, a produção intelectual da Sociologia atualmente nada tem haver com as a etapa da Sociologia de Cátedra, assim como a Antropologia e a Ciência Política, mas a reconstrução de sua formação e de seu processo histórico de

autonomização da influência católica constituiu uma fase importante para o estudo histórico da relação entre elites e universidades ocorridas na década de 1930 e 1940 e para a História das Ciências Sociais no Brasil.

¹ MEDEIROS, L. [Carta] 13 de junho de 1979, Porto Alegre [para] Oracy Nogueira, São Paulo.

² A literatura sobre as Ciências Sociais no Brasil tende a opor o caso paulista ao carioca, no sentido que aquele estaria mais para a ciência e o outro, pela proximidade com o governo, estaria mais para a política. Ver especialmente ALMEIDA, M. **Dilemas da institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro**. In: MICELI, Sérgio. História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo, Sumaré, 2001; CARVALHO, M.A., MELO, M.P., VIANNA, W. **Cientistas Sociais e vida pública**. Dados. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol37, n.3, 1994; e MICELI, Sérgio. **Por uma Sociologia das Ciências Sociais**. In: MICELI, Sérgio. História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo, Sumaré, 2001. No entanto, hoje essa versão estereotipada da institucionalização das Ciências Sociais é contestada, porque, mesmo as instituições paulistas, embora sem relações com o governo central, foram projetadas e financiadas pela oligarquia cultural e política de São Paulo, além que a produção científica dos primeiros especialistas reproduziram a indefinição disciplinar do período, como os estudos antropológicos e sociológicos de comunidade realizados na ELSP. Sobre isso ver especialmente: TRINDADE, Hélgio. **Institucionalização e internacionalização das Ciências Sociais na América Latina em questão**. In: ALMEIDA, A et al. Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras. Campinas: Ed. Unicamp, 2004; PÉCAULT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação**. São Paulo: Ed. Ática, 1990; JACKSON, L.C. **A Sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965)**. Tempo Social. São Paulo: USP, FFCLH, Vol. 16, n.1, junho de 2004.

³ Conforme o verbete de U.Benigni o termo “Ultramontanismo”: “La palabra señalaba un catolicismo activo e integral y era utilizada porque reconocían como su cabeza espiritual al papa que, para la parte mayor de Europa, era un morador más allá (ultra) de los montes es decir, más allá de los Alpes. El término "ultramontano", de hecho, es relativo: para los franceses, alemanes, y para cualquier otro pueblo situado al norte de los Alpes son ultramontanos los romanos, o los italianos, y en un sentido eclesiástico puro se aplica esta palabra a un catolicismo integral. *The Catholic Encyclopedia*, v.1, On-line ACI-Prensa.

⁴ Vide capítulo “Le conservatisme chrétien (Joseph de Maistre – Louis de Bonald) in NOLTE, Ernest – *Action Française*, T.1, **Le Fascisme dans son Epoque**, Paris, Ed.Julliard, p.112-120

⁵ “Entre os católicos o modernismo teve certa aceitação no seio do clero mais jovem (...); ao passo que no campo ortodoxo houve o ressurgimento do neotomismo que ressuscitou e melhorou o escolasticismo aristotélico do período anterior a Leão XIII e recebeu novo ímpeto na Universidade Católica de Milão. Giuseppe Toniolo foi o expoente da economia social, da democracia cristã, da sociologia orgânica e teve muitos seguidores”, STURZO, Luigi – *Depois do fascismo*, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1947, p 28

⁶ “Os Círculos de Estudos constituirão uma elite católica de operários, futuros membros dessa nova classe dirigente que reclamam os tempos novos, enquanto que os estudantes e os intelectuais deverão dar a si mesmos esta necessária opinião democrática que hoje se impõe a todos, poderão exercer a parte da influencia que lhe cabe legitimamente” *Sillon*, 10 de janeiro de 1902, in CARON, Jeanne – **Lê Sillon et la Democratie Chrétienne (1894-1910)**, Paris, Librairie Plon, 1967, p.365

⁷ Juventude operária cristã (Jeunesse ouvrière chrétienne -JOC) criada por um jovem par un jeune padre belga, l'abbé Cardijn na Bélgica (1925) depois na France (1927); Juventude agrícola Cristã (Jeunesse agricole chrétienne -JAC) criada em 1929; Juventude estudante cristã (Jeunesse étudiante chrétienne -JEC) criada em 1930; Juventude marítima católica (Jeunesse maritime catholique - JMC) criada em 1934; Juventude independente cristã (Jeunesse indépendante chrétienne -JIC) criada em 1935.

⁸ Ver também ROVAN, Joseph – **Le Catholicisme politique en Allemagne**, T.2, Collection Esprit, Paris, Edition du Seuil, 1957

⁹ Obras de Padre Leonel Franca: Noções de História da Filosofia; A Igreja, a Reforma e a Civilização; Polêmicas, O Divórcio; Catolicismo e Protestantismo, O protestantismo no Brasil, A psicologia da fé; A crise do mundo moderno, O método pedagógico dos Jesuítas, Liberdade e determinismo, O problema de Deus, A formação da Personalidade. Todos publicados pela editora Agir.

¹⁰ Ver especialmente: BOMENY, H. M.B. (org.). **Constelação Capanema: Intelectuais e políticas**. Rio de Janeiro: FGV, 2000; PÉCAUT, D. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo, Ática, 1990; MARTINS, L. **A gênese de uma intelligentsia; os intelectuais e a política no Brasil: 1920 a 1940**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, ANPOCS, nº 4, v. 2, jul./1987, pp. 65-87; MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

¹¹ Por outro lado, além das instituições criadas para cooptar os universitários, buscaram conquistar o domínio ideológico do movimento operário. Assim, criaram a Confederação dos operários católicos, inspirada nos círculos operários do Rio Grande do Sul, que desde 1913, liderado pelo Padre Bretano, que além de lutar pelos direitos trabalhistas dos operários, buscavam educar segundo os dogmas cristãos o operariado. Com o crescimento

desse movimento, em 1936 foi criada a Frente trabalhista Cristã Nacional. Ver especialmente SOUZA, Jessé. **Círculos operários: A Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

¹² Ver especialmente Morosini, Maria Costa; Dal Pai Franco, Maria Estela. **Escola de Engenharia de Porto Alegre (1896-1934) Hegemonia Política e construção da Universidade**. <http://www2.uerj.br/anped11/19/MOROSINI>

¹³ Esse tipo de ensino também fez parte das iniciativas dos Irmãos Maristas, que criaram uma Escola Superior de Comércio no Colégio Nossa Senhora do Rosário, desde o início do século XX, com ênfase na formação de contadores. Em 1931, essa Escola passou a ser a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, a qual foi idealizada por Irmão Afonso, com a colaboração dos professores Eloy José da Rocha, Elpidio Ferreira Paes, Salomão Pires Abrahão, Francisco Juruena, Irmão José Otão e Antônio César Alves, entre outros. Essa escola, juntamente com a Faculdade de Educação, Ciências e Letras, criada em 1940, e a Escola de Serviço Social em 1945, são consideradas as Escolas fundadoras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Ver especialmente: CARRION, Otilia. **Da Escola de Comércio a Faculdade de Ciências Econômicas**. In: CARRION, O (Org). O ensino de Economia na UFRGS, Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

¹⁵ A primeira geração dos Republicanos surgiu no período imperial sob a hegemonia do Partido liberal no RGS. Sobre as particularidades dessa geração e sobre esse período inicial ver especialmente: PINTO, C. R. J. **Positivismo. Um projeto político alternativo**. Porto Alegre, L&PM, 1986. Em relação às estratégias dos grupos economicamente e politicamente dominantes, especialmente os liberais, no espaço social rio-grandense, ver: LOVE, J. **O regionalismo gaúcho**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1975; e PESAVENTO, S. J. **República Velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores**. Porto Alegre, Editora Movimento, 1980. Depois do Golpe de 1889, e a exclusão da arena política dos opositores dos republicanos e a construção do PRR, como também da situação dos partidos no RGS nesse período, ver: TRINDADE, H. **Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937)**. In: RS: Economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, como também, sobre o domínio dos positivistas na esfera legislativa, ver: TRINDADE, H. **Poder legislativo e autoritarismo no Rio Grande do Sul (1891-1937)**. Porto Alegre, Sulina, 1980. A nova geração fora aquela de Getúlio Vargas, Flores da Cunha, João Neves da Fontoura e Oswaldo Aranha, os quais lançaram na política nacional a modernização pela via autoritária, através da Aliança Liberal. No entanto, o governo provisório dividiu o espaço político partidário do Rio Grande do Sul, e especialmente os republicanos, principalmente em relação à Revolução Constituinte, porque enquanto Flores da Cunha apoiou Getúlio contra a constituinte, Borges de Medeiros e Raul Pilla juntam-se na Frente Única Gaúcha (PRR, PL) a favor da Revolução constitucionalista de 1932. Frente a isso, Flores da Cunha e Oswaldo Aranha fundaram o Partido Republicano Liberal, como contraponto ao PRR e ao PL. Portanto, além das divisões políticas, esse espectro trouxe a arena política e eleitoral setores até então marginalizados da política rio-grandense, como as classes médias em ascensão e os imigrantes, surgindo assim movimentos como a AIB e a ANL, como também o grupo católico, através da LEC. Por isso, a literatura tende a considerar esse período como o declínio da influência positivista na esfera política Rio-Grandense. Especialmente sobre esses fatos, e a configuração político-partidária do pós-1930 ver: NOLL, M. I. **Partidos e política no RS (1928-1937)**. Dissertação de Mestrado. UFRGS. 1980.

¹⁶ Sobre o papel da ordem Jesuítica no desenvolvimento do sistema educacional brasileiro ver: AZEVEDO, F. A. **Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil**. 4.ed. rev. ampliada. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963. Sobre a influência dos Jesuítas Alemães no Rio Grande do Sul ver especialmente: SCHUPP, A. **Missões dos Jesuítas Alemães no Rio Grande do Sul**. 1º Edição, Unisinos, São Leopoldo, 2004 e BOHNEN, A. e ULLMANN, R.(Org): **A atividade dos Jesuítas em São Leopoldo, 1944-1989**. São Leopoldo, Editora Unisinos, 1989; sobre o papel dos Padres dessa ordem religiosa no desenvolvimento científico do Rio Grande do Sul ver: LEITE, L. O. **Jesuítas Cientistas no Sul do Brasil**. 1º Edição, Unisinos, São Leopoldo, 2005.

¹⁷ Em relação ao catolicismo de imigração nas colônias alemãs, ver: ROCHE, J. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Editora Globo, 2º Edição, Porto Alegre, 1969; RABUSCKE, A. S.J. **A contribuição teuta à Igreja Católica no Rio Grande do Sul**. In: Estudos Leopoldenses, Unisinos, ano 1974, nº 28, São Leopoldo; RAMBO, A. B. **Os Católicos e a Revolução Federalista**. In: Revolução Federalista e os Teuto-Brasileiros, RAMBO e FÉLIX (Orgs), São Leopoldo; Ed. Unisinos; Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1995. Sobre o catolicismo de imigração nas colônias Italianas, ver especialmente: BONI, L. A. (Org.); COSTA, R. (Org.). **A presença italiana no Brasil - III**. 1. ed. Porto Alegre/Torino: EST/Fondazione Agnelli, 1996. V. 1. 708 p.

¹⁸ A tradição do Colégio Anchieta remonta ao Colégio Conceição de São Leopoldo. Este internato havia sido criado em 1869, e formou várias lideranças políticas, militares e religiosas do Rio Grande do Sul, como: Oswaldo Aranha, Nereu Ramos, João Neves da Fontoura, Adroaldo Mesquita da Costa, Alberto Bins, Jacinto Godoy, Álvaro Moreira, Antonio Saint Pastous, Feliz Contreiras Rodrigues, Alfeu Bica de Medeiros, General Raul Silveira de Mello e D. João Becker, entre outros. O Brasil, principalmente o Rio Grande do Sul, foi

beneficiado com a expulsão dos jesuítas da Alemanha, pela Kulturkampf de Bismarck, em 1872, uma vez que religiosos da mais alta qualificação vieram para o Sul do Brasil e criaram um estabelecimento fiel aos princípios do Ratio Studiorum, como os ginásios alemães. Mesmo assim, num primeiro momento, a escola enfrentou para se firmar o antijesuitismo do período, principalmente a reação dos Muckers, mas a partir de 1878 o colégio firma-se com o sucesso de seus alunos nos exames públicos em Porto Alegre, chamados de parcelados. Ver especialmente: TRINDADE, F. **Uma contribuição à história da Faculdade de Filosofia da UFRGS**. In: Revista do IFCH/UFRGS, Porto Alegre, n. 10, 1982; e, LEITE, L. O. **A década Anchieta**. In: TRINDADE e LEITE (Orgs): Leônidas Xausa. Editora UFRGS, Porto Alegre, 2004.

¹⁹ A produção intelectual de Frei Pacífico de Bellevaux foi compilada e organizada por Rovílio Costa na obra de Bellevaux, Pacífico, Frei. **Criteriologia. Uma teoria do conhecimento**/ Frei Pacífico de Bellevaux; org. Rovílio Costa- 2. ed- Porto Alegre EDIPUCRS 1999.

²⁰ Numa Sociedade a qual imperava a figura do caudilho, a prática religiosa pública era considerada estritamente feminina. Ver especialmente: TRINDADE, F. **A polêmica entre Érico Veríssimo e o Pe. Leonardo Fritzen, SJ**. In: Revista do IFCH, Porto Alegre, n. 11/12. 1984.

²¹ A produção intelectual do Padre Werner foi pesquisada, compilada e publicada por RABUSKE, A. S.J. **Padre Werner: a serviço da inteligência gaúcha (1923-1939)**. São Leopoldo, Editora Unisinos, 1999.

²² MAGALHÃES, A. **Um nobre alemão que amou acertadamente o Brasil: "Werner Von Zur Muhlen"**. In: Correio do CRPE. Porto Alegre Vol. 4, n. 34 (jul./ago. 1963), p. 28-31; AZEVEDO, A. D. **Padre Werner**. In: Estudos, N° 2, Porto Alegre, Agosto/setembro, 1940, ano 1; BOTTINI, A. **O Padre Werner**. In: Estudos, N° 2, Porto Alegre, Agosto/setembro, 1940, ano 1; RAMBO, B.S.J. **Um apóstolo da inteligência: O Padre Werner**. In: Estudos, N° 1, Porto Alegre, Junho, 1940, ano 1; MEDEIROS, L. **Padre Werner**. In: Jornal do dia 15/08/1964.

²³ Dentre os acadêmicos e formados das Faculdades de Direito, Medicina, Engenharia que freqüentaram os seminários e seguiram a orientação de Pe. Werner estão Armando Câmara, Ary de Abreu Lima, Armando Dias de Azevedo, Alberto Pasqualini, Eloy José da Rocha, Ruy Cirne Lima, Álvaro Magalhães, Dante de Laytano, Luiz Pilla, Darcy Azambuja, Carlos de Britto Velho, Ernani Maria Fiori, Francisco Machado Carrion, Romeu Mucillo, Othelo Laurent, Victor de Britto Velho, Mário Bernd, Décio de Souza, entre outros, conforme MEMÓRIAS DA CONGREGAÇÃO DOS ACADÊMICOS, "Mater Salvatoris", Typ Selbach & Cia., Porto Alegre, 1926, 1932, 1933, 1935.

²⁴ FIORI, E. M. **23 de julho de 1980**. Entrevista concedida a Fernando Casses Trindade (Mimeo).

²⁵ Conforme Carrion o grupo católico muitas vezes usava da violência nas Faculdades e na vida cultural porto alegre, porque o "católico tinha que mostrar que não era maricas, que era homem", no entanto Padre Werner não aprovava tais atos. Segundo CARRION, F. M. **1967. Depoimento sobre a Ação Integralista Brasileira**. Entrevista concedida à Héliq Casses Trindade. (Mimeo).

²⁶ CARRION, F. M. **1967**. Op Cit.

²⁷ Conforme LISTA DE SÓCIOS EFETIVOS DO CENTRO CATÓLICO DE ACADÊMICOS, em 30 de Março, 1933. (Mimeo). O Sócio acadêmico da Economia foi Laudelino Medeiros de Teixeira, estudante da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, criada por Pe. Afonso em 1931, contando com a iniciativa dos professores Eloy José da Rocha, Elpidio Ferreira Paes, Salomão Pires Abrahão, Francisco Juruena, Irmão José Otão e Antônio César Alves. Essa Faculdade foi a primeira com ensino superior de economia no Rio Grande do Sul, como também foi o primeiro curso da futura Universidade Católica.

²⁸ Em relação aos nomes e números de alunos ingressantes no curso de Medicina de Porto Alegre, desde sua fundação, e especialmente no ano de 1933, ver [online] disponível na internet via WWW: URL: http://www.famed.ufrgs.br/comgradmed/form_med.htm#1933, acessado em 25 de janeiro de 2006.

²⁹ CARRION, F. M. In: **Simpósio Revolução de 1930**. LEC: depoimentos de Adroaldo Mesquita da Costa, Francisco Machado Carrion e Eloy José da Rocha. 10 de Outubro de 1980. (Mimeo)

³⁰ No 1º congresso universitário do Rio Grande do Sul, o qual deveria ser presidido por Flores da Cunha, o grupo católico preferiu que Frederico Dahne fosse o presidente, e deste modo Flores da Cunha teve que ceder seu lugar na mesa de honra à Dahne, diante desse fato Flores da Cunha e Dom João Becker não compareceram mais ao congresso. Ver especialmente: Depoimento de Francisco Machado Carrion em CARRION, F. M. In: **Simpósio Revolução de 1930**. LEC: depoimentos de Adroaldo Mesquita da Costa, Francisco Machado Carrion e Eloy José da Rocha. 10 de Outubro de 1980. (Mimeo)

³¹ COSTA, Adroaldo Mesquita da Costa. Carta Aberta. **Correio do povo**, Porto Alegre, 4 de dezembro, 1932.

³² Os candidatos inscritos sob a legenda "Legião Pró Estado Leigo: Dr. Manuel Serafim Gomes de Freitas, Dr. Fernando de Souza do Ó, Eduardo Menna Barreto Jayme, Dr. Lucidio Ramos, Dr. Alcides Chagas de Carvalho, Agnélio Cavalcanti de Albuquerque, Ângelo Plastina, Almirante Américo Silvano, Almirante Arthur Thompson, Dr. Athalicio Pittan, Dr. Alberto Pasqualini, Dr. Barros Cassal, Euclides Minuano do Moura, Dr. Joaquim Luiz Osório, Dr. Simplicio Alves de Carvalho, Dr. João Gonçalves Vianna. A LEGIÃO PRÓ-ESTADO LEIGO. Ao

eleitorado Rio-grandense. Correio do Povo, 26 de abril de 1933.

³³ A Liga Pró-Estado Leigo foi um movimento nacional, mas regionalmente os representantes da Liga discutiram em seu congresso de 5 de janeiro de 1932, presidido por Othelo Rosa, às seguintes teses: A igreja e o Estado e suas relações dentro do genuíno regime republicano, por Alberto de Brito, O decreto de 30 de abril, por Clotario Soares Pinto, Liberdade de Consciência, por João C. de Freitas, A igreja e o Estado, por João Henrique, o ensino leigo e a organização republicana do Rio grande, por Augusto Meirelles de Carvalho, Símbolos religiosos nas repartições públicas do País, por Paulo Hecker, A Igreja e o Estado, por Waldemar Ripoll, O Direito do operariado à liberdade de pensamento, por Agnello Cavalcanti e a assistência espiritual nos quartéis, debatida por Othelo Frota; conforme: **1º Congresso pro- Estado Leigo.** Correio do Povo, 5 de janeiro de 1932.

³⁴ A Liga Pró Estado – Leigo teve comitês e representantes em várias cidades do Estado, como: Uruguaiana (Antônio Messias, Dr. Joaquim Maciel de Lemos, Américo Brito de Oliveira, Arthur Passardi) Pinheiro Machado (Dr. M. Pereira Pitta e Miguel de Souza Soares) Loja maçônica “Luz e Ordem” e Supremo conselho de Porto Alegre (Jerônimo Pires Missel e Irineu Trajano da Silva) Centro espírita Fraternidade de Cruz Alta (Lucio Simões), Capão do Leão (Dr. Gesualdo Crocco), Grupo espírita Leon Denis e Comitê pró estado leigo de livramento (Dagoberto Guimarães), Igreja Crucificado de Bagé (Reverendo José Silveira Silva) Acácia Vitoriense de Santa Vitória (Francisco Martins da Costa Junior) Loja Rio Branco de Piratini (Francisco Martins da Costa Junior) Comitê pró estado leigo de Piratini (Othelo Rosa) Sociedade metodista de senhoras de Caxias (Cecília dos Santos), cachoeira (Dr. Frederico Castelletti), Bom Jesus (Paulo Hecker e Carlos Leiria), Loja Maçônica Saldanha Marinho de Livramento (Dr. João Pinto Martins de Oliveira), Loja Maçônica Luz e Ordem e Estrela de Jerusalém, do Grande Oriente de Brasil, Porto alegre (Augusto Ferraz de Mendonça) Comitê pró Estado Leigo de Garibaldi (reverendo Armando Lima, Dr. Júlio Motti e engenheiro Jorge Jackman) Loja Harmonia Cruzaltense e Igreja Metodista de Cruz Alta (Olympio Roussellet), conforme: **O 1º Congresso da Liga pró-Estado leigo.** Correio do povo, 7 de janeiro de 1932.

³⁵ A LEGIÃO PRÓ- ESTADO LEIGO. **Ao eleitorado rio-grandense.** Correio do Povo, 23 de Abril de 1933.

³⁶ João Simplicio Alves de Carvalho, um dos revolucionários da revolução de 1930, e fundador da Escola de Engenharia, parece não ter decidido naquele momento sua orientação política, porque ao mesmo tempo estava no partido do centro, o PRL, estava no PRR, assim como foi apoiado pela LEC, quanto pelos partidários da liberdade de credo.

³⁷ CARRION, F. M. 1967. Op. Cit.

³⁸ No sentido atribuído por VIANNA, L. J. W. **Liberalismo e Sindicato no Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

³⁹ Em 1935, instituíram o primeiro conselho diretor da juventude católica, sendo Francisco Machado Carrion, o presidente, Paulo Barros o secretário da presidência, Laudelino Medeiros secretário masculino, Cruzaltina do Valle, como secretaria feminina, Carlos de Brito Velho, como secretário cultural, entre outros. Conforme CARRION, Francisco Machado.. **Comunicação aos C.J.C. (Nota da direção do C.C.A).** Revista Idade Nova, março-abril de 1936.

⁴⁰ Ernani Maria Fiori e Francisco Machado Carrion formaram-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1935, Victor de Brito Velho formou-se em Medicina em 1937, Laudelino Medeiros terminou seu curso superior de Administração e Finanças na Faculdade de Ciências Econômicas e Políticas em 1936, e o de Ciências Jurídicas e Sociais em 1941.

⁴¹ Em 1931.

⁴² Em 1936, muitos dos intelectuais gaúchos haviam manifestado seu apoio à Mussolini e a causa Italiana publicamente, no artigo: “Pela causa da Itália”. Manifesto lançado por intelectuais Rio-grandenses se solidarizando com a pátria de Dante no conflito Euro-africano. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 de janeiro de 1936,.

⁴³ CARRION, F. M, 1967. Op Cit.

⁴⁴ Idem, 1967.

⁴⁵ Participaram deste manifesto o que podemos chamar de “núcleo central” das duas gerações do grupo católico gaúcho, como Armando Câmara, Adroaldo Mesquita da Costa, Carlos de Brito Velho, Elias Cirne Lima, Ernani Fiori, Ary de Abreu Lima, Francisco Machado Carrion, Álvaro Magalhães, Ruy Cirne Lima, Armando Dias de Azevedo, entre outros.

⁴⁶ CARRION, F. M, 1967. Op Cit, e CARRION, F.M, 1980. Op Cit.

⁴⁷ Ver especialmente TRINDADE, H. **O Político e o professor.** In: Leônidas Xausa. TRINDADE e LEITE (ORG). Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2004.

⁴⁸ Depoimento de Francisco Machado Carrion em CARRION, F. M. 1980. Op Cit

⁴⁹ Depoimento Eloy José da Rocha In: SIMPÓSIO REVOLUÇÃO DE 1930. LEC: depoimentos de Adroaldo Mesquita da Costa, Francisco Machado Carrion e Eloy José da Rocha. 10 de Outubro de 1980. (Mimeo)

⁵⁰ Posteriormente Bispo de Santa Maria.

⁵¹ Idem, **1980**. (Mimeo)

⁵² CARRION, F, M, **1967**. Op. Cit.

⁵³ Chamamos de Universidade do Rio Grande do Sul, a Universidade de Porto Alegre, criada pelo governo do Estado pelo decreto n.5.758, de 28 de novembro de 1934, integrada inicialmente pelos seguintes estabelecimentos: Faculdade de Medicina (com as escolas anexas de Odontologia e de Farmácia), Faculdade de Direito (Com a sua Escola de Comércio), Escola de engenharia, Escola de Agronomia e Veterinária. Como a instalação da Universidade dependeu da autorização do governo federal para congregar a Faculdade de Medicina (até então instituição federal), assim como a Escola Técnica, a universidade só é oficialmente instalada em 1936, incorporando os Institutos da Escola Técnica (Escola de Engenharia, Instituto Montaury, Instituto de Química Industrial, Instituto Borges de Medeiros, Curso superior de Agronomia e Veterinária). O estatuto da nova Universidade só veio a ser aprovado em 1940, pelo decreto n. 6.627 como Universidade Estadual. Só em 1942 que completaram a organização universitária prevista em lei federal, com a criação da Faculdade de Educação, Ciências e Letras. Ver especialmente: UFRGS, **Anuário**, 1955.

⁵⁴ Assinado por Egídio Costa, José Azeredo e Luiz Bolick estudantes da engenharia, Eduardo de Assis Brasil, Adhir Eiras Araújo, Ramiro Frota Barcellos, da Medicina, Plínio Brasil Milano, José Neves da Fontoura, do Direito, Vicente Maia, Carlos Moritz, Armando Montano, da Agronomia, e Francisco Cardoso Filho, Nilo Ruschel, Álvaro Coelho Borges, da Escola de Comércio.

⁵⁵ A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi criada pelo decreto N.6194, em 1936, assinado pelo governador interino Darcy Azambuja e pelo secretário de educação Othelo Rosa. Embora, em 1938 o conselho universitário tenha aprovado os cursos de Matemática, Ciências Físicas, Ciências Químicas, História Natural, Filologia, Filosofia, Educação, Geografia e História, a autorização para o funcionamento dos cursos só veio a ocorrer em 1942, pelo decreto n. 9.076, em relação aos cursos da secção de Ciências. Deste modo, nesse mesmo ano a Faculdade passou a intitular-se Faculdade de Filosofia, e em 1943 obteve autorização para o funcionamento dos demais cursos. Ver especialmente: REGNER, A. C. **IFCH: Origens e trajetórias**. In: 50 anos da Faculdade de Filosofia: publicação comemorativa/organização: Comissão 50 anos - Porto Alegre: UFRGS, 1993 e DINIZ, P. P. **Origem e evolução da Universidade do Rio Grande do Sul**. In: Fundamentos da cultura rio-grandense. Porto Alegre, UFRGS/ Faculdade de Filosofia, 1960.

⁵⁶ A instabilidade da Política com as sucessivas mudanças da chefia do Estado durante o Estado Novo (foram cinco interventores durante esse período, Manuel da Cerqueira Daltro Filho, Oswaldo Cordeiro de Farias, Ernesto Dorneles, Samuel Figueiredo da Silva, Walter Só Jobim) dificultou o desenvolvimento da Universidade, levando a renúncia e exoneração dos primeiros Reitores.

⁵⁷ Conforme CONGREGAÇÃO Mariana “Auxilium Christianorum”. **Relação de seus Congregados**. Dezembro de 1950 (Mimeo).

⁵⁸ Governo Judiciário, instaurado com a queda do Estado Novo, e o fim da interventoria de Ernesto Dornelles.

⁵⁹ Posteriormente todos os cursos, a exceção dos da secção de Ciências, começaram a funcionar no Instituto de Educação, aonde se localizava também uma parte da secretária da Faculdade de Filosofia. Apenas em 1953 a Faculdade foi instalada em prédio novo, completando sua demanda de espaço com a construção do Instituto de Ciências Naturais.

⁶⁰ Conforme Alberto Cibils, assistente da cátedra de sociologia, e posterior catedrático da matéria, o projeto da Reitoria foi de Armando Câmara,. Conforme: CIBILIS, A. . **Entrevista concedida a Hélgio Trindade**, 2006.

⁶¹ Reforma Universitária de 1931

⁶² FIORI, E.M. **Entrevista concedida à Fernando Trindade**, 1980.

⁶³ PACHECO, G. **Entrevista**. [online] disponível pela internet via WWW.URL:<http://www.ufrgs.br/museupsi/graciema.htm>

⁶⁴ **Sem governo a Universidade. Aceita a renúncia do Reitor Armando Câmara: A verdadeiras causas do inédito episódio**. Diário de Notícias, Porto Alegre, 14 de janeiro, 1949.

⁶⁵ A questão da anexação ou não do Instituto de Artes vinha desde a criação da Universidade. A princípio foi incorporado, em 1934, mas como não estava previsto na legislação de 1931 que padronizou todas universidades, foi desanexado em 1939, o que causou a renúncia do Reitor Egidio Hervé. Em 1945 o Governo baixou um decreto-lei reincorporando o Instituto de Artes, mas Armando Câmara não o fez, sendo incorporado apenas em 1948, quando a Universidade passou a denominar-se Universidade do Rio Grande do Sul com a anexação da Faculdade de Direito e Odontologia de Pelotas e a Faculdade de Farmácia de Santa Maira. Nesse sentido, Rodrigues (2002, pág. 198) entende que a incorporação do instituto de Artes e das Faculdades de Pelotas e Santa Maria esteja vinculada à renúncia de Armando Câmara em 1949.

⁶⁶ MEDEIROS, L. **Depoimento sobre a Geração Católica concedido à Fernando Trindade**, 1980.

⁶⁷ FACULDADE DE FILOSOFIA, **Anais**, PUCRS, 1945.

⁶⁸ Armando Câmara obteve 402.438 contra 346.196 de João Goulart.

⁶⁹ CARRION, F. M. **1980**, Op Cit.

⁷⁰ A escola de Recife teve uma orientação mais doutrinária e a de São Paulo mais político partidária ver especialmente ADORNO, S. **Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1988 e BEVILAQUA, Clovis. **Historia da Faculdade de Direito de Recife**. Brasília, INL/ Conselho Federal de Cultura, 1977.

⁷¹ Conforme as informações sobre o itinerário na UFRGS de Francisco Machado Carrion e Laudelino Medeiros localizadas por Mara Rodrigues em sua dissertação de Mestrado. Ver: RODRIGUES, Mara. **A institucionalização da formação superior em História: O curso de Geografia e História da UPA/URGS-1943 a 1950**. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado. PPGH/UFRGS, 2002.

⁷² Esse evento está reproduzido em TILL, Rodrigues. **História da Faculdade de Direito de Porto Alegre, 1900-2000**. Porto Alegre, Martins livreiro, 2000, pág 463.

⁷³ Embora o curso de Ciências Sociais tenha surgido na década de 1940 na Faculdade católica, mas foi fechada por falta de alunos.

⁷⁴ Conforme sua certidão de comunhão localizada no acervo Laudelino Medeiros do IHGRS.

⁷⁵ Cabe lembrar que nesse mesmo ano ele havia ingressado no serviço militar, também em Santa Maria, conforme carteira do Serviço Militar localizada no acervo do IHGRS.

⁷⁶ Em 12 de fevereiro de 1905 a cidade de Santa Maria com uma população de aproximadamente 7500 habitantes, ganhava o primeiro Ginásio, modestamente inspirado nos famosos liceus franceses, mas sob a doutrina de Champagnat. O Gymnasio Santa Maria recebeu várias denominações até chegar a ser Colégio Marista Santa Maria. <http://www.maristas.org.br/colegios>. Visitado em 25/06/2006

⁷⁷ MEDEIROS, L. 1980, Op. Cit.

⁷⁸ De todos os Congregados Laudelino fora o único com formação em Ciências Econômicas, conforme: CONGREGAÇÃO Mariana “Auxilium Christianorum”. **Relação de seus Congregados**. Dezembro de 1950 (Mimeo).

⁷⁹ MEDEIROS, L. 1980, Op Cit.

⁸⁰ O Catedrático espanhol da Universidade de Zaragoza, Salvador Minguijón Adrián na década de 1920 traduziu livros sobre a Filosofia Medieval, como a obra de Grabmann Martin, em 1928, e publicou Historia del derecho español, em 1927, pelo Editorial Labor, s. a.

⁸¹ MEDEIROS, L, 1980. Op Cit.

⁸² Ele também se casa em 1941, com Hortense da Costa Franco, conforme certidão de casamento localizada no acervo do IHGRS.

⁸³ CARRION, F,M. 1967. Op. Cit.

⁸⁴ Idem, 1967.

⁸⁵MEDEIROS, Laudelino. **A questão do salário mínimo**. A Nação, 23 de julho, 1939; MEDEIROS, Laudelino. **A educação da juventude**. A Nação, 16 de fevereiro, 1941; MEDEIROS, Laudelino. **Meditações sobre essa guerra**. A Nação, 7 de dezembro, 1941; MEDEIROS, Laudelino. **É o divórcio uma necessidade**. Folha da Tarde, Rio de Janeiro, 22 de outubro, 1942.

⁸⁶ CARRION, F,M. 1967. Op. Cit.

⁸⁷ Sua atividade profissional não se restringiu à UFRGS, tendo também exercido a atividade docente na Escola de Serviço Social de Porto Alegre, de 1942 à 1945, sendo diretor desta em 1953. Em 1951, foi professor na Escola Familiar e Doméstica de Porto Alegre fundada em 1949, a qual teve como objetivo a preparação das moças da sociedade para o trabalho doméstico. Portanto, a formação e as atividades profissionais de Laudelino Medeiros giraram em torno do universo da Economia, do Direito, do Serviço Social e da Sociologia, os quais foram redefinidos nos termos de sua orientação moral.

⁸⁸ Incorporado ao Ginásio Júlio de Castilhos, renomeado como Colégio Julio de Castilhos.

⁸⁹ Resposta ao questionário formulado à Cadeira de Sociologia de 10 de junho de 1942 encontrado no acervo do CEDOC/ UCS, em Caxias do Sul.

⁹⁰ Em sua biblioteca pessoal, atualmente localizada na Universidade de Caxias do Sul, encontra-se as obras originais de Jacques Maritain desde seus primeiros escritos como “Une opinion sur Charles Maurras et le devoir des catholiques”, de 1926, e “primauté du Spirituel” publicado em 1927, “ Humanisme intégral: problemes temporels et spirituels d’une nouvelle chrétienté” de 1936, até as obras traduzidas por Alceu Amoroso Lima e publicados pela Editora Agir na década de 1960 e 1970, como “Problemas fundamentais da Filosofia moral”, de 1977 e “Da graça e da humanidade de Jesus”, de 1968. Também encontram-se as obras originais de Augusto Comte, como: “Cours de philosophie positive” e o “Système de politique positive” ou seu “Traité de sociologie: instituant la religion de l’humanité”, ambos publicados entre 1870 e 1881, como as obras evolucionistas originais de Herbert Spencer como “Les bases de la morale évolutionniste”, de 1881, e “Problèmes de morale et de sociologie”, publicada em 1894. Por outro lado, sua biblioteca contempla de autores ligados ao materialismo histórico, como Lenin, Gramsci, Bukharin, obras sobre o Socialismo real, como as de Lenin, além de um vasto acervo anti-comunista especialmente de autores católicos, como: Émile Baas, Ângelo Brucculeri, François Coty,

D. João Becker, Nicolas Berdiaff, entre outros.

⁹¹ Curso do ano de 1941 localizado no acervo do CEDOC/ UCS

⁹² Medeiros não assumiu o pré-jurídico porque era aluno de Direito na Universidade,

⁹³ Aula do ano de 1943, sem data, localizada no CEDOC/ UCS

⁹⁴ Termo usado por ele, no último curso do ano de 1943, sem data, localizado no CEDOC/ UCS

⁹⁵ Localizado no acervo do CEDOC/ UCS

⁹⁶ MEDEIROS, L. 1996. **Entrevista concedida a Clarissa Baeta Neves.**

⁹⁷ OSBOURN, L.D; NEUMEYER, H. A comunidade e a sociedade. Ed Nacional, 1936, BUREU, P. Introduction à la méthode sociologique. Boln & Gay, 1926; MENZEL, A. Introduccion a la sociologia. F cult, 1940; ATHAYDE, T. Introdução à sociologia, Agir, 1947; MURRAY, Raymond W. Introdução à Sociologia. Rio de Janeiro, Agir, 1947; WILLEMS, E. BARRETO, R. Leituras sociológicas. São Paulo: Revista Sociologia, 1940; SMITH, T. L. Sociologia da Vida rural. Rio de Janeiro: C.E.B, 1946, AZEVEDO, F. A cultura brasileira. 1 ed. IBGE, Rio de Janeiro, 1943, conforme programa localizado no CEDOC/ UCS.

⁹⁸ Localizados no CEDOC/ UCS

⁹⁹ Para tanto, sugeria a seguintes autores para o desenvolvimento de alguns temas: Valdour, para metodologia em Ciências Sociais, Leonel Franca, S.J.. sobre o divórcio, e sobre a crise do mundo moderno, Amoroso Lima com a obra Idade sexo, tempo e problema da burguesia, E. Willems com a obra Assimilação e populações marginais no Brasil, Oliveira Vianna com A evolução do povo brasileiro e Populações meridionais do Brasil, Alberto Torres com A organização nacional e o problema nacional brasileiro, Max Weber. Com a obra clássica Economia y Sociedad, na vers]ão espanhola do Fundo de Cultura, Tavares Bastos sobre a Província de São Pedro, Gilberto Freyre com seu manual de Sociologia, e os manuais de Georg Simmel e Pitirim Sorokin.

¹⁰⁰ SOROKIN, Pitirim. **Contemporary Sociological Theories.** Harper & Brothers publishers, New York, 1928.

¹⁰¹ Conforme Bibliografia dos programas e SOARES, M.S, 2006. **Entrevista da professora Maria Suzana A. Soares concedida a Hélgio Trindade, 206.**

¹⁰² Consultados no acervo Laudelino Medeiros do IHGRS

¹⁰³ TOBAR, Anacleto [Ofício] 17/ julho/ 1951, e 13/ setembro/ 1955, Túcuman (Arg) [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre. Resolução de 17 de julho do 1951 do diretor do instituto de Sociologia e planificação designa membros correspondentes os Srs. Laudelino Teixeira de Medeiros (Brasil), Rafael Poló (Porto Rico), Ananolo Solow e Thea R. Crevenna (EUA) E Pedro Amadeo Hireda (Secretário Geral) de 1951. Correspondências consultadas no acervo do IHGRS.

¹⁰⁴ Todas as informações sobre Túlio Bogo foram extraídas do seu currículo do Acervo do CISOAL/ UFRGS.

¹⁰⁵ Conforme Programa de 1955, 1957, 1960 consultados no CEDOC/UCS.

¹⁰⁶ Conforme Currículo profissional de Laudelino localizado no IHGRS

¹⁰⁷ A Escola de Pós- Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas foi criada em 1966, a da USP em 1970.

¹⁰⁸ Conforme MEDEIROS, L. [Ofício] 21 de Agosto de 1972, Porto Alegre [para] Reitor UFRGS Ivo Wolff, Porto Alegre. Correspondência consultada no acervo do IHGRS..

¹⁰⁹ Conforme atas das bancas de habilitação de 1944 à 1946 localizadas no acervo Laudelino Medeiros do CEDOC/UCS

¹¹⁰ Conforme seu caderno de aulas, de 1944, encontrado no IHGRS. Interessante que é o mesmo caderno que Edgar Schneider utilizava-se anteriormente à Medeiros ter assumido a disciplina, o que sugere, que embora Schneider fosse metodista, naquele momento, no seu Reitorado, estava ligando-se às redefinições do mundo social empreendidos pelos católicos. Nesse sentido, até a incorporação dos católicos na nova faculdade não estaria em dissonância com as posições ideológicas do Reitor.

¹¹¹ Todos esses trabalhos estão localizados no acervo Laudelino Medeiros do CEDOC/UCS.

¹¹² Bibliografia em anexo

¹¹³ Convite do Reitor e programa da disciplina foram consultados no acervo do IHGRS

¹¹⁴ Por exemplo, numa prova sem data, ele elaborou o seguinte enunciado: “A cidade do Rio de Janeiro tem cerca de três milhões de habitantes e é o segundo centro industrial pelo país. O distrito de Seival, no município de Bagé, tem um mil e oitocentos habitantes, dos quais trezentos na sede, e é zona de pecuária e de agricultura.” E perguntou: 1) A estrutura social tem a mesma complexidade nesses dois lugares? Porque? 2) As classes sociais se distribuem da mesma maneira? Tem as mesmas características? Prova localizada no acervo do IHGRS.

¹¹⁵ CIBILS, A, 2006. Op Cit.

¹¹⁶ MEDEIROS, L, 1996. Op Cit..

¹¹⁷ Conforme currículo localizado no CISOAL

¹¹⁸ Houve uma assistente do curso de Medicina que acabou encaminhando-se para essa área. Conforme CIBILS, A, 2006. Op. Cit.

¹¹⁹ Segundo MEDEIROS, L. **[Ofício]** 30 de dezembro de 1959, Porto Alegre [para] Luiz Pilla (Diretor da Faculdade de Filosofia/ UFRGS), Porto Alegre. Medeiros relata as atividades de ensino e pesquisa da cátedra de Sociologia no ano de 1959, consultada no acervo do IHGRS.

¹²⁰ CIBILS, A. **2006**. Op. Cit.

¹²¹ MEDEIROS, L, 1996. **Op. Cit.**

¹²² MEDEIROS, L, C. Os problemas econômicos aflitivos não se resolvem com a cafiaspirina de salários de salários mínimos. Fala ao jornal do Dia o dr. Laudelino Medeiros, diretor da Comissão de Bem Estar sobre o desenvolvimento de pesquisa sobre o nível de renda que orientou no nosso Estado e problemas sociais da população- O padrão de vida do operariado industrial no Rio Grande do Sul é um dos mais elevados do país: **Jornal do Dia**, ano VII, Porto Alegre, 18 de julho de 1954. Entrevista concedida a Carlos Fehlberg.

¹²³ Conforme os dados agrupados dos boletins familiares, localizado no acervo do CEDOC/ UCS

¹²⁴ Todos esses dados da pesquisa estão no acervo do CEDOC/ UCS

¹²⁵ Localizado no CEDOC/ UCS

¹²⁶ MEDEIROS, L, **1996**. Op. Cit. .

¹²⁷ Guias de recolhimento UFRGS: Laudelino recebe 127, 30 cruzeiros para auxílio na cadeira de Sociologia em 14/11/1955. Em 12/08/1955 recolheu 681,20 cruzeiros para pesquisas na cadeira de Sociologia através do crédito especial resolução n. 266/55 – 14, referente ao auxílio à cadeira de Sociologia. Em 31/12/1955, foram destinados 10 mil cruzeiros para atender as despesas com a cadeira de Sociologia, ofícios consultados no acervo Laudelino Medeiros do IHGRS.

¹²⁸ Conforme Ofício de MEDEIROS, L. **[Ofício]** 18 de março de 1955, Porto Alegre [para] Elyseu Paglioli (Reitor UFRGS), Porto Alegre.

¹²⁹ MEDEIROS, L, **1996**. Op Cit.

¹³⁰ Conforme informações contidas em seu currículo localizado no acervo do IHGRS.

¹³¹ Centro, Menino Deus, Padre Cacique, Cristal, Floresta, Passo da Mangueira, São João, Vila Jardim, Petrópolis, Rio Branco, Auxiliadora, Navegantes, Vila Ipiranga, Teresópolis, Glória, Partenon, Vila São Luís, Santana, Diretor Pestana, Chácara das Pedras, Passo da Areia, Vila São José, Mont Serrat, Higienópolis. Conforme o código da pesquisa sobre mobilidade social de Porto Alegre, localizado, juntamente com os dados demográficos no acervo do CEDOC/ UCS.

¹³² Relatório S/D localizado no CEDOC/ UCS

¹³³ MEDEIROS, L, **1996**. Op Cit.

¹³⁴ Informação localizada no acervo do IHGRS

¹³⁵ CIBILS, A, **2006**. Op Cit.

¹³⁶ SOUZA, J.G.C, 2006. **Entrevista concedida a Hélgio Trindade, 2006**.

¹³⁷ MEDEIROS, L, **1996** Op Cit.

¹³⁸ MEDEIROS, L, **1996**. Idem

¹³⁹ Correspondência localizada no acervo do IHGRS, LEAL, Vitor Nunes. **[Carta]**, 31 de janeiro de 1956 [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre. Agradece o envio da monografia sobre as vilas e malocas de Porto Alegre.

¹⁴⁰ Conforme MEDEIROS, L. **[Carta]** 20 de junho de 1969, Porto Alegre [para] Manuel Diegues Júnior, Rio de Janeiro. Confirma sua participação no Seminário de Sociologia Rural da CLAPCS.

¹⁴¹ TOBAR, Anacléto. **Op. cit.**

¹⁴² Conforme certificados de participação consultados no acervo do IHGRS.

¹⁴³ Conforme PILLA, Luiz. **[Ofício]** 17 de abril de 1957, Porto Alegre [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre. O diretor da Faculdade de Filosofia autoriza o afastamento de Medeiros para participar do Seminário sobre mudança social e desenvolvimento econômico na UFMG.

¹⁴⁴ COSTA PINTO, L.A. **[Carta]** 25 de agosto de 1959, Rio de Janeiro [Para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre. Convite para participar do seminário sobre resistências à mudança- fatores que impedem o desenvolvimento a ser realizado de 16 a 25 de outubro de 1959, e MEDEIROS, L **[Carta]** de 7 de outubro de 1959 [para] Luiz Pilla (Diretor Faculdade de Filosofia, UFRGS), Porto Alegre. Comunica a participação no seminário Resistências à mudança, promovido pelo centro Latino Americano de pesquisas em Ciências Sociais. (CLAPCS/ Unesco).

¹⁴⁵ AZEVEDO, T. **[Carta]** e de setembro de 1957, Salvador, [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre. Convite de Thales de Azevedo, Diretor de Pesquisas da Fundação para o Progresso da Ciência no Bahia, para ministrar cursos na UBA e AZEVEDO, T **[Ofício]** de 27 de maio 1958, Salvador [para] para o diretor da Faculdade de Filosofia Luiz Pilla, Porto Alegre. agradecendo a cooperação que o professor Laudelino Medeiros deu aos estudos sócio-culturais na Bahia com a visita que fez a esta capital a convite do programa de pesquisas sociais.

¹⁴⁶ MEDEIROS, L. **[Carta]** 17 de maio de 1971, Porto Alegre [para] para Murilo Martins (Departamento de Economia – UFSC), Florianópolis. Envia o programa do seu Seminário sobre sociologia das populações: 1. Crescimento das populações e implicações gerais. 2. Natalidade e mortalidade no Brasil. 3. Migrações internas.

4. População ativa. 5. Optimum de população. 6. População e desenvolvimento. Curso de Sociologia das populações a ser ministrado no período de 2 a 9 de agosto no departamento de economia da UFSC.

¹⁴⁷ Embora o patrocínio do IBECC/ UNESCO tenha tipo um maior impacto na UFRGS na área de Ciências Exatas, especialmente no ensino de Física, promovendo na década de 1950 publicação de livros didáticos, e na de 1960, após a LDB de 1961, juntamente com outras instituições promoveram e incentivaram a reforma curricular, na área de humanas só descobrimos essa iniciativa. Sobre o ensino de Física na UFRGS ver: <http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/voll0/n1/v10> visitado em 10/11/2006.

¹⁴⁸ Essa teoria social foi desenvolvida por Pitirim sorokin no livro: SOROKIN, P. **Society, culture and personality: their structure and dynamics**. New York: Harper & Brothers Publisher, 1947.

¹⁴⁹ Ausências de Costa Pinto, , Guerreiro Ramos Pe. Ávila, Darcy Ribeiro, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Orlando de Carvalho

¹⁵⁰ Informações retiradas do currículo de José Grijó e Herbert Calhau consultados no acervo do CISOAL/ UFRGS. Ambos foram professores os primeiros professores de Estatística do curso de Ciências Sociais, do programa de Pós Graduação em Sociologia Rural e da Faculdade de Ciências Econômicas.

¹⁵¹ MEDEIROS, L. [Ofício], 25 de setembro de 1961, Porto Alegre [para] Luiz Pilla (Diretor da Faculdade de Filosofia), Porto Alegre. Requerimento da criação do Centro de Estudos Sociais, 4 f.

¹⁵² Conforme PRIMEIRO COLÓQUIO CIENTÍFICO DO ULTRAMAR DAS UNIVERSIDADES DA ALEMANHA OCIDENTAL E DE BERLIM-OESTE, 6 A 20 de novembro, 1961, Munster, AL. **Lista de participantes e resoluções do colóquio**, 2 p.

¹⁵³ Roberto Álamo Blanco, da Universidade Central da Venezuela, Francisco Ayala, da Universidade de Rio Pedras de Porto Rico, Balthazar Barbosa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Fernando Bastos de Ávila, da Universidade Católica do Rio de Janeiro, Cayetano Betancur, da Universidade Nacional da Colômbia, Aristides Calvani, da Universidade Católica da Venezuela, Orlando Fals-Borda, da Universidade Nacional da Colômbia, Eduardo Frei Montalva, Senador da Republica do Chile, Gilberto Freyre, da Universidade de Recife, Eduardo Hamuy, da Universidade do Chile, Manuel Madrazo Garamendi, da Universidade Autónoma do México, José Medina Echevarria da CEPAL, Alfredo Poviña da Universidade Nacional de Córdoba, Jaime Quijano- Caballero do Instituto INCA da Colômbia, Luís Recaséns-Siches, da Universidade Nacional Autónoma do México, Julio Ruiz- Bourgeois, da Universidade Católica de Valparaíso, Luís Valcárcel, da Universidade maior de São Marcos, Rger Vekemans, da Universidade católica do Chile, Emílio Willems, da Universidade de Nashville, e Laudelino Teixeira Medeiros, da UFRGS.

¹⁵⁴ MEDEIROS, L. [Carta] 13 de junho de 1979, Porto Alegre [para] Oracy Nogueira, São Paulo. Sobre a cooperação acadêmica com a Alemanha, correspondência localizada no acervo do CEDOC/ UCS

¹⁵⁵ Publicada em Português e Alemão simultaneamente, em 1971. Ver: SCHRADER, Achim; BERGER, Manfredo. **Oferta e procura educacional: pesquisa realizada no interior do Rio Grande do Sul**. Edições UFRGS, Porto Alegre, 1971.

¹⁵⁶ SCHRADER, A. [Carta] 14 de dezembro de 1967, Munster (Alemanha) [Para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre, 2 p.

¹⁵⁷ Sobre importância dos programas de cooperação alemã com a UFRGS, especialmente o papel de Achim Schrader ver especialmente: BAETA, Clarissa; SOBOTTKA, Emil (Org). **Sociologia, pesquisa e cooperação: Achim Schrade. Homenagem á um cientista**. UFRGS, Porto Alegre, 2000. As novas contribuições de Achim Schrader no campo da Sociologia empírica foram reunidas em coletânea recente, pelos seus ex-alunos Clarissa Baeta Neves e Emil Albert Sobottka. Ver: SCHRADER, Achim **Métodos de pesquisa social empírica e indicadores sociais**. UFRGS, Porto Alegre, 2002.

¹⁵⁸ Ver ROCHE, Jean. **A colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. Editora Globo, Porto Alegre, 1969.

¹⁵⁹ Neste capítulo analisamos os seguintes boletins do Centro de Estudo Sociais: BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Faculdade de Filosofia da UFRGS. **n.1 de julho de 1966, n. 2 dezembro de 1966, n. 3 junho de 1967, n. 4 de novembro de 1967, n. 5 e 6 junho/ dezembro, 1968, n. 7, dezembro de 1969;** e, BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Faculdade de Filosofia da UFRGS. Documentos para o estudo da imigração e da colonização no Brasil. UFRGS, 1965.

¹⁶⁰ Juntamente com Ivo Schneider.

¹⁶¹ MEDEIROS, L. [Ofício], 25 de setembro de 1961, Porto Alegre [para] Luiz Pilla (Diretor da Faculdade de Filosofia), Porto Alegre. Requerimento da criação do Centro de Estudos Sociais e projeto, 4 f.

¹⁶² Ver MEDEIROS, Laudelino. **A formação da sociedade rio-grandense: ensaios**. Porto Alegre, UFRGS, 1975.

¹⁶³ STERNBERG, Benno. [Carta], 9 de novembro de 1962, Rio de Janeiro [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre.

¹⁶⁴ LOGUÉRCIO, Mercedes, 2006. **Entrevista concedida a Hélgio Trindade**.

¹⁶⁵ O convênio do MEC com o CES foi estabelecido finalizado em 1969 e publicado por OSÓRIO, Ivan Dall'igna; RAMOS, José Hugo. **Rio Grande do Sul: industrialização posta á prova**. Diretoria do ensino industrial MEC, Centro de estudos sociais da Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1969.

¹⁶⁶ Essas pesquisas sobre o ensino industrial encomendadas pelo MEC foi publicada por Jorge Furtado como: FURTADO, Jorge. **“Panorama industrial na atual conjuntura brasileira”**. João Pessoa, Brasil, Escola Industrial Federal da Paraíba, divulgação do setor de relações públicas, 1967 e também no relatório FURTADO, Jorge. **Porque se realizou o programa intensivo de preparação de mão-de-obra industrial**. Rio de Janeiro, Diretoria do ensino Industrial, 1968.

¹⁶⁷ Objetivos: “(1) Promover estudos e pesquisas sociais- particularmente sobre o Rio Grande do Sul; (2) possibilitar a constituição de grupos para o estudo interdisciplinar, reunindo professores e pesquisadores das diferentes especializações no campo das Ciências Humanas; (3) Criar a oportunidade de intercâmbio para quantos se dedicarem a essas atividades de pesquisa no Estado e no País, promovendo assim o desenvolvimento das Ciências Sociais; (4) e colaborar para a formação de cientistas sociais, de que tanto carece o sul do país.” IN: CES, **Projeto**, 1963. (Mimeo)

¹⁶⁸ MEDEIROS, L, 1996. **Op cit**

¹⁶⁹ Correspondência de COSTA PINTO, L.A [Carta] 26 de agosto de 1959, Rio de Janeiro [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre e LABENS, Jean [Carta] 17 de setembro de 1959, Paris [Para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre.

¹⁷⁰ MEDEIROS, Laudelino [Carta] 7 de junho de 1960, Porto Alegre, [para] Thales de Azevedo, Salvador.

¹⁷¹ CORREA, J.G.S, 1996. **Op cit, grifos meus**.

¹⁷² A comissão de publicações da Faculdade de Filosofia foi instituída em 1956. As publicações em questão eram a revista fundamentos da cultura rio-grandense e Organon. Fizeram parte da Comissão: Ary Nunes Tieböh, Elpidio Ferreira Paes, Ernani Maria Fiori, Geraldo Brochado da Rocha, Guilhermino César e Laudelino Teixeira.

¹⁷³ O primeiro conselho técnico administrativo da Faculdade de Filosofia, foi instaurado em 21 de março de 1957, tendo como conselheiros: Ary Nunes Tieböh, Elpidio Ferreira Paes, Francisco Machado Carrion, José Rafael Alves de Azambuja Júnior, Laudelino Medeiros e Lourenço Mário Prunes, mais o acadêmico Ayrton Santos Vargas. Em 1964, o CTA foi substituído pelo Conselho departamental.

¹⁷⁴ MEDEIROS, L, 1996. **Op Cit, grifos meus**.

¹⁷⁵ Conforme HESSEL, Lothar. MACARTHY MOREIRA, Earle Diniz. **Faculdade de Filosofia: 25 anos**. UFRGS, 1967.

¹⁷⁶ CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, **Ata n. 1 de 27 de maio de 1960**, UFRGS. (Mimeo).

¹⁷⁷ MEDEIROS, L. 1996. **Op Cit**

¹⁷⁸ A primeira turma concluiu o curso em 1962, composta de três alunos: Benito Cardoso, Cecília Hedwig Rech e Gilcélia Alves de Rodrigues, Em dezembro de 1963 concluíram o curso os seguintes alunos: Ana Maria Bresolin, Annita Rosa Manfron, Dirce Marion Brasil Ferrari, Maria de Lurdes Camargo e Suzana Arrosa Soares Em 1964 formaram-se Cecília Maria Breda Isatto, Elba Doralina Porciúncula Nunes, Eneida Valkíria Trindade dos Santos, Ivo Alberto Schneider, Lacy Machado, Lucy Chagas Boehl, Maria Elena de Almeida Nunes, Nilze Pereira da Silva Santos e Venina Pereira de Mello, e em 1965 Arabela Ribeiro Campos, Clara Macline, Eunice Lima Meira, Lerci Poersch, Lésia Wald Barth, Mara Helena Soares Motta, Marlene Chaves, Marlene Souza Machado da Silva, Oldemar de Oliveira, Regina Muria Moura Waterloo, Teresinha Machado Chagas e Vera Regina Porto Pimentel, e em 1966 Iara de Almeida Bendati, Iolanda Maria Barcellos de Abreu, Lígia Gomes Torres, Maria Marlene Andretta da Motta, Marilene Somnitz Martins, Marlise Feijó Mancuso, Neyta Oliveira, Orlem Camargo Alves, Rosilda Raposo Fernandes e Shirley Piva Von Dieen. Ver especialmente: FACULDADE DE FILOSOFIA. **25 anos de atividade**, 1967.

¹⁷⁹ Texto de Pedro Schmitz, sem data, encontrado em 25 de novembro em <http://www.abant.org.br/downloads/informativos/605/ufrgs-palestra.pdf>.

¹⁸⁰ MEDEIROS, L, 1996. **Op Cit, grifos meus**.

¹⁸¹ SOUZA, J,G,C, 2006. **Op Cit**.

¹⁸² FACHEL, J, F, 2006. **Entrevista concedida a Hélgio Trindade**.

¹⁸³ Como Mercedes Loguércio, Lorena Holzmann, Mário Rield e Manfredo Berger.

¹⁸⁴ MEDEIROS, L. 1996. **Op Cit**. Grifos meus

¹⁸⁵ Localizadas no acervo do CEDOC/ UCS

¹⁸⁶ Dessa pesquisa foi publicado um relatório no Correio do Centro Regional de Pesquisas educacionais coordenado por Álvaro Magalhães. Ver: MEDEIROS, L. **Divisão de estudos e pesquisas sociais: notas sobre o ensino primário no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, n. 7, pág 3-11, dezembro de 1960.

¹⁸⁷ Conforme anotações de aulas Medeiros localizadas no acervo do CEDOC/UCS e as entrevistas de LOGUÉRCIO, M, 2006.

¹⁸⁸ MEDEIROS, L, 1996, **Op. Cit**.

¹⁸⁹ Sobretudo o programa do ano de 1966 e o de 1971 localizados no CEDOC/ UCS

¹⁹⁰ Especialmente Furtado, Celso. Desenvolvimento e subdesenvolvimento, 1963; Pinto, L.A. Costa. Sociologia e desenvolvimento e Teoria do desenvolvimento; Echevarria, L.M et alli. Desenvolvimento, trabalho e educação, 1967, Lopes, Juárea Brandão. Desenvolvimento e mudança social, 1958 e Perroux, F. et Alli. Sociologia do desenvolvimento, Rio, 1967.

Referências Bibliográficas

Livros e artigos

- ADORNO, Sérgio. **Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira.** Rio de Janeiro, Paz e TERRA, 1988.
- ADURGS. **Universidade e repressão: Os expurgos da UFRGS.** L&PM, Porto Alegre, 1979
- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares. **Dilemas da Institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro.** In: MICELI, S. (Org). **História das Ciências Sociais no Brasil.** Vol1. São Paulo, Editora Sumaré, 2001.
- ATHAYDE, T. Introdução á sociologia, Agir, 1947.
- ATHAYDE, Tristão. **Preparação á Sociologia.** Agir, 1932.
- AZEVEDO, A. D. **Padre Werner.** In: Estudos, N° 2, Porto Alegre, Agosto/setembro, 1940, ano 1;
- AZEVEDO, F. **A cultura brasileira.** 1 ed. IBGE, Rio de Janeiro, 1943,
- AZEVEDO, F. **A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil.** 4.ed. rev. ampliada. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963.
- AZEVEDO, Fernando de. **Princípios de Sociologia: Uma pequena introdução ao estudo da Sociologia Geral.** 6 ed. São Paulo, Melhoramento, 1956.
- BAETA, Clarissa; SOBOTTKA, Emil (Org). **Sociologia, pesquisa e cooperação: Achim Schrade. Homenagem á um cientista.** UFRGS, Porto Alegre, 2000
- BELLEVAUX, Pacífico, Frei. **Crteriologia. Uma teoria do conhecimento/** Frei Pacífico de Bellevaux; org. Rovílio Costa- 2. ed- Porto Alegre EDIPUCRS 1999.
- BEVILAQUA, Clóvis. **História da Faculdade de Direito de Recife.** Brasília, INL/ Conselho Federal de Cultura, 1977.
- BOEIRA, Nelson. **O Rio Grande de Augusto Comte.** In: RS: Cultura e ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- BOHNEN, A. & ULLMANN, R.(Org): **A atividade dos Jesuítas em São Leopoldo, 1944-1989.** São Leopoldo, Editora Unisinos, 1989.
- BOMENY, H. M.B. (org.). **Constelação Capanema: Intelectuais e políticas.** Rio de Janeiro: FGV, 2000;

- BOMENY, Helena. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- BONI, L. A. (Org.); COSTA, R. (Org.). **A presença italiana no Brasil - III**. 1. ed. Porto Alegre/Torino: EST/Fondazione Agnelli, 1996. V. 1. 708 p.
- BONI, Luís Alberto de (org). **Armando Câmara: Obras escolhidas**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.
- BOTTINI, A. **O Padre Werner**. In: Estudos, N° 2, Porto Alegre, Agosto/setembro, 1940, ano 1.
- BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Culture et politique**. In: **La distinction. Critique sociale du jugement**. Paris, Les Édition de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **La noblesse d'état. Grands écoles et esprit de corps**. Paris, Les Édition de Minuit, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Pontos de referência**, 1983. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRUNNER, José Joaquín. **El caso de la Sociologia en Chile**. Santiago de Chile: FLACSO, 1988
- CÂMARA, Armando. **Discurso ao ser lançado como candidato ao Senado, 1954**. In: DE BONI, Luís Alberto (Org). **Armando Câmara: Obras escolhidas**. Porto Alegre; EDIPUCRS, 1999.
- CÂMARA, Armando. **O ideal universitário, 1948**. In: DE BONI, Luis Alberto (Org). **Armando Câmara: Obras escolhidas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- CARON, Jeanne. **Lê Sillon et la Démocratie Chrétienne (1894- 1910)**. Paris, Libraux Plon, 1967.
- CARRION, O; ET ALLI (ORG) **O ensino de Economia na UFRGS**. Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. **A construção da Ordem**. Rio de Janeiro, Campus, 1980.
- CARVALHO, M.A, MELO, M.P, VIANNA, W. **Cientistas Sociais e vida pública**. Dados. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol37, n.3, 1994
- CORADINI, Odaci Luiz. **“Grandes famílias” e elite profissional na medicina no Brasil**. Cadernos de Ciência Política (série: pré-edições). Porto Alegre, UFRGS/ PPGCP, N. 2, 1995.

- CORADINI, Odaci. **As missões de “cultura” e da “política”: Confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960)**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.32, 2003.
- COSTA PINTO, L.A., CARNEIRO, Edson.. **As Ciências Sociais no Brasil**. CAPES, Série Estudos e ensaios, 1955.
- COSTA, M. **Caminhos cruzados: notas para uma cartografia da intelectualidade católica brasileira contemporânea**. 30º encontro da ANPOCS, 2006.
- CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Temporã: o ensino superior da Colônia à Era de Vargas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.
- DE BONALD, L. **Théorie du pouvoir politique et religieux**. Union générale d' éditions, 1966.
- DIAS, Romualdo. **Imagens da Ordem. A doutrina católica sobre a autoridade no Brasil. 1922- 1933**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- DINIZ DA SILVA, Pery Pinto. **Origem e evolução da Universidade do Rio Grande do Sul**. In: FUNDAMENTOS DA CULTURA RIO-GRANDENSE. 4 série. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da URGs, 1960.
- DINIZ, Pery Pinto. **Influências ideológicas e culturais na formação da Universidade**. Correio do Povo, Porto Alegre, 3 de abril de 1979.
- DINIZ, Pery Pinto. SOARES, Mozart Pereira. **Memória da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1934-1964**. Porto Alegre, UFRGS, 1992.
- ENGELMANN, Fabiano. **Diversificação do espaço jurídico e lutas pela definição do direito no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Tese de Doutorado em Ciência Política/ PPGCP-UFRGS. 2004.
- ENGELMANN, Fabiano. **A formação da elite jurídica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em Ciência Política/ PPGCP/ UFRGS, 2001.
- FACULDADE DE FILOSOFIA. **Guia**. Universidade de Porto Alegre, 1943.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **A Universidade do Brasil: Um itinerário marcado de lutas**. Revista Brasileira de Educação. Jan/fev/mar/abr. N. 10, 1999.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque (org) **Universidade do Brasil: das origens á construção**. Rio de Janeiro, UFRJ/ INEP, 2000.
- FAVERO, Maria de Lurdes de A. (Coord.). **Faculdade Nacional de Filosofia: caminhos e descaminhos (3)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1989.

- FÉLIX, Loiva Otero, RAMBO, Arthur B. (Org) **A revolução federalista e os teuto-brasileiros**. Porto Alegre/ São Leopoldo, UFRGS/ UNISINOS, 1995.
- FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FONTOURA, Amaral. **Introdução á Sociologia**. 1 ed. Editora Globo, Porto Alegre, 1943.
- FORGATY, Michael P. **História e Ideologia de la Democracia Cristiana. (1820-1953)**. Madrid, Editorial Tecnos, 1964.
- FRANCO, Maria Estela Del Pai, MOROSINI, Marília Costa, LEITE, Denise B. C. **Relatório de pesquisa- sub- projeto I- A UFRGS em sua gênese e as ingerências do Estado: A Escola de Engenharia, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito (1896-1930)**. Porto Alegre, Grupo de estudos sobre a Universidade/ UFRGS, 1992.
- FRANCO, Sérgio Costa. **O meio rio – grandense e o Nascimento da Faculdade de Medicina**. Suplemento Especial do Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo (22 de julho de 1978), 1978. Localizado: <http://www.famed.ufrgs.br/historia/omeio.htm>, e acessada em 10 de janeiro de 2006.
- GERTZ, René. **D. João Becker e o nacionalismo**. Estudos Leolpondenses. São Leopoldo, vol. 3, n. 2, 1999.
- GERTZ, René. **O Estado Novo no Rio Grande do Sul**. Editora UFP, 2006.
- GOMES, Ângela de Castro. **História e historiadores**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- GRIJÓ, Luiz Alberto. **Ensino jurídico e política partidária no Brasil: A Faculdade de Direito de Porto Alegre**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFF/ RJ, 2005.
- GUEDES, Paulo Coimbra, SANGUINETTI, Yonne. **UFRGS: Identidade e memórias**. Porto Alegre, UFRGS, 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. José Olympio, Rio de Janeiro, 1936.
- HOLZMANN DA SILVA, Lorena. **Novas oportunidades para cientistas sociais**. In: BOAS,Villas (Org) **Ciências Sociais: ensino e pesquisa na graduação**. Rio de Janeiro, J.C. Editora, 1995.
- ISAIA, Arthur Cesar. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1998.
- JACKSON, L.C. **A Sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965)**. Tempo Social. São Paulo: USP, FFCLH, Vol. 16, n.1, junho de 2004.

- KARADY, Victor. **"Durkheim, les sciences sociales et l'université : bilan d'un semi-échec"**, Revue française de sociologie, 2, 1976.
- LEITE, L. O. **Jesuítas Cientistas no Sul do Brasil**. 1º Edição, Unisinos, São Leopoldo, 2005.
- LEITE, Oswaldo. **A década Anchieta**. In: **Leonidas Xausa**. TRINDADE, H; LEITE, O (Orgs) Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2004.
- LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- LEVINE, Donald Nathan. **Visões da tradição sociológica**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.
- LIEDKE, Enno Dagoberto. **Sociologia e sociedade: Brasil e Argentina (1954-1984)**. In: Cadernos de sociologia. Porto Alegre Vol. 2, n. 2 (maio 1990), 1990.
- LIEDKE, Enno Dagoberto. **Sociologia brasileira: tendências institucionais e epistemológico-teóricas contemporâneas**. In: Sociologias. Porto Alegre Vol. 5, n. 9 (jan./jun. 2003).
- LIMONGI, F. **Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo**. In: MICELI, S. (Org). **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol1. São Paulo, Editora Sumaré, 2001.
- LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1975.
- MAGALHÃES, A. **Um nobre alemão que amou acertadamente o Brasil: "Werner Von Zur Muhlen"**. In: Correio do CRPE. Porto Alegre Vol. 4, n. 34 (jul./ago. 1963), p. 28-31
- MAINWARING, S. **Igreja Católica e política no Brasil. 1916-1985**. Editora brasiliense, São Paulo, 2004.
- MARTINS, L. **A gênese de uma intelligentsia; os intelectuais e a política no Brasil: 1920 a 1940**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, ANPOCS, nº 4, v. 2, jul./1987
- MASSINA, Renato. **IEPE. 1953-2003: 50 anos de estudos e pesquisas**. IEPE, Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, 2003.
- MEDEIROS, Laudelino. **A pacificação da Revolução de 93**. Porto Alegre: La Salle, 1995. 147 pág.
- MEDEIROS, Laudelino. **A Pacificação na Revolução de 93**. Porto Alegre.
- MEDEIROS, Laudelino. **A solidariedade Cristã. Contribuição á semana de ação social**, Porto Alegre, 1942, 20 p. (Mimeo).
- MEDEIROS, Laudelino. **A vocação apostólica das novas gerações**. In: Arquivos da Primeira Mobilização da Juventude Católica. Tip. Do Centro, Porto Alegre, 1940.
- MEDEIROS, Laudelino. **As cidades no Rio Grande do Sul**. In: Rio Grande do Sul- Terra e povo. Editora Globo, Porto Alegre, 1964, pp 68-88

MEDEIROS, Laudelino. **As Ciências Sociais na avaliação de projetos**. III encontro inter-regional de cientistas sociais do Brasil, Maceió – Recife, 1975.

MEDEIROS, Laudelino. **As Ciências Sociais na Avaliação de Projetos**. IN: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, ano V, pp 163-177, 1977.

MEDEIROS, Laudelino. **As Ciências Sociais na UFRGS. 1965, 2 p. (Mimeo)**

MEDEIROS, Laudelino. **Discurso do orador da turma Dr. Laudelino Medeiros**. Livraria do Globo, Porto Alegre, 1937.

MEDEIROS, Laudelino. **Educação na área rural de Santa Cruz do Sul**. Porto Alegre: INEP, 1962. 56p.

MEDEIROS, Laudelino. **Escola Militar de Porto Alegre (1853/1911): Significado Cultural**. Porto Alegre. Editora da Universidade/ UFRGS, 1992.

MEDEIROS, Laudelino. **Formação da sociedade rio-grandense: Ensaio**. Porto Alegre: UFRGS, 1975. 118 p.

MEDEIROS, Laudelino. **Introdução ao estudo da Sociologia no Brasil por Maria Izaura Pereira Queiroz e seus colaboradores**. In: Encontro internacional de estudos brasileiros. I seminário de estudos brasileiros, 13 a 25 de setembro de 1971.

MEDEIROS, Laudelino. **Jacques Lambert: um sociologue français au Brésil**. In: Etudes-offertes á Jacques Lambert. Paris, Cujas, 1975, pp 7-12.

MEDEIROS, Laudelino Teixeira de; SOUZA, Eli de Moraes. **Mão -de -Obra na agroindústria: conservas de frutas e legumes**. Porto Alegre: UFRGS/ Faculdade de Arquitetura, 1982, 124p.

MEDEIROS, Laudelino. **O peão de estância: Um tipo de trabalhador rural**. Porto Alegre: IEPE- UFRGS, 1969. 42p (Mimeo).

MEDEIROS, Laudelino. **O processo de urbanização do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1958, 64p.

MEDEIROS, Laudelino. **População e desenvolvimento**, Porto Alegre, IEPE, 1967, 20 p. (Mimeo)

MEDEIROS, Laudelino. **Rumos de pensamento á juventude**. Porto Alegre, 1936, 19p (Mimeo)

MEDEIROS, Laudelino. **Schulbildung im landlichen Gebiet von Santa Cruz do Sul**. Dortmund, COSAL, arbeitsunterlage 42, 1972.

- MEDEIROS, Laudelino. **Sociologia Econômica e a formação do economista**. Revista CEUCE (Centro dos estudantes de Economia), agosto, 1952.
- MEDEIROS, Laudelino. **Sociologia Rural Latino Americana- Suas possibilidades, necessidades e oportunidades**. In: Boletim del Instituto de Sociologia, Universidade de Buenos Aires, B.A, N. 60, 309-321.
- MEDEIROS, Laudelino. **Sociologia Rural Latino Americana- Suas possibilidades, necessidades e oportunidades**. In: Província de São Pedro, Porto Alegre, n.19. 1954
- MEDEIROS, Laudelino. **Urban Growth in the state of Rio Grande do Sul. Brasil. 1950-1970**. Madison, Vvis, Center for Demography and Ecology, 1976, 56 pp. (Mimeo)
- MEDEIROS, Laudelino. **Vilas e Malocas: Ensaio de Sociologia urbana**. Porto Alegre; Imprensa Universitária, 1951, 92p.
- MEDEIROS, Laudelino. **William James e o Brasil**. In: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, N.1, 1973, pp 169-174.
- MEDEIROS. Laudelino. **Divisão de estudos e pesquisas sociais: notas sobre o ensino primário no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, n. 7, pág 3-11, dezembro de 1960
- MENDONÇA, Jacy de Souza. **Diálogo no solar de Câmara**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.
- MENZEL, A. **Introduccion a la sociologia**. F cult, 1940.
- MEUCCI, Simone. **A experiência docente de Gilberto Freyre na Escola Normal de Pernambuco (1929-1930)**. Caderno CRH, Salvador, V.18, N. 44, P. 207: 214. Maio/ agosto, 2005.
- MEUCCI, Simone. **A experiência docente de Gilberto Freyre na Universidade do Distrito Federal (1935-1937)**. 30º encontro anual da Anpocs, 2006.
- MEUCCI, Simone. **A institucionalização da Sociologia no Brasil. Os primeiros manuais e cursos**. Dissertação de Mestrado do departamento de Sociologia do IFCH/ Unicamp, Março de 2000.
- MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- MICELI, Sérgio. **Condicionantes do Desenvolvimento das Ciências Sociais**. In: Miceli, S (org). MICELI, S. (Org). **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol1. São Paulo, Editora Sumaré, 2001.

- MICELI, Sérgio. **Por uma Sociologia das Ciências Sociais**. In: MICELI, S. (Org). **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol1. São Paulo, Editora Sumaré, 2001.
- MOREIRA, Earle Diniz Machrty, HESSEL, Lothar Francisco. **Faculdade de Filosofia: 25 anos de atividades**. Porto Alegre: UFRGS, 1967.
- MOROSINI, Maria Costa; DAL PAI FRANCO, Maria Estela. **Escola de Engenharia de Porto Alegre (1896-1934) Hegemonia Política e construção da Universidade**. <http://www2.uerj.br/anped11/19/MOROSINI>
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho. O anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo, Perspectiva: Fapesp, 2002.
- MURRAY, Raymond W. **Introdução á Sociologia**. Rio de Janeiro, Agir, 1947.
- NETTO, Gonçalves. **João Simplicio Alves de Carvalho**. In: Revista da Comissão de História da UFRGS. Vol. 1, N.1 (Dez. 1987), Porto Alegre, 1987.
- NEVES, C. SOBOTTKA (Org). **Sociologia, Pesquisa e Cooperação. Achim Shrader. Homenagem a um cientista social**. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2003.
- NEVES, Clarissa B, LIEDKE, Enno. **Experiências regionais de institucionalização do ensino e da pesquisa em Sociologia: A experiência da UFRGS**. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 8, 1997, Brasília, mimeo.
- NOLL, Maria Izabel. **Partidos e política no RS (1928-1937)**. Dissertação de Mestrado. Ufrgs. 1980.
- NOLTE, Ernest. Action Française. T.1: **Le Fascisme dans son époque**, Paris, Ed. Julliard.
- OLIVEIRA, Lucia Lipp de. **As Ciências Sociais no Rio de Janeiro**. In: MICELI, S. (Org) **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol. 2, São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1995.
- OLIVEIRA, Márcio. **Sociologia das Ciências Sociais no Paraná**. In: OLIVEIRA, M (Org) **As Ciências Sociais no Paraná**. Prottexto, Curitiba, 2006.
- OLIVEIRA, Pedro. **Religião e dominação de classe. Gênese, estrutura do catolicismo Romanizado no Brasil**. Vozes, Petrópolis, 1985.
- OSBOURN, L.D; NEUMEYER, H. **A comunidade e a sociedade**. Ed Nacional, 1936,
- BUREU, P. Introduction á la méthode sociologique. Boln & Gay, 1926.
- OSÓRIO, Ivan Dall'igna; RAMOS, José Hugo. **Rio Grande do Sul: industrialização posta á prova**. Diretoria do ensino industrial MEC, Centro de estudos sociais da Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1969.

- PÉCAULT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação.** São Paulo: Ed. Ática, 1990;
- PESAVENTO, Sandra J. - **República Velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores.** Porto Alegre, Editora Movimento, 1980.
- PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul.** 9 ed. Porto Alegre, 2002.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Positivismo. Um projeto político alternativo.** Porto Alegre, L&PM, 1986.
- RABUSCKE, A. S.J. **A contribuição teuta á Igreja Católica no Rio Grande do Sul.** In: Estudos Leopoldenses, Unisinos, ano 1974, nº 28, São Leopoldo;
- RABUSCKE, A. **Padre Werner: a serviço da inteligência gaúcha (1923-1939).** São Leopoldo, Editora Unisinos, 1999.
- RAMBO, A. B. **Os Católicos e a Revolução Federalista.** In: Revolução Federalista e os Teuto-Brasileiros, RAMBO e FÉLIX (Orgs), São Leopoldo; Ed. Unisinos; Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1995
- RAMBO, B.S.J. **Um apóstolo da inteligência: O Padre Werner.** In: Estudos, Nº 1, Porto Alegre, Junho, 1940, ano 1;
- RAMOS, Guerreiro. **Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo. Prefácio a uma sociologia Nacional.** Editorial Andes, Rio de Janeiro, 1954.
- REGNER, Ana Carolina Krebs Pereira. **IFCH: Origens e trajetórias. Da criação da Faculdade de Filosofia á década da Reforma Universitária.** IN: LIEDKE, Enno Dagoberto (Org). **50 anos da Faculdade de Filosofia:** publicação comemorativa/Organização: comissão 50 anos-Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- ROCHE, J. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul.** Editora Globo, 2º Edição, Porto Alegre, 1969
- RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. **A institucionalização da formação superior em História: o curso de Geografia e História da UPA/URGS- 1943 a 1950.** Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em História/ PPGH/ UFRGS, 2002.
- ROVAN, Joseph. **Le Catholicisme politique em Allemagne.** T.2 Collection Esprit, Paris, Ed. Du Seuil, 1957.
- SALEM, Tânia. **Do Centro D. Vital á Universidade Católica.** In: SCHWARTZMAN, S (Org). **Universidade e instituições científicas no Rio de Janeiro.** Brasília, CNPq, 1982.

- SCHMITZ, Pedro I. **Balduino Rambo, S.J. e o começo da Antropologia na UFRGS.** Horizontes antropológicos. Porto Alegre, ano 3, n. 7, 1997, pp. 232-238.
- SCHRADER, Achim. **Métodos de pesquisa social empírica e indicadores sociais.** UFRGS, Porto Alegre, 2002.
- SCHRADER, Achim; BERGER, Manfredo. **Oferta e procura educacional: pesquisa realizada no interior do Rio Grande do Sul.** Edições UFRGS, Porto Alegre, 1971.
- SCHUPP, A. **Missões dos Jesuítas Alemães no Rio Grande do Sul.** 1º Edição, Unisinos, São Leopoldo, 2004
- SCHWARTZMAN, S, BOMENY, Helena, COSTA, Vanda. **Tempos de Capanema.** 2 ed. Edição. Fundação Getúlio Vargas e Editora Paz e Terra, 2000.
- SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da Comunidade Científica no Brasil.** São Paulo: Ed. Nacional, Rio de Janeiro: FINEP, 1979.
- SILVA, Circe Mary da Silva. **Formação dos professores e pesquisadores de matemática na Faculdade Nacional de Filosofia.** In: Cadernos de pesquisa, n. 117, novembro, 2002.
- SMITH, T. L. Sociologia da Vida rural. Rio de Janeiro: C.E.B, 1946,
- SOUZA, Jessé. **Círculos operários: A Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002
- STERNHELL, Zeev. **La Droid Revotionnaire (1885-1914).** Les origines françaises du fascisme, Paris, Edit. Du Seuil, 1978.
- STERNHELL, Zeev. **La Droit Révolutionnaire. 1885-1914. Les origines françaises du Fascisme.** Éditions du Seuil, 1978.
- STURZO, Luig. **Depois do Fascismo.** Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1947.
- TAMBARA, Elomar. **Positivismo e educação no Rio Grande do Sul.** In: GRAEBLIN, Cleusa Maria, LEAL, Elisabete (org). **Revisitando o positivismo.** Canoas, Ed. La Salle, 1998, p. 171-196.
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação e Universidade.** Editora UFRJ. 1998.
- THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Vol. 1 on-line ACI- Pressa.
- TILL, Rodrigues. **História da Faculdade de Direito de Porto Alegre. 1900-2000.** Porto Alegre, Martins Livreiro, 2000.
- TRINDADE, Fernando. **A polêmica entre Érico Veríssimo e o Pe. Leonardo Fritzen, SJ.** In: Revista do IFCH, Porto Alegre, n. 11/12. 1984

TRINDADE, Fernando. **Uma contribuição á história da Faculdade de Filosofia da UFRGS**. In: Revista do IFCH/UFRGS, Porto Alegre, n. 10, 1982.

TRINDADE, H. **Ciências Sociais no Brasil em perspectiva: fundação, consolidação e institucionalização**. In: TRINDADE, H. (Org). **As Ciências Sociais na América Latina em perspectiva comparada (1930-2005)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

TRINDADE, Héglio. **Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937)**. In: RS: Economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

TRINDADE, Héglio. **Institucionalização e internacionalização das Ciências Sociais na América Latina em questão**. In: ALMEIDA, A et al. **Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004

TRINDADE, Héglio. **Integralismo. (O fascismo brasileiro na década de 30)**. 2º edição, Difel, São Paulo, 1979.

TRINDADE, Héglio. **O político e o Professor**. In: Leônidas Xausa. TRINDADE, H; LEITE, O (Orgs) Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2004.

TRINDADE, Héglio. **Poder legislativo e autoritarismo no Rio Grande do Sul (1891-1937)**. Porto Alegre, Sulina, 1980.

UFRGS. **Uma Fase em sua história 1952-1964. Reitorado do Prof. Elyseu Paglioli**. Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul. 1978.

VÁRIOS. **Simpósio sobre a Revolução de 1930**. Porto Alegre, ERUS, 1980.

VIANNA, L. J. W. **Liberalismo e Sindicato no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VICENZI, Letícia. **A fundação da Universidade do Distrito Federal e seu significado para a educação no Brasil**. Fórum educacional. Rio de Janeiro, v.10. n.3. jul/set, 1986.

VILLAÇA, A. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

VILLAS BÔAS, G. **Tempos de formação: currículos e evasão na UFRJ- 1939/ 1988**. In: Villas Boas (Org) **Ciências Sociais: ensino e pesquisa na graduação**. Rio de Janeiro, J.C. Editora, 1995.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Les sciences sociales au XXI siècle**. In: **Les sciences sociales dans le monde**. Édition UNESCO. Ems, Paris, 2001.

WEBER, Beatriz Teixeira. **Positivismo e Ciência Médica no Rio Grande do Sul: A Faculdade de Medicina de Porto Alegre**. Hist. cienc. saude-Manguinhos., Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, 1999. Localizada: <http://www.scielo.br/scielo>. Acessada em 24 de Novembro de 2005.

WILLEMS, E. BARRETO, R. **Leituras sociológicas**. São Paulo: Revista Sociologia, 1940.

Artigos de Jornais

“Pela causa da Itália”. Manifesto lançado por intelectuais Rio-grandenses se solidarizando com a pátria de Dante no conflito Euro-africano. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 de janeiro de 1936.

1º Congresso pro- Estado Leigo. **Correio do Povo**, 5 de janeiro de 1932

A LEGIÃO PRÓ- ESTADO LEIGO. Ao eleitorado rio-grandense. **Correio do Povo**, 23 de Abril de 1933

A LEGIÃO PRÓ-ESTADO LEIGO. Ao eleitorado Rio-grandense. **Correio do Povo**, 26 de abril de 1933.

CARRION, Francisco Machado. Comunicação aos C.J.C. (Nota da direção do C.C.A). **Revista Idade Nova**, março-abril de 1936.

COSTA, Adroaldo Mesquita da Costa. Carta Aberta. **Correio do povo**, Porto Alegre, 4 de dezembro, 1932.

MEDEIROS, L. Entrevista concedida a Carlos Fehlberg , **Jornal do Dia**, ano VII, Porto Alegre, 18 de julho de 1954

MEDEIROS, L. Padre Werner. **Jornal do dia**, 15 de Agosto de 1964.

MEDEIROS, Laudelino. A educação da juventude. **A Nação**, 16 de fevereiro, 1941;

MEDEIROS, Laudelino. A questão do salário mínimo. **A Nação**, 23 de julho, 1939

MEDEIROS, Laudelino. É o divórcio uma necessidade. **Folha da Tarde**, Rio de Janeiro, 22 de outubro, 1942.

MEDEIROS, Laudelino. Meditações sobre essa guerra. **A Nação**, 7 de dezembro, 1941;

O 1º Congresso da Liga pró-Estado leigo. **Correio do povo**, 7 de janeiro de 1932.

Sem governo a Universidade. Aceita a renúncia do Reitor Armando Câmara: A verdadeiras causas do inédito episódio. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 14 de janeiro, 1949.

Depoimentos

CARRION, F. M. **Depoimento sobre a Ação Integralista Brasileira**. Entrevista concedida à Héglio Casses Trindade. (Mimeo).

CARRION, F. M. In: **Simpósio Revolução de 1930**. LEC: depoimentos de Adroaldo Mesquita da Costa, Francisco Machado Carrion e Eloy José da Rocha. 10 de Outubro de 1980. (Mimeo)

ROCHA, Eloy José da. In: **Simpósio Revolução de 1930**. LEC: depoimentos de Adroaldo Mesquita da Costa, Francisco Machado Carrion e Eloy José da Rocha. 10 de Outubro, 1980.

MEDEIROS, L. 1980. **Geração Católica** Depoimento concedido a Fernando Trindade, 1980.

Entrevistas

CIBILS, Luiz Alberto. **Entrevista concedida a Héglio Trindade, 2006**.

FACHEL, José Fraga. **Entrevista concedida a Héglio Trindade, 2006**

FIORI, Ernani Maria. **Entrevista concedida a Fernando Casses Trindade, 23 de julho de 1980**.

LOGUERCIO, Mercedes, 2006. **Entrevista concedida a Héglio Trindade, 2006**.

MEDEIROS, Laudelino. 1996. **Entrevista concedida a Clarissa Baeta Neves, 1996**.

SOARES, Maria Suzana A. 2006. **Entrevista concedida a Héglio Trindade, 2006**.

SOUZA, João Guilherme Correa de **1996**. **Entrevista concedida a Clarissa B. Neves, 1996**.

SOUZA, João Guilherme Correa de **2006**. **Entrevista concedida a Héglio Trindade, 2006**.

LEITE, Luiz Osvaldo. **Entrevista concedida a Héglio Trindade, 2000**.

FONTES DOCUMENTAIS

1. Acervos consultados

FUNDO LAUDELINO MEDEIROS. Acervo de 20 mil volumes de livros da biblioteca pessoal do professor Laudelino Medeiros acessível no setor de coleções especiais da Biblioteca Central; documentação pessoal e institucional do referido professor disponíveis no

Centro de Documentação (CEDOC), ambos da Universidade de Caxias do Sul (/UCS),

ACERVO DOCUMENTAL LAUDELINO MEDEIROS: contém documentos pessoais, correspondência ativa e passiva em fase de organização doados pelo professor que foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

ACERVO DOCUMENTAL FERNANDO TRINDADE: formado por entrevistas, documentos, cursos, bibliografia e dados de sua pesquisa sobre a “geração católica” no Rio Grande do Sul

ACERVO DOCUMENTAL E DE ENTREVISTAS SOBRE CIENCIAS SOCIAIS NO BRASIL E AMERICA LATINA: vinculado aos projetos de pesquisa do CISOAL do Instituto de Estudos Avançados da América Latina (ILEA), coordenados pelo Prof. Hélgio Trindade.

DOCUMENTAÇÃO DOS ANTIGOS DEPARTAMENTOS DE CIENCIAS SOCIAIS E CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, sob a guarda das Profas. Clarissa Baeta Neves e Maria Susana Arroza Soares.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC) DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS/Rio de Janeiro

NUCLEO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA POLITICA RIO-GRANDENSE (NUPERGS), vinculado ao PPG de Ciência Política da UFRGS.

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA USP: acesso a coleções de livros de sociologia nacionais e estrangeiros, especialmente os manuais de Introdução a Sociologia.

BIBLIOTECAS CENTRAL, SETORIAL DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS E FACULDADE DE CIENCIAS ECONOMICAS DA UFRGS.

BIBLIOTECA DA ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLITICA/São Paulo: Coleção da Revista Sociologia, órgão oficial da Instituição.

2. Obras e documentos consultados

1º COLOQUIO ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS. **Anais.** Porto Alegre: Ed. da Ufrgs, 1966.

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Faculdade de Filosofia da UFRGS. **N.1** de julho de 1966.

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Faculdade de Filosofia da UFRGS, **N. 2,** dezembro de 1966.

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Faculdade de Filosofia da UFRGS, N. 3, Junho de 1967.

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Faculdade de Filosofia da UFRGS, N. 4, novembro de 1967.

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Faculdade de Filosofia da UFRGS, N. 5 e N.6, junho/dezembro de 1968.

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Faculdade de Filosofia da UFRGS, N. 7, dezembro de 1969.

BOLETIM DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, Faculdade de Filosofia da UFRGS. 65.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS, **Projeto**, 1963. (Mimeo)

CONGREGAÇÃO Mariana “Auxilium Christianorum”. **Relação de seus Congregados**. Dezembro de 1950 (Mimeo).

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, **Ata n. 1**, 27 de maio de 1960, UFRGS.

FACULDADE DE FILOSOFIA, **Anais**, PUCRS, 1945.

FACULDADE DE FILOSOFIA. **Anuário**, 1943.

FUNDAMENTOS SOCIOLOGICOS DA EDUCAÇÃO. **Súmula**. UFRGS, 1948.

LISTA DE SÓCIOS EFETIVOS DO CENTRO CATÓLICO DE ACADÊMICOS, em 30 de Março, 1933. (Mimeo).

MEMÓRIAS DA CONGREGAÇÃO DOS ACADÊMICOS, “**Mater Salvatoris**”, Typ Selbach & Cia., Porto Alegre, 1926, 1932, 1933, 1935

PRIMEIRO COLÓQUIO CIENTÍFICO DO ULTRAMAR DAS UNIVERSIDADES DA ALEMANHA OCIDENTAL E DE BERLIM-OESTE, **Lista de participantes e resoluções do colóquio**. 6 A 20 de novembro, 1961, Munster, AL, 2 p.

SOCIEDADE OLIVEIRA VIANNA, **Termo de Abertura**, 1957.

UFRGS, **Anais do 1º Seminário Sul-Riograndense de Sociologia**, 1957.

UFRGS, **Anais do 2º Seminário Sul-Riograndense de Sociologia**, 1959.

UFRGS, **Anuário**, 1955

UFRGS. **Ata do Conselho Universitário N° 256 de 21 de maio de 1959**.

3. Cartas

Correspondência ativa e passiva de Laudelino Medeiros/IHGRS

AZEVEDO, T. **[Carta]** e de setembro de 1957, Salvador, [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre

MEDEIROS, L. **[Ofício]** 21 de Agosto de 1972, Porto Alegre [para] Reitor UFRGS Ivo Wolff, Porto Alegre.

MEDEIROS, L. **[Ofício]** 18 de março de 1955, Porto Alegre [para] Elyseu Paglioli (Reitor UFRGS), Porto Alegre.

COSTA PINTO, L.A **[Carta]** 26 de agosto de 1959, Rio de Janeiro [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre

COSTA PINTO, L.A. **[Carta]** 25 de agosto de 1959, Rio de Janeiro [Para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre.

LABENS, Jean **[Carta]** 17 de setembro de 1959, Paris [Para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre.

LEAL, Vitor Nunes. **[Carta]**, 31 de janeiro de 1956, [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre. Agradece o envio da monografia sobre as vilas e malocas de Porto Alegre.

MEDEIROS, L **[Carta]** de 7 de outubro de 1959, [para] Luiz Pilla (Diretor Faculdade de Filosofia, UFRGS), Porto Alegre.

MEDEIROS, L. **[Carta]** 17 de maio de 1971, Porto Alegre [para] para Murilo Martins (Departamento de Economia – UFSC), Florianópolis.

MEDEIROS, L. **[Carta]** 13 de junho de 1979, Porto Alegre [para] Oracy Nogueira, São Paulo.

MEDEIROS, L. **[Carta]** 13 de junho de 1979, Porto Alegre [para] Oracy Nogueira, São Paulo

MEDEIROS, L. **[Carta]** 20 de junho de 1969, Porto Alegre [para] Manuel Diegues Júnior, Rio de Janeiro.

MEDEIROS, L. **[Ofício]** 30 de dezembro de 1959, Porto Alegre [para] Luiz Pilla (Diretor da Faculdade de Filosofia/ UFRGS), Porto Alegre.

MEDEIROS, L. **[Ofício]**, 25 de setembro de 1961, Porto Alegre [para] Luiz Pilla (Diretor da Faculdade de Filosofia), Porto Alegre.

MEDEIROS, L. **[Ofício]**, 25 de setembro de 1961, Porto Alegre [para] Luiz Pilla (Diretor da Faculdade de Filosofia), Porto Alegre.

MEDEIROS, Laudelino **[Carta]** 7 de junho de 1960, Porto Alegre, [para] Thales de Azevedo, Salvador.

PILLA, Luiz. **[Ofício]** 17 de abril de 1957, Porto Alegre [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre.

SCHRADER, A. **[Carta]** 14 de dezembro de 1967, Munster (Alemanha) [Para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre, 2 p.

STERNBERG, Benno. **[Carta]**, 9 de novembro de 1962, Rio de Janeiro [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre.

TOBAR, Anacleto **[Ofício]** 17/ julho/ 1951, e 13/ setembro/ 1955, Tucuman (Arg) [para] Laudelino Medeiros, Porto Alegre.

AZEVEDO, T **[Ofício]** de 27 de maio 1958, Salvador [para] para o diretor da Faculdade de Filosofia Luiz Pilla, Porto Alegre.

ANEXOS

- 1. CORPO DOCENTE DA FACULDADE DE FILOSOFIA EM 1943**
- 2. CORPO DOCENTE NOMEADO INTERINAMENTE POR ARMANDO CÂMARA**
- 3. DOCUMENTOS DE LAUDELINO MEDEIROS**
- 4. FOTOS**
- 5. BIBLIOGRAFIAS INDICADAS NOS CURSOS DE LAUDELINO MEDEIROS**
- 6. BIBLIOTECA DE LAUDELINO MEDEIROS (LIVROS)**

ANEXO I: CORPO DOCENTE DA FACULDADE DE FILOSOFIA EM 1943

QUADRO I: Corpo Docente 1943. Cursos de Filosofia, Pedagogia, Geografia e História, Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas.

Professor designado	Cadeira
Darcy Azambuja	Filosofia
Armando Câmara	História da Filosofia
Oscar Machado	Psicologia e lógica
Edgar Luiz Schneider	Sociologia
Carlos de Carvalho Schmitt	Complementos de Matemática
Ney Closostomo da Costa	Geografia Física
Lourenço Mário Prunes	Geografia Humana
Dante de Laytano	História da Antiguidade e Idade Média
Padre Balduino Rambo	Antropologia e Etnografia
Elpídio Ferreira Paes	Língua e Literatura Latina
Jorge Paleikat	Língua e Literatura Grega
Ubaldo Moura	Língua Portuguesa
Carlos Dante de Moraes	Literatura Portuguesa
Moyses Vellinho	Literatura Brasileira
René Ledoux	Língua e Literatura Francesa
Gino Battocchio	Língua e Literatura Italiana
José Lodeiro	Língua Espanhola e Literatura espanhola e Hispano- Americana
Sylvio Ramos da Silva	Língua Inglesa, Literatura Inglesa e Anglo-americana
Leonardo Tochtrop	Língua e Literatura Alemã
Décio Souza	Psicologia Educacional
Ernesto Pelanza	Estatística Educacional
Pery Pinto Diniz	Administração Escolar e Educação Comparada
José P. Coelho de Souza	História e Filosofia da Educação
Carlos de Brito Velho	Fundamentos biológicos da educação
Francisco de Silva Juruena	História Moderna e Contemporânea
Abio Hervé	História da América
Laudelino Medeiros	História do Brasil
Jorge Paleikat	Filologia Romântica
Décio Souza	Didática Geral

Fonte: Faculdade de Filosofia (1967)

QUADRO II: Prova de Títulos para provimento interino de cadeiras vagas da Faculdade de Filosofia- 1944

Cadeira	Relator	Indicado
História Moderna	Elpídio Paes	Francisco Machado Carrion
Geografia Humana	Elpídio Paes	Lourenço Mário Prunes
Administração Escolar	Walter Castilhos	José Gomes de Campos



Fonte: Ata da 108ª Sessão do Conselho Universitário da U.P.A (26/abril/1944)

ANEXO II: CORPO DOCENTE NOMEADO INTERINAMENTE POR ARMANDO CÂMARA EM 1949

Nome	Cadeira
Álvaro Magalhães	História e Filosofia
Francisco Machado Carrion	História Moderna e Contemporânea
Ernesto de Freitas Xavier	Botânica
Ernani Maria Fiori	Filosofia
Luis Leseigneur da Faria	Geometria
Guilhermino César da Silva	Literatura Brasileira
Leonardo Tochtrop	Língua e Literatura Alemã
Antônio Rodrigues	Complementos de Matemática e Didática especial de Matemática
Salvador Petrucci	Estatística Educacional e Fundamentos biológicos da educação
Oscar Machado	Psicologia educacional
René Ledoux	Língua e Literatura Francesa e didáticas especiais das línguas neo-latinas
Álvaro Difini	Química Orgânica
José Rafael Azambuja Júnior	Mineralogia e Petrografia
Laudelino Medeiros	Sociologia
José Gomes de Campos	Administração escolar e educação comparada
Carlos de Carvalho Smith	Mecânica racional, Mecânica Celeste e Física Matemática
Dante de Laytano	História do Brasil
Atahualpa Cibils	Química geral e inorgânica
Ari Nunes Tieböhler	Análise matemática e superior
Padre Balduino Ramos	Antropologia e Etnografia
Othelo Laurent	História da Antiguidade e da Idade Média
Victor de Britto Velho	Psicologia
Silvio de Ramos da Silva	Língua e Literatura Inglesa
Romeu Mucillo	Biologia Geral
José Lodeiro	Língua e Literatura espanhola
Gaspar Dilermando Ochoa	Geologia e Paleontologia
Graciema Pacheco	Didática Geral e especial
João Henrique	Língua Portuguesa
Jorge Godofredo Felizardo	Zoologia
Ubaldo Moura	Literatura Portuguesa
Mário da Silva Brasil	Física Geral e experimental
Luis Pilla	Físico-química e Química Superior
Lourenço Mário Prunes	Geografia Humana
Elpídio Paes	Língua e Literatura Latina
Dorival da Silva Schmitt	História da América

Fonte: Diário de Notícias (14/01/1949)

ANEXO III: DOCUMENTOS DE LAUDELINO MEDEIROS

Instituto Commercial

Annexo ao Gymnasio Municipal Santa Maria
OFFICIALIZADO PELO GOVERNO FEDERAL

BOLETIM DE NOTAS

DO 1.º BIMESTRE

O Sr. Laudelino Medeiros

matriculado no 2.º anno do curso geral
obteve entre 13 alumnos

o lugar no Procedimento com pontos
o lugar na Applicaçao com pontos
o 1.º lugar no Aproveitamento com 85 pontos

teve faltas

NOTAS DOS EXAMES

RELIGIÃO		ALGEBRA	9
PORTUGUEZ	9	CONTABILIDADE MERCANTIL	10
FRANCEZ	9	COROGRAPHIA DO BRASIL	8
INGLEZ	9	HISTORIA GERAL E PATRIA	10
ARITHMETICA	8	DESENHO	7
CONCURSO DE DACTYLOGRAPHIA			

Observação: Considerar-se-á *aprovado simplesmente* o alumno que obtiver nota igual ou superior a quatro até seis, exclusive, *plenamente*, quando a nota fôr de seis a dez, exclusive; e com *distincção* quando obtiver dez.

Santa Maria, 7 de Novembro de 1931.

O REGENTE

J. Ferrel de Luz

ASSIGNATURA DOS PAES

O REITOR

Simão Eduardo

Notas do Instituto Commercial do Ginásio Santa Maria. Fonte: IHGRS



Instituto Commercial

Annexo ao Gymnasio Municipal Santa Maria
OFFICIALIZADO PELO GOVERNO FEDERAL

BOLETIM DE NOTAS

DO II BIMESTRE

O Sr. Laudelino S. Medeiros

matriculado no 2.º anno do curso geral
obteve entre 16 alumnos

- o 1.º lugar no Procedimento com 1.000 pontos
- o 1.º lugar na Applicaçào com 1.832 pontos
- o 1.º lugar no Aproveitamento com 95 pontos

teve 3 faltas

NOTAS DOS EXAMES

RELIGIÃO	6	ALGEBRA	9
PORTUGUEZ	8	CONTABILIDADE MERCANTIL	10
FRANCEZ	8	COROGRAPHIA DO BRASIL	10
INGLEZ	9	HISTORIA GERAL E PATRIA	10
ARITHMETICA	10	DESENHO	10
CONCURSO DE DACTYLOGRAPHIA			10

Observação: Considerar-se-á approvado *simplesmente* o alumno que ob-
tiver nota igual ou superior a quatro até seis, exclusive;
plenamente, quando a nota fôr de seis a dez, exclusive; e
com *distincção* quando obtiver dez.

Santa Maria, 16 de julho de 1921

O REGENTE

B. Chervaldin Luiz

O REITOR

J. M. S. S. S.

ASSIGNATURA DOS PAES

Notas do Instituto Commercial do Ginásio Santa Maria. Fonte: IHGRS



Instituto Commercial

Annexo ao Gymnasio Municipal Santa Maria
OFFICIALIZADO PELO GOVERNO FEDERAL

BOLETIM DE NOTAS

DO 11 BIMESTRE

O Sr. Sandelino Medeiros

*matriculado no 4.º anno do curso geral
obteve entre 8 alumnos*

- o *1* lugar no Procedimento com *500* pontos
- o *1* lugar na Applicaçào com *1023* pontos
- o *1* lugar no Aproveitamento com *101* pontos

teve *10* faltas

NOTAS DOS EXAMES

RELIGIÃO	<i>10</i>	DIREITO	<i>10</i>
MATHEMATICAS APPLICADAS	<i>10</i>	Legislaçào de fazenda e aduaneira	<i>8</i>
CONTABILIDADE BANCARIA	<i>9</i>	MERCEOLOGIA	<i>9</i>
CONTABILIDADE PUBLICA	<i>10</i>	PRATICA COMMERCIAL	<i>9</i>
SCIENCIAS PHYSICO-NATURAES	<i>8 1/2</i>	ESTENOGRAPHIA	<i>10</i>
CONCURSO DE DACTYLOGRAPHIA	<i>7 1/2</i>		

Observaçào: Considerar-se-á approvado *simplesmente* o alumno que ob-
tiver nota igual ou superior a quatro até seis, exclusive;
plenamente, quando a nota fôr de seis a dez, exclusive; e
com *distincção* quando obtiver dez.

Santa Maria, *13* de *Agosto* de 19 *33*

O REGENTE

O REITOR

Amão Luiz Cristovão

Amão Eduardo

ASSIGNATURA DOS PAES

GINASIO ESTADUAL SANTA MARIA

BOLETIM SEMANAL
Comportamento e aplicação

O *Snr. Laudelino Medeiros*

Obteve 100 pontos

EXCELENTE

1º lugar com *113* pontos

S. Maria, *20 - 11* 193*2*

O PROFESSOR *Dr. Alessio*

Ass. dos Pais

Rosa	EXCELENTE	100 (Maximo)
Verde	MUITO BEM	95 até 99
Azul	BEM	90 — 94
Amarelo	SOFRIVEL	85 — 89
Branco	MAL	80 — 84

*No dia imediato á proclamação das notas,
o cartão assinado pelos Pais, deve ser apresentado
ao Professor.*

TYP. SANTO ANTONIO - P. P.

Notas do Ginásio Estadual Santa Maria Fonte: IHGRS



Nº. *53*

Curso *3º Comercial*

Ano *1932*

Ginasio Estadual Santa Maria

DEPARTAMENTO MASCULINO

Aluno *Laudelino Teixeira Medeiros*

Diretor *Armao Eduard*

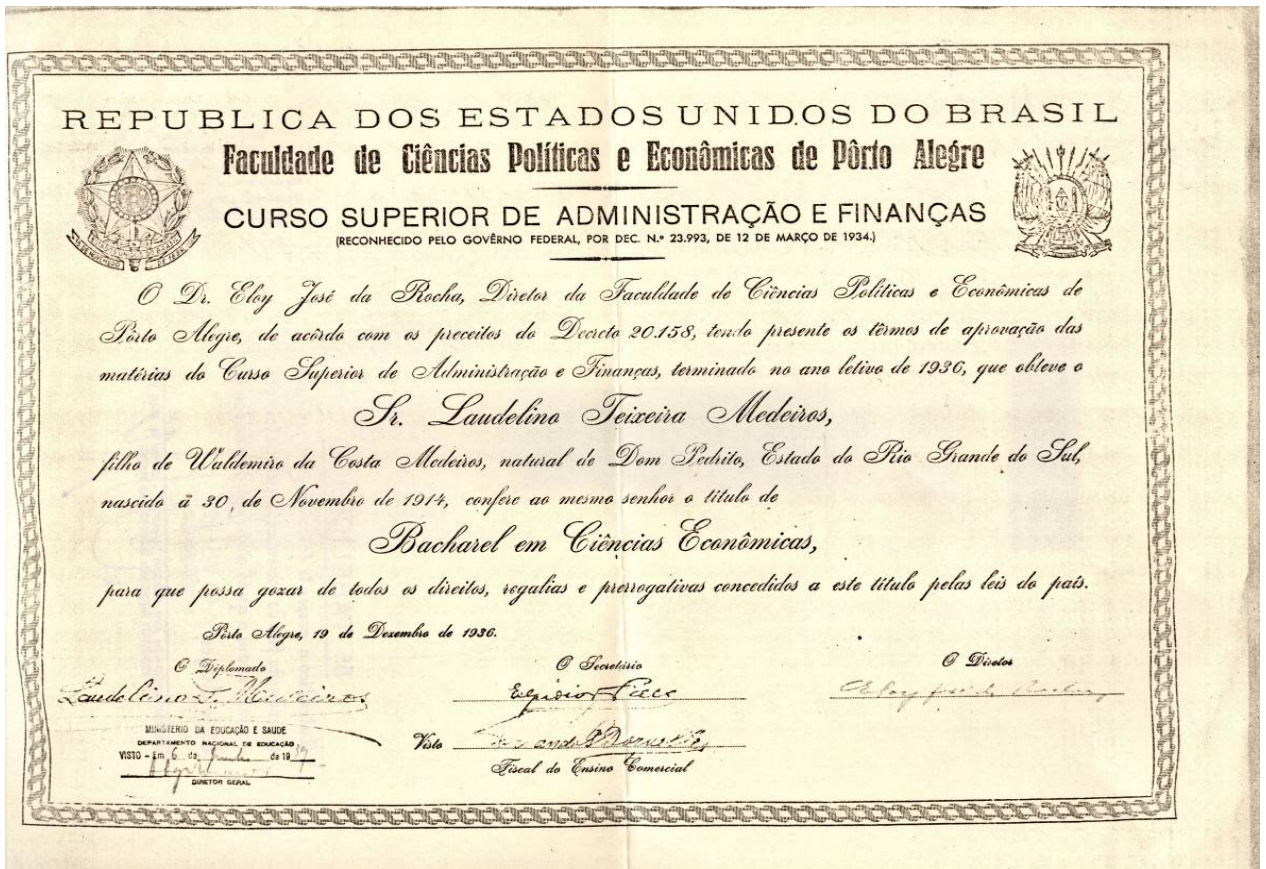
Secretario *Jo. Norberto*

Santa Maria, *20* de *maio* de 193*2*

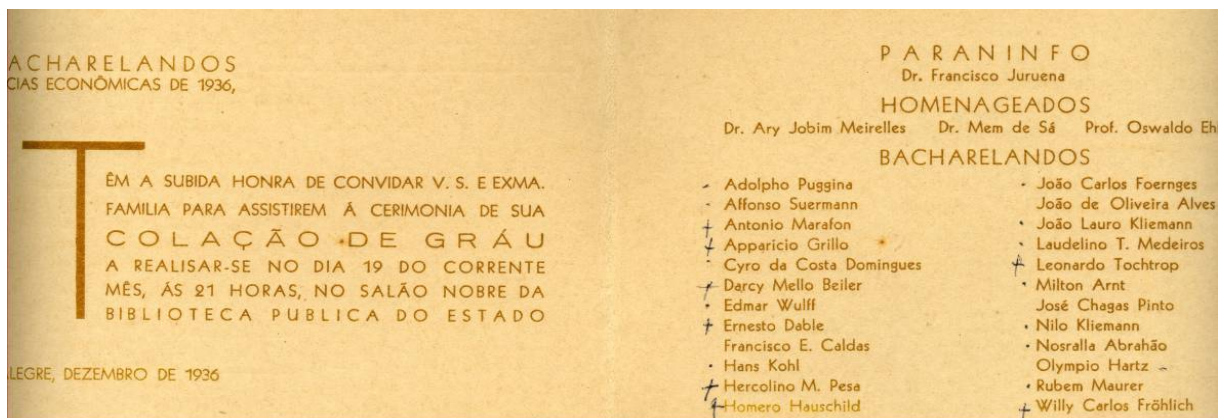
Carteira do Ginásio Estadual Santa Maria. Fonte: IHGRS



Diploma de admissão na Congregação Mariana "MATER DIVINAE GRATIAE".
Fonte: IHGRS



Diploma de Bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas de Porto Alegre, 1936. Fonte: IHRGS



Convite para a colação de grau em Ciências Econômicas da turma de 1936. Fonte: IHRGS



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE PÓRTO ALEGRE

FUNDADA EM 17 DE FEVEREIRO DE 1900
Equiparada pelo decreto n.º 4875 de 6 de julho de 1903 — Incorporada à Universidade por decreto n.º 5758 de 28 de novembro de 1934

Eu, Doutor Edgar Luis Schneider, Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Porto Alegre, tendo presente o termo de colação do grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, conferido no dia 23 de Dezembro de 1944, ao Sr. Laudelino Teixeira de Medeiros, filho de Valdemiro da Costa Medeiros, nascido a 30 de Novembro de 1914, natural do município de D. Pedro — Rio Grande do Sul, usando da autoridade que me confere o regimento desta Faculdade, mandei passar-lhe o presente diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas concedidas a este título pelas leis da República dos Estados Unidos do Brasil.

MINISTERIO DA EDUCACAO E SAUDE
DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCACAO
VISTO — Em 15 de Dezembro de 1944

Secretaria da Faculdade de Direito da Universidade de Porto Alegre, 23 de Dezembro de 1944

VISTO
O Rector da Universidade
Gaspard Schermann de Abreu

O Director Edgar Luis Schneider
O Secretário Euclides Américo de Castro
Assinatura de Laudelino Teixeira de Medeiros

Diploma de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Fonte: IHGRS

BACHAREIS DE 1941

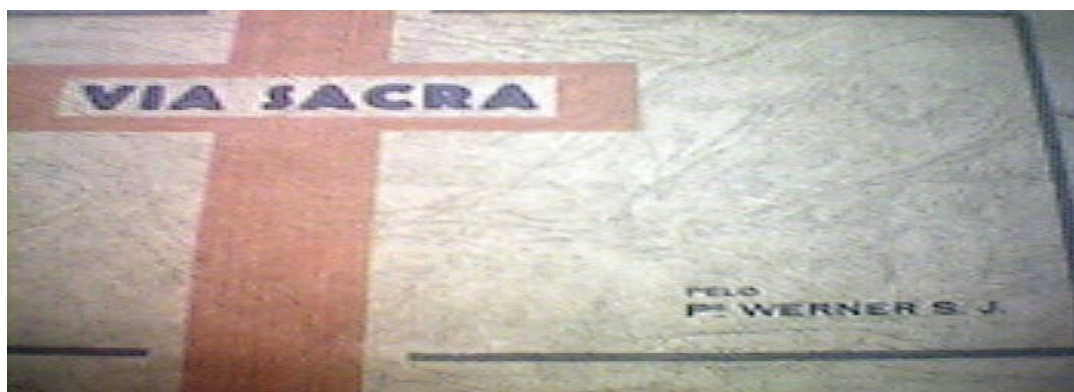
Pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do RGSul

Paraninfo: Dr: Edgar Luiz Schneider

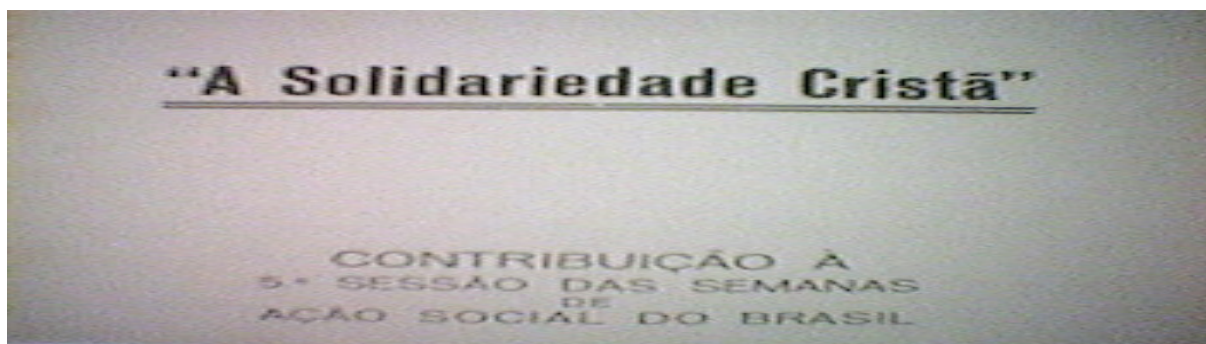
Homenageados: Drs: Armando Câmara; Darcy Azambuja; Dario de Bittencourt; Elpidio F. Paes; F. J. Simch Junior; Salomão Pires Abrahão; João Bonumá;

PORTO ALEGRE	RUA	FONE	EM 1974
Alberto Cavillon	Andradas, 913	24-7222	Advogado do INPS
Alfredo Alberto O. Santos	"Ed. Sta. Tecla, a. 132	25-9862	Fazendeiro
Alfredo Cidade	Duque Caxias, 1403-2º	24-4121	Empresário
Alvaro de Oliveira	" " 910-12º	24-9092	"
Anastácio Jardim de Oliveira	" " 979-a.6	24-1529	Advogado militante
Áry Andreazza	D. Feliciano, 126-5º	25-4092	Diretor Banrisul
Carlos Guilherme Luce	Mostadeiros, 1069	22-8294	Comerciante
Carlos Heráclio Brenner Paz	Gal. Andr. Neves, 159-9º	25-9470	Advogado militante
Clóvis Soares Duarte	Bco. Brasil-ag. Centro	25-7011	" Bco. Brasil
Dante Laytano	Duque Caxias, 910	24-1488	Escritor
Dionísio Pinto Garcia	Av. Get. Vargas, 679, a. 101	-	"
Dionysio Rafael D. Peretti	Fern. Machado, 851a.803	24-0751	Advogado militante
Duilio Lena Berni	André da Rocha, 123	25-1448	General
Elayne M. do Prado Guimarães	José Bonifácio, 213a.43	23-2097	Advogada Estadual
Esmeraldo R. da Silva	Independência, 532a.303	25-4321	Promotor
Hippólito R. Menna Barreto	Quint. Bocaiuva, 1617	22-2568	Advogado militante
Italo Araujo	Duque Caxias, 910	25-6053	" INPS
Italo Goron	Andradas, 721-3º	25-2007	Promotor
Jacob Van der Laan	Andradas, 1354-s/46	24-1007	Advogado militante
João Barbosa da Silva	Garibaldi, 1308	-	" Trib. de Contas
João Schmidt Filho	Uruguay esq. Andradas, Ed. Caiçara, 12º a.	-	Construtor
João Siegfried Hoppe	Fco. Califórnia, 93	22-4419	Industrialista
José de Aguiar Correa	Br. Amazonas, 200	23-2492	Advogado militante
José Lourenço Kunz	Leon. Truda, 98cj. 31	24-3169	Professor
Laudelino Teixeira de Medeiros	Ivo Corseiul, 149	23-2801	" Universitário
Marcos Stifelmann	Dr. Flores, 105	24-9372	Advogado militante
Mario Medaglia Marrone	José Patrocínio, 395	24-0256	" "
Martin Aranha	Nilo Peçanha, 620a.202	22-9332	Vereador
Odylon M. de Albuquerque	Maud-a/c. Deprec	24-5733	Advogado do Deprec
Paulo da Cunha Silva	Carlos Gomes, 1361	22-2571	" militante
			Cont. no verso

Lista dos bacharéis em Direito de 1941. Fonte: IHGRS



Via Sacra por Pe. Werner S.J. Fonte: CEDOC/ UCS



Comunicação apresentada na 5ª sessão das semanas de Ação Social. Fonte: CEDOC/ UCS.

RUA SETE DE SETEMBRO, 1168 - 1º
CAIXA POSTAL, 555
TELEFONE, 4480
TELEGRAMAS E FONOGRAMAS:
MOMSEN - PALEGRE
CODIGO: BENTLEY
PORTO ALEGRE - BRASIL

WALTER C. E. BECKER
RICHARD P. MOMSEN
ELOJ JOSÉ DA ROCHA
EGBERTO G. BECKER
HELIO P. HOFFMANN
ADVOGADOS

PRAÇA MAUÁ, 7 (ED. D' "A NOITE") 18º, RIO
RUA SÃO BENTO, 51 (ED. "MARTINELLI") 13º, S. PAULO
AV. ROQUE SAENZ PEÑA, 601, BUENOS AIRES
RICHARD P. MOMSEN
70 PINE STREET, NEW-YORK
MOMSEN & FREEMAN

A T E S T A D O

Atestamos que, ha vários anos, conhecemos o dr. Laudelino Medeiros, que o mesmo é possuidor de brilhantes dotes de espírito e de coração e que, de 1935 a 1937, exerceu, em nosso escritório, funções de técnico contabilista, tendo sempre revelado grande inteligência, aprimorada cultura e inteira idoneidade moral. -

Porto Alegre,



22 de novembro de 1938
Laudelino Medeiros
Helio P. Hoffmann

Ruani Fiaz

Reconheço as duas firmas e o prazo que dou a...

Em testemunho da verdade...



10.700



Atestado de serviços prestados como técnico contabilista. Fonte: IHGRS



PODER JUDICIÁRIO

Cartório do Registro Civil das Pessoas Naturais
da 1ª zona da cidade de Porto Alegre

CALIXTO WENZEL
OFICIAL

MARIA THEREZA DA ROSA GREEN
EMILIA BRAZ DE SOUZA
LUIZ CARLOS DA COSTA LEITE
AJUDANTES

CERTIFICO, que as fls. 185v do livro B-31 sob nº 12074
foi registrado o casamento de LAUDELINO TEIXEIRA MEDEIROS e
HORTENSE da COSTA FRANCO, ambos solteiros, naturais deste
Estado e aqui residentes

realizado no dia 31 de dezembro de 1941

perante o sr. Dr. Cesar Pestana, 2º Juiz Municipal

-X-X-X-X- e as testemunhas Waldemiro da Costa
Medeiros e Hugo Tatsch.

Ele, nascido em Dom Pedrito aos 30
de novembro de 1914, de profissão professor
filho de Waldemiro da Costa Medeiros
e de Mariana Teixeira Medeiros.

Ela, nascida em Santa Vitoria aos 04
de novembro de 1919, de profissão professora
filha de Alvaro da Costa Franco
e de Gilda Furquim Werneck da Costa Franco.

A nubente passou a assinar-se: HORTENSE da COSTA
FRANCO MEDEIROS.

Foram apresentados os documentos a que se refere o
art. 180 números -X- do Código Civil Brasileiro.

OBSERVAÇÕES O presente casamento realizou-se pelo regime da
comunhão de bens.

Bel. CALIXTO WENZEL

Oficial
RUA RIACHUELO 1334 - Fone 24.4337

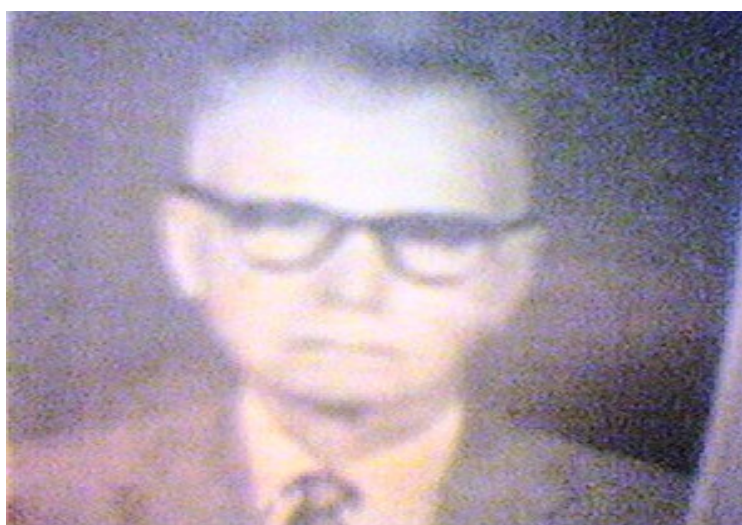


Caderneta de contribuições mensais de Obreiro da Nova Matriz de São Sebastião, Petrópolis, Porto Alegre. Fonte: CEDOC/ UCS

ANEXO IV: FOTOS



Laudelino Medeiros. Fonte: CEDOC/UCS.



**Sr. Waldemiro da Costa Medeiros, pai de Laudelino Medeiros.
Fonte: CDOC/UCS**



Auditório da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. Fonte: IHGRS.



PRIMEIRO COLÓQUIO CIENTÍFICO DO ULTRAMAR DAS UNIVERSIDADES DA ALEMANHA OCIDENTAL E DE BERIM-OESTE, 6 a 20 de novembro de 1961, Münster, Alemanha. Fonte: IHGRS

ANEXO V: BIBLIOGRAFIAS INDICADAS NOS CURSOS DE LAUDELINO MEDEIROS

1.BIBLIOGRAFIA DA CADEIRA DE SOCIOLOGIA URBANA DO CURSO DE URBANISMO DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO.

1. FREYRE, Gilberto. Sociologia. 2 vols, Joá Olympio, Rio de Janeiro, 1945.
2. SOROKIN, Pitirim A. Teorias Sociológicas Contemporâneas- trad. Arg. Buenos Aires, 1951.
3. Idem- Society, Culture and Personality. New Yorque, 1947
4. SICHES, Luis R. Leciones de Sociologia. México, 1948
5. GINSBERG, Morris. Manual de Sociologia. Trad. Arg, B.A, 1945
6. ATHAYDE, Tristão. Preparação á Sociologia. Rio de Janeiro, 1932
7. POVINÂ, Alf. Cursos de Sociologia- 2 vols, Córdoba, 1950
8. MURRAY, Raimond. Introdução á Sociologia. Rio de Janeiro, 1947
9. BOUTHOU, Gaston. Traité de Sociologie. Payot, Paris, 1949
10. HILLER, E. Social Relations and Strutures. N.Y, 1947
11. HOMANS, George C. The Human Group. London, 1951.
12. LOWIE, Rob. Social Organization. London, 1950
13. PIERSON, Donald (Org). Estudos de organização social.
14. Idem. Estudos de Ecologia Humana. São Paulo, 1948.
15. CUVILLIER, Armand. Manuel de Sociologie. Paria, 1950, 2 vols.
16. GURVITCH, G. e MOORE, W.E. La Sociologie au XXe Siécle. Paris, 1947
17. DICKINSON, Rob. City, Regien and Regionalism. London, 1947.
18. BARRETO, R e WILLEMS, E. Leituras Sociológicas. São Paulo, 1940.
19. GANON, Isaac. Sociologia General. Montevideu, 1952, 2 vols.
20. HALBWACHS, Maurice. Las classes sociales. México, 1950.
21. BERDIAEFF, N. El cristianismo y la lucha de classes. B.A, 1946.
22. Materiales para el estudio de la clase media em la Amarica Latina. Dep. De Ciências Sociais. União Pan Americana. Direção de Theo Crevena. Washington, 1950, 1951, 6 vols.
23. JOUSSAIN, André. Les Classes Sociales. Paris, 1949.
24. MENZEL, A. Introducción a la Sociologia. México, 1940.
25. OSBORN, L.D. e NEUMEYER, M.H. A comunidade e a sociedade. São Paulo, 1936.
26. FONTOURA, Amaral. Introdução á Sociologia. Globo, Porto Alegre, 1948
27. SMITH, T. LYNN. The Sociology of Urban Life. N.Y. 1951
28. Idem. Sociologia da Vida Rural. Rio de Janeiro, 1946.
29. Idem. Brasil: People and Institutions. Lousiana St. University, 1946.
30. BRUNNER, ad. A Stdy of Rural Society. N.Y, 1946.
31. SIMS, N. Leroy. Elements of Rural Sociology. N.Y. 1947
32. QUEEN, Stuart. The American City. N.Y, 1953
33. GEORGE, Pierre. A Ville. Paris, 1952.
34. MAUNIER, Rená, L'Origine et la Fonction Économique des Villes (Etude de Morphologie sociale), Paris, 1910.
35. LAVEDAN, Pierre. Géographie des Villes, Paris, 1936.
36. TAYLOR, Griffith. Urban Geogafhy. London, 1949.

37. GIEDION, Sigfried. *Space, Time and Architecture*. Harvard University Printing Office, 1949.
38. OURDOM, C.B. *The Building of Satellite Towns*. London, 1949.
39. SHARP, Thomas. *The Anatomy of the Village*. Middlenex, 1946.
40. VIOLICH, Francis. *Cities of Latin America*. N.Y, 1944
41. MUNFORD, Lewis. *The Culture of Cities*. N.Y, 1938.
42. GRAY, G.H. *Housing and Citizenship*. N.Y, 1946.
43. SAUVY, Alfred. *Théorie générale de la population*, Paris, 1952.
44. LANDRY, Adholfe. *Traité de Démographie*. Paris, 1949.
45. LAMBERT, J e COSTA PINTO, L.A. *Problèmes démographiques contemporaines*, Rio de Janeiro, 1944.
46. MACLIVER, R. *Comunidad*. Ed. Losada, B.A, 1944.
47. TÖNNIES, F. *Comunidad y sociedad*. Ed. Losada, B.A, 1947
48. HILLMAN, A. *Community Organization and Planning*. N.Y, 1950.
49. DAVIS, Kingsley. *Human Society*. N.Y, 1950.
50. AZEVEDO, Fernando de. *A cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, 1943.
51. HUDNUT, Joseph. *Architecture- and the spirit of man* (Harvard University Press), 1949.
52. MOORE, Wilbert. *Industrial relations and the social order*. N.Y, 1951
53. SOROKIN, P. *A crise do nosso tempo*. São Paulo, 1945
54. VALVERDE, Orlando. *Excursão á Região Colonial Antiga do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, 1949.
55. MORTARA, Giorgio. *Observações sobre a discriminação da população urbana no Censo de 1940*. Rio de Janeiro, 1950.
56. BARROS, Ernani. *As aglomerações urbanas no Brasil segundo o censo de 1950*. Rio de Janeiro, 1952.
57. FIGUEROA ROMAN, M. *Planificación y sociografía*. Tucuman, 1949.
58. MANNHEIM, K. *Freedom Power and Democracie Planning*. London, 1951.

2.BIBLIOGRAFIA CADEIRA DE SOCIOLOGIA DO ANO DE 1948 PARA OS CURSOS DE FILOSOFIA E PEDAGOGIA.

Destinada ao preparo mínimo do programa:

7. OSBORN, LD e NEUMEYER, M.H. *A comunidade e a sociedade*. Ed. Nac, 1936.
8. MURRAY, R. *Introdução á Sociologia*. Agir, 1947.
9. BUREAU, Paul. *Introduction á la Meth. Sociologique*. B & Gay, 1926.
10. MENZEL, A. *Introduccion a la Sociologia*. Fundo de Cultura, 1940.
11. LEMONNYER, A e outros. *Précis de Sociologie*. Paris, 1934.
12. ATHAYDE, TRISTÃO. *Preparação à Sociologia*. Rio de Janeiro, 1931.
13. WILLEMS, E. e BARRETO, R. *Leituras Sociológicas*. São Paulo, 1940.
14. ATHAYDE, TRISTÃO. *Política*. Rio de Janeiro, 1932.
15. SMITH, T.L. *Sociologia da vida rural*. C.E.B.1946.
16. SOROKIN, Pitirin. *Society, Culture and Personality*. Brothers, 1947.
17. SOROKIN, Pitirin. *Contemporary sociologica Theory*. Brothers, 1928.
18. FRANCA, Leonel. *O divorcio*. A.B.C., 1936.

Destinada ao desenvolvimento de alguns temas:

1. VALDOUR, J. Les Méthodes em Science Sociale. Paris, 127.
2. PIERSON, Donald. Teoria e Pesquisa em Sociologia. Melhoramentos, 1945.
3. MUNTSCHE, A. and SPALDING, H. Introd. Sociology. Heath & C, 1928.
4. YONG, K. An Introductory Sociology. A. Book, 1934.
5. SOROKIN, P. Sociocultural causality. Space, Time, 1943.
6. SOROKIN, P. Social and Cultural Dynamics. 4 Vols. A. Book, 1941.
7. BRUGEILLES, R. Introd. Á une Sociologie Thomiste. Paris, 1934.
8. BELLINI, L. Saggio di una teoria generale della società. Milano, 2 vols, 1934.
9. MACIVER, R.M. Comunidad. Losada, 1944.
10. SIMEL, G. Sociologia, Losada, 1944.
11. STURZO, Luigi. Essai de Sociologie. B& Gay, 1937.
12. SPANN, O. Filosofia de la Sociedad. Madrid, 1933.
13. FREYRE, G. Sociologia. 2 vols, J. Olimpico, 1945.
14. LLOVERA, J.M. Tratado elemental de Sociologia Cristiana. B.A. 1945
15. GARRIGUET, L. Manuel de Sociologie. Paris, 1924.
16. SEPICH, J. Estructura de lo social. B.A, 1940.
17. GONELLA, Guido. Bases de uma ordem social. Rio de Janeiro, 1947.
18. TÖNNIES, F. Princípios de Sociologia. F. de Cultura, 1942.
19. LOWIE, R. Manuel d' Anthropologie Culturelle. Payot, 1936.
20. GRAEBNER, F. El mundo del hombre primitive. Ver. De Occidente, 1925.
21. FRANCESCHI, G.J. Três estudos sobre la familia. B.A, 1923.
22. Pe. WERNER, S.J. O respeito á vida mascitura. Globo, 1933.
23. BUREAU, P. L' Indisciplina des Moeurs. B& Gay, 1931.
24. FEBVRE, L. L' terre et l' evolution humaine. Paris, 1938.
25. AMOROSO LIMA, A. Amazonia. A terra e o homem. Brasiliana, 1937.
26. TORRES, J.C Oliveira. O homem e a montanha. Belo Horizonte, 1944.
27. AMOROSO LIMA, A. A voz de Minas. Agir, 1945.
28. CUNHA, Ovídio. O homem e a paisagem. Rio de Janeiro, 1938.
29. BERTOQUY, P. Sociogeografia. México, 1944.
30. MANGABEIRA, F. O que é o homem? José Olimpico, 1943.
31. AMOROSO LIMA, A. Idade, Sexo, tempo. José Olímpico, 1938.
32. MARIAS, Julio. El tema del Hombre. Madrid, 1943.
33. SHEEN, F. O problema da liberdade. Agir, 1945.
34. MARITAIN, J. Trois reformateurs. Paris, 1925.
35. MARITAIN, J. Os direitos do homem. J. Olimpico, S/D
36. EVERARDO, G. Solidarismo. São Paulo, 1938.
37. MONTANDON, G. La race, les races. Paris, 1933.
38. MONTANDON, G. L' Ehnologie française. Paris, 1935
39. MONTANDON, G. Traité d' ethnologie culturelle. Paris, 1934
40. BOAS, F. Cuestiones fundamentales de antropología cultural. B.A, 1947.
41. VIANNA, O. Raça e assimilação. Brasiliana, 1934.
42. VIANNA, O. Evolução do povo brasileiro. Brasiliana, 1939.
43. AMOROSO LIMA, A. No limiar da Idade Nova. José Olimpico, 1936.
44. PERROUX, F. Os mitos hitleristas. Ed. Nacional, 1937.

45. WILLEMS, E. Assimilação e população marginais no Brasil. Brasiliana, 1940.
46. FRANCA, L. A crise do mundo moderno. J. Olimpio, 1941.
47. MANNHEIM, K. Diagnóstico de nouestro tiempo. F.C, 1944.
48. OZANAM, F. Del progresso em los siglos de decadência. B.A, 1942.
49. FRANCO, A.A de Mello. Conceito de Civilização brasileira. Brasiliana, 1936.
50. RAMOS, G. Introdução á cultura. Rio de Janeiro, 1939.
51. SOROKIN, P. A crise do nosso tempo. São Paulo, s/d.
52. DAWSON, C. Progreso y religion. B.A, 1943.
53. SPENGLER, O. La decadencia de occidente. Esp, Calpe, 1934.
54. MASSI, H. Défense de l'occident. Paris, 1921.
55. DAVENSON. Fundement d'une culture chrétienne
56. FERNESSOLE, P. De la civilization chretiéenne. Paris, 1945.
57. MARITAIN, J. Religion et culture. Paris, 1930.
58. AZEVEDO, F. A cultura brasileira. IBGE, 1943.
59. VAN ACKER, L. Haverá um critério objetivo de civilização? Revista A Ordem, março de 1941.
60. PIROU, G. Introduction à L'étude de l'econ. 'politique. Paris, 1939
61. MIGUIJÓN, SL. Propriedad y trabajo. Zaragoza, 1920.
62. FOILLÉE, AL. La propriéte sociale et la democratie. Paris, 1922.
63. BELLOC, H. La Iglesia católica y el principio de propiedad privada. Tucuman, 1944.
64. AMOROSO LIMA, A. Introdução á Economia Moderna. Civilização Brasileira, 1933.
65. LEÃO, Carneiro. Sociedade rural. Rio de Janeiro, S/D.
66. TORRES, A. O problema nacional brasileiro. Brasiliana, 1938.
67. TORRES, A. A organização nacional. Brasiliana, 1938.
68. VIANNA, O. Populações meridionais do Brasil. Brasiliana, 1938.
69. SALLIS GOULART, J. A formação do Rio Grande do Sul. Globo.
70. PINTO DA SILVA, J. A província de São Pedro. Globo, 1930.
71. LASSANCE CUNHA, E. O Rio Grande do Sul, Rio de Janeiros, 1908.
72. MEDEIROS, O. Introdução á sociologia do município brasileiro. Ver. Serviço Público, nov-dez 1947.
73. CARVALHO, O.M. Problemas fundamentais do município. Brasiliana, 1937.
74. SEVERO, A. O moderno município brasileiro. P.A, 1947.
75. PIERSON, D. Estudos de ecologia humana. São Paulo, 1948.
76. LAVEDAN, Pierre. Géographie des villes. NRF, 1936.
77. AZAMBUJA, Darcy. Teoria Geral do Estado. Globo.
78. LECKERCQ, Abbé J. L' état ou la politique. Louvain, 1934.
79. MEINVIELL, J. Concepcion católica de la política. B.A, 1941.
80. MARITAIN, J. Cristianismo y democracia. B.A, 1944
81. FRANCA, L. Discurso no jornal do comércio de 26-3-1944
82. PIO XII. A democracia e a Igreja. Revista Idade Nova, 1947.
83. LEÃO XIII. Sobre a democracia cristã. Ed. Vozes, 1946.
84. AUBURTIN, F. Frederico Le Play según él mismo. Madrid, s/d

85. ARON, RAYMOND. La sociologie Allemande contemporaine. Alcan, 1935.
86. BOUGLÉ, C. Bilan de la sociolo. Française contemporaine, Alcan, 1935.
87. TREVES, Renato. Sociologia y filosofia social. B.A, 1941.
88. SOMBRA, S. Formação da Sociologia. Rio de Janeiro, 1941.
89. FARIA, Octávio. Destino do Socialismo. Rio de Janeiro, 1933.
90. ANDRADE, A. Formação da Sociologia brasileira. Rio de Janeiro, 1941.
91. DUCATTILLON, R.P. O comunismo e os cristãos. Rio de Janeiro, 1939.
92. GOMES, Martim. O comunismo e a educação no Brasil. Selva, 1936.
93. LE BON, G. Psicologia del socialismo. Chile, 1937.
94. MARITAIN, J. Humanismo integral. São Paulo, 1941.
95. BERDIAEFF, N. Problème du comunisme. Paris, 1925.
96. VELOSO, M.J. Comunidade ou comunismo? Agir, 1946.

**ANEXO VI: BIBLIOTECA LAUDELINO MEDEIROS
Acervo Universidade de Caxias do Sul**

Algumas obras selecionadas

